

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VÂNIA MARA PEREIRA MACHADO

A FORMAÇÃO EDUCACIONAL NO CAMINHO DOS TRILHOS AO SOM DO APITO
DO TREM: ESCOLAS PROFISSIONAIS FERROVIÁRIAS NA REDE VIAÇÃO
PARANÁ SANTA CATARINA (1933-1973)

CURITIBA

2022

VÂNIA MARA PEREIRA MACHADO

A FORMAÇÃO EDUCACIONAL NO CAMINHO DOS TRILHOS AO SOM DO APITO
DO TREM: ESCOLAS PROFISSIONAIS FERROVIÁRIAS NA REDE VIAÇÃO
PARANÁ SANTA CATARINA (1933-1973)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Machado, Vânia Mara Pereira.

A formação educacional no caminho dos trilhos ao som do apito do trem : escolas profissionais ferroviárias na Rede Viação Paraná Santa Catarina (1933-1973) / Vânia Mara Pereira Machado – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Educação profissional. 3. Ensino profissional. 4. Ensino médio. 5. Transporte ferroviário. I. Bencostta, Marcus Levy. II. Universidade Federal do Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **VANIA MARA PEREIRA MACHADO** intitulada: **A FORMAÇÃO EDUCACIONAL NO CAMINHO DOS TRILHOS AO SOM DO APITO DO TREM: ESCOLAS PROFISSIONAIS FERROVIÁRIAS NA REDE VIAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA (1933-1973)**, sob orientação do Prof. Dr. **MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Abril de 2022.

Assinatura Eletrônica

20/05/2022 10:33:53.0

MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

18/05/2022 15:40:54.0

ANA PAULA PUPO CORREIA

Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA)

Assinatura Eletrônica

25/05/2022 18:34:56.0

LIANE MARIA BERTUCCI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/05/2022 17:45:20.0

ROSA LYDIA TEIXEIRA CORRÊA

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO
PARANÁ - PUC/PR)

Assinatura Eletrônica

16/05/2022 15:25:12.0

CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rockefeller nº 57 ? Rebougas - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6255 - E-mail: ppge.academico@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 186301

**Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.pppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 186301**

Dedico este trabalho à memória dos meus pais Vânia e Valdir, que me deixaram de herança, o bom humor, a capacidade de sonhar e coragem para vencer todos os desafios e adversidades da vida.

AGRADECIMENTOS

Mais do que agradecer é ter a possibilidade de dividir com as pessoas o resultado dessa pesquisa, laboriosa, mas muito gratificante para mim.

Ao meu orientador, professor Doutor Marcus Levy Bencostta, pela confiança depositada, pela compreensão e por me auxiliar em todos os momentos.

Às professoras Liane Maria Bertucci e Rosa Lydia Teixeira que participaram da banca de qualificação, muita grata pelas considerações e apontamentos, auxiliando no fechamento do trabalho.

Às amigas Maria Helena Pupo e Maria Teresa Coimbra pela atenção, carinho e apoio incondicional em toda essa trajetória.

À Juçara Silveira, não tenho palavras para agradecer o amor e carinho comigo durante todos estes anos da pesquisa. Muita gratidão!

À querida Nayani Demenjeon, ex-aluna e pedagoga pela dedicação na digitalização das Revistas “Correio dos Ferroviários” na Biblioteca Pública do Paraná.

Aos meus irmãos Dunga e Márcio e minha mana Rossana, pelo amor, carinho e incentivo. Agradeço de todo o coração!

À querida amiga Fátima Branco Godinho, pela alegria de partilharmos juntas os conhecimentos adquiridos na História e Historiografia da Educação, criando laços de companheirismo e parceria em todos os momentos dessa pesquisa.

Ao meu amigo Maicol Renato Barbizan pela credibilidade, conversas e parceria nos caminhos da Arquitetura Escolar na História e Historiografia da Educação.

A minha prima Liliane de Jesus pelo carinho e apoio, compartilhando comigo minhas angústias durante toda esta jornada.

À Universidade Federal do Paraná, pela oportunidade de estudos, ofertando uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Às instituições consultadas: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, Associação Paranaense Ferromodelismo e Memória Ferroviária, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Biblioteca Pública do Paraná, Casa da Memória de Curitiba, Departamento de Arquivo Público do Paraná e Museu Ferroviário de Curitiba, no atendimento de forma respeitosa com o pesquisador.

Um especial agradecimento ao Historiador Jean Arthur Carvalho Mendes e às bibliotecárias Patrícia E.C. Molinari, L. Elízio, Elenice da Silva Gonçalves e Mariana Faustino que passaram pelo órgão durante o tempo da pesquisa, que muito me auxiliaram na busca pelas fontes, meu muito obrigado!

Ao amigo Benjamin Perez Maia, pelo apoio, aprendizado e companheirismo na minha trajetória na Educação do Paraná!

Aos meus amigos pelo apoio e incentivo nesta pesquisa.

RESUMO

Esta tese tem como objeto de estudo as instituições escolares de formação profissional ferroviária entre os anos de 1933 a 1973, no âmbito da Rede Viação Paraná- Santa Catarina (RVPSC), iniciando pela Escola de Artes e Ofícios, sob a responsabilidade da Cooperativa União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários, entre os anos 1930 e 1940 na cidade de Curitiba, no Paraná. As instituições escolares criadas posteriormente, nas cidades de Ponta Grossa e Curitiba, no Paraná, e Mafra em Santa Catarina, passam a ser administradas pela própria rede por meio do Serviço de Ensino e Orientação Profissional, entre os anos de 1940 e 1973. O objetivo geral do estudo foi o de compreender os estreitos contatos sociopolíticos que permearam a criação e funcionamento de instituições escolares de ensino profissionalizante ferroviário, nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa no Paraná, e Mafra, em Santa Catarina, entre 1933 e 1973. Para tal, sinalizamos como objetivos específicos: investigar a formação educacional dos ferroviários no caminho dos trilhos na Rede Viação Paraná Santa Catarina, por meio das páginas da revista "Correio dos Ferroviários", pelo sistema de mutualismo e na criação do Serviço de Ensino e Orientação Profissional, entre os anos de 1933 a 1973. Analisar o sistema de mutualismo e cooperativismo ferroviário, como um mecanismo de organização dos trabalhadores da ferrovia e sua relação com a formação primária e profissionalizante de seus filhos. Demonstrar, a partir da criação do Serviço de Ensino e Orientação Profissional, o surgimento de instituições escolares profissionalizantes em Curitiba, Ponta Grossa e Mafra e seus desdobramentos sociopolíticos na organização e na formação de mão de obra especializada para trabalhar na Rede. A pesquisa teve como fontes principais: o periódico "Correio dos Ferroviários", em suas edições de 1933 a 1973, os relatórios anuais produzidos pela direção da escola de Ofícios, referente aos sete anos de funcionamento da EAO (1933-1940), bem como, os relatórios anuais produzidos pela Cooperativa União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários no mesmo período e as fontes imagéticas feitas pelo fotógrafo Arthur Wischral, contratado pela RVPSC, no registro das festas de encerramento do ano letivo da escola, assim como as exposições escolares realizadas pela instituição de ensino. Desse modo, tais imagens demonstram a produção dos alunos e alunas, por meio dos cursos ofertados, tais como: sapataria, marcenaria e mecânica, para os meninos e ensino de costura, dos trabalhos de agulha, do ensino de música, canto e pintura, para as meninas. Em um segundo momento, entre os anos 1940 e 1973, a RVPSC inaugura instituições escolares profissionalizantes, por meio do Serviço de Ensino e Seleção Profissional, com bases científicas para o aprimoramento dos serviços oferecidos pela rede ferroviária, dentro de uma metodologia que prezava pela precisão, eficiência e economia. Nesse sentido, as fontes revelam a incorporação de elementos como a disciplina: moral e civismo, demonstrada nas festividades escolares e nas ações cotidianas da escola-oficina. O referencial teórico desta pesquisa está ancorado no campo da História e Historiografia da Educação em Roger Chartier, nas categorias de apropriação e representação e nos estudos sobre as fotografias escolares, de Kossoy e Maria Mauad, na busca de elementos sociopolíticos nas instituições escolares na formação profissional ferroviária, levando em conta os condicionamentos do processo histórico mais amplo como uma categoria de trabalhadores representativa para o país.

Palavras-Chave: Instituições Escolares Ferroviárias. Ensino Profissionalizante, Fotografias Escolares, Chartier.

ABSTRACT

This thesis has as its object of study the school institutions of professional railway training between the years 1933 and 1973, within the scope of the Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC), starting with the School of Arts and Crafts, under the responsibility of the Cooperativa União de Socorros and Consumption of Railway Workers, between the 1930s and 1940s in the city of Curitiba - Paraná. The school institutions created later, in the cities of Ponta Grossa and Curitiba, in Paraná, and Mafra in Santa Catarina, began to be managed by the network itself through the Teaching and Professional Guidance Service, between the years 1940 and 1973. The aim of the study was to understand the close socio-political contacts that permeated the creation and operation of school institutions for professional railroad education, in the cities of Curitiba, Ponta Grossa and Mafra, between 1933 and 1973. We pointed out as specific objectives: to investigate the educational background of railway workers on the path of the rails in the Rede Viação Paraná Santa Catarina, through the pages of the magazine "Correio dos Ferroviários", through the mutualism system and in the creation of the Teaching and Professional Guidance Service, between 1933 and 1973. To analyze the railway mutualism and cooperativism system as a mechanism for organizing railroad workers and their relationship with the primary and professional training of their children. Demonstrate, from the creation of the Education and Professional Guidance Service, the emergence of professional school institutions in Curitiba, Ponta Grossa and Mafra and their socio-political developments in the organization and training of specialized labor to work in the Network. The research had as main sources: the periodical "Correio dos Ferroviários", in its editions from 1933 to 1973, the annual reports produced by the direction of the Crafts School, referring to the seven years of operation of the EAO (1933-1940), as well as , the annual reports produced by the Cooperativa União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários in the same period and the image sources made by the photographer Arthur Wischral, hired by RVPSC, in the recording of the closing parties of the school year, as well as the school exhibitions held by the educational institution. In this way, such images demonstrate the production of male and female students, through the courses offered, such as: shoemaking, carpentry and mechanics, for boys and teaching sewing, needlework, teaching music, singing and painting, for the girls. In a second moment, between the years 1940 and 1973, the RVPSC inaugurated professional school institutions, through the Teaching and Professional Selection Service, with scientific bases for the improvement of the services offered by the railway network, within a methodology that valued precision, efficiency and economy. In this sense, the sources reveal the incorporation of elements such as discipline: morals and civility, demonstrated in school festivities and in the daily actions of the school-workshop. The theoretical framework of this research is anchored in the field of History and Historiography of Education in Roger Chartier, in the categories of appropriation and representation and in studies on school photographs, by Kossoy and Maria Mauad, in the search for sociopolitical elements in school institutions in professional training railway, considering the constraints of the broader historical process as a representative category of workers for the country.

Keywords: Railway School Institutions. Vocational Education. School Photography. Chartieu.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PLANTA GERAL DA REDE VIAÇÃO PARANÁ-SANTA CATARINA DETALHE DA PRODUÇÃO/ JANEIRO DE 1933.....	21
FIGURA 2 - SEDE DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS	39
FIGURA 3 - PRÉDIO NO CAJURU DESTINADO À INSTALAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1928.....	47
FIGURA 4 - MAPA DA CIDADE DE CURITIBA COM INDICATIVO DO BAIRRO CAJURU	50
FIGURA 5 - MAPA DO BAIRRO CAJURU NA CIDADE DE CURITIBA, VISTO DE CIMA, COM INDICATIVO DOS PAVILHÕES DAS OFICINAS DA REDE FERROVIÁRIA.....	51
FIGURA 6 - CAPA DO RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS-1936	55
FIGURA 7 - CAPA DO RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS- 1939	56
FIGURA 8 - PARTITURA DO HINO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1938.....	73
FIGURA 9 - CAPA DA 1ª EDIÇÃO DA REVISTA CORREIO DOS FERROVIÁRIOS - 1933.....	100
FIGURA 10 - DIVULGAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS NA REVISTA “CORREIO DOS FERROVIÁRIOS” - 1934	105
FIGURA 11 - MODELO Nº 05 - UNIFORME EXIGIDO PARA USO DOS ALUNOS NAS ESCOLAS PROFISSIONAIS FERROVIÁRIAS - 1941.....	118
FIGURA 12 - MAPA DA REDE VIAÇÃO PARANÁ-SANTA CATARINA - LINHAS EM TRÁFEGO E LINHAS EM CONSTRUÇÃO - DEZ/1940	147
FIGURA 13 - MODELO DA FORMAÇÃO RACIONAL COMPARADA À COMUM APLICADA AOS APRENDIZES NA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA TIBURCIO CAVALCANTI- PONTA GROSSA -1941	164

FIGURA 14 - QUADRO DEMONSTRATIVO DO SERVIÇO DE ENSINO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL DAS ESCOLAS FERROVIÁRIAS - RVPSC/ 1942.....	165
FIGURA 15 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.DURIVAL BRITTO E SILVA- PLANTA DAS FACHADAS FRONTAL E LATERAL DA ESCOLA PROFISSIONAL DURIVAL BRITO E SILVA-CURITIBA/1943.....	Erro!
Indicador não definido.	
FIGURA 16 - PLANTA DO INTERIOR DA ESCOLA PROFISSIONAL DA RVPSC /DURIVAL BRITTO E SILVA - CURITIBA -1943.....	174

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PROFISSIONAL – 1936.....	59
TABELA 2 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS	69
TABELA 3 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PROFISSIONAL DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS	70
TABELA 4 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1939	78
TABELA 5 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PROFISSIONAL.....	79

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO DE MARCENARIA - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1935	60
IMAGEM 2 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1935.....	62
IMAGEM 3 - PROFESSORA ANNETE MACEDO - LENTE DE PEDAGOGIA DA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA- S/D	66
IMAGEM 4 - LABORATÓRIO DE FÍSICA EM FORMAÇÃO NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1937.....	76
IMAGEM 5 - MUSEU ESCOLAR DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1937	77
IMAGEM 6 - EXPOSIÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - DETALHE DO FOGÃO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DA SEÇÃO DE MECÂNICA - 1938.....	78
IMAGEM 7 - ESTAÇÃO DO MARUMBI - MORRETES-PARANÁ- 2013.....	81
IMAGEM 8 - SESSÃO CÍVICA EM HOMENAGEM A CARLOS GOMES - FAZENDO USO DA PALAVRA O PROF. RUBEN ESMANHOTTO - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS – 1939	83
IMAGEM 9 - SESSÃO CÍVICA - HOMENAGEM A BANDEIRA - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1939.....	85
IMAGEM 10 - FESTA DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO E NATAL DOS FERROVIÁRIOS - DETALHE NA IMAGEM - A PRESENÇA DAS ALUNAS COM AS IRMÃS DA ORDEM SÃO JOSÉ - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1935.....	91
IMAGEM 11 - FESTA ESCOLAR - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - ALUNA LOURDES MIRANDA RECITANDO UM POEMA – 1936.....	94

IMAGEM 12 - FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS - DETALHE DA IMAGEM - ALUNAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS RECEBENDO OS PRÊMIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1936	95
IMAGEM 13 - FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS - DETALHE DAS ALUNAS AO FUNDO NA APRESENTAÇÃO DE GINÁSTICA SUECA - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1936	96
IMAGEM 14 - APRESENTAÇÃO DAS ALUNAS DO CURSO PRIMÁRIO E PROFISSIONAL DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1939	98
IMAGEM 15 - INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1933	102
IMAGEM 16 - INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, COM CONVIDADOS EM FRENTE AO PAVILHÃO, DESTINADO ÀS OFICINAS DOS CURSOS PROFISSIONALIZANTES - 1934.....	103
IMAGEM 17 - A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS RECEBENDO A VISITA DE AUTORIDADES NOS FESTEJOS DO CINCOENTENÁRIO DA ESTRADA DE FERRO DO PARANÁ -1935.....	107
IMAGEM 18 - CHEGADA DAS ALTAS AUTORIDADES NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS (RVPS) - 1936.....	110
IMAGEM 19 - FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS (RVPS) – DISCURSO DO PRESIDENTE DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS SR. LINEU DO AMARAL -1936	111
IMAGEM 20 - DESFILE DO BATALHÃO ESCOLAR NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1936.....	114
IMAGEM 21 - ALUNO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS RECEBENDO O DIPLOMA PELO SUPERINTENDENTE DA REDE VIAÇÃO PARANÁ - SANTA CATARINA, SR. ALEXANDRE GUTIERREZ – 1936.....	115

IMAGEM 22 - GRUPOS DE ALUNOS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS-1935	116
IMAGEM 23 - ALUNOS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS, RECORTE DA FIGURA 35, DETALHE DOS ALUNOS COM AS ESPINGARDAS CONFECCIONADAS POR ELES MESMOS - 1935	117
IMAGEM 24 - OS ALUNOS EM APRESENTAÇÃO DE GINÁSTICA NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS DA REDE VIAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA - 1936.....	121
IMAGEM 25 - GRUPO DE CONVIDADOS E AUTORIDADES PRESENTES NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS DA RVPC - 1936....	123
IMAGEM 26 - EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS ESCOLARES - SETOR DE MECÂNICA, DETALHE DOS TRABALHOS DA SECÇÃO FEMININA DE FLORES E BORDADO - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1935	126
IMAGEM 27 - EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES - DETALHE DA IMAGEM 26 DO BORDADO DA SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1935	127
IMAGEM 28 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR - SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA - TRABALHOS DE AGULHA E DE FLORES - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1935	128
IMAGEM 29 - EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES - DETALHE DAS FLORES E BORDADOS - SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1935.....	129
IMAGEM 30 - SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA - TRABALHOS DE CORTE DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1935	130
IMAGEM 31 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA SEÇÃO FEMININA NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - CARTONAGEM E MODELAGEM - 1936.....	132
IMAGEM 32 - TRABALHOS ESCOLARES E PRENDAS DOMÉSTICAS, SEÇÃO FEMININA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS – 1937	133

IMAGEM 33 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA SEÇÃO MASCULINA PROFISSIONAL - CURSOS DE MARCENARIA E MECÂNICA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1935.....	135
IMAGEM 34 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA SEÇÃO MASCULINA PROFISSIONAL/ CURSO DE MARCENARIA / MOBÍLIA ESMALTADA PARA QUARTO DE CRIANÇA /ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1936	137
IMAGEM 35 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO MECÂNICA/ ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS – 1936	138
IMAGEM 36 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO MARCENARIA/ CONFECÇÃO DE SALA DE JANTAR, DE PINHO, ENVERNIZADA/ ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1937.....	140
IMAGEM 37 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO SAPATARIA/ ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1937	141
IMAGEM 38 - PRÉDIO DA ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI - PONTA GROSSA-1940	149
IMAGEM 39 - INAUGURAÇÃO DA ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI /CEL. DURIVAL BRITTO E O INTERVENTOR MANOEL RIBAS / PONTA GROSSA -1940.....	151
IMAGEM 40 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI -SEÇÃO MECÂNICA/ DETALHE DOS ALUNOS EM FRENTE ÀS MÁQUINAS - PONTA GROSSA -1940	153
IMAGEM 41 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI /GABINETE DE PSICOTÉCNICO / PONTA GROSSA -1940	155
IMAGEM 42 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI / PÁTIO INTERNO DA ESCOLA / PONTA GROSSA -1940.....	156
IMAGEM 43 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI / SALA DE AULA DE DESENHO / PONTA GROSSA -1940	157
IMAGEM 44 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI – SEÇÃO MECÂNICA PONTA GROSSA -1940	159
IMAGEM 45 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI /SALA DE AULA / PONTA GROSSA -1940	160

IMAGEM 46 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI /ALUNOS EM FRENTE AO EDÍFICIO DA ESCOLA / PONTA GROSSA -1940.....	161
IMAGEM 47 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI/ LOCOMOTIVA CONSTRUIDA NAS OFICINAS / PONTA GROSSA - 1940	162
IMAGEM 48 - PARTE FRONTAL DA ESCOLA PROFISSIONAL DURIVAL BRITTO E SILVA/ RVPSC / CURITIBA-1945.....	172
IMAGEM 49 - ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA “CEL.DURIVAL BRITTO E SILVA -1944.....	176
IMAGEM 50 - ESCOLA PROFISSIONAL FERROVÁRIA “CEL.DURIVAL BRITTO,EM CURITIBA -VISTA DO CONJUNTO-1945.....	177
IMAGEM 51 - PARTE INTERNA DO GINÁSIO DA ESCOLA PROFISSIONAL DURIVAL BRITTO E SILVA, CURITIBA, 1945	178
IMAGEM 52 - PRÉDIO DO GINÁSIO FERROVIÁRIO “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES”.....	182
IMAGEM 53 - OFICINA DE APRENDIZAGEM -GINÁSIO FERROVIÁRIO “ CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” - MAFRA SC- 1967	185
IMAGEM 54 - OFICINA DE APRENDIZAGEM -“ CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” - MAFRA SC- 1967	186
IMAGEM 55 - DESFILE DE 7 DE SETEMBRO “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” - MAFRA /SC 1967.....	187
IMAGEM 56 - CINQUENTENÁRIO DA CIDADE DE MAFRA – “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” MAFRA /SC 1967	188
IMAGEM 57 - VISITAÇÃO A STAND COM TRABALHOS FEITOS PELOS ALUNOS DO “GINÁSIO JOSÉ MACHADO LOPES “ HOMENAGEM AO CINQUENTENÁRIO DE MAFRA /1967	189
IMAGEM 58 - ALUNOS NO HORÁRIO DO LANCHE- GINÁSIO – “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” - MAFRA /SC 1967	190
IMAGEM 59 - GINÁSIO JOSÉ MACHADO LOPES/ MAFRA/SC -TRATAMENTO DENTÁRIO DE UM ALUNO/ 1967.....	191
IMAGEM 60 - PALESTRA ALUSIVA AO 10º ANIVERSÁRIO DA RFFSA NO PÁTIO DO GINÁSIO – “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” - MAFRA /SC 1967	192

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPF	- Associação Brasileira de Preservação Ferroviária
APFMF	- Associação Paranaense Ferreomodelismo e Memória Ferroviária
BPP	- Biblioteca Pública do Paraná
CMC	- Casa da Memória de Curitiba
DEAP	- Departamento de Arquivo Público do Paraná
EAO	- Escola de Artes e Ofícios
EFP	- Estrada de Ferro do Paraná
IHGPR	- Instituto Histórico e Geográfico do Paraná
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEOP	- Serviço de Ensino e Orientação Profissional
SIMCA	- Sociedade Infantil Manoel Claro Alves
MFC	- Museu Ferroviário de Curitiba
RVPS	- Rede Viação Paraná Santa Catarina
USCF	- União de Socorros e Consumo dos Ferroviários

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	A FORMAÇÃO EDUCACIONAL NO CAMINHO DOS TRILHOS NA REDE VIAÇÃO PARANÁ-SANTA CATARINA (1933-1973)	30
2.1	A CHEGADA DO TREM COMO SÍMBOLO DE DESENVOLVIMENTO E PROGRESSO.....	30
2.2	FORMAÇÃO EDUCACIONAL NAS PAGINAS DO “CORREIO DOS FERROVIÁRIOS”	33
2.3	O COOPERATIVISMO E A EDUCAÇÃO NO MEIO FERROVIÁRIO	38
3	A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E DE CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS EM CURITIBA, NOS ANOS 1933-1940	46
3.1	A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS IDEALIZADA PELA UNIÃO DE SOCORROS E DE CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS	46
3.2	A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA OS FILHOS DA “FAMÍLIA FERROVIÁRIA”	52
3.3	A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DOS FERROVIÁRIOS (1933-1940)	54
3.4	A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS FERROVIÁRIA A PARTIR DO “ESTADO NOVO” - 1937 A 1940.....	68
3.5	A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA FERROVIÁRIA FEMININA NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS	87
3.5.1	A infância ferroviária entre agulhas, tecidos e bordados	88
3.6	A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS NA REVISTA “CORREIO DOS FERROVIÁRIOS”	99
3.6.1	As festas escolares na escola de Artes e Ofícios dos ferroviários pela lente de Arthur Wischral	101
3.6.2	Discurso das Autoridades.....	109
3.6.3	O Batalhão Escolar	113
3.6.4	Sessões Cívicas e Desportivas	120
3.7	A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS NOS RELATÓRIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS	124
3.7.1	As exposições Escolares.....	125
3.7.2	Exposições Escolares da Seção Profissional Feminina	125

3.7.3	Exposições Escolares da Seção Profissional Masculina.....	134
4	A CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ENSINO E SELEÇÃO PROFISSIONAL NO CAMINHO DOS TRILHOS NA REDE VIAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA.....	145
4.1	ESCOLA FERROVIÁRIA CEL. TIBÚRCIO CAVALCANTE - PONTA GROSSA -1940.....	148
4.1.1	O Ensino Remunerado para os filhos dos obreiros da Rede.....	152
4.2	ESCOLA FERROVIÁRIA “CEL. DURIVAL BRITO E SILVA” – CURITIBA – 1944.....	167
4.2.1	Arquitetura Escolar profissional ferroviária nos moldes de uma Escola- Oficina.....	168
4.3	A ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA “ CEL. JOSÉ MACHADO LOPES” MAFRA /SC -1952.....	181
4.3.1	A especialização do ramo da mecânica	184
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
	REFERÊNCIAS	197
	ANEXO 1 - QUADRO DO CURRÍCULO DO CURSO GINASIAL DO GINÁSIO FERROVIÁRIO “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” /1967.....	208
	ANEXO 2 - FOLHETO SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA REDE VIAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA (1970)	209

1 INTRODUÇÃO

O Trenzinho do Caipira

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar

Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar

Cantando pela serra ao luar

Correndo entre as estrelas a voar
No ar, no ar

Para ser cantada com a música da Bachiana nº 2, Tocata de Villa-Lobos)1933

(Gullar, 2000, p. 106- 107)

Ao analisar pela primeira vez o inventário da extinta Rede Ferroviária Federal, que está sob a guarda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) encontrei algumas imagens dos cursos de educação profissional, na Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários (1935), em Curitiba. Diante do achado, não tive dúvidas, pois a história ferroviária sempre me chamou a atenção, tornando a escolha do objeto de pesquisa muito mais pessoal, porque me remeteu às lembranças que fazem parte de minha memória afetiva, quando, na infância, andava de trem com minha mãe e meus irmãos, no interior do Rio Grande do Sul.

O trem esteve presente em todos os momentos, pois esperávamos a sua passagem indicada pelo apito desde longe, já que morávamos próximos à linha férrea. Além disso, quando tínhamos notícia de que alguém da família chegaria de outros lugares esperávamos para abanar pela janela, indicando sua chegada. Outras lembranças foram as viagens que fazíamos de Alegrete para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Entre os anos de 1970 e 1980, uma viagem de trem de Alegrete até Porto Alegre durava aproximadamente de 15 a 17 horas. Essas memórias da cidade onde nasci, do caminho nos trilhos e nessa direção, duas questões da ferrovia, revelam-se inicialmente: a ausência do meio de transporte ferroviário no Brasil e a

formação educacional para o trabalho dos filhos dos ferroviários nas imagens da Escola de Artes e Ofícios na RVPSC.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as escolas profissionais ferroviárias entre os anos de 1933 e 1973. Inicialmente, com a Escola de Artes e Ofícios, sob a responsabilidade da Cooperativa União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários, no período entre 1933 e 1940, situada no bairro Cajuru, na cidade de Curitiba, assim como nas cidades de Ponta Grossa e Mafra, entre 1940 a 1973. Essas instituições escolares tiveram seu funcionamento no âmbito da Rede Viação Paraná- Santa Catarina (RVPSC).

Considerando o processo de formação das ferrovias no Brasil e a representação para os trabalhadores da Rede Ferroviária, torna-se imprescindível a criação de instituições escolares de formação profissional. Nessa direção, analisaremos a organização dos trabalhadores no contexto de desenvolvimento e de modernidade e a necessidade de investimento na formação dos trabalhadores ferroviários, desde o final do século XIX, a fim de compreendermos os impactos da construção das primeiras ferrovias no Brasil.

Flores (2007, p. 67) defende que “a ferrovia se tratava de uma ação civilizadora”. Especialmente, porque “civilização” era entendida como sinônimo de desenvolvimento econômico para as elites nacionais, em um país até então predominantemente agrário e escravista. As ferrovias, além de representarem um “esforço” de modernidade nacional, passaram a significar um meio eficiente de progresso econômico na percepção de interesses destas elites (FLORES, 2007).

A importância da ferrovia no século XIX é descrita por Fernando de Azevedo, em sua obra “Um trem que corre para oeste” (1953):

O caminho ou estrada de ferro foi uma de suas maiores conquistas, e tão grande pela sua importância e suas repercussões, na vida social, econômica, política e militar, que o século XIX se pode considerar o “*século do caminho de ferro*”. (AZEVEDO, 1953, p. 18, grifo meu).

Conforme Flores (2007), a viação férrea era um aporte primordial no progresso, devido à extensão territorial brasileira, este transporte seria a alternativa de propiciar condições de reversão econômica às regiões estagnadas. As ferrovias no Brasil, no início do século XX, representavam um fator de unidade nacional, trazido pelas ligações das malhas ferroviárias que penetravam em todas as regiões brasileiras, em um território de grandes proporções, ligando o país de Norte a Sul.

A Companhia Estrada de Ferro do Paraná¹, que fazia os trechos de Curitiba, ligando o porto de Paranaguá, desde 1885, era considerada a mais importante e representativa estrada de ferro do Brasil, devido às dificuldades de sua construção e o tempo de entrega da obra. O trecho da Serra do Mar foi construído em apenas cinco anos, na época do trabalho exclusivamente braçal, Kroetz (1985) constata que:

(...) as Companhias das estradas de ferro, surgiram devido à necessidade de atender o escoamento dos produtos que estavam sendo produzidos, a erva-mate e a madeira, principalmente para o mercado externo e que tal fator possibilitou a criação das estradas de ferro no Paraná, tendo seu início com a Estrada de Ferro do Paraná, em 1885, avançando com o surgimento de outras malhas férreas, alcançando-se a entrada do século XX ao atingir a fronteira do Paraguai em 1934. (KROETZ, 1985, p. 45).

Cabe ressaltar que o interesse pelo tema das instituições escolares ferroviárias no contexto da educação paranaense e catarinense, se deu em função do trabalho, do qual participei no Núcleo de Pesquisa do Patrimônio Histórico Escolar, na Secretaria de Educação e do Esporte (SEED), entre os anos de 2012 e 2016, em parceria com o Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), órgão responsável pelo inventário dos bens da extinta Rede Ferroviária Federal. A partir do trabalho realizado com as Escolas Tombadas pelo Patrimônio Histórico Escolar do Paraná, em que a pesquisa nos revelou a existência de instituições escolares ferroviárias no âmbito da Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC)², entre os anos de 1933 e 1973, as quais serão demonstradas no decorrer do trabalho. Dentro desse contexto, a pesquisa nos forneceu elementos para melhor compreensão da história das instituições escolares de formação profissional nos estados do Paraná e Santa Catarina, referente ao tempo em que estiveram em funcionamento, na busca de suas representações sociais e políticas e da contribuição para a História e Historiografia da Educação Brasileira.

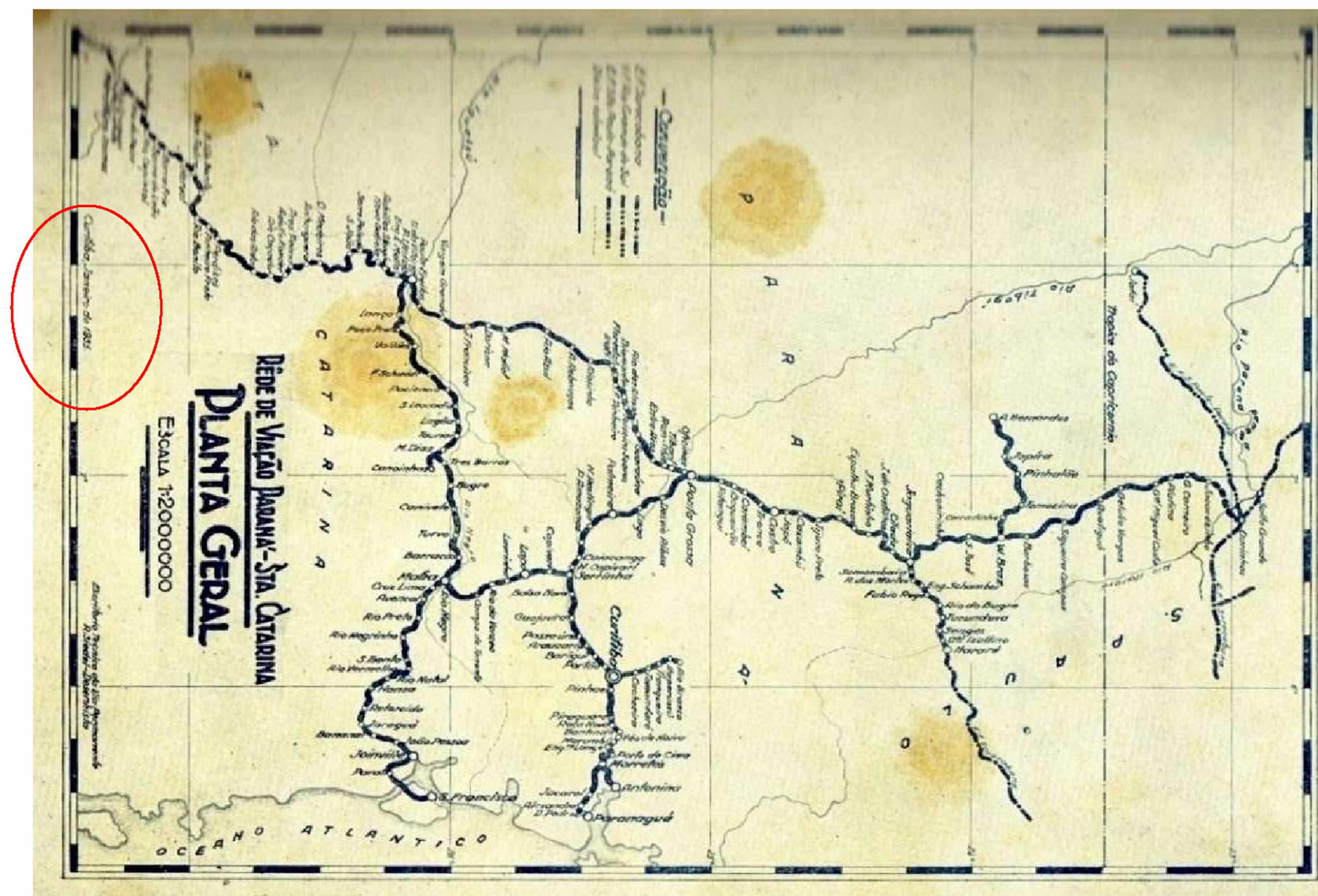
¹ DECRETO Nº 5.605, DE 25 DE ABRIL DE 1874 - Art. 1º A Companhia constitue uma associação anonyma sob a denominação de - Companhia ESTRADA DE FERRO DO PARANÁ, - tendo por objecto e fim a execução do contracto de 20 de Novembro de 1872, celebrado pelo Presidente da Provincia do Paraná, em virtude da Lei Provincial nº 304 de 26 de Março do mesmo anno, que concede a Pedro Aloys Scherer, José Gonçalves Pecego Junior e José Maria da Silva Lemos, privilegio exclusivo para a construcção, uso e gozo de uma estrada de ferro de bitola estreita, que, partindo do Porto d'Agua em Paranaguá, vá terminar na cidade de Morretes; e bem assim construir no referido porto, a estação marítima com suas dependências, na conformidade do Decreto Imperial nº 5053 de 14 de Agosto de 1872.

² Embora o Decreto Federal oficializando a fusão das Companhias tenha sido assinado em 1942, o nome Rede-Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), já constava anteriormente nos Relatórios apresentados para o Ministério de Viação e Obras Públicas, assim como na revista "Correio dos Ferroviários", publicação oficial interna da rede, tendo a primeira edição em outubro de 1933.

A Rede Viação Paraná - Santa Catarina (RVPSC) é fruto da fusão da Estrada de Ferro do Paraná, da Estrada de Ferro do Norte do Paraná, da Companhia Ferroviária São Paulo e da Companhia São Paulo-Rio Grande, encampadas por meio do Decreto Federal nº 4.746, de 25 de setembro, de 1942.

A FIGURA 1, datada de janeiro de 1933, anexada ao relatório da IV Divisão da Rede Viação Paraná-Santa Catarina de 1940, refere-se à Planta Geral da Jurisdição da Rede na qual o nome RVPSC começou a ser utilizado nos documentos anteriores ao decreto federal de 1942.

FIGURA 1 - PLANTA GERAL DA REDE VIAÇÃO PARANÁ-SANTA CATARINA DETALHE DA PRODUÇÃO/ JANEIRO DE 1933



FONTE: RELATÓRIO DA IV DIVISÃO DA REDE VIAÇÃO PARANÁ-S. CATARINA/1940. ACERVO: MUSEU FERROVIÁRIO DE CURITIBA

Diante disso, buscamos dissertações e teses defendidas sobre o tema da ferroviária e dos ferroviários, que diante das leituras realizadas, nos serviram de suporte para melhor entendimento sobre a formação de instituições escolares ferroviárias no âmbito da RVPSC entre os anos de 1933 e 1973, conforme descritas a seguir.

A tese de doutorado defendida pelo professor Lando Rogério Kroetz (1985), na Universidade de São Paulo (USP), sobre as Estradas de Ferro do Paraná entre 1880-1940, aponta a formação das várias malhas ferroviárias que surgiram no período, tais como: Estrada de Ferro do Paraná, Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, Estrada de Ferro Norte do Paraná, Ramal do Paranapanema, Ramal Serrinha a Nova Restinga, Estrada de Ferro Mate-Laranjeiras, Companhia de Ferro de Guarapuava. Além disso, seu trabalho analisa o Paraná na metade do século XIX e a formação das estradas de ferro, definindo seu povoamento e a colonização ao longo dos trilhos e sua relação com a economia paranaense do período em questão.

A dissertação de mestrado da professora Maristela Luk Batista (2002), defendida na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com o título *Mãos e Mentes na Arte de Aprender: a memória da Escola Profissional Ferroviária Tibúrcio Cavalcanti de Ponta Grossa (1940 -1973)*, auxiliou esta pesquisa na compreensão do histórico da cidade de Ponta Grossa no caminho das tropas até a chegada da ferrovia. A autora discute, a partir da Revolução de 1930 ao Estado Novo (1937-1945), as novas perspectivas no processo educacional brasileiro e a expansão do ensino ferroviário. A partir de relatos orais dos ferroviários da cidade de Ponta Grossa, descreve a Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti, como um modelo de formação profissional e as fases pelas quais a instituição passou, até a sua transformação em Ginásio Ferroviário em 1964.

Com relação ao tema do mutualismo ferroviário, realizou-se a leitura da dissertação de Kleiton Nazareno Santiago Mota (2009), defendida pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com o título de *Mutualismo Ferroviário: Prover e Proteger na Sociedade de Baturité de 1891 aos anos de 1930*. Embora os trabalhadores ferroviários fizessem parte de outro estado da federação, Ceará, os elementos narrados sobre a ferrovia e a criação da sociedade beneficente na cidade de Fortaleza na virada do século XIX, por meio do sistema de mutualidade e solidariedade na construção de benefícios, a caixa de aposentadorias e pensões da Rede Viação

Cearense até 1930, também nos auxiliou para melhor compreender como era organizada a categoria de trabalhadores das ferrovias no período em questão.

O sistema de mutualismo e cooperativismo, que se estendeu em todas as malhas ferroviárias do Brasil, é uma referência para análise sobre o sistema de cooperativismo na RVPSC. Ainda dentro da mesma temática sobre o Mutualismo e Cooperativismo ferroviário, a obra de João Rodolpho Amaral Flores (2008), sobre os trabalhadores da VFRGS: Profissão, Mutualismo e Cooperativismo, tem uma significativa análise para melhor entendimento relacionado à profissão e a classe dos ferroviários, sobre a cultura mutualista ferroviária no estado do Rio Grande do Sul, suas entidades de solidarismo ferroviário compartilhado, tais como: as cooperativas de consumo dos ferroviários, os círculos operários e a de recreação e lazer nas vivências sociais, por meio de clubes, festividades e os desportos entre os ferroviários, o significado da educação no meio ferroviário, nos auxiliando no entendimento sobre a questão do mutualismo e cooperativismo entre os ferroviários da RVPSC na concretização de uma Escola de Artes e Ofícios.

Destacamos também, a tese de doutorado de Rosangela Maria Silva Petuba (2011), intitulada Na trama dos trilhos: Cidade, Ferrovia e Trabalho na cidade Ponta Grossa no Paraná (1955-1997), defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a qual problematiza as relações entre a cidade de Ponta Grossa e a Estrada de Ferro da Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC). Neste trabalho, a autora descreve a relação entre a ferrovia e a urbanização em Ponta Grossa e dedica um capítulo à RVPSC em Revista: Trabalho Ferroviário em busca de novos sentidos a partir das mudanças com o projeto rodoviário e a memória, história e historiografia na construção de uma cidade que foi considerada a cidade encruzilhada. Destacamos os depoimentos de ferroviários e as muitas memórias e suas histórias: experiências ferroviárias na cidade de Ponta Grossa.

Do mesmo modo, a dissertação de Grisiéle Aparecida da Costa Peters (2018), defendida na Universidade da Região de Joinville (Univille), sobre a memória ferroviária e as narrativas do trabalhador ferroviário em Mafra-SC, intitulada Entre o orgulho, a graxa e a dor, enfatiza o reconhecimento do patrimônio ferroviário em Mafra-SC a partir da Lei federal nº 11.483, de 2007. A pesquisadora problematiza as ferroviárias de Mauá e os instrumentos de preservação. No capítulo que trata sobre a memória ferroviária e seus lugares na cidade de Mafra, um dos elementos

representado é a Escola Profissional “Cel. José Machado Lopes”³, no âmbito RVPSC. Seu trabalho é pautado nas narrativas dos ferroviários que atravessam gerações: quem ouve, quem fala, a profissão e os modos de fazer, as dificuldades do trabalho ferroviário, as redes de sociabilidade em torno do ser ferroviário, a última parada, a hora de dizer adeus e, além da materialidade, a memória ferroviária como potência preservacionista.

Outra contribuição importante foi de Sueli Teresa de Oliveira (1992), em sua dissertação de mestrado, defendida pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), intitulada *Uma Colmeia Gigante: Escola Profissional Feminina de São Paulo - 1910/20/30*. A autora retrata os saberes e práticas da Escola Profissional Feminina na preparação de “Operárias do Futuro” à formação de “Rainhas do Lar”, descrevendo, a partir da sua pesquisa, as oscilações em torno de uma escolarização para mulheres, legitimando um perfil feminino, disciplinado, por meio de instrumentos formais de controle, regulamentos escolares e estrutura hierárquica e estratégias persuasivas tais como: reformas e a educação do comportamento. Sob a conexão entre saúde e educação e da égide da racionalidade do saber-fazer doméstico e da maternidade, a condição da mulher para o lar e para o mercado de trabalho, a pesquisadora situa a Escola para Mulheres no contexto do início do século XX. Nesse sentido, esse trabalho nos serviu de apoio, para melhor compreendermos a condição da mulher nos anos de 1930 e 1940, no caso específico, a formação escolar primária e profissional das filhas dos ferroviários, em uma escola de artes e ofícios; de caráter essencialmente de formação profissional masculina.

Esta tese se insere na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, tendo como objeto de estudo, as Instituições Escolares de formação profissional ferroviária na Rede Viação Paraná- Santa Catarina. Inicialmente, com a Escola de Artes e Ofícios administrada pela Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, no âmbito da RVPSC, período de 1933-1940, no bairro Cajuru, em Curitiba, no estado do Paraná. A escola ofertava curso primário e profissional para ambos os sexos, crianças com idade entre 7 e 14 anos, filhos dos funcionários da Rede Ferroviária.

³ Cel. José Machado Lopes (1900-1990): Engenheiro da Escola Militar do Realengo, RJ, entre setembro de 1947 e setembro de 1950, exerceu as funções de diretor da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. (Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. In Lopes, Machado. Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-machado-lopes>. Acesso em: 28 fev. 2020).

Dentre as instituições de ensino, criadas no âmbito da RVPSC, além da Escola de Artes e Ofícios (1933-1940), merecem destaque as seguintes outras escolas: a Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti⁴ (1940), em Ponta Grossa, o Centro Profissional Ferroviário Cel. Durival Britto e Silva⁵ (1944), em Curitiba, além da Escola Profissional Ferroviária José Machado Lopes (1952), de Mafra-SC.

As fontes disponíveis que serviram de base para a pesquisa foram: revista “Correio dos Ferroviários” (CF), nas suas edições (1933-1973), que se encontram na Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Destacamos o periódico CF com editoriais produzidos pelos próprios ferroviários, podendo ser considerado um dos principais meios de comunicação impresso da RVPSC, o qual era editado mensalmente em Curitiba. Este periódico veiculava notícias nacionais e internacionais, de assuntos variados e, principalmente, questões relacionadas à Rede Ferroviária. Durante os anos de 1933/1940, verifica-se que a revista contempla em seus editoriais conteúdos referentes à educação, levando em conta a instrução primária e a formação profissional de seus filhos, tornando-se no decorrer do tempo, funcionários da própria Rede Ferroviária.

Esta pesquisa se justifica pela ausência de trabalhos sobre as instituições escolares ferroviárias no âmbito da RVPSC, que, a partir das pesquisas realizadas, detectamos houve uma escolarização *da infância ferroviária*⁶, em uma Escola de Artes e Ofícios, entre os anos de 1933 e 1940, com formação primária e profissional administrada pela União de Socorros e Consumo dos Ferroviários (USCF), assim como as instituições escolares criadas e administradas pela Serviço de Ensino e Seleção Profissional entre 1940-1973.

⁴ Cel. Manoel Tibúrcio Cavalcanti (1882-1939), engenheiro civil e militar. Em novembro de 1934 foi nomeado engenheiro chefe da Comissão de estradas e Rodagem no Paraná e Santa Catarina, acumulando o cargo de chefe do serviço de Engenharia da 1ª Região Militar, no Rio de Janeiro. Em novembro de 1938 foi nomeado superintendente da Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), cargo assumido em janeiro de 1939 até seu falecimento repentino, 23 de dezembro de 1939. A escola ferroviária fundada em Ponta Grossa em 1940, recebeu seu nome, como uma justa homenagem àquele que idealizou a criação de escolas ferroviárias na RVPSC. (Fonte: Correio dos Ferroviários, nº4, abril de 1952, RVPSC)

⁵ Durival Britto e Silva (1895-1954) foi militar e exerceu cargo como Diretor da RVPSC, de 1940 a 1947, introduziu o Serviço de Ensino, por meio da instalação de escolas profissionais no Paraná e Santa Catarina, além de amplo complexo esportivo, como o campo de futebol que recebeu a Copa do Mundo em 1950. (Fonte: Correio dos Ferroviários da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. [S.l.]: RVPSC.)

⁶ Infância Ferroviária, denominação dada pelos próprios ferroviários na revista “Correio dos Ferroviários” e nos “Relatórios da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários”, no período de 1933/1940, referindo-se a filhos dos ferroviários que estudavam na Escola de Artes e Ofícios.

No Museu Ferroviário de Curitiba (MFC) destacam-se os Relatórios Anuais da Escola de Artes e Ofícios dos anos de 1933-1940, referentes aos sete anos de funcionamento da escola, que serviram de base para o desenvolvimento do trabalho.

No Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGP), tivemos a oportunidade de consultar o acervo iconográfico, por meio de uma coleção de imagens da ferrovia, assim como da inauguração da escola ferroviária Cel. Manoel Tibúrcio Cavalcanti de Ponta Grossa, no ano de 1940. Este acervo foi recebido por doação particular da família do engenheiro Durival de Britto e Silva, um dos principais administradores regionais da RVPSC.

Na Casa da Memória de Curitiba (CMC), encontramos fontes imagéticas da escola, feitas pelo fotógrafo Arthur Wischral⁷, contratado pela própria RVPSC, entre os anos de 1933 a 1940. Seu acervo também se tornou referência na memória da capital paranaense, suas imagens são consideradas clássicas da ferrovia, assim como de Curitiba e interior do Paraná e Santa Catarina.

No que se refere à Escola de Artes e Ofícios (EAO), o registro de suas atividades aparece nas edições da revista CF, na divulgação das festividades de final de ano realizadas pelos ferroviários, no espaço da instituição escolar. Esses registros revelam elementos sobre a experiência e a formação de uma cultura escolar ferroviária e a formação para o trabalho na RVPSC. As imagens revelam a representatividade social da festa de Natal dos ferroviários, juntamente com o encerramento das aulas da EAO, para os ferroviários e suas famílias, momento em que se fazem presentes autoridades locais. Nesta oportunidade, o discurso do superintendente da RVPSC e o desfile do batalhão escolar, além de entrega de diplomas aos alunos que se destacaram durante o ano, são os elementos protocolares da festa, além da distribuição de prêmios. Outras apresentações que não faltavam nestas festividades eram: alunos fazendo uma sequência de ginástica, aluna recitando um poema, elementos cívicos-militares, confirmando elementos de um contexto escolar de instrução primária e formação profissional da época.

⁷ Arthur Júlio Wischral (1894-1982), filho de imigrantes alemães. "Ainda jovem, Wischral foi um dos primeiros repórteres fotográficos de Curitiba, fato que definiu a postura profissional ao longo de sua carreira, interferindo, inclusive, no seu olhar de fotógrafo. A experiência como repórter abriria portas para novos trabalhos. A fotografia como documento nortearia, assim, duas fases importantes de sua produção: o registro oficial das obras da Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina e a urbanização da capital, entre as décadas de 1940 e 1960" (Boletim Casa Romário Martins. O Acervo Arthur Wischral: documentos de um olhar /pesquisa e texto por Maria Luiza Gonçalves Baracho e Marcelo Saldanha Sutil; apresentação por João Urban_ Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.31, n. 134, abr. 2007).

Nos relatórios anuais da Cooperativa União dos Socorros e Consumo Ferroviário (USCF) estão descritas em sua receita e despesa, a manutenção da instituição escolar e a produção do curso profissional masculino, revertido para a venda na cooperativa. As exposições escolares dos trabalhos realizados pela infância ferroviária eram apresentadas nas festas de final de ano letivo, assim como as ações cotidianas da escola-oficina, por meio dos cursos de: sapataria, marcenaria e mecânica destinados aos meninos, ensino de costura em geral, trabalho de agulha, ensino de música, canto e pintura para as meninas, incorporando elementos como: disciplina, moral e civismo.

Esta pesquisa teve como objetivo geral de estudo compreender os estreitos contatos sociopolíticos que permearam a criação e funcionamento de instituições escolares de ensino profissionalizante ferroviário, nas cidades de Curitiba e Ponta Grossa no Paraná, e Mafra, em Santa Catarina, entre 1933 e 1973. Para tal, consideraram-se como objetivos específicos: investigar a formação educacional dos trabalhadores ferroviários por meio das páginas da revista “Correio dos Ferroviários” e no próprio caminho dos trilhos no Paraná e Santa Catarina; analisar a Escola de Artes e Ofícios mantida pela cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, entre 1933 e 1940, tendo como especificidade a formação primária e profissional da infância ferroviária contando com a presença feminina; assim como, demonstrar os desdobramentos com a criação do Serviço de Ensino e Orientação Profissional na formação da juventude ferroviária entre os anos de 1940 e 1973, dialogando com as premissas teóricas na contribuição historiográfica da História da Educação em Roger Chartier, nas categorias de apropriação e representação e nos estudos sobre as fotografias escolares, de Kossoy e Maria Mauad, na busca de elementos sociopolíticos nas instituições escolares na formação profissional ferroviária, levando em conta os condicionamentos do processo histórico mais amplo como uma categoria de trabalhadores representativa para o país.

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo trataremos da educação ferroviária entre os anos de 1933 e 1973, na “Rede Viação Paraná- Santa Catarina”. Nesse sentido, analisaremos o trem como um meio de transporte, símbolo do progresso e desenvolvimento, suas representações sociais na formação educacional dos ferroviários, dentro de uma assistência e amparo à “Família

Ferroviária”⁸, na busca de uma ação social que dessa conta da formação de seus filhos, por meio da escolarização primária e de uma formação para o trabalho.

O segundo capítulo trata da instituição escolar: a Escola de Artes e Ofícios, tendo como principal mantenedora a Cooperativa União de Socorros e Consumo Ferroviário, administrada pelos funcionários da Rede Viação Paraná- Santa Catarina (1933-1940). Apontamos ainda as ações descritas nos relatórios da EAO, no período de 1933 a 1940, dentro de uma proposta de ensino primário e profissional para os meninos e meninas pertencentes a infância ferroviária.

Destacamos a divulgação da escola na imprensa “Correio dos Ferroviários”, por meio das imagens de Arthur Wischral, fotógrafo contratado pela rede, apresentando a produção das oficinas, o batalhão escolar e as sessões cívicas e desportivas, assim como as exposições escolares. A instituição escolar representava uma ação social afirmativa da USCF para seus associados, demonstrados por meio dos trabalhos realizados pelos alunos e alunas da EAO e registrados nos relatórios anuais da Cooperativa, durante o período de funcionamento da escola.

O terceiro capítulo trata da nova configuração educacional no caminho dos trilhos, com a criação do Serviço de Ensino e Seleção Profissional na RVPSC, em 1940, com a finalidade de formação de mão de obra especializada para trabalhar na Rede, principalmente no setor de mecânica. Trataremos das experiências das instituições escolares em Ponta Grossa (1940), Ginásio Ferroviário Cel. Tibúrcio Cavalcanti, em Curitiba (1942), Ginásio Ferroviário Cel. Durival Brito e Silva e do Ginásio Cel. José Machado Lopes em Mafra-SC (1952). O Serviço de Ensino e Seleção Profissional baseava-se na concepção educativa das escolas profissionais de mecânica das empresas ferroviárias de São Paulo. Essas escolas foram criadas a partir de 1930, sendo a Estrada de Ferro Sorocabana a pioneira no ramo ferroviário, modelo de formação estendido a todas as malhas ferroviárias do país.

Bologna (1980, p. 13) afirma que o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), destinado a aumentar o bem-estar social por meio de uma organização adequada a cada setor do trabalho e cada atividade; estudar, difundir e aplicar os princípios, métodos, regras e processos da organização científica do trabalho; evitar o desperdício sob suas múltiplas modalidades; dar o máximo de

⁸ Família Ferroviária- termo utilizado na Revista Correio dos Ferroviários e nos relatórios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, no período de distribuição da revista, quando se referiam a assistência social prestada aos trabalhadores e suas famílias (1933-1973).

rendimento com o mínimo de dispêndio; proporcionar aos empreendimentos e seus executores toda a segurança, quer sob o ponto de vista de atingir de forma plena a sua finalidade, quer sob o aspecto de eficiência qualitativa e quantitativa de operações; assegurar administrações cientificamente exercidas.

O modelo idealizado por Roberto Mange⁹ tinha no seu método de ensino uma organização científica de trabalho de modo sistemático e racional adotado pelas escolas profissionais ferroviárias, principalmente no ramo da mecânica a partir de 1940, com as escolas de Curitiba e Ponta Grossa, no Paraná, e na cidade de Mafra, em Santa Catarina.

Após as considerações iniciais referente as instituições escolares ferroviárias, algumas hipóteses apareceram no decorrer da pesquisa, revelando-se nas fontes consultadas as seguintes indagações: Quais os motivos do surgimento de uma Escola Ferroviária de Artes e Ofícios no Paraná, somente em 1933, tardiamente em relação às Escolas ferroviárias do Estados de SP e RS, já que a ferrovia existia desde o século XIX, com a Estrada de Ferro do Paraná?

A formação da uma instituição Escolar, demonstrada dentro de uma proposta de um sistema de mutualismo na RVPSC, entre os anos 1930/1940, quando esse tipo de organização assistencialista que dava sinais de esgotamento no Brasil e no Mundo?

A criação da Escola de Artes e Ofícios pode ser considerada um esforço da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, a fim de manter a unidade da categoria de trabalhadores da RVPSC e a assistência social para as suas famílias?

O que diferencia e aproxima a Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários em relação às Escolas de Ofícios existentes nas décadas de 30/40 do século XX na cidade de Curitiba, Paraná? Estas questões serão analisadas no decorrer do trabalho.

⁹ Roberto Mange nasceu em Vevey, na Suíça, a 31 de dezembro de 1886, tendo obtido o diploma de estudos primários em Portugal, secundários na Alemanha e de engenheiro pela Escola Politécnica de Zurich, em 1910. Em 1913, com 28 anos, veio para o Brasil, pelas mãos de Paula Souza, contratado para a cadeira de Mecânica Aplicada às Máquinas, na Politécnica de São Paulo, onde lecionou por espaço de quarenta anos, cargo em que se aposentou, sendo declarado Professor Emérito em 1953. Funda em 1924, junto ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, a Escola Profissional Mecânica, onde pôde elaborar com um grupo de estudiosos as conhecidas séries metódicas de ofícios. Em 1929, parte para a Europa, tendo ocasião de estudar na Alemanha a aprendizagem de operários nas estradas de ferro daquele país. (BOLOGNA, Ítalo. **Roberto Mange e sua Obra**, SENAI, Goiânia, Goiás, Unigraf, 1980 p. 13).

2 A FORMAÇÃO EDUCACIONAL NO CAMINHO DOS TRILHOS NA REDE VIAÇÃO PARANÁ-SANTA CATARINA (1933-1973)

2.1 A CHEGADA DO TREM COMO SÍMBOLO DE DESENVOLVIMENTO E PROGRESSO

O trem como meio de transporte chega ao Paraná no final do século XIX. A Estrada de Ferro do Paraná trouxe para o cenário estadual uma nova categoria de trabalhadores, representativa dentro do contexto social, cultural e econômico, levando desenvolvimento para as regiões do interior paranaense, por meio do trem de passageiros e cargas, favorecendo a troca de informações e novos conhecimentos, facilitando a compra e venda de mercadorias. Vale lembrar que, para o contexto da época, o trem representava o símbolo de desenvolvimento e progresso, por meio das construções das linhas férreas e com o surgimento das estações de trem, ligando as cidades e vilarejos distantes.

Azevedo (1959, p. 19) afirma que:

Ainda no Brasil, que guardava com o regime servil, o tipo de economia patriarcal, se iniciaram, nos meados do século XIX, as primeiras construções de estradas de ferro, e circularam os primeiros trens, de que todos saudavam, com entusiasmo, os silvos das locomotivas, mas em que muitos de nossos antepassados não se aventuraram a viajar como passageiros senão com desconfiança e sobressaltos...A despeito de todas as resistências e prevenções, o caminho de ferro ganhava terreno por toda parte e abria perspectivas aos mais arrojados planos de estradas continentais, não só onde se mostravam favoráveis as condições do meio geográfico, mas mesmo onde o meio era hostil e levantava dificuldades quase intransponíveis.

Desse movimento, ocorre uma constante demanda na formação educacional dos trabalhadores da ferrovia, no caminho dos trilhos. Porém, merece destaque o Primeiro Regulamento da Estrada de Ferro do Paraná (1855), sob a responsabilidade da concessionária *Compagnie Generale de Chemis de Fer Brésiliens*¹⁰, direcionada para os Machinistas e Foguistas, datado de 1893, era dotado de um rigor até mesmo com prisão de dois anos para o maquinista que desobedecesse à escala de viagem. No seu art.1º diz que: "(...) ninguém poderá ser admitido como machinista sem saber ler e escrever correntemente se sem conhecer todas as disposições do presente

¹⁰ O Decreto n. 2.884, de 25 de abril de 1898, concedeu autorização a *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil* para instalar-se no País. Em junho desse mesmo ano, a ferrovia foi entregue a essa companhia. Tal contrato se manteve, com pequenas alterações, até 1905. Disponível em: <http://www.belgianclub.com.br/pt-br/ef/compagnie-auxiliaire-des-chemins-de-fer-du-brésil>

regulamento, do regulamento de signaes e os horários” (REGULAMENTO MACHINISTAS E FOGUISTAS, 1893, p. 2).

O regulamento tinha no cerne da questão, a exigência da alfabetização para exercer a devida função na Rede Ferroviária, o que, para o século XIX, diferenciava-se das demais formações operárias, dando o status ao profissional da ferrovia. Afinal, a admissão na empresa tinha a ver com saber ler e escrever, em um país onde o índice de analfabetismo correspondia a 82,3% da população brasileira, nos fins do século XIX, descrito em Toller (2018). No entanto, Segnini (1982, p. 47) afirma que, a mão de obra dos foguistas e maquinistas exigia um treinamento demorado, portanto não era facilmente substituída. Eles trabalhavam sob calor intenso, por causa das caldeiras adoeciam mais facilmente, e as jornadas de trabalho eram mais longas do que as geralmente cumpridas por outros ferroviários.

Considerando a formação dos trabalhadores dentro de uma educação para o mundo do trabalho, Manfredi (2002, p. 79) afirma que, os últimos anos do Império e as primeiras décadas de implantação do projeto político republicano foram períodos históricos marcados por profundas mudanças socioeconômicas, provocadas pela extinção da escravatura, pela consolidação do projeto de imigração e pela expansão da economia cafeeira.

Nesse contexto de crescimento no início do processo republicano no Brasil, Nagle (2001) afirma que:

A década de 1920 herdou do decênio anterior, a bandeira de luta contra o analfabetismo. Os dados levantados pelo recenseamento de 1920, as discussões e os estudos resultantes da conferência sobre o ensino primário de 1921 e o constrangimento que dominou o ambiente espiritual em 1922, quando, ao mesmo tempo que se procurava comemorar o primeiro centenário da independência, pesava sobre a nação uma quota de 80% de analfabetos-conforme os cálculos da época-transformaram o analfabetismo na grande vergonha do século, no máximo ultraje de um povo que vive a querer ingressar na rota da “moderna civilização”. (NAGLE, 2001, p. 149).

No que se refere à Cultura e Educação no Paraná, Trindade e Andrezza (2001) salientam que:

Todas essas transformações eram conduzidas sob a influência progressiva de uma elite econômica ligada à exploração do mate e da madeira. Ou ainda empenhada na criação de pequenas indústrias e no fornecimento de serviços. Esses grupos, formados por elementos nacionais ou estrangeiros, iriam deter a força política no Paraná republicano, substituindo os fazendeiros tradicionais cujas origens datavam do tropeirismo, agora declinante. (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 66).

Portanto, o trem representava o progresso, a civilização, modernização e o desenvolvimento nas regiões do Paraná, conforme descreve Oliveira (2001, p. 30) sobre a urbanização e industrialização do estado:

A partir dos anos 30, a indústria do mate entra em crise e começa a ser substituída pela madeira e o café como carros-chefes da economia paranaense. Contudo, as exigências afetas ao trabalho nos engenhos criaram um expressivo contingente operário, engrossando ainda mais o processo de urbanização do período, então em franca ascensão devido à imigração. Porém, esse processo se restringe, no que se refere à erva-mate, ao litoral e ao primeiro planalto. O autor aponta ainda que a “Construção da Estrada da Graciosa e da Ferrovia Curitiba-Paranaguá abriu novas possibilidades de exploração da madeira. A serraria tornou-se um estabelecimento comum à paisagem paranaense, resultado tanto do desenvolvimento da malha de transportes, quanto da demanda interna por madeira das cidades paranaenses em franco processo de crescimento”. (OLIVEIRA, 2001, p. 30).

No mesmo sentido, Nagle (2001, p. 46) afirma que a questão social foi um dos resultados do desenvolvimento do capitalismo nacional e ganha importância por volta de 1920, quando se transforma em problema social, isto é, indica desequilíbrio de natureza estrutural. A questão definirá um dos elementos da crise social desencadeada na década de 1920 - crise que, aliás, esteve presente em todo o sistema capitalista – pois, é o problema das relações entre o trabalho e o capital.

Assim sendo, a crise se reflete na economia paranaense:

A manutenção em funcionamento dos engenhos e a embalagem e transporte da erva requeriam considerável soma de empresas voltadas para áreas como metalurgia, madeira e gráfica. Esse processo conferiu extraordinário impulso também ao conjunto da economia paranaense, pelo menos enquanto as exportações da erva se mantiveram em ascensão, o que ocorreu até a crise de 1929. (OLIVEIRA, 2001, p. 28).

Diante disso, a crise econômica dos anos 30 reflete-se na economia brasileira, decaindo muito a exportação de café, ficando, pois, sem receita para importar a quantidade de produtos manufaturados que costumava trazer de fora (LOPEZ, 1983). No caso do Paraná, os dois produtos extrativos de proeminência na pauta das exportações eram a erva-mate e madeira, ocasionando a retração desses produtos no transporte ferroviário (KROETZ, 1985).

Ainda em Kroetz (1985, p. 180), a partir de 1930, com o advento das encampações das malhas ferroviárias ao Estado brasileiro, as ferrovias paranaenses passam por inúmeras dificuldades, oriundas das péssimas condições técnicas que possuíam e da falta de obtenção de financiamentos no exterior, decorrentes da crise

da depressão econômica mundial, impedindo a aquisição de modernos equipamentos e máquinas. Tais fatores não permitiram que as ferrovias correspondessem, a tempo e na hora, à demanda crescente de transporte para passageiros e cargas. Sobrevieram, com isso, as deficiências operacionais, que tornaram o transporte dos produtos exportáveis lento e oneroso, quando não ocasionaram suas deteriorações.

Flores (2007) afirma que o grande enfoque polêmico de toda a história dos transportes ferroviários no Brasil é o da sustentação financeira. Aos empresários construtores importava o lucro do investimento. Ao Estado, importava cumprir seu papel político como dinamizador da integração nacional e do progresso econômico. E a sociedade, por sua vez, que precisava dos serviços de transportes até então inexistentes, aspirava que eles fossem eficientes e baratos.

Os ferroviários criam uma imprensa ferroviária que se concretiza pelo meio de comunicação que se tornou o mais expressivo entre os funcionários da RVPSC, a revista “Correio dos Ferroviários”, que veremos na seção a seguir.

2.2 FORMAÇÃO EDUCACIONAL NAS PÁGINAS DO “CORREIO DOS FERROVIÁRIOS”

Considerando o processo de uma Educação Ferroviária, a revista Correio dos Ferroviários (1933-1973) cumpriu esse papel de formadora de opinião, por meio de seus editoriais, dentro de ensinamentos de cunho social e moralizante, no ingresso dos ferroviários para o mundo do trabalho. Alguns elementos revelam a intencionalidade dessa formação, que descreveremos a seguir.

No Editorial sobre os Mandamentos do Educador “Casa de Pais, Escola de Filhos”, o VII deles diz:

Evite a ociosidade das crianças, para que elas se não tornem preguiçosas, irritantes ou precocemente contemplativas. Desde pequeninas, confia-lhes a execução de minúsculos serviços que desenvolvam nelas sentimentos de responsabilidade e energia, encaminhando as raparigas para ordem doméstica e os rapazes para as iniciativas fecundas. Estimular nos pequenos o interesse pelas cousas materiais e pelas ocupações mecânicas, seja qual for a carreira que mais tarde os destinem, é dever de quem quer produzir homens equilibrados e perfeitos (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, dez/1933, p.73).

Desta forma, nota-se que a preservação do núcleo familiar se caracteriza como elemento determinante na formação dos trabalhadores da Rede Ferroviária. O primeiro ponto está no sustento da família, segundo a assistência social pelo

cooperativismo, por meio da formação educacional escolarizada para seus filhos na preparação para o mundo do trabalho.

No editorial, a Função Educativa do Lar, escrito por Pereira de Macedo, (CF, 1934, p. 449), ressalta-se que:

A escola ideal para a educação que todos os pais desejam para os seus filhos se encontra na própria casa, desde que a família viva honestamente e cultive as suas forças morais que são a maior riqueza a que se possa aspirar, porque dessas forças morais depende, exclusivamente a felicidade em vão procurada fora da própria alma, na posse de bens materiais ou mesmo intelectuais que são, por certo, fatores de felicidade, porém com a condição do cultivo concomitante das forças morais. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, set./1934, p.449).

Nesse sentido, os editoriais escritos por Daily Luiz Wambier, sobre disciplina e cumprimento do dever, demonstram o quanto eram representativos esses elementos de cunho moral, dentro da educação e formação dos trabalhadores da ferrovia. Diante disso, declara que a disciplina:

É indispensável, contudo, que se tenha nítida compreensão do que significa disciplina, sob todos os seus aspectos. É indispensável, repetimo-lo, a fim de que essa demonstração de respeito aos superiores seja um fato entre todos e não apenas entre parte dos ferroviários. É preciso que se dê, pois quando tal suceder, quando todos, em geral, compreenderem que a disciplina é uma condição imprescindível a vida ferroviária, então teremos inaugurado, em nosso meio, o mais belo sistema de trabalho: o de respeito, recíproco, de atenção mútua, sem os percalços que as situações duvidosas criam. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, fev./1936, p. 178).

Em outro editorial, escrito pelo mesmo autor, considera o cumprimento do dever, algo que deve ser respeitado, indicando que:

Cumprindo religiosamente, com o nosso dever, mas de maneira ampla, ilimitada, dentro e fora das nossas casas, no campo e nas cidades, no escritório e nas oficinas, nós estaremos trabalhando e resguardando de nossa própria liberdade para amparo de nossa própria soberania, para a proteção de nós mesmos. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jan./1943, p. 10).

Ou seja, a disciplina e o cumprimento do dever tornam-se medidas de cunho moralizante, a fim de que o funcionário seja bem-sucedido em suas tarefas diárias, tornando-se elementos indispensáveis a um funcionário da Rede Ferroviária. Assim sendo, a educação ferroviária tinha como princípios assistenciais, a formação para o trabalho e o cuidado com a saúde dos trabalhadores e suas famílias. A revista CF torna-se um meio de divulgação fundamental entre a classe, no alerta de controle, principalmente quanto ao uso de bebidas alcoólicas e vício do cigarro, temas

recorrentes que afetavam os trabalhadores. Diante disso, o editorial A embriaguez, escrito por Arion Werneck, diz que “De todos os males que afligem a humanidade, o vício da embriaguez é sem dúvida por seus efeitos, o mais terrível. Em geral é o homem que com mais avidez se entrega a esse vício”. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jul./1934, p. 382).

O editorial sobre o vício do cigarro, com o título “Porque eu não fumo, um dos itens abordava o tema da questão financeira e sua moradia, algo que estava no desejo do trabalhador, a casa própria. Afirmava o autor: “Eu sou muito econômico. Pobres e ricos estão queimando bom dinheiro. Minha casa representa economias por não ser fumante. Si tivesse fumado não possuiria a casa. ” (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jan./1936 p. 160).

Desta forma, ao discutir sobre os vícios adquiridos, tanto do cigarro quanto de bebidas alcólicas, a revista, em seus editoriais, demonstrava o quanto eram nocivos e prejudiciais aos trabalhadores e suas famílias, uma vez que não trariam bons exemplos à família e um péssimo rendimento nas suas atividades laborais.

Nessa direção de uma formação educativa, os editoriais descrevem sobre a polidez, como estudar e saber ler. A questão da Polidez, editorial escrito por Rodrigo Junior, diz que “Não há coisa que mais nos agrade do que ver uma criança bem-educada. Há pequenos que neste particular, são admiráveis, nada deixando a desejar em paralelo com muitas pessoas adultas”. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, set/1935, p. 535,). Assim como a questão de como estudar adverte:

Necessitamos, porém, de pôr em nossos estudos a máxima vontade e o maior querer possíveis, a fim de que os nossos conhecimentos sejam sólidos e desafiem o que lhes fôr adverso. Sem isso, como enunciámos o nosso estudo será de resultado nulo. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, Jan/1936, p. 159).

Aponta, ainda, o que seria necessariamente saber ler. Segundo a autora M. Amália Vaz de Carvalho,

Ler bem é compreender, porque se não lê com acentuação e harmonia próprias sinão aquilo que se estendeu. Falar bem é persuadir, é alcançar uma influência imediatas no espírito dos que nos ouvem, é conseguir que nos atendam e nos escutem. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, julho /1939, p. 408).

Flores (2008, p. 50) reafirma que ser um ferroviário era atuar profissionalmente em qualquer setor de uma empresa ferroviária, cujos predicados

principais eram dedicação ao ofício, disciplina e pontualidade no cumprimento das tarefas. Desta forma, a formação profissional ferroviária era tida como uma classe de trabalhadores que tinha um status diferenciado dos demais pela sua formação e organização dos próprios trabalhadores.

Nesta perspectiva de formação educacional dos trabalhadores da ferrovia, a revista CF, por meio de editoriais denominados Minha Página, destaca o problema do analfabetismo no Brasil, assim como reforça a formação cívica dos ferroviários, destacando as datas cívicas, na História do Brasil e do Paraná, com os seguintes títulos: Tiradentes, 7 de setembro, Dia da Bandeira e 19 de dezembro, representações descritas de forma ufanista, na defesa do progresso, exaltando os valores cívicos e patrióticos da nação brasileira.

Descrevemos a seguir o editorial de Hélio A. Camargo, de março de 1934 do CF, referindo-se à questão do analfabetismo, dedicado a Raul Rodrigues Gomes, que define como batalhador incansável em prol da alfabetização, dizendo que: "A porcentagem dos infelizes analfabetos é, contudo, assombrosa e assustadora e será um pêso que há de esmagar mais tarde a consciência entorpecida desses milhões de brasileiros. A instrução se faz mister!". (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, mar. /1934, p. 184).

Em outro editorial, escrito em janeiro de 1939, na revista CF, com o título Árvores, Caminhos e Escolas, Henrique Nogueira Dortmund descreve que:

Todas as pessoas que se tem dedicado aos problemas nacionais, incluem em seus programas, a questão do reflorestamento, o problema rodoviário e o *plano nacional de alfabetisação do Brasil*. Esta trilogia, Árvores, Caminhos e Escolas, encerra para qualquer nação, que queira sobreviver, o caminho mais certo para o seu futuro progresso". (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jan./1939, p.140, grifo meu).

A revista CF, edição de abril de 1934, faz referência às festas cívicas e heróis nacionais, como: homenagem a Tiradentes (Herói Nacional), e na edição de setembro do mesmo ano, o 7 de setembro, que marca a Independência do Brasil de Portugal, escritos pelo mesmo autor Hélio A. Camargo, dizendo que ao herói nacional:

Glória para todo o sempre ao imortal brasileiro, cuja memória perpétua indelével no espírito idealista de cada compatriota. Não foi sem sacrifício, lançado ao credulismo excessivo, que o vulto inesquecível do grande patriota, legou-nos um exemplo de bravura, de fé e de amor pátrio. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, abr./1934, p. 233).

No mesmo sentido, o dia 7 de setembro em homenagem à Independência do Brasil de Portugal em 1822, o autor descreve, de forma ufanista, a data cívica:

O Brasil Independência! “És a glória suprema dos filhos que verdadeiramente te estremecem dos que se ufanam na tua grandeza, dos que se uniram a ti pelos laços inquebrantáveis do amor pátrio! Nas conquistas de cada dia no labor de cada hora que passa, verás o fruto sadio e adocicado, colhido cuidadosamente da árvore bendita que se ergueu entre delírios nas margens do Ipiranga. INDEPENDENCIA OU MORTE!” (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, set./1934, p. 474).

Com relação ao dia da Bandeira Nacional, descrita por Nivon Weigert, no editorial de dezembro de 1934, a revista salienta que:

A Bandeira Brasileira é o Brasil sintetizado, o respeito a ela reflete-se no Brasil inteiro; o dia da Bandeira, portanto, é o dia do Brasil”. Sentimo-nos orgulhosos e satisfeitos em poder homenagear este lindo pendão auri-verde, que em suas cores, tão bem ostenta a imagem desta Pátria. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1934, p. 99).

Sobre o dia 19 de dezembro, o autor Rodrigo Junior desenvolve um poema sobre a Emancipação Política do Paraná, ocorrida em 1853, tratando o estado como um dos filhos mais novos do Brasil, dizendo:

Ora, um dos seus filhos mais novos,
É-bem o sabem- o menino Paraná,
Forte, travesso e gárrulo pimpolho,
Envolto em roupas vegetaes
de imbuias, de araucárias, de cafeeiros
E de arvores do mate...
E cujos rufos e cornetas,
Com que vive a brincar, são quédas d'água
formidolosas:
- as do rio Iguassú e as do rio Paraná...
(CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jan./1935, p.130).

Vale destacar o posicionamento de Chartier (1990), referindo-se à questão das representações constitutivas, dentro de uma concepção de cultura, ao dizer que é:

[...] preciso pensar e como todas as relações, incluindo as que designamos por relações econômicas ou sociais, se organizam de acordo com lógicas que põem em jogo, em ato, os esquemas de percepção e de apreciação dos diferentes sujeitos sociais, logo as representações constitutivas daquilo que poderá ser denominado uma cultura, seja esta comum ao conjunto de uma sociedade ou própria de um determinado grupo. (CHARTIER, 1990, p. 66).

No caso da revista Correio dos Ferroviários, meio de comunicação criado pelos próprios ferroviários durante os anos de 1933-1973, dando sentido às suas representações sociais, enquanto sujeitos pertencentes ao sistema ferroviário. Nesta

perspectiva, o periódico contribuiu na formação educacional dos trabalhadores da RVPSC, que se constitui no próprio caminho dos trilhos, dentro de uma construção de valores cívicos e patrióticos, relações interpessoais e organização do cooperativismo e mutualismo na forma de uma assistência social na fundação de uma Escola de Artes e Ofícios para seus filhos, assim como na questão da moradia, na preservação do núcleo familiar e na formação para o trabalho, prezando pela manutenção e unidade da própria Rede Ferroviária.

2.3 O COOPERATIVISMO E A EDUCAÇÃO NO MEIO FERROVIÁRIO

O mutualismo e cooperativismo no meio ferroviário no âmbito da RVPSC nasce inicialmente dentro da proposta de um sistema de Mutualismo Beneficente dos Ferroviários em 1923. A revista *Correio dos Ferroviários*, principal divulgadora das questões da classe ferroviária, aponta que “a sua origem vem de ter-se concertado criar uma espécie de banco para empréstimos rápidos aos colegas, ideia que logo se desenvolveu e não tardou em se corporificar numa sociedade de auxílios baseada no mecanismo cooperativista”. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1934, p. 11).

No que se refere ao período que estamos analisando (1933-1973), o sistema de cooperativismo e mutualismo dos trabalhadores ferroviários da RVPSC passou por três fases distintas: Mutualismo Beneficente dos Ferroviários, União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários e de Cooperativa dos Ferroviários Ltda. Dentre as ações merece destaque a formação da Escola de Artes e Ofícios em Curitiba, sob a responsabilidade da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, que em apenas 7 anos de funcionamento, descritos no relatório da cooperativa de 1946, “passaram pelos seus bancos escolares, e pelas oficinas de aprendizagem, 1281 alunos, sendo 836 do sexo masculino e 445 do feminino” (RELATÓRIO DA COOPERATIVA FERROVIÁRIOS, 1946, p. 08).

De acordo com Mota (2009),

No Brasil, a existência das primeiras Sociedades de Socorro Mútuo remonta ao Império, como a Sociedade de Ofícios e Empregados da Marinha, de 1833, a Sociedade Mecânica Aperfeiçoadora das Artes e Beneficente, de 1836, no Rio de Janeiro, e a Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco, formado por carpinteiros e pedreiros de Recife. Essas Associações guardavam forte relação com o mundo artesanal, sendo ‘uma típica organização gremial de bases artesanais e de finalidades mutualistas’. (MOTA, 2009 *apud* REZENDE, 2005, p.26).

A FIGURA 2 demonstra a sede da cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, que se situava na Avenida Silva Jardim, nº 346, em Curitiba-PR.

FIGURA 2 - SEDE DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS



FONTE: Relatório da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1928. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba

A Revista CF apresenta no seu 1º volume, em outubro de 1933, um editorial denominado “O cooperativismo no nosso meio”, que demonstra aos leitores o sistema de cooperativa e seu significado para a classe ferroviária, expondo de forma ufanista que “um dos meios de aferirmos o grau de adiantamento dum povo é estudarmos o desenvolvimento de seu espírito de solidariedade concretizada no cooperativismo” (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1933, p. 11).

O editorial da revista CF segue afirmando que o cooperativismo representa:

Mecanismo admirável, correspondendo a uma necessidade das relações entre os homens e a própria ordem social, a cooperativa resolve múltiplos problemas e constitui, quando generalizada, uma válvula de segurança para prevenir as explosões e revoltas da maioria da sociedade afligida pelas terríveis questões materiais da existência. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1933, p. 11).

Mota (2009, p. 44) afirma que, nas instituições de Socorro Mútuo, em um contexto social no início do processo republicano, ser trabalhador ferroviário seria sinônimo de pobreza. O ato de se associar não se encerra na tentativa de assegurar o mínimo de reprodução individual. Se assim fosse, os trabalhadores não teriam construído escolas, clubes recreativos, cinemas, teatros, bandas de música. Nas Sociedades de Socorro Mútuo, para a maioria dos trabalhadores ferroviários, seria projetado o desejo de ver os filhos melhorarem de vida a partir do saber apreendido nos livros, de melhores chances profissionais nas oficinas ou na ação coletiva em busca de trabalho.

O editorial da Revista CF de abril de 1934 descreve a formação educativa utilitária para o mundo do trabalho na ferroviária:

E todo o indivíduo que deseje ser útil á sociedade, á Pátria e mesmo a Humanidade, precisa exercer uma profissão. E para se exercer uma profissão conscientemente é preciso primeiro preparo antes de a iniciar. Essa preparação faz-se nas escolas, se trata do trabalho intelectual e nas fabricas ou oficinas se trata do trabalho profissional. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, abr./1934, p. 235).

No editorial da revista CF de novembro de 1933, sobre o cooperativismo em nosso meio, declara-se que:

Sua prosperidade, os proventos por ela ministrados aos seus sócios, a sua influência educativa redonda, precisamente da união, da solidariedade de seus componentes. Operam-se seus prodígios por efeito da conjugação dos esforços de centenas de almas, impelidas pela comunhão de pensamento e sentimento. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, nov./1933, p. 44).

Conforme descrito no Correio dos Ferroviários de abril de 1934:

Assim nada mais digno de admiração de que esse feito altruísta dos diretores da cooperativa dos ferroviários fundando a sua escola onde se formara uma nova geração afeita á luz do saber e ao labor das oficinas, fundação esta cujo ato inaugural ainda deve estar bem vivo na memória de todos e onde se evidenciou todo o esforço e todo o carinho dedicado pelos idealizadores de tão nobre instituição. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, abr./1934, p. 235).

Flores (2008, p. 140) afirma que, em geral, as sociedades de auxílio mútuo eram destinadas a atender os trabalhadores nas suas necessidades mais urgentes, com a cobertura de custos relativos às doenças, desemprego, invalidez e exéquias. Porém, com o passar dos anos elas foram se “especializando” em determinados serviços, umas se dedicavam à prestação de atendimento médico-hospitalar, outras

ao gerenciamento de fundos de pecúlios, o que na atualidade corresponderia às cooperativas médicas e às empresas de seguros.

Na CF de setembro de 1934, o editorial da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, na data de aniversário da instituição e inauguração da sede social revela que:

Está feliz e vitoriosa modalidade de solidariedade humana, espalhada por todos os recantos da terra, como princípio reconhecido para alcançar uma perfeita igualdade econômica- o cooperativismo- não falha e não poderá falhar, basta que seus adeptos se compenetrem e se integrem profundamente, sentimentalmente, nesse sublime fórmula de “um por todos e todos por um”. Uma colmeia humana, diferente da das abelhas, porque não há e nem pôde haver zangões. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, set./1934, p. 494).

Ao analisar o relatório anual da USCF, referente ao ano de 1935, percebe-se uma tensão entre os associados, no que diz respeito aos preços do armazém de fornecimentos, segundo o relatório, havia despertado os mais injustos e infundados comentários, levando o Conselho Diretor a expressar o significado do cooperativismo e sua relevância para a classe ferroviária, definindo que:

Compreendemos, como é natural, que as organizações cooperativistas que se destinam ao abastecimento de gêneros alimentícios e demais artigos de uso e consumo doméstico, as cooperativas de consumo, não podem e não devem ter por preocupação única a concorrência, isto é, não se deve preocupar em vender sempre mais barato do que os demais comerciantes. A concorrência implica em negociar com resultados mínimos, o que equivale a trabalhar para obter lucros estritamente necessários e indispensáveis à manutenção do estabelecimento. É preciso não esquecer que as sociedades cooperativistas, se constituem visando realizar notáveis empreendimentos de inestimável alcance moral e filantrópico. O cooperativismo é uma elevada concepção sociológica com o fim de distribuir á coletividade a maior soma de benefícios, com o mínimo de sacrifício de caráter privado. (USCF, 1935, p. 05).

Deve-se notar, porém, que o ano de 1935 passa a ser representativo para os ferroviários paranaenses, devido às comemorações do cinquentenário da Ferrovia do Paraná, com ampla divulgação na Revista CF, dentro de um discurso ufanista na formação dos trabalhadores, no esforço de continuar o sistema do cooperativismo, com o projeto de assistência social, reforçando a proposição da construção de escolas ferroviárias na formação profissional da RVPSC.

Segundo o relatório da USCF, relativo ao ano de 1935:

A atividade comercial de uma cooperativa de consumo, a preocupação de vender mais barato que o comércio em geral, passa para um plano secundário. Deve-se ainda considerar que são obrigações das sociedades

cooperativistas levar a efeito empreendimentos de grande utilidade e alta expressão social, empregando consideráveis quantias oriundas somente dos lucros líquidos auferidos de suas transações comerciais, única fonte de receita de que dispõe. Assim sendo, não podem realizar as suas operações de vendas com resultados mínimos. Na nossa cooperativa inaugurou no seio da classe ferroviária um vasto e grandioso programa de ação que vem cumprindo rigorosamente com a distribuição de consideráveis benefícios, fato este, que está no conhecimento de todos que têm acompanhado a sua evolução. (USCF, 1935, p. 05).

Do mesmo modo, o Correio dos Ferroviários de fevereiro de 1935, diante do comunicado da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários (USCF) aos seus associados sobre a Escola de Artes e Ofícios, pontua os elementos indispensáveis à manutenção e continuidade da instituição escolar:

Em um primeiro momento referem-se a questão dos exames realizados pelos alunos, de forma ufanista para os próprios ferroviários, declarando: “aos exames procedidos pelos alunos dos diversos anos de que se compõem o curso primário, atestam o melhor grau de aproveitamento que é lícito desejar, por isso que evidenciam a eficiência da nossa organização educativa.

No segundo momento, destaque fica por conta dos cursos profissionalizantes e dos trabalhos realizados pelos alunos “destacando-se de maneira muito expressiva a produção de móveis, sapatos e ferramentas, que pelo seu bom acabamento muito recomendam a dedicação e competência dos respectivos mestres, como ainda revelam notável inteligência e aplicação dos alunos que o produziram. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, fev./1935, p. 63).

A terceira questão dizia respeito às vendas no armazém, como manutenção da instituição escolar:

Assim muito jubilosos nos congratulamos com os nobres consócios, pelo auspicioso fato que vimos de destacar e também aproveitamos o ensejo para lembrar que a existência e mais ainda o desenvolvimento que pretendemos dar á nossa Escola de Artes e Ofícios, para que em futuro próximo, seja a afirmação mais categórica, de uma organização perfeita e de indispensável utilidade, depende exclusivamente do vulto das vendas do nosso armazém de fornecimentos e dos consequentes lucros líquidos que é a única receita de que dispõem a nossa sociedade para a manutenção e ampliação da referida Escola. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, fev./1935, p. 63).

As duas últimas questões enfatizadas pela USCF têm o apelo de cunho assistencial e moral feita pelos dirigentes da cooperativa aos seus associados:

Entretanto, temos a lamentar que muitos consócios apesar de terem seus filhos frequentando aquela nossa organização, e, portanto, gozando de seus benefícios, não a auxiliam, o que vale dizer, não concorrem com a sua parcela de esforço, se abastecendo no nosso armazém de fornecimentos, como seria natural e justo para podermos dar maior grandeza ao empreendimento que vimos de nos referir. Por isso tomamos a liberdade de apelar para as suas consciências, lembrando que é seu dever moral prestar todo o apoio a nossa sociedade, cujo apoio consiste na sua preferência ao nosso armazém de

fornecimentos, que é a fonte geradora dos elementos que dispomos para difundir no seio da classe ferroviária a luz do saber e o preparo profissional. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, fev./1935, p.64).

Na edição de agosto de 1935, o CF descreve a ata de posse da nova diretoria da USCF, realizada em 14 de julho de 1935, assumida pelo Sr. Dr. Lineu do Amaral, que, em seu discurso de posse, faz considerações a EAO, expondo que:

(...) uma das maiores preocupações será a Escola de Artes e Ofícios, do Cajuru, a menina dos olhos da Sociedade. Há de trabalhar para o desenvolvimento desse departamento social, pois considera de relevante importância a educação e instrução elementar, física e profissional dos futuros obreiros d'amanhã". (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, ago./1935, p. 459).

O diretor continua dizendo que a cooperativa pretendia, dentro do projeto da escola, aperfeiçoar, o melhor possível, o ensino primário, profissional e criar um curso para os empregados da estrada. Além de obter os recursos necessários para ampliar a escola, aparelhando-a convenientemente a fim de satisfazer as suas finalidades (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, ago./1935, p. 459).

A Revista CF de junho de 1935, em seu editorial sobre a sociedade cooperativa, demonstra na sua apresentação o Relatório anual de 1934 da USCF, apresentado em reunião de abril de 1935 aos membros do Conselho Representativo:

Mais tarde, com o apoio material e moral que nos prestou o Exmo. Snr. Dr. Junqueira Ayres, então Superintendente da Rede, pudemos com algum sacrifício é verdade, montar a nossa Escola de Artes e Ofícios que, apenas no segundo ano de sua instalação já, resultados plenamente satisfatórios vêm apresentando. São cerca de duzentos filhos de ferroviários que recebem instrução primária e profissional, são futuros oficiais que virão enriquecer, com sua perícia, os quadros de empregados da estrada; são rapazes buscando ensinamentos em boa fonte e que, formando o seu caráter em uma escola de trabalho e de civismo, têm que se tornar cidadãos uteis à família ferroviária e a Pátria. E este portanto, um empreendimento que nos envaidece por sermos os seus iniciadores, porque temos a certeza da importância que terá ele na formação dos ferroviários de amanhã e, assim sendo, não podemos duvidar do apoio que os ferroviários de hoje lhe darão. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jul./1935, p. 367).

Em contraste com os elementos descritos no relatório da cooperativa, o que podemos considerar é a formação de uma cultura escolar na RVPSC, a partir da EAO, baseada na formação para o trabalho, destinada para os filhos dos ferroviários, numa proposta de trabalho e civismo que repercutiram na formação nas escolas ferroviárias, criadas posteriormente em Curitiba, Ponta Grossa e Mafra.

Respondendo à questão da formação de uma instituição Escolar, dentro de uma proposta de um sistema de mutualismo na RVPSC, entre os anos 1930/1940, quando esse tipo de organização assistencialista dava sinais de esgotamento no Brasil, Castellucci (2010) afirma que a inexistência de uma legislação trabalhista e previdenciária e a necessidade de travar uma luta cotidiana contra o mal-estar social ligado ao desemprego, às doenças, aos acidentes de trabalho e à velhice ou à morte foram importantes fatores objetivos no processo de constituição de expansão e de longevidade do mutualismo no Brasil.

No editorial sobre a União do Socorros e Consumo dos Ferroviários, em sessão da posse da nova diretoria, descrita na Revista CF, agosto de 1935 (p. 460), o Presidente eleito, Lineu do Amaral¹¹, referia-se aos ferroviários como heróis desconhecidos, os operários das turmas, os guarda-chaves, os guarda-freios, os operários das oficinas, são pequenos nas categorias, mas grandes, muito grandes no cumprimento dos seus deveres. Afirmava o presidente: "E é por isso que nós, eu e os meus companheiros muito nos ufanamos de sermos provindos dessa honrada classe" (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1935, p.460).

A ferrovia atuava enquanto espaço de sociabilidade. Na concepção de Silva e Oliveira (2014, p.3):

A direção da Rede ferroviária se preocupou em veicular um discurso de apoio, preocupação, solidariedade e unidade com os seus trabalhadores, porém, impondo a disciplinarização. Então, a moradia, saúde, fundos de pensão, lazer e educação se relacionavam a esse discurso, e a construção de escolas permitiu a divulgação da empresa enquanto benfeitora, contribuindo para a melhoria da imagem da empresa.

A União de Socorros e Consumo dos Ferroviários (USCF) busca na integração social de todos os funcionários da RVPSC, a manutenção do sistema de mutualismo e cooperativismo entre os trabalhadores, por meio da escolarização de seus filhos. Diante disso, a compra nos armazéns da cooperativa fazia-se necessária para a própria manutenção e ampliação da Escola de Artes e Ofícios, que ofertava a instrução primária e profissional. Os ferroviários, dentro da proposta do mutualismo,

¹¹ Lineu Ferreira do Amaral - nasceu em Curitiba a 2 de outubro de 1897. Filho de Anna Messias do Amaral (1874-1961) e Victor Ferreira do Amaral (1862-1953). Filho do fundador da Universidade do Paraná, formou-se em Engenharia pela escola em 1918. Em 1921, foi transferido para Curitiba. Ocupou diversas assessorias na Companhia- mais tarde transformada em Rede Viação Paraná-Santa Catarina. Foi nomeado prefeito municipal de Curitiba a 10 de janeiro de 1949, pelo governo Lupion - no seu primeiro mandato. Lineu Ferreira do Amaral. Boletim informativo Casa Romário Martins, nº27, BPP. Curitiba, s/d.

tinham o dever moral de contribuir para manter a igualdade econômica na unidade dos trabalhadores da ferrovia. A escola era considerada a sua maior ação de assistência social à “família ferroviária”, designação dada pelos próprios ferroviários, que veremos a seguir no próximo capítulo desta pesquisa.

3 A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E DE CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS EM CURITIBA, NOS ANOS 1930-1940

3.1 A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS IDEALIZADA PELA UNIÃO DE SOCORROS E DE CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS

Em 15 de janeiro de 1928, sob a denominação de União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda) resultante da fusão entre as sociedades do Mutualismo Beneficente dos Ferroviários, Caixa de Socorros dos Empregados das Estradas de Ferro do Paraná, Norte do Paraná e linha Serrinha, foi criada a sociedade dentro de um sistema de cooperativismo no âmbito da RVPSC.

No Estatuto USCF é demonstrada dentre as suas finalidades, descrita no seu art.3º, item 2, “seria de atender, manter e auxiliar hospitais, farmácias e instituições escolares e de artes e ofícios”. (ESTATUTO UNIÃO SOCORROS E CONSUMO FERROVIÁRIOS, 1928 p. 4). Diante disso, a criação de uma Escola de Artes e Ofícios passa a ser considerada a principal meta assistencial da cooperativa para seus associados, com o propósito de uma formação de instrução primária e profissional para os filhos dos ferroviários.

Entre as ações da cooperativa, oferecidas aos seus associados, constavam os serviços de saúde tais como: medicamentos manipulados, atendimento médico com consultas diárias e visitas domiciliares, assim como exames laboratoriais. Porém, a USCF estava sempre direcionada para o consumo das mercadorias no armazém de fornecimentos, porque o bom andamento financeiro da instituição dependia da compra e venda das mercadorias, juntamente com o pagamento das mensalidades dos seus associados.

Para melhor compreendermos a iniciativa da construção da Escola de Artes e Ofícios, precisamos identificar os elementos que deram origem ao projeto de criação da instituição escolar. No relatório relativo ao ano de 1928 demonstra-se que a cooperativa havia adquirido “terrenos para pagamento em quotas mensais de 1437 lotes de terrenos, que no aprazível Cajuru, desta capital, destinados a futuras edificações para serem vendidas aos snrs. accionistas em boas condições” (p.19).

Dentre os imóveis da USCF estava um imóvel no Cajuru que, conforme descrito ainda no relatório do exercício do ano de 1928, pertencia ao extinto Mutualismo Beneficente dos Ferroviários, bem como os bens que pertenciam à Caixa de Socorros dos Empregados das Estradas de Ferro do Paraná e Norte do Paraná, que na fusão passaram a constituir o patrimônio da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários.

De forma que o prédio existente no Cajuru, nas proximidades do collegio de freiras denominado Nossa Senhora de Lourdes, a margem da linha Paraná, pertencente a segunda daquelas sociedades, conforme o acordo, será incorporado ao patrimônio social, assim como os direitos a exploração e usufructo, passarão a pertencer a União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários, para todos os efeitos. Esse prédio, que é de alvenaria e bastante espaçoso, se acha localizado nos lotes ns.36 e 37 cuja área mede 36.300 m², tendo servido outrora de hospital da Caixa de Socorros. (USCF, 1928, p. 19-20).

FIGURA 3 - PRÉDIO NO CAJURU DESTINADO À INSTALAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1928



FONTE: Relatório Anual da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1928 - RVPSC.
Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba

A FIGURA 3 que consta no Relatório de 1928 aponta, ainda, que o projeto da construção da Escola de Artes e Ofícios era considerado pelos dirigentes da sociedade como uma ação relevante da instituição, dentro do programa social a ser oferecido aos seus associados:

Faz parte do vasto programma social a instalação de escola de artes e ofícios e profissional de trabalhos, que deveram abranger uma elevada serie de ofícios e profissões, o que entretanto, tendo em vista a importância e delicadeza do assumpto, está sendo convenientemente estudado pela Directoria, sendo certo, porém, que muito em breve contaremos entre os muitos benefícios que já são distribuídos pela sociedade, mais esses onde não só os associados como muito especialmente seus filhos, poderão aprender os meios necessários para lutarem contra os elementos adversos da vida. (USCF, 1928, p. 24-25).

No ano de 1932, mais precisamente em 15 de agosto, o então interventor do Estado do Paraná, Sr. Manoel Ribas, recebe correspondência do Sr. Getúlio Vargas, elogiando a iniciativa de criação da Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários. Mais adiante, a correspondência menciona: “Estou de pleno acordo com a criação, nesse Estado, de uma Escola de Artes e Ofícios, pois as iniciativas dessa natureza são as que mais concorrem para o engrandecimento do país, cujo progresso se vê retardado (...)” (O DIA, 1932).

A reportagem do jornal O DIA explicita o princípio subjacente para a criação da Escola de Artes e Ofícios quando afirma:

A mentalidade de hoje não comporta, entretanto, apenas o ensino do a.b.c. Precisamos forjar homens aptos para vencer na luta pela vida. Não sendo possível faze-los todos letrados de doutores, cumpre dar um maior número o ofício, à profissão donde hão de tirar sua subsistência. Esta a grande questão do momento. (O DIA, 15 de agosto de 1932.)

A formação da elite de um lado, e para poucos; e, de outro, a formação profissional para a grande maioria da população. A criação da *Escola de Artes e Ofícios* dos ferroviários se insere no contexto mais amplo do Projeto educacional brasileiro desencadeado pelos intelectuais da Associação Brasileira da Educação (ABE).

Nesse sentido, a questão da infância ferroviária estava relacionada com sua formação para o trabalho, concretizava-se por meio da instrução primária e formação profissional, no aprendizado de um ofício para seus filhos. Dentro das condições materiais de existência dos trabalhadores da rede ferroviária e na manutenção da família ferroviária, a escola traria uma garantia de sobrevivência, no sustento e preparo para enfrentar as questões adversas com que se deparassem durante a sua vida.

A instalação da Escola de Artes e Ofícios, no arrabalde do Cajuru, um bairro da cidade de Curitiba-PR que teve seu desenvolvimento no final do século XIX e início do século XX, com a chegada das Irmãs de São José. “A Madre Léonie, fundadora da província paranaense das irmãs de São José, deixando a França onde dirigia vários

colégios e fora mestra de noviças, chega em Curitiba a 11 de janeiro de 1901” (1956, p. 26).

A Congregação, criada em 1651 na França, foi espalhando sua obra missionária em vários países da Europa e América do Sul. No Brasil, construíram dezenas de colégios, hospitais, asilos e creches nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. O trabalho desempenhado pelas irmãs estava direcionado aos pobres, enfermos e à educação para as crianças.

O início do bairro Cajuru em Curitiba está representado no livro sobre o Cinquentenário do Col. N. S. Lourdes:

A pouca distância da Via Férrea, perto do centro curitibano, sobre uma ligeira elevação de terreno, encontrava-se um recanto magnífico, cuja encantadora solidão parecia ter sido preparada, desde a origem dos tempos, para tornar-se o berço de uma família religiosa. Ocupava o local uma graciosa casa de campo, em uma chácara de 15 hectares, inculta e quase abandonada. (1956, p. 21).

Porém, dentre os trabalhos realizados pelas Irmãs São José em Curitiba à formação educacional das meninas, merece destaque o “*Colégio Nossa Senhora de Lourdes*”, que também ficou conhecido pela população paranaense como o “*Colégio Cajuru*”, por onde passaram membros de tradicionais famílias curitibanas. Com a implantação e equiparação ao “Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes”, em 1933, a escola reafirma sua credibilidade diante da sociedade curitibana e paranaense. Dentro desse contexto geográfico de proximidade da linha férrea Paraná e da Escola N. S. Lourdes, o depoimento de uma das alunas descreve como eram os dias que passou no internato do Colégio Cajuru: “A gente sempre tem um trem na lembrança. Um trem que chega ou que parte. Um trem que passa e eu escutava do dormitório. Um trem que apita ao longe. Os trens da infância” (SUPLICY, 1982, p. 17).

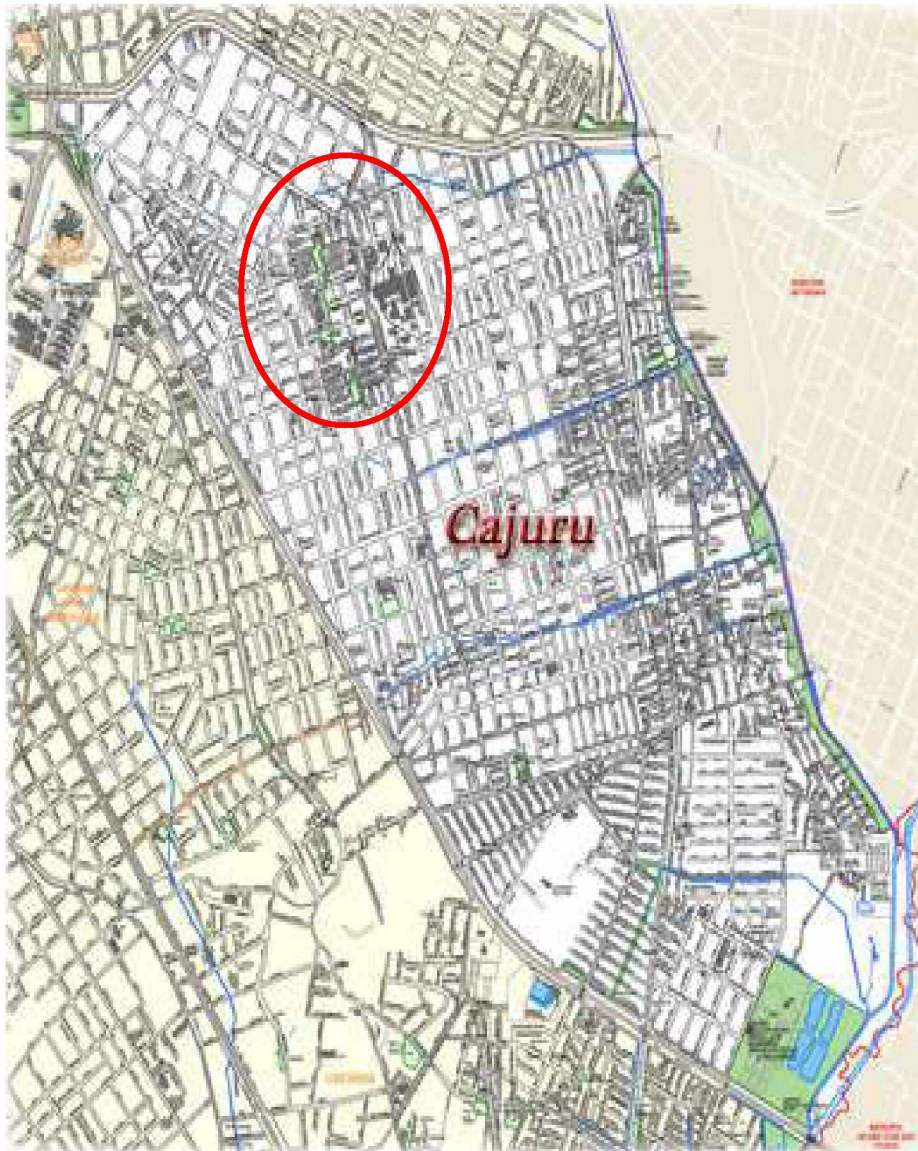
FIGURA 4 - MAPA DA CIDADE DE CURITIBA COM INDICATIVO DO BAIRRO CAJURU



FONTE: Disponível em: <http://www.curitiba-parana.net/mapas/cajuru.htm>

A FIGURA 4 demonstra a localização do bairro Cajuru, na cidade de Curitiba-PR.

FIGURA 5 - MAPA DO BAIRRO CAJURU NA CIDADE DE CURITIBA, VISTO DE CIMA, COM INDICATIVO DOS PAVILHÕES DAS OFICINAS DA REDE FERROVIÁRIA.



FONTE: Disponível em: <http://www.curitiba-parana.net/mapas/cajuru.htm>

A FIGURA 5 demonstra o bairro Cajuru, visto de cima, com destaque para os pavilhões das oficinas da Rede Ferroviária, construídos nas proximidades da linha férrea, nos anos 40, pela antiga RVPSC.

No mesmo ano de 1933 é instalada próxima ao Ginásio N. S. Lourdes, no arrabalde do Cajuru, cidade de Curitiba, a Escola de Artes e Ofícios da União da Socorros e Consumo dos Ferroviários, correspondendo à primeira iniciativa de uma cooperativa de ferroviários, com a especificidade de uma instituição escolar de formação mista, sendo que a parte feminina contou com o apoio e trabalho na instalação do curso primário e profissional, das irmãs São José do Colégio Cajuru, e os meninos pelos mestres de ofícios contratados pela cooperativa.

A Revista CF mensal, em sua edição do mês de dezembro de 1933, anunciava a inauguração oficial da Escola de Artes e Ofícios dos ferroviários, patrocinada pela União de Socorros e Consumo dos Ferroviários:

No próximo dia 10, às 10 horas, realizar-se-á a *inauguração oficial* desse importante estabelecimento, que relevantes e assinalados serviços vêm prestando aos associados da União. A comissão nomeada para constituir a bancada examinadora dos cursos primário e profissionais é composta pelos srs. Dr. Lineu do Amaral, Raul Carvalho e Antônio Dantas.¹² E a incumbida de organizar o programa dos festejos pelos srs. Manoel Claro Alves, Francisco Guimarães e Gumercindo Kruger. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1933, p. 100, grifo meu).

Dessa maneira, verifica-se que a primeira comissão nomeada para compor as bancas examinadoras dos cursos primário e profissional da instituição escolar ficaram a cargo do presidente da USCF, Sr. Lineu do Amaral e do diretor e gerente do CF, todos funcionários, pertencentes à RVPSC.

3.2 A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA OS FILHOS DA “FAMÍLIA FERROVIÁRIA”

A educação da infância ferroviária, sendo priorizada na formação para o trabalho, ofertava a instrução primária e cursos profissionalizantes. Para as meninas, os cursos estavam direcionados a prendas domésticas, tais como: corte e costura, bordado e flores e, para os meninos, incluindo a instrução primária. Porém, a aprendizagem dos meninos nos cursos profissionais estava na formação de um ofício que favorecesse uma colocação no mundo do trabalho, tais como: mecânica, serralheiro, ferraria, marcenaria e sapataria.

¹² Raul Carvalho e Antônio Dantas eram, respectivamente, diretor e gerente do “Correio dos Ferroviários”, de propriedade da Empresa de Publicidade Ltda, da RVPSC. Manoel Claro Alves - diretor-gerente da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários (1933-1940). Francisco Guimarães e Gumercindo Kruger, ambos ferroviários, que escreviam editoriais na revista Correio dos Ferroviários (1933-1940). CF ed. (1933-1940).

Nos fins do século XIX, principalmente com o advento da República, o progresso e a regeneração da nação tornaram-se os conceitos-chave na composição do discurso educacional (SÁ, 2010). Nesse contexto, acreditava-se no poder da educação para transformar os indivíduos e a sociedade, elegendo a escola primária como um espaço privilegiado para se operar a regeneração moral, formar cidadãos e, desse modo, consolidar aquela forma de governo incipiente.

A Revista CF destaca no seu editorial sobre o projeto de assistência social da cooperativa USCF, expondo o início do funcionamento da instituição escolar, no ano de 1933:

A parte da instrução que vinha sendo mantida com aula noturna, foi no princípio do corrente ano grandemente ampliada com adaptação do próprio existente no Cajurú, para salas de aulas de instrução de um pavilhão onde foram instaladas as oficinas para aprendizagem de ofícios. Estão funcionando com grande aproveitamento os cursos masculino e feminino de instrução primária, com horários diferentes e a escola de artes e ofícios, presentemente resumida aos cursos de carpinteiro, marceneiro e sapateiro. Todos os cursos estão a cargo de mestres competentes e contam uma matrícula total de mais de 80 alunos. E assim, com esse programa alevantado, vem essa instituição prestando desde os primórdios de sua fundação, relevantes benefícios aos seus inúmeros associados já distribuindo compensadoras porcentagens de dividendos e bonificações, já mantendo um modesto, mas promissor e eficiente serviço de assistência social. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1º vol., out./1933, p. 12).

Conforme Petuba (2011), a ideia de “família ferroviária” extrapola as estratégias de dominação de classe elaboradas pela empresa. Ela também diz respeito a um modo de vida articulado com um processo múltiplo de aprendizados, posturas, costumes, opções, valores, afetos e deveres que, embora tenham o trabalhar na ferrovia como foco de referência e de sustentação, incorporam vivências religiosas, formas de sociabilidade, práticas de consumo, de lazer, de esportes, de relações com a vizinhança e de parentesco, entre outras. Flores (2008) reafirma que ser um “ferroviário” era atuar profissionalmente em qualquer setor de uma empresa ferroviária, cujos predicados principais eram dedicação ao ofício, disciplina e pontualidade no cumprimento das tarefas. Por esse motivo, a importância da construção de uma educação ferroviária como cultura representativa de uma classe de trabalhadores.

Fazer parte da família ferroviária tinha status social diante dos demais operários entre os anos 1930/1940. Ser ferroviário representava um destaque profissional, não somente por estar trabalhando na RVPSC, mas também por estar

inseridos em uma classe de trabalhadores representativa para o crescimento econômico do país.

3.3 A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DOS FERROVIÁRIOS (1933-1940)

Dentre os relatórios anuais encontrados no Museu Ferroviário de Curitiba, referentes aos sete anos de funcionamento da EAO, não constam no acervo os registros dos dois primeiros anos da instituição escolar, correspondentes aos anos de 1933/1934. Porém, os registros dos anos seguintes: 1935, 1936, 1937, 1938 e 1939 contêm elementos de uma formação escolar ferroviária, que contemplam ações realizadas pela instituição de ensino primário e profissional na formação dos filhos dos ferroviários, sob a responsabilidade da cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, indicando os motivos que levaram ao fechamento da instituição escolar, em 1940.

Os relatórios eram sempre apresentados ao diretor-gerente da USCF, Sr. Manoel Claro Alves, pelo diretor da instituição de ensino que, durante os anos de 1933 a 1936, ficou a cargo do Prof. Nelson Estrella e no período de 1937 a 1939, sob a direção do Prof. Oswaldo Monteiro, obedecendo à seguinte ordem de apresentação: Direção, Relação dos funcionários da instituição de ensino, com os respectivos cargos ocupados pelo Curso Primário, relacionando com seus respectivos professores das seções masculina e feminina, assim como no Curso Profissional, tanto do masculino quanto do feminino.

Os professores do curso profissional da seção masculina eram chamados de mestres, no caso específico, mestres de ofícios, obedecendo a uma hierarquia em que os alunos eram aprendizes de ofícios e as professoras da seção feminina profissional eram chamadas de dirigentes, no caso, dirigentes escolares, que ensinavam às alunas também um ofício, sendo consideradas aprendizes de ofícios, cargo ocupado pelas irmãs da Escola “Nossa Senhora de Lourdes” nos arredores do Cajuru, nas proximidades onde se encontrava instalada a EAO, também consta o nome do zelador que cuidava da instituição de ensino. Todas as modificações administrativas e pedagógicas ocorridas durante o ano letivo, tais como: nomeação, exoneração, demissão, abandono de cargo, substituição, assim como a melhoria dos vencimentos dos professores, estão descritos nos relatórios.

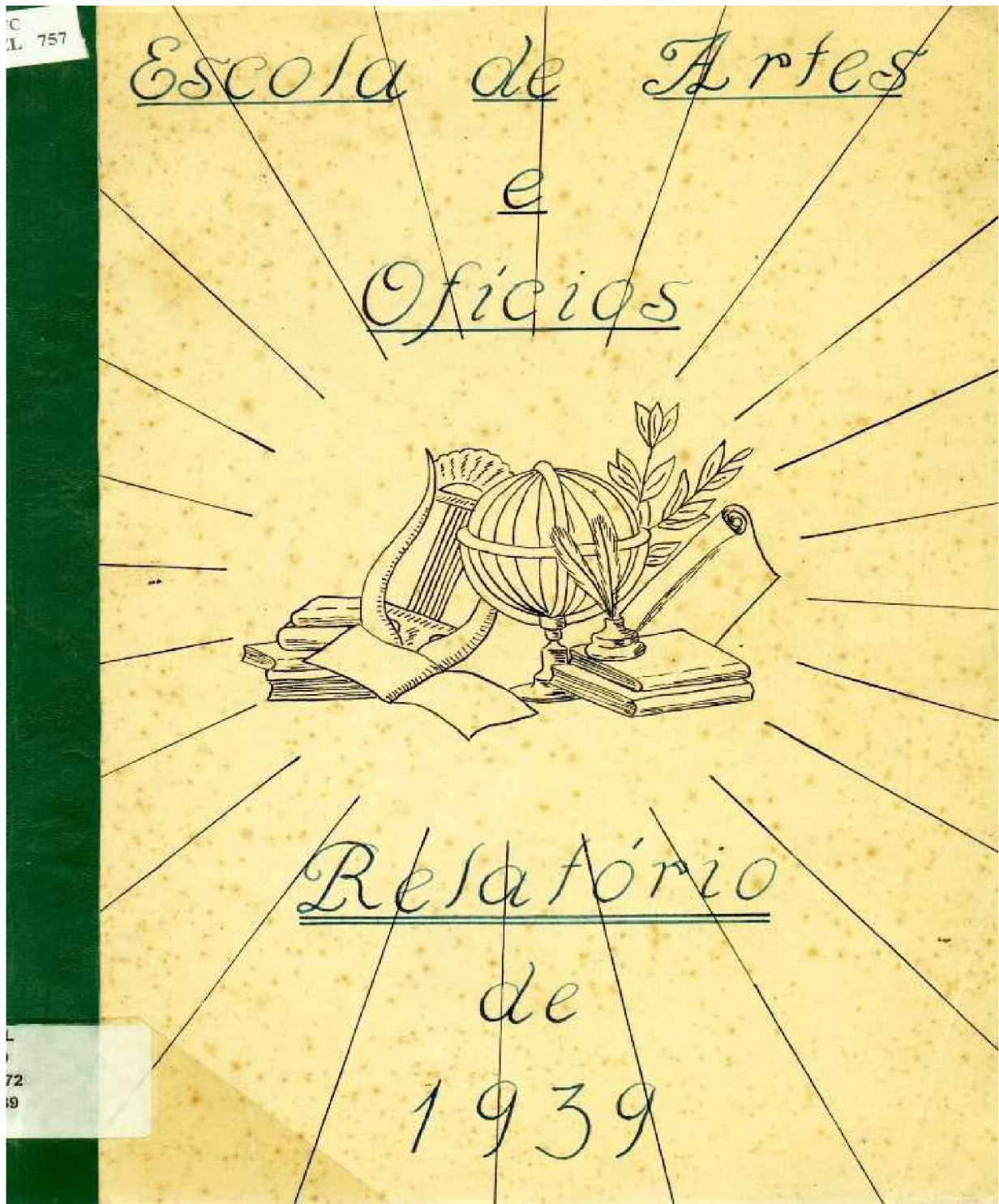
FIGURA 6 - CAPA DO RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS-1936



FONTE: Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba

A FIGURA 6 representa a capa do relatório anual da Escola de Artes e Ofícios de 1936, com um desenho demonstrando o vigor e a força do trabalho, revelando um trabalhador com um martelo na mão, um torno e uma mesa pintada em estilo madeira.

FIGURA 7 - CAPA DO RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS- 1939



FONTE: Acervo do Museu Ferroviário de Curitiba

A FIGURA 7 demonstra a capa do relatório da Escola de Artes e Ofícios referente ao ano de 1939, com desenhos que revelam as relações com a escolarização: livros, globo, instrumento musical, caderno de desenho e tinteiro.

O processo de movimentação das matrículas realizadas entre os anos de 1933 e 1939 é fornecido de forma comparativa ao ano anterior pelos relatórios, por meio de dados estatísticos do movimento escolar do curso primário e profissional, assim como a distribuição das matrículas entre os cursos e seções, sempre constando o resultado dos exames finais.

As visitas educativas, realizadas pelos professores levando os alunos para visitas às “exposições escolares”, ao campo da aviação e logradouros públicos, todo esse movimento realizado pela escola está registrado nos relatórios da instituição escolar. O Setor de Farmácia da escola foi criado a fim de atender aos pequenos acidentes de trabalho dos meninos do curso profissional nas seções de sapataria, marcenaria e mecânica. Na questão sobre o Campo de Desportos, descreve-se a regularidade da educação física e a organização dos jogos desportivos, por meio de campeonatos de futebol e vôlei. O Centro Pedagógico, segundo os relatórios, foi criado com a finalidade de promover estudo e discussão dos processos mais eficientes para melhorar realização dos programas da escola, principalmente para atender a função que tem o curso profissional.

Os relatórios anuais descrevem que a EAO possuía uma caixa escolar, que tinha como propósito o atendimento aos alunos necessitados, conforme a descrição do relatório (1935), “suprindo do material necessário os alunos que não podem comprar, no sentido de estabelecer uniformidade no funcionamento das aulas, sem o sacrifício dos pais pobres” (RELATÓRIO DE EAO, 1935, p. 07).

O Batalhão Escolar foi criado com a finalidade de educar e estimular os alunos no estudo com a realização de concursos para postos de comando, tais como, sargento e comandante do batalhão. Nesses concursos entravam todas as disciplinas ensinadas na escola, formados por banca examinadora de pessoas convidadas pela instituição escolar.

No que se refere à produção das oficinas dos cursos profissionais masculinos, nas seções de sapataria, marcenaria e mecânica, os relatórios descrevem o total dos custos do material empregado e a quantidade de peças produzidas pelos alunos.

Os relatórios transcrevem do “Termo de Visitas” da Escola, com as impressões, considerações e comentários deixados pelos examinadores convidados para as bancas de exames e concurso dos alunos, sobre o trabalho que estava sendo desenvolvido pela EAO, assim como as visitas dos representantes da diretoria da educação, escolas particulares, professores, representantes religiosos e da RVPSC.

O item que se refere à biblioteca da escola destaca, no ano de 1935, o recebimento de uma doação de 20 volumes do Dicionário Enciclopédico, feita pelo superintendente da RVPSC, para uso de professores e alunos, assim como destaca que o funcionamento das oficinas obteve pleno desenvolvimento a partir da doação de um torno e uma tupa, também feita pelo superintendente da Rede.

A EAO apresentava um inventário para a mantenedora (USCF), mediante a verificação dos bens existentes na instituição escolar no fechamento de cada ano letivo, precedida do levantamento de todo o material existente no almoxarifado geral, mecânica, transmissões e intermediárias, marcenaria, sapataria, gabinete da direção, secretaria, sala de professores, curso primário, biblioteca e as ferramentas e utensílios estavam sob a guarda do zelador da unidade.

As melhorias no edifício escolar e nas oficinas dos cursos profissionalizantes também constam nos relatórios, informando para a USCF quando tais procedimentos eram realizados e os resultados no desempenho da produção realizada pelos alunos na escola-oficina.

A Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários (USCF) iniciou suas atividades em 1933, com três turmas de ensino primário: uma 1ª e 2ª classes masculinas e 1ª classe feminina. Os meninos distribuídos em: 1ª série com 53 e 2ª séries com 15 alunos; as meninas, em um total de 14 na 1ª série; perfazendo um total de 68 meninos e 14 meninas.

Em 1934, a escola já havia ampliado para nove turmas entre 1ª, 2ª e 3ª classes primárias masculinas e três 1ªs e uma 2ª classes femininas. Durante o período letivo de 1935, o movimento do curso primário da instituição escolar contava com 12 turmas, sendo 6 turmas de 1ª a 4ª classes masculinas e 1ª a 4ª classes femininas, totalizando 240 alunos matriculados, sendo 233 aprovados em exame, 31 reprovados e 27 eliminados. Já em 1936 constavam 11 turmas, sem a 4ª classe, totalizando 204 alunos matriculados, 172 aprovados em exame, 4 reprovados, 28 eliminados.

Conforme os dados constantes nos relatórios escolares produzidos pelo diretor da Escola Prof. Nelson Estrela, nos primeiros três anos de funcionamento da instituição escolar nota-se o rigor na seleção dos alunos, pelo número de aprovados e reprovados em exame, expondo também o número de alunos eliminados do processo de seleção. Porém, não constam os critérios utilizados para aprovação, reprovação e eliminação dos alunos.

Os cursos profissionalizantes ofertados pela EAO constam no relatório anual de 1936, expondo por meio dos dados estatísticos do movimento escolar do curso profissional, comparativo com os anos anteriores: 1934 e 1935 (TABELA 1), descrevendo o número de alunos matriculados em cada curso, nos revelando em quais havia o maior número de matrículas realizadas.

TABELA 1 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PROFISSIONAL – 1936

	MECÂNICA	SERRALHEIRO	FERRARIA	MARCNARIA	SAPATARIA	TRABALHO DE AGULHA E BORDADO	FLORES	COSTURA	CANTO
1934 – Alunos matriculados	8	4	6	23	14	48	15	23	48
1935 – Alunos matriculados	15	10	8	35	26	86	42	35	86
1936 – Alunos matriculados	14	8	3	23	10	83	83	83	83

FONTE: RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS 1936. ACERVO: MUSEU FERROVIÁRIO DE CURITIBA.

Nota-se, porém, que no ano de 1935 o destaque de alunos matrículas dos cursos profissionalizantes fica com o de marcenaria na seção masculina e trabalho de agulhas e bordado, assim como canto, na seção feminina.

Embora as meninas não apareçam como protagonistas nos cursos profissionais da instituição escolar, tanto nas representações das imagens apresentadas pela mantenedora, quanto na participação efetiva no ambiente escolar, os dados estatísticos descritos nos relatórios escolares, revelam pelo número das matrículas efetuadas, que elas produziam e confeccionavam peças nas oficinas dos cursos ofertados pela instituição, revertidos para venda nos armazéns da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários.

IMAGEM 1 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO DE MARCENARIA - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1935



FONTE: Acervo do Museu Ferroviário de Curitiba. Foto: Arthur Wischral.

A IMAGEM 1 demonstra os alunos da Escola de Artes e Ofícios na escola-oficina do curso de marcenaria da seção masculina, na qual os artífices trabalhavam com madeira na produção de móveis como mobília para cozinha, mobília esmaltada para copa, mobília de quarto de casal, quarto para criança. Mobiliário esse que, conforme veremos no item dedicado às exposições escolares, o quanto era significativa e utilitária para a Cooperativa dos Ferroviários e seus associados à produção realizada pelos alunos.

Em relação à fotografia (IMAGEM 1), produzida por Wischral, na seção masculina profissional da Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários, concordamos com Lobo quando afirma que:

A fotografia envolve uma série de gestos relativos a angulação, iluminação, tempo de exposição, sejam ou não conscientes. Assim como a escrita, a fotografia é dotada de um sujeito que a executa, imprimindo suas marcas, ou seja, seus interesses pessoais ou de grupos, sistemas de crenças e valores etc. (LOBO, 1987, p. 44 *apud* VIDAL, p. 76).

Nesta perspectiva, as fotografias feitas por Arthur Wischal, contratado pela Rede Ferroviária, serviam como suporte de representação visual da instituição escolar ferroviária, no período em que o fotógrafo trabalhou para a Rede, no caso específico, os registros feitos na Escola de Artes e Ofícios, demonstradas nos relatórios e na revista CF, que tinha como finalidade a divulgação das ações da cooperativa e da própria rede, questões essas que se projeta para além da ilustração.

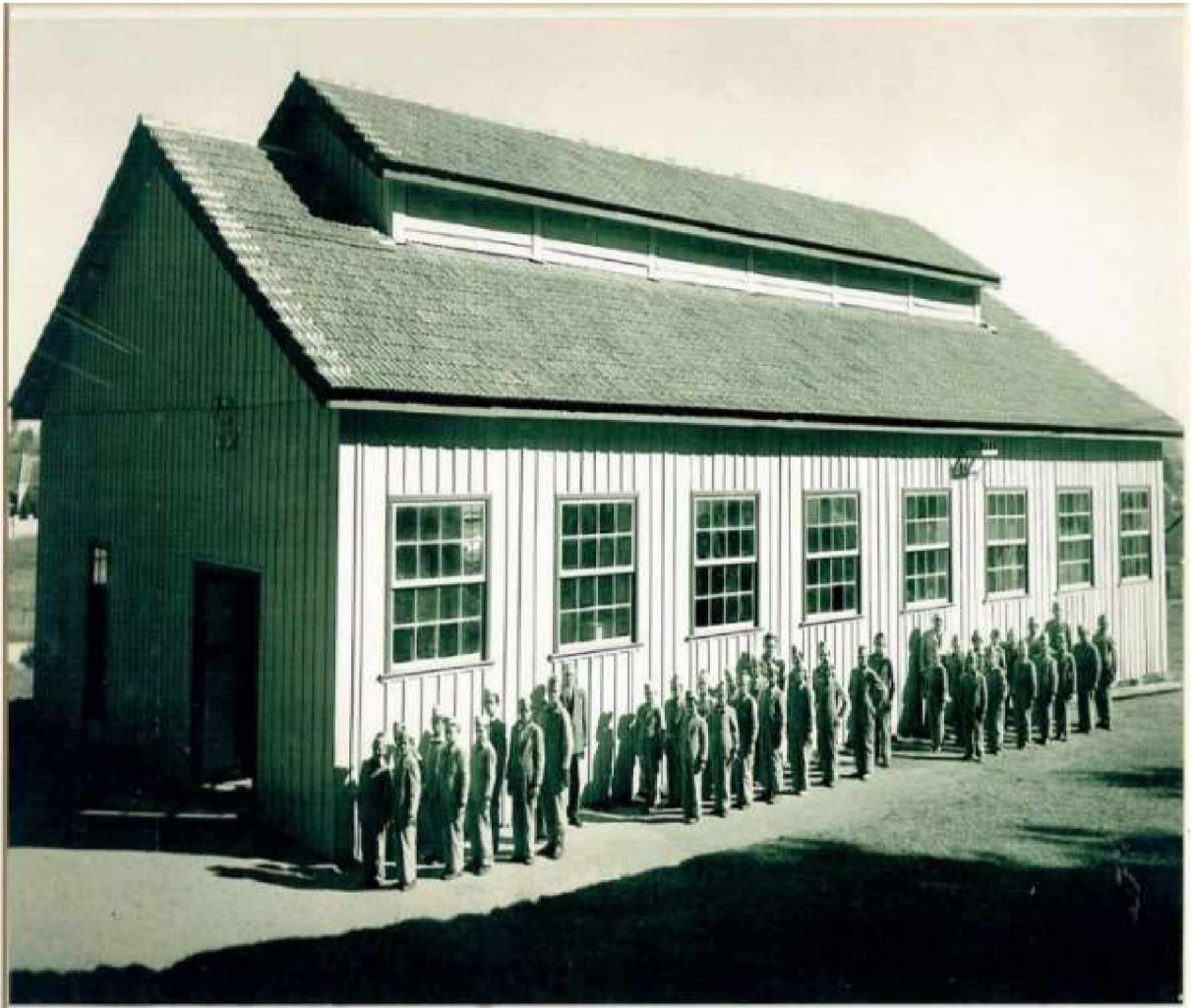
Para tanto, no Relatório Escolar de 1936 da EAO, o diretor da Escola Prof. Nelson Estrella se queixa da redução das matrículas escolares, explicando o motivo dessa redução. Em sua narrativa, descrita no relatório, evidencia que:

[...] sem compreenderem que os benefícios de educação de seus filhos deveriam ser correspondidos com um maior carinho para com o futuro da instituição que lhes pertence, esquecem a alta significação do cooperativismo”, que segundo ele ao fato de muitos associados se abaterem de comprar nos armazéns da União de Socorros e Consumo, o que leva essa Diretoria, acertadamente, fazendo os sócios a reconhecer que sem o apoio não pode haver benefícios e que devidamente compensado o benefício máximo que ao operário a União presta, qual seja a eficiente educação profissional de seus filhos, mais ampla poderia ser a ação da sociedade no sector educacional. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1936, p. 04).

O alerta descrito no relatório escolar de 1936, revela uma preocupação do Diretor da Escola, diante da situação da instituição escolar, que era a permanência do sistema de mutualismo e cooperativismo na Rede, explicando a relação da cooperativa junto a seus associados, no constante reconhecimento de sua existência, por meio de sua prestação de serviços, e a constante utilização da cooperativa adquirindo os produtos em seus armazéns, que foram criados com a intenção de favorecer o funcionário da Rede, a fim de que esse movimento de ação assistencial obtivesse continuidade, caso específico, na formação educacional de seus filhos, por meio das matrículas ofertadas pela Escola de Artes e Ofícios.

A IMAGEM 2, produzida em 1935, pelo fotógrafo A. W., em frente ao pavilhão de madeira onde era realizada a produção dos alunos da seção profissionalizante masculina, na escola-oficina, ao lado do prédio, onde se encontrava instalada a Escola de Artes e Ofícios da USCF. Por meio da imagem é possível identificar as três turmas com os alunos, com seus respectivos mestres, sendo representados pelos cursos profissionais, ofertados pela instituição escolar: Marcenaria, Sapataria e Mecânica, os quais tinham como mestres os seguintes professores: Fernando Savi, Albino G. Gineste e Francisco de Lucas, que aparecem juntamente aos alunos.

IMAGEM 2 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1935



FONTE: Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários -1935. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba. Foto: Arthur Wischel

Nota-se que a imagem fotográfica, com o decorrer do tempo, resulta numa relação entre Memória e fotografia. Na concepção de Kossoy:

[...] fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação subida do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 2009, p. 162).

CHARTIEU (1990) afirma que as percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e conduta. Os filhos dos ferroviários, seguindo a profissão dos pais, estariam legitimando a continuidade da instituição Rede Ferroviária e assim garantindo o sustento da família.

Destacamos as ações desenvolvidas pela AEO durante os anos 1933 a 1936, apontando os elementos que legitimavam essas ações, evidenciadas na presença dos professores convidados para as bancas examinadoras das seguintes atividades escolares: postos de comando do batalhão escolar, seleção para a Instrução Primária, organizada pela diretoria-geral de Educação e avaliação dos trabalhos realizados pelo curso profissional masculino, fizeram parte das ações realizadas pela instituição escolar. Nesse sentido, havia a organização de concursos para os postos de comando: sargento e comandante do Batalhão Escolar. Os alunos passavam por uma banca examinadora que exigia deles saber os conteúdos de todas as disciplinas ensinadas na escola (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1935, p. 07).

Desta forma, as bancas examinadoras do concurso do Batalhão Escolar eram representadas por pessoas convidadas pelo diretor, que não pertenciam ao corpo docente da escola. Conforme descreve o Relatório Escolar de 1935, como sejam: Dr. Henrique Moreira, diretor de obras da prefeitura; Prof. João Musimann, diretor do Colégio Bom Jesus; Prof. Oswaldo Monteiro que lecionava na Associação dos Empregados do Comércio; Dr. Dalio Zipin advogado; tenentes João Siqueira e João Ribeiro e sargento Ricardo Geronazo (RELATÓRIO ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1935, p. 8).

Vale dizer que, no ano de 1935, aconteceram os festejos comemorativos do cinquentenário da Estrada de Ferro do Paraná (1885-1935), fato esse que impulsionou a divulgação da Escola de Artes e Ofícios, administrada pela USCF, que se encontrava incluída na programação do evento, recebendo a visita de autoridades federais, municipais, estaduais e de representantes da RVPSC, tendo ampla divulgação pela imprensa da época, assim como entre a própria classe ferroviária por meio da revista Correio dos Ferroviários (CF). Portanto, os representantes das bancas examinadoras, pelo caráter público dos cargos que ocupavam, davam legitimidade à

instrução e formação profissional dos alunos. Diante disso, a cooperativa USCF reafirmava seu compromisso de assistência social a seus associados, na manutenção de uma Escola de Artes de Ofícios para seus filhos, assim como diante da RVPSC e da sociedade paranaense.

Dentre os visitantes que passaram pela escola durante o ano de 1935, o relatório nos revela as seguintes personalidades: Dr. Gaspar Velloso¹³- diretor-geral da Instrução Pública do Paraná; Sr. Manoel Ribas - interventor do estado do Paraná¹⁴, Prof. Simão Pedrozo - inspetor escolar do estado do Paraná; Prof. Dr. Tecílio Toledo Costa, diretor da Escola Agrônômica de Campinas; Raul Gomes - diretor da Escola Agrônômica do Estado do Paraná.

Indica-se, ainda, no relatório de 1936, que a banca examinadora organizada pela Diretoria-Geral de Educação, referente aos exames do curso primário, teve a participação da professora Anete C. F de Macedo, lente da Escola Normal, professora Rosa Pereira de Carvalho, Escola Complementar e do professor Mario Strano, Inspetor de Ensino.

Do mesmo modo, a banca examinadora para o curso profissional masculino, participaram os seguintes profissionais: O Sr. Sebastião Pedroso, Sr. Alexandre Altéia, Sr. Francisco Landowaki e Snr. Anibal Lazarotto; que conforme a descrição do mesmo relatório, teria sido o primeiro ano em que tais exames se realizaram na instituição escolar (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1936, p. 7).

¹³ *Gaspar Duarte Velloso* nasceu em Curitiba no dia 10 de agosto de 1903, filho de Antônio Duarte Velloso e de Ernesta Dalledone Velloso. Estudou na Escola Americana, no Colégio Santa Júlia e no Ginásio Paranaense, bacharelando-se em 1929 pela Faculdade de Direito do Paraná. Após a Revolução de 1930, exerceu, de 1933 a 1938, o cargo de diretor-geral de Educação do Paraná durante o governo de Manuel Ribas (1932-1945). No período do Estado Novo (1937-1945) dirigiu o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DIP) do Paraná. Em 1947, tornou-se secretário de Educação de seu estado, sendo neste mesmo ano eleito vereador na capital paranaense na legenda do Partido Social Democrático (PSD), cuja liderança exerceu na Câmara Municipal <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gaspar-duarte-veloso>

¹⁴ “Seu” Ribas, como era chamado por seus contemporâneos, foi o homem que por mais tempo, e interruptamente governou o Paraná- de 28 de janeiro de 1932 a 3 de novembro de 1945- quase 14 anos. A princípio, como Interventor Federal, nomeado pelo Governo Provisório de Getúlio Vargas, que se seguiu à Revolução de 1930, depois como Governador eleito no breve interregno democrático que sucedeu à Constituinte de 1934 e, por derradeiro, novamente como interventor até a queda do Presidente Vargas. Nascido em Ponta Grossa em 1873, de tradicional família dos Campos Gerais, tendo vivido e casado em Castro, na mesma região, mudou-se aos 14 anos para Santa Maria, no Rio Grande do Sul, cidade onde se concentravam as atividades ferroviárias do estado gaúcho, em fase de pujante desenvolvimento. Lá teve brilhante atuação, administrativa, econômica, social e política. Fundou em 1913, a Cooperativa dos Ferroviários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, que dirigiu até 1931, tornando-se a maior cooperativa de consumo da América do Sul e a maior empresa comercial do Sul do país, com amplo espectro de atividades e um gigantesco progresso educacional para as famílias cooperadas.FONTANA, Fernando F. **Desvendando Manoel Ribas, o Homem, a Obra e o Mito**. Curitiba: SESC PR, 2015, p. 17 - 18.

Expomos a seguir, as impressões deixadas pelos professores examinadores das bancas realizadas na instituição de ensino, no *Termo de Visitas da Escola*, e transcrita no Relatório Escolar do mesmo ano, iniciando pelas considerações da professora Rosa Pereira de Carvalho, Escola Complementar:

Acompanhando com o máximo interesse o desenvolver deste importante, quanto útil estabelecimento de ensino, desde a sua inauguração, muito grato me é constatar, agora, que na realidade, só para a frente está seguindo. Isso só pode ser, devido ao inteligente esforço e comprovada dedicação de seu competente diretor, professor Nelson Estrella e de seus dignos auxiliares, principalmente, á personalidade santa e sumamente necessária da Irmã Adolfina. Portanto, a todos esses abnegados, os calorosos louvores meus, ao terminarem os exames brilhantes, do presente ano. Aproveitando para felicitar também a dd. Diretoria da União de Socorros dos Ferroviários, por ésta sua altruística instituição, faço sinceros votos pelo progresso e felicidade da Escola de Artes e Ofícios.

Curitiba, 30 de novembro de 1936

(As.) Rosa Pereira de Carvalho.

Também, cabe ressaltar as considerações feitas pela professora Annette C.F. Macedo¹⁵, lente de pedagogia, Escola Normal de Curitiba:

Duas as razões principais de me sentir satisfeita pelo que me foi dado presenciar no belo estabelecimento escolar mantido pela benemérita “União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários.

A primeira de ufanias, por ver no posto de diretor desta escola- Nelson Estrella e no de professores Oswaldo Monteiro, João Ribeiro, Francisco Brasil Junior e Heitor Dutra- jovens educadores, para cuja cultura concorri, como sua professora, fazendo-se eles, como alunos inteligentes, estudiosos e bons, merecedores da minha estima imorredoura. É realizados agora os seus anelos daqueles tempos, como me sinto feliz de os ver cheios de fé, cumprindo sua missão apostolar.

A segunda razão é de aplausos pelos excelentes resultados do ensino aqui ministrados, concorrendo para a formação do caráter e para a cultura espiritual e profissional de futuros cidadãos brasileiros. Tomando parte nos exames como examinadora, pude avaliar o esforço dos professores através do aproveitamento dos alunos. Em ambas as seções, masculina e feminina, notei nas crianças a alegria característica da saúde do corpo e do espírito, que lhes é peculiar.

¹⁵ **Annette Clotilde Portugal Macedo (1894-1963)** nasceu em Curitiba no alto do São Francisco a 3 de dezembro de 1894. É filha de D. Clotilde Portugal Macedo e do Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Aprendeu a ler em casa com a avó materna. D. Ana de Macedo Portugal e em casa ainda aluna do Sr. José Elias da Rocha (professor aposentado), com quem aprendeu rudimentos de Aritmética e Gramática. O “Coração” de Edmundo d. Aícs, tradução de João Ribeiro, era o seu livro de leitura. Foi aluna da Escola Americana (dirigida por Miss Dascomp e Miss Kuhl) sendo seus professores D. Camila Bicheles, D. Berta Bardai e Sr. Alberto Bardei. Passou a estudar no Colégio Santos Dumont, dirigido por Mariana Coelho. Foi professora de Annette, a própria Diretora. Em 1908 matriculou-se na Escola Normal, tirando o curso em 1912. Aí foi aluna de Euzébio Mota, Azevedo Macedo, Sebastião Paraná, Dario Vellozo, Emiliano Pernetá, Luiz Bastos e outros. (MACEDO, p. 257-259).

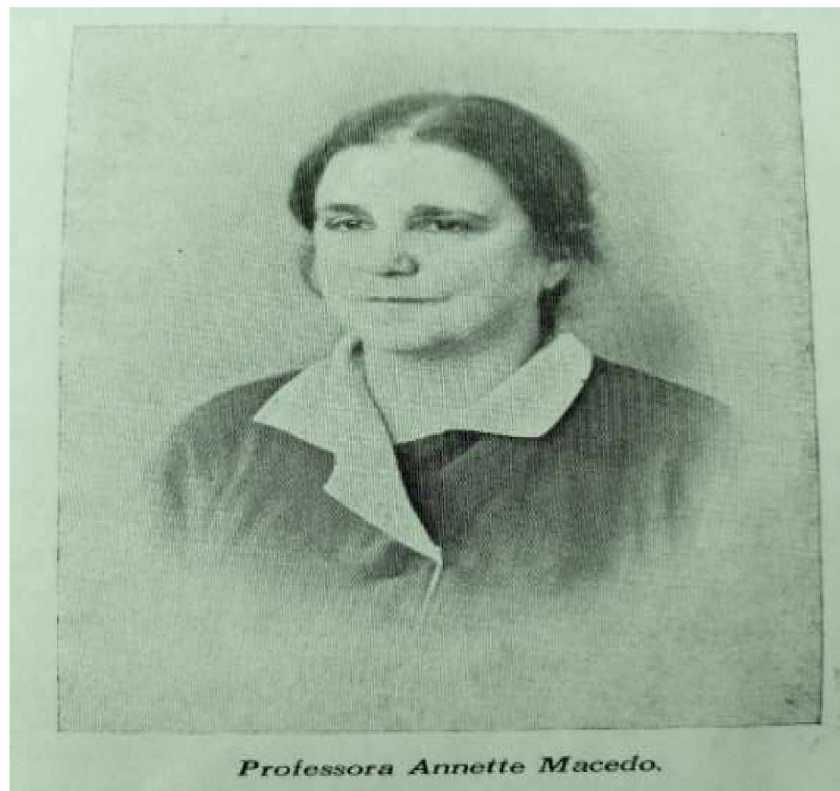
Na seção feminina fui gentilmente recebida por distintas irmãs de caridade que ali trabalham, dentre as quais se destaca a irmã Adolfina. Ali admirei a perfeição dos trabalhos manuaes que me foram mostrados. Aqui deixo meus sinceros parabéns ao professor Nelson e aos seus dignos companheiros, bem como ás operosas professoras irmãs de caridade.

Curitiba,3 de dezembro de 1936.

(As.) Annette C.F. Macedo

Vale sublinhar que a professora Annette, em fevereiro de 1935, publicou, no *Correio dos Ferroviários* (p.182-183), um editorial denominado *A minha Escola*, em que narra a sua experiência como professora e diretora da Escola Retiro Saudoso, em Santa Quitéria, Curitiba-PR, entre 1913 e 1915. A professora criou na Escola Retiro Saudoso a Cooperativa Infantil Escolástica Veloso e, mais tarde, quando assumiu a direção do Grupo Escolar Rio Branco em 1918, criou a Cooperativa Infantil Júlia Wanderlei, completada pela Caixa Escolar Elvira Paraná, cada uma com seus estatutos (MACEDO,1952).

IMAGEM 3 - PROFESSORA ANNETE MACEDO - LENTE DE PEDAGOGIA DA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA- S/D



FONTE: *Felicidade pela Educação*, publicado pela editora GERPA (Grupo Editor Renascimento do Paraná),1952, p.8, Curitiba. Imagem S/D.

A IMAGEM 3 foi retirada da publicação dos escritos da professora, feita por seu pai em 1952, não havendo o registro da data de sua produção da imagem, sob o

título Felicidade pela Educação, título de sua tese de concurso para a Escola Normal, a professora descreve o significado da Cooperativa Infantil:

Era uma miniatura da cooperativa de consumo, sociedade de capital ilimitado, por ações de 500 réis cada uma. Destinava-se a compra de livros e material escolar, para a venda aos próprios associados, aos quais cabia o lucro respectivo. Expliquei várias vezes, não só as crianças mais adiantadas, mas também aos pais, a natureza e fins das cooperativas de consumo e de cooperativas de outras espécies. Várias vezes a nossa grande sociedade distribuiu lucros aos pequenos associados, por ocasião de festa, na presença dos pais que ficavam maravilhados daqueles resultados. (MACEDO, 1952, p. 47).

Assim, as considerações feitas pelas professoras Rosa Pereira de Carvalho e Anette Clotilde Macedo sobre o trabalho desenvolvido na instituição escolar, pelos professores e a produção dos trabalhos escolares, realizada pelos alunos e alunas, demonstradas de forma ufanista, nos fornecem elementos para melhor compreendermos a presença das irmãs de caridade da ordem de São José, representada pela Irmã Adolfinia, na formação das alunas da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, que veremos no item da pesquisa sobre a infância ferroviária feminina.

Indicam-se, ainda, as considerações dos profissionais que participaram das bancas examinadoras, dos cursos de formação profissional masculino:

Visitando a Escola de Artes e Ofícios mantida pela União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários, na qualidade de examinador das turmas profissionais, cabe-se a grata obrigação, de consignar a minha sincera satisfação por essa obra meritória, que se vem fazendo através de trabalhos relevantes. O nível de progresso que me foi dado observar nas seções de marcenaria, espelhado por um grau de ótima eficiência, por parte dos alunos, é o fator preponderante, não só da importância irrestrita desse estabelecimento, como da situação invejável em que o mesmo se encontra presentemente.

Curitiba, 10 de dezembro de 1936.

(As.) Vicente Ulandowski

Tendo sido convidado para tomar parte nas bancas examinadoras da Escola de Artes e Ofícios, da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, pude constatar de perto o alto grau de aperfeiçoamento, não somente da seção de sapataria onde, digo da qual fui examinador, como também nas diversas atividades a que nessa Escola são aplicados os felizes filhos dos ferroviários paranaenses. O ensino profissional, aliado aos conhecimentos teóricos ministrados pelos competentes professores que nessa Escola labutam, como a própria teoria do ofício a que se dedicam os alunos, constituem uma base sólida para o futuro profissional que, ao terminar o seu curso numa escola tal, ouse afirmar, será um hábil e competente profissional, graças aos métodos

inteligentíssimos dos seus mestres, que souberam lhes dar um alicerce firme ao conhecimento do seu ofício, como em poucas ou nenhuma outra parte lhe seria dado. Lanço, pois, com grande satisfação, no presente livro, os meus votos sinceros que essa benemérita prossiga tal como tive a honra de observar para gaudío dos ferroviários da nossa terra.

Curitiba, 10 de dezembro de 1936.

(As.) Alexandre Altheia.

Ambos os profissionais participantes das bancas examinadoras, os senhores Vicente Ulandowski e Alexandre Altheia, em suas considerações no termo de visita, declaram que a ação social realizada pela USCF, ofertando cursos profissionalizantes por meio de uma Escola de Artes e Ofícios para os filhos dos ferroviários, tendo excelentes resultados, pelo motivo de que ali se encontravam excelentes mestres, que devido à sua formação teórica e métodos aplicados, resultaria em uma sólida formação profissional para os alunos, a fim de que lhes garantisse um ofício e boa colocação no mundo do trabalho.

3.4 A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS FERROVIÁRIA A PARTIR DO “ESTADO NOVO” - 1937 A 1940

Durante o Estado Novo, a educação profissional teve como premissa “uma política educacional que legitimou a separação entre o trabalho manual e o intelectual, erigindo uma arquitetura educacional que ressaltava a sintonia entre a divisão social do trabalho e a estrutura escolar, isto é, um ensino secundário destinado às elites condutoras e os ramos profissionais do ensino médio destinado às classes menos favorecidas”. (MANFREDI, p.95,2002).

Ao longo do período de funcionamento da AEO, correspondente aos anos de 1937-1940, administrada pela cooperativa USCF, os relatórios anuais da instituição escolar demonstram que a implantação do regime do “Estado Novo”¹⁶, pela Constituição de 1937, imposto pelo governo Vargas, reforça elementos já existentes no cotidiano escolar, tais como: valores cívicos e patrióticos, educação física, culto à

¹⁶ O governo do Estado Novo foi centralizador, ou seja, concentrou no governo federal a tomada de decisões antes partilhada com os estados, e autoritário, ou seja, entregou ao Poder Executivo atribuições anteriormente divididas com o Legislativo. Sua ideologia recuperou práticas políticas autoritárias que pertenciam à tradição brasileira, mas também incorporou outras mais modernas, que faziam da propaganda e da educação instrumentos de adaptação do homem à nova realidade social. Era esse o papel do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), destinado não só a doutrinar, mas a controlar as manifestações do pensamento no país. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos3745/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>

bandeira, hino nacional, heróis nacionais, assim como as competições desportivas, demonstradas nas sessões cívicas e desportivas realizadas na escola no período em questão.

O número total de alunos que frequentaram a EAO, conforme o Relatório da instituição escolar, referente ao ano de 1937, tanto do curso primário, como das seções dos cursos profissionais, masculino e feminino, foi de 154.

O movimento escolar do curso primário de 1937 demonstra a redução de matrículas em relação ao ano anterior (TABELA 2) e o aumento de alunos reprovados (24) em comparativo ao ano de 1936 (4), o que levou o Centro Pedagógico da Escola a mudar sua metodologia de trabalho para o ano seguinte, como veremos na sequência desta pesquisa. “A Escola seguindo as instruções da Diretoria Geral da Educação e as propostas da Direção, os exames finais passam a ser abolidos e passam a ser realizados trimestralmente” (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1937, p. 4).

TABELA 2 – DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS

	MASCULINO							FEMININO						
	1ª CLASSE			2ª CLASSE	3ª CLASSE	4ª CLASSE	TOTAL	1ª CLASSE			2ª CLASSE	3ª CLASSE	4ª CLASSE	TOTAL
A	B	C	A					B	C					
Alunos matriculados	17	10	8	16	18	12	81	16	12	12	13	7	6	66
Alunos eliminados	2	-	-	4	2	1	9	2	-	-	1	-	-	3
Aprovados em exame	14	9	8	9	12	8	60	10	8	11	9	7	8	51
Reprovados	1	1	-	3	4	3	12	4	4	1	3	-	-	12

FONTE: Relatório da Escola de Artes e Ofícios-1937. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba

O Relatório Escolar não nos fornece elementos sobre o método pedagógico utilizado na formação do ensino primário, assim como também, não declara nenhuma justificativa, referente aos motivos que levaram a eliminação e reprovação dos alunos.

TABELA 3 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PROFISSIONAL DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS

	Mecânica	Sapataria	Marcenaria	Trabalho de agulha e bordado	Flores	Costura	Canto
Alunos matriculados	18	16	15	70	26	13	60

FONTE: Relatório da Escola de Artes e Ofícios-1937. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba

Conforme a TABELA 3, o destaque das matrículas na instituição escolar, descritas no relatório de 1937, fica por conta do curso profissional da seção masculina de mecânica e da seção feminina, o trabalho de agulha e bordados. A Constituição de 1937, no que se refere à Educação e Cultura, em seu art. 129, previa que:

[...] o ensino prevocacional profissional seria destinado às classes menos favorecidas é, em materia de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionaes. (PORTO, 1937, p. 84).

Aponta ainda, em seu art. 131, que “A educação physica, o ensino cívico e o de trabalhos manuaes serão obrigatórios em todas as escolas primarias, normaes e secundarias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses grãos ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquella exigencia.” (p. 84).

No mesmo sentido, é criada na instituição escolar a sociedade Infantil “Manoel Claro Alves”, nome em homenagem ao diretor-gerente da USCF, que tinha como premissa a organização de sessões cívicas e desportivas. O Relatório Escolar de 1937 relata a organização de um campeonato interno entre os diversos quadros de futebol e vôlei, em que o quadro “TEIXEIRA SOARES”¹⁷, vencedor do campeonato,

¹⁷ Dr. Teixeira Soares nasceu na cidade de Formiga, no Estado de Minas Gerais, em 13 de outubro de 1848, descendente de uma das mais tradicionais e respeitáveis famílias do Estado mineiro. Faz os seus estudos de humanidades no antigo Colégio Kopke, de Petrópolis e no Seminário de Congonha, na cidade de Campos. Escolheu a carreira da Engenharia para objeto dos seus estudos e para o exercício de sua atividade. Após um curso brilhante, diplomou-se no ano de 1872, conquistando a láurea de bacharel em matemáticas e a carta de engenheiro civil. Logo a seguir, passou a pertencer ao quadro de funcionários da Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Estrada de Ferro Central do Brasil. Iniciou então a sua vida prática, como engenheiro auxiliar dessa estrada, quando tinha ela seu diretor, o Barão de Angra, e como engenheiro chefe, o dr. Francisco José de Mello. O Dr. João Teixeira Soares foi Engenheiro- Chefe da Construção da Estrada de Ferro do Paraná., a Biografia de Dr. João Teixeira Soares. (Cincoentenário da Estrada de Ferro do Paraná. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1935, p.181 a 186.)

foi mimado por uma taça oferecida pelo patrono da S.I.M.C. A (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1937).

Cabe ainda destacar que na Constituição de 1937, art. 132, previa que:

O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e protecção ás fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim organizar para a juventude periodos de trabalho annual nos campos e officinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento physico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da Nação". (PORTO, 1937, p. 84).

A contabilização da produção das oficinas do curso profissional da seção masculina, durante o ano de 1937, demonstra a quantidade de peças produzidas pelos alunos e o valor dos cursos empregados na produção: Sapataria, 124 pares de calçados no valor de 1:802\$20; a Marcenaria, 326 peças no valor de 1:557\$000; e a Mecânica, 52 peças no valor de 927\$000, cabendo um total de 4:286\$200. Não havia descrição no relatório da contabilização da produção da seção feminina.

O Relatório Anual Escolar, referente ao ano de 1938, aponta que a escola foi devidamente registrada na Diretoria de Educação em 19 de fevereiro do mesmo ano, conforme as exigências do Decreto nº 6149 de 10 de janeiro de 1938, assinado pelo interventor federal no estado do Paraná, Sr. Manoel Ribas. O Decreto determinava em seu art. 5º:

É obrigatório aos estabelecimentos de ensino particular no estado do Paraná, ministrar aulas regulares de trabalhos manuais, educação cívica e educação física, nos cursos primário e complementar; ensinar e fazer cantar diariamente o Hino Nacional e da Bandeira, em todos os cursos; respeitar e comemorar os feriados nacionais.

Da mesma forma, em seu art. 7º, salienta que "As salas de aula das escolas particulares quando providas de mapas, fotografias, estampas ou dísticos, não poderão perder nunca a característica de brasilidade" (p.3). Determina ainda, em seu art. 9º, que os certificados de promoção e diplomas do curso primário particular serão equiparados aos oficiais, desde que o curso funcione de acordo com este decreto e os exames sejam presididos pelo delegado de ensino competente ou por autoridade escolar que o represente.

Assim sendo, as sessões cívicas realizadas na instituição escolar, por ordem da diretoria da escola, passam a ser apresentadas uma vez por mês. A proposição, segundo o Relatório da EAO de 1938, tinha por finalidade que os alunos se tornassem conhecedores dos vultos da nossa história. Cada temática no seu dia era apresentada

por um professor para todos os alunos da escola, com a presença de todos os funcionários. Desse modo, das datas comemorativas destacam-se as seguintes:

25 de agosto - Duque de Caxias, pelo Snr. Diretor da escola; 7 de setembro - Independência do Brasil, pelo prof. João Ribeiro; 18 de outubro - Casemiro de Abreu, pelo prof. Ruben Esmanhotto.

De acordo com o Relatório Escolar (1938, p. 10), "depois de cada sessão eram realizadas competições desportivas entre os alunos a fim de disputarem os quadros dos vultos homenageados e serem colocados na sala de aula da classe vencedora". Duque de Caxias coube ao 4º ano; O grito do Ipiranga ao 1º ano e Casemiro de Abreu ao 2º ano

Além dessas sessões, o relatório descreve as comemorações referentes a: Proclamação da República, Dia da Bandeira, o Dia do Professor, Dia do Aluno, Dia da Árvore. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1938, p. 10).

FIGURA 8 - PARTITURA DO HINO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS
- 1938

The image displays two pages of a handwritten musical score on aged, yellowed paper. The first page is titled "Introdução" and "Canto" (Vocal). It features a piano introduction in the left hand and a vocal line in the right hand. The second page continues the piano accompaniment, with a "DC.F" marking at the end of the first system. The score is written in a clear, legible hand, with notes and rests clearly defined. The paper shows signs of age, including some staining and discoloration.

FONTE: Relatório da Escola de Artes e Ofícios da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários - 1938. ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba

Cabe ressaltar que, a partir do ano de 1938, a escola passa a ter um hino oficial, com letra de autoria do professor Ângelo Dallegrave e música composta pelo maestro Antonello, conforme a partitura demonstrada na FIGURA 11, a qual faz parte do relatório escolar do mesmo ano.

Segundo o relatório, o Hino à Escola de Artes e Ofícios foi feito em homenagem ao mecenas do educandário, diretor-gerente da USCF, Sr. Manoel Claro Alves.

Conforme a FIGURA 8, destacamos o estribilho do Hino da EAO, que consta no Relatório referente ao ano letivo de 1938, p. 11, apresentado para USCF.

Esta escola abençoada,
Deu-nos paz, deu-nos abrigo,
E dará, Pátria adorada;
Flor e Fruto e um lar amigo.
Todos, todos alcançaremos
Com trabalho e com saber;
Na virtude saberemos,
Já no Ofício enriquecer.

(Hino da EAO, Relatório da Escola de Artes e Ofícios, 1938, p. 11, grifo meu).

O Hino da AEO, na composição de sua letra, nos fornece elementos de cunho moralizante: civismo e formação para o trabalho, questões representativas dentro de um contexto escolar dos anos 30/40 do século XX, no caso específico, uma instituição escolar, administrada por uma cooperativa de funcionários da ferrovia, tendo a escola, sua maior experiência, de cunho social e cultural dentro da RVPSC.

Sobre o movimento escolar do ano de 1938, o relatório anual descreve que foram matriculados no curso primário 73 meninos e 70 meninas, num total de 143 alunos, e no curso profissional, 47 alunos.

A partir do ano de 1938, a suspensão de alunos por mau comportamento, por 3 a 5 dias, visando a, segundo o relatório, manter a disciplina no meio escolar, passa a fazer parte do cotidiano da escola. Nota-se que a suspensão cabia somente aos alunos, não há registros de alunas suspensas. O relatório do mesmo ano declara que os alunos dos cursos profissionais masculinos de Marcenaria, Mecânica e Sapataria começam a receber uma gratificação relativa ao trabalho confeccionados por eles, questão esta que não existia desde o início de funcionamento da instituição escolar. Para tanto, ocorrem modificações nos cursos ofertados pela EAO, cabendo a cada professor do curso primário a regência de uma classe. Quanto ao curso profissional, foram iniciadas em julho de 1938 as aulas de desenho técnico, bem como as aulas

teóricas. As aulas de desenho ficaram divididas em duas partes: desenho técnico e desenho artístico.

O desenho ensinado nas secções de sapataria e marcenaria estava a cargo do professor Oswaldo Monteiro e da secção de Mecânica, do mestre Francisco Driessel. As aulas teóricas, seguiam mais ou menos, o Programa das Escolas Profissionais Federais, sendo ministradas uma vez por semana pelos próprios mestres, sendo que para elas foram elaborados quadros didáticos. Segue o relatório escolar dizendo que: como as mesas existentes para desenho não satisfaziam plenamente, foram elas substituídas por pranchetas individuais e de sistema próprio para este ensino. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1938 p. 6-7).

Segundo o Relatório Escolar de 1938, com o objetivo de tornar as aulas mais eficientes, os professores da instituição escolar organizaram um laboratório de Física, Química e História Natural. Os professores Manoel Claro Alves, Francisco Driessel, Ruben Esmanhotto, Angelo Dallegrave, Oswaldo Monteiro e a irmã Maria Rosa fizeram doações dos seguintes materiais: 1 pilha Grenet, 6 tubos de ensaio, 2 pipetas, 1 termômetro, 2 frascos de vidro, 1 cuba, 1 becho, 3 balões de vidro, 1 areómetro, 2 pilhas secas, 1 lanterna elétrica, 5 mapas de história natural, 1 retorta de vidro, 1 cálice graduado, 1 funil de vidro, 1 lâmpada de álcool e vários tipos de inflorescência, vários tipos de caule e vários tipos de folhas (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1938, p.12).

Conforme identificamos nas IMAGENS 4 e 5 do laboratório de Física e do Museu Escolar de História Natural, demonstrado na exposição escolar do ano anterior, por meio do relatório da cooperativa USCF.

IMAGEM 4 - LABORATÓRIO DE FÍSICA EM FORMAÇÃO NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1937



FONTE: Relatório Anual da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1937. Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira- IHGP.

Durante a exposição escolar no final do ano letivo de 1937, a escola fez um demonstrativo aos visitantes do laboratório de Física em formação, conforme IMAGEM 4, nos revelando elementos na imagem como: sistema solar, balança, disco de Newton, pilhas, termômetro, cuba, régua e trena, objetos que passam a fazer parte do laboratório da física da instituição escolar.

Na IMAGEM 5, nota-se a formação do Museu Escolar com materiais doados pelos próprios professores, tais como: mapas de História Natural; do lado direito, identificamos o da fauna brasileira, vários tipos de caule, folhas e inflorescência, figuras geométricas em madeira, pedras e animais taxidermizados¹⁸, que aparecem na parte superior da imagem, elementos característicos de um museu escolar em formação, representativo nas escolas primárias e secundárias no início do processo republicano e evidenciado entre os anos 30 e 40 do século XX no Brasil.

¹⁸ Consultar a dissertação de mestrado em Educação de José Mauricio Ismael Madi Filho, intitulada *Animais taxidermizados como matérias de ensino em fins do século XIX e começo do século XX*, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paul -PUCSP, 2013, sob a orientação do Prof. Dr. Kazumi Munazata.

IMAGEM 5 - MUSEU ESCOLAR DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1937

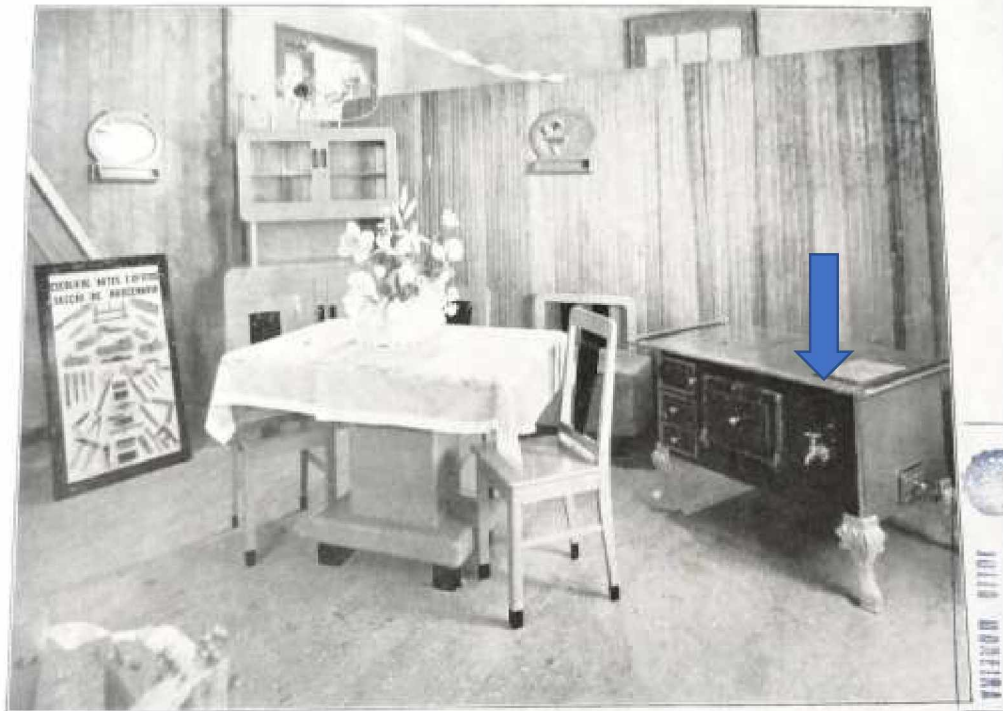


FONTE: Relatório Anual da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1937 Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira-IHGPR

Segundo Madi Filho (2013, p .53), “a taxidermia é uma palavra do século XIX formada pela junção de duas palavras gregas, taxis (forma) e derma (pele), a técnica tem por objetivo tratar e conservar a pele do animal e conferir-lhe uma aparência de vida”.

Quanto à questão da produção das oficinas nos cursos de Sapataria, Marcenaria e Mecânica, o relatório nos mostra a quantidade de itens produzidos em cada seção e destaca o valor de custo. A produção de 234 sapatos, 213 móveis e 7096 peças no setor de Mecânica, que merece destaque na produção de braçadeiras, correspondente a 7080 peças, assim como a produção de um fogão à lenha.

IMAGEM 6 - EXPOSIÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - DETALHE DO FOGÃO PRODUZIDO PELOS ALUNOS DA SEÇÃO DE MECÂNICA - 1938



**COSINHA — Trabalho dos alunos do curso profissional
— de mecânica e marcenaria —**

FONTE: Relatório Anual da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários - 1938.
Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR.

A IMAGEM 6 revela o detalhe do fogão à lenha produzido pelos alunos do setor de mecânica, que comporia o cenário de uma cozinha completa, durante a exposição escolar, com as peças em madeira produzidas pelo setor de marcenaria.

Durante a festa de encerramento das atividades escolares da EAO referentes ao ano de 1938, o relatório escolar descreve a visita à exposição escolar do interventor do estado, Snr. Manoel Ribas, que teceu elogios, referindo-se ao fogão à lenha produzido pelos meninos: “Nunca pensei que aqui se pudesse fazer um fogão do tipo daqueles que apenas vi importado da Alemanha” (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1938, p. 19).

O Relatório Escolar referente ao ano letivo de 1939, apresentado ao Snr. Manoel Claro Alves, diretor-gerente da USCF, demonstra ações que valem sublinhar.

TABELA 4 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1939

MASCULINO	FEMININO
-----------	----------

	1ª CLASSE			2ª CLASSE	3ª CLASSE	4ª CLASSE	TOTAL	1ª CLASSE			2ª CLASSE	3ª CLASSE	4ª CLASSE	TOTAL
	A	B	C					A	B	C				
Alunos matriculados	34	-	14	10	16	8	82	24	-	15	16	17	6	78
Aprovados em Exame	13	-	8	2	7	5	35	5	-	10	6	3	4	28
Reprovados	16	-	4	3	3	1	27	15	-	2	6	6	-	29
Faltaram exame	-	-	-	2	3	-	5	-	-	-	-	5	-	5
Eliminados	5	-	2	3	3	2	15	4	-	3	4	3	2	16

FONTE: Relatório da Escola de Artes e Ofícios-1939. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba.

O movimento da matrícula escolar, durante o ano letivo de 1939, aponta que foram matriculados no curso primário 82 alunos e 78 alunas, num total de 160 alunos, demonstrado pelos dados estatísticos do movimento escolar do curso primário (TABELA 4). Nota-se um alto índice de reprovação: 27 meninos e 29 meninas, num total de 56 alunos. Assim como o total de alunos eliminados: 31 alunos. No relatório não constam os critérios de reprovação e nem de eliminação dos alunos.

Consta no relatório escolar que:

as modificações realizadas em relação ao curso primário adotando aulas mistas, em virtude de haver desigualdade do número de alunos de ambos os sexos, ficando dessa maneira, cada professor, com número de alunos mais ou menos iguais. Segue afirmando que: O curso profissional feminino passou a funcionar todos os dias, no 2º período, que vinha anteriormente só funcionando aos sábados. O curso de corte e costura, nas segundas, quartas e sextas feiras, o curso de flores nas terças e quintas e o curso de bordados no sábado. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939, p. 5).

TABELA 5 - DADOS ESTATÍSTICOS DO MOVIMENTO ESCOLAR DO CURSO PROFISSIONAL

	MASCULINO				FEMININO		
	MECÂNICA	SAPATARIA	MARCENARIA	TOTAL	COSTURA	FLORES	BORDADOS
ALUNOS MATRICULADOS	16	10	13	39	31	42	78
ALUNOS ELIMINADOS	6	3	6	13	15	15	16

FONTE: RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS -1939.

ACERVO: MUSEU FERROVIÁRIO DE CURITIBA

Em relação aos dados estatísticos do movimento escolar do curso profissional da EAO, o demonstrativo nos fornece dados do número de alunos matriculados, merecendo destaque o curso de mecânica no masculino e, no feminino, o curso de bordados (TABELA 5). Dessa maneira, o relatório escolar destaca a produção, durante o ano de 1939, do trabalho desenvolvido no curso profissional masculino:

Sapataria, 415 pares de calçados entre chinelos, botas, botinas, sapatos masculinos.

Marcenaria, 120 peças que eram desde guarda-roupa e sala de jantar c/11 peças.

Mecânica, 4.822 peças, sendo a maior quantidade dedicada as braçadeiras com 2900 peças.

(Relatório da Escola de Artes e Ofícios, 1939, p.10-11, grifo meu).

Cabe destacar que, nos relatórios consultados, não consta a descrição da produção dos trabalhos realizados pelas alunas do curso profissional feminino: Costura, Flores e Bordado.

Dentre as modificações realizadas na instituição escolar, o relatório demonstra que a sessão masculina profissional começa a seguir a orientação de métodos e técnicas do CSEP de São Paulo, ministrando aulas de Matemática, Educação Física, Desenho Geométrico e Desenho à mão livre.

Conforme o Relatório Escolar de 1939:

As aulas de Matemática e Português foram ministradas no 1º período, para os alunos que já concluíram o curso primário e a cargo dos profs. Oswaldo Monteiro e Ângelo A. Dallegrave, respectivamente. Para os alunos em geral foram ministradas aulas de Desenho Geométrico pelo professor Francisco Driessel e a mão livre, pelo professor Oswaldo Monteiro. As aulas de Educação Física foram ministradas uma vez por semana, também aos alunos em geral, dirigidas pelo prof. Ruben Esmanhotto. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939, p. 6).

Salienta-se que, no relatório escolar do ano anterior, a instituição escolar declara ter recebido a visita dos membros da Escola de Seleção e Ensino Profissional de São Paulo (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1938), a qual “se destinava principalmente, ao preparo profissional dos ferroviários, em cursos de quatro anos de duração, nas oficinas de mecânica, de telegrafia e de iluminação” (CUNHA, 2005, p.135). A concepção educativa da SESP tinha como referência a Escola Profissional de Mecânica na Estrada de Ferro Sorocabana, em São Paulo, que teve início em 1930. A empresa serviu de modelo, principalmente no setor de

Mecânica, na formação das escolas ferroviárias, no âmbito da RVPSC, questão essa, que discutiremos no terceiro capítulo desta pesquisa.

A Diretoria-Geral de Educação determinava que, na semana da criança, fosse realizado um passeio com os alunos da escola. Este foi realizado para o Marumbi¹⁹. “Em regozijo aos exames, foi feita uma excursão a Morretes, *com os alunos que foram aprovados, no dia 2 de dezembro*” (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939, p. 9, grifo meu).

Conforme Bencostta (2010, p. 257), a institucionalização do Dia da Criança no Brasil se deu pela publicação do Decreto Lei nº 4867, de 5 de novembro de 1924, que oficializou o dia de sua comemoração para 12 de outubro de cada ano. A seguir, ilustração da Estação do Marumbi, com neblina ao fundo do Pico do Marumbi, no município de Morretes-PR (IMAGEM 7).

IMAGEM 7 - ESTAÇÃO DO MARUMBI - MORRETES-PARANÁ- 2013

¹⁹ No final da década de 1920, os curitibanos e intelectuais paranaenses ventilados pelas ideias do Movimento Modernista que surgiu na então capital federal, Rio de Janeiro, começaram a “descobrir” a paisagem natural do Estado em que viviam, entre as quais se incluía o Marumbi, que pelas suas formas belas e altaneiras foi transformado em símbolo das aspirações do progresso daquela geração (LIMA, op. cit.). Excursões começaram a ser organizadas com o fim de visitar as belezas da região. Pintores, poetas, fotógrafos, botânicos, cientistas e intelectuais, agrupados na revista “Ilustração Paranaense”, começaram a frequentar a já então cinquentenária trilha de Joaquim Olímpio, carregando palhetas, câmeras fotográficas volumosas e grande disposição. Deve-se sem dúvida a estes intelectuais o início da criação a respeito do Marumbi, de uma enorme projeção que penetrou na sociedade curitibana, a ponto de ser este um nome extremamente comum, denominando cidades, ruas, conjuntos residenciais, prédios, parques, rios e acidentes geográficos, uma composição ferroviária e uma estação de trem; além de estabelecimentos e produtos industriais variados como bares, café (bebida), uma empresa de ônibus, uma rádio, clubes, uma fundição, entre outros. Citação retirada de STRUMISKI, Edson. **Parque Estadual Pico do Marumbi, Caracterização Ambiental e Delimitação de Áreas de Risco**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Setor Ciências Agrárias, Curitiba, 1996. p. 8 e 9.



FONTE: Acervo particular da autora - Estação do Marumbi – out/ 2013.

Indicava-se, ainda, a participação da AEO nos desfiles escolares, realizados em Curitiba, por ordem da Diretoria-Geral da Educação, durante o ano letivo de 1939, em dois momentos: 28 de maio num total de 135 alunos e outro, em 7 de setembro, com 148 alunos.

Em 1939, a escola adquire um piano e passa a contar com aulas de música: piano e violino. “As aulas de piano ficaram sob a orientação do prof. Oswaldo Monteiro e as de violino, do prof. Francisco de Lucas. As aulas foram divididas em duas partes: aulas teóricas e práticas (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939, p. 10).

Segundo Sá (2010, p. 230), pretendia-se, pelas aulas de música, que o estudante fosse estimulado ao convívio coletivo e a apreciar o belo, além de aprender os ideais nacionalistas. O relatório aponta, ainda, que durante o ano letivo foram ministradas, pelo professor Ângelo A. Dallegrave, aulas de catecismo para todos os cursos, obedecendo o seguinte horário: aos sábados, para os alunos do curso

primário do 1º período e às terças-feiras, aos alunos do curso profissional e primário do 2º período.

Vale lembrar que a Constituição de 1937, no seu art. 133, declarava que

O ensino religioso poderá ser contemplado como materia do curso ordinário das escolas primarias, normaes e secundarias. Não poderá, porém, constituir objecto de obrigação dos mestres ou professores, nem de frequencia compulsoria por parte dos alumnos. (PORTO, 1937, p. 84).

A instituição escolar, durante o ano de 1939, intensifica as sessões cívicas, que já faziam parte do cotidiano da escola, tendo sido realizadas, conforme relatório da EAO, as seguintes:

1ª Memória do Herói Incógnito - 4 de março, tendo a palavra o Snr. diretor-gerente- Manoel Claro Alves.

2ª Homenagem a Carlos Gomes - 15 de abril, fazendo uso da palavra o prof. Ruben Esmanhotto.

3ª Homenagem a Santos Dumont - 13 de maio, a cargo do prof. Ângelo A. Dallegrave.

4ª Homenagem a Machado de Assis - 30 de agosto, tendo a palavra o prof. João Ribeiro.

5ª Homenagem a Primavera - 23 de setembro, discorrendo sobre a Primavera, o prof. Francisco Brasil Filho.

6ª Homenagem a Bandeira Nacional - 18 de novembro, a cargo da professora Herminia Dallegrave. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939, p.14-16, grifo meu).

IMAGEM 8 - SESSÃO CÍVICA EM HOMENAGEM A CARLOS GOMES - FAZENDO USO DA PALAVRA O PROF. RUBEN ESMANHOTTO - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS – 1939

2ª - HOMENAGEM A CARLOS GOMES:- a 15 de abril, fazendo uso da palavra o prof. Rubens Esmanhotto.



FONTE: Relatório da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários - 1939. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba.

Segundo o relatório escolar, o professor Ruben Esmanhotto (IMAGEM 8) fazia parte do quadro de professores do curso primário da EAO, e no ano letivo de 1939 ministrava, uma vez por semana, aulas de Educação Física para os alunos em geral. Na sessão cívica em homenagem a Carlos Gomes²⁰ fez o uso da palavra sobre o compositor e músico brasileiro, com destaque internacional.

²⁰ Antônio Carlos Gomes (Vila de São Carlos, atual Campinas, São Paulo, 1836 - Belém, Pará, 1896) - compositor. Filho de Manuel José Gomes (1792-1868), regente da banda da cidade e professor de piano, violino, canto e órgão. Em 1846 toca triangulo na banda marcial durante a visita de D. Pedro II à cidade de Campinas. No ano seguinte estuda clarineta, piano e violino - com o professor Paul Julien, violonista premiado pelo conservatório de Paris - e faz suas primeiras composições. Escreve a ópera // *Guarany*, baseada no romance *O Guarani*, do escritor José de Alencar (1829-1877), do libreto de Antônio Scalvini. Estreia no teatro *Scala*, de Milão, em 19 de março de 1870 e se apresenta em várias capitais da Europa. O Sucesso da ópera rende a ele o título de Cavaleiro da Ordem da Coroa, da Itália, e o coloca entre os principais compositores internacionais. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa_15076/carlos-gomes. Acesso em: 7 dez. 2020.

IMAGEM 9 - SESSÃO CÍVICA - HOMENAGEM A BANDEIRA - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1939



FONTE: Relatório da Escola de Artes e Ofícios - 1939. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba.

A IMAGEM 9 revela um altar em homenagem à Bandeira Nacional, durante a sessão cívica, realizada no dia 18 de novembro de 1939, na Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários. Da mesma forma, para melhor

compreendermos o sentido desse altar, convém lembrar a participação de Olavo Bilac²¹ na *Liga da Defesa Nacional*²².

Cabe ressaltar que o poeta foi autor do Hino e da Oração à Bandeira em 1906, conforme descreve em sua obra *Olavo Bilac - O homem Cívico* (1968, p. 21), o general Moacir Araújo Lopes, dizendo que, Olavo Bilac, “põe à disposição da Pátria a glória de poeta e os profundos ideais, lançando na mente e no espírito dos brasileiros, sobretudo da juventude, a chama ardente do patriotismo (LOPES, 1968, p. 21).

Ademais, dentre os símbolos visuais, segundo Riviére (1989, p.228),

Não é de surpreender o tratamento prioritário conferido à bandeira. Arvorada nas ocasiões solenes, ainda que possa tremular cotidianamente em alguns edifícios públicos como signo de reconhecimento útil para a diferenciação de um grupo. Símbolo da unidade, realiza sobre as multidões, que a identificam como sua, um trabalho de integração no presente, mas também através da história, na medida em que se refere aos que a defenderem e glorificaram: os ancestrais, daí a evocação de uma aliança de tipo sagrado entre os vivos, e as grandes figuras do passado e do futuro. (RIVIÈRE, 1989, p. 228).

Ainda no relatório de 1939, sobre a questão do exame, consta que,

Por determinação da Diretoria-Geral da Educação, os exames do 1º, 2º e 3º anos foram realizados pelos próprios funcionários da Escola, sob a presidência do diretor. Constaram de provas escritas e orais que iniciavam a 25 de novembro e terminaram a 27 do mesmo mês. O 4º ano foi examinado pela banca nomeada pela Diretoria-Geral de Educação, composta dos srs. Adolfo Nascimento Brito, Raul Viana e Hariel Bastos. As provas tiveram início no dia 29 de novembro e foram conclusas no dia 30 do mesmo mês. A 30 de novembro foram feitos também os exames do curso de costura, tendo como examinadora a sra. D. Noemia M. Pereira. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939, p. 10).

Embora o relatório não faça referência à realização de exames nos cursos de Flores e Bordados, na sessão profissional feminina, os cursos tiveram continuidade na AEO como demonstra o movimento do relatório escolar do mesmo ano.

²¹ Olavo Bilac (Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac), jornalista, poeta, inspetor de ensino, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a cadeira nº. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia> e <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-da-defesa-nacional-ldn>. Acesso em: 9 jan. 2020.

²² Associação civil fundada em 7 de setembro de 1916 no Rio de Janeiro por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Álvaro Alberto, entre outros. Seu objetivo central, de acordo com os estatutos de 1916, ainda hoje em vigor, é “congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes”, difundindo “a educação cívica, o amor à justiça e o culto do patriotismo”. Foi considerada de utilidade pública pelo Decreto nº 67.576, de 16 de novembro de 1970.

A cobrança máxima da produtividade pela instituição escolar, é, porém, o exame. No discurso escolar, o exame é o ápice dos trabalhos quando mostra o resultado do esforço pessoal, em um espetáculo, uma cerimônia tornada pública, para que todos vejam o sucesso ou o fracasso de cada estudante. A escola inicia, assim, um exame ininterrupto que acompanha toda a operação do ensino- prática que segue a aluna pela vida afora, traçando- lhe a linha que separa o correto do incorreto e tem apoio no consenso e na lei. (TRINDADE, 1996, p. 58).

3.5 A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA FERROVIÁRIA FEMININA NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS

Ao discutirmos sobre a escolarização da infância feminina ferroviária, vale lembrar a condição da mulher no contexto dos anos 30/40 e sua participação na sociedade, assim como os condicionantes dados na sua formação escolar, no caso específico, meninas de 7 a 12 anos de idade, filhas de ferroviários. A seção feminina da instituição de Artes e Ofícios Ferroviária ofertava o ensino primário e profissional. Os trabalhos realizados pelas alunas na seção profissional eram apresentados por meio das exposições escolares, nas festas de encerramento do ano letivo escolar.

Cabe ressaltar que, a única experiência de uma instituição escolar ferroviária de Artes e Ofícios feminina, ocorre em 1922, na cidade de Santa Maria-RS, conforme demonstrado por Flores (2008, p. 220),

A inauguração da Escola de Artes e Ofícios da *COOPFER*²³, ano em que a diretoria teve a ideia de construção da escola feminina. Esta escola seria um curso complementar destinado às filhas ou tuteladas dos associados, voltada para a educação moral e profissional. Igualmente, como primeira iniciativa educacional fora da sede, a Cooperativa iniciou a construção da escola na cidade de Gravataí, junto à área da estação.

De acordo com Santos²⁴ (2004, p. 37), durante o ano de 1921, a Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul projetou uma Escola voltada para a educação das moças filhas dos funcionários da Viação Férrea, sendo criada a Escola de Artes

²³ COOPFER - Fundada em 1913. Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul Limitada, que foi durante sessenta anos, pelo menos, a maior referência de associativismo de sucesso entre as diversas categorias profissionais que formavam o proletariado gaúcho. Os trabalhadores da V.F.R.G.S, vol.2 Flores, João Rodolpho Amaral, 2008, Santa Maria, RS p.189

²⁴ Consultar a dissertação de mestrado em Educação sobre a *“Educação Feminina :Escola de Artes e OFÍCIOS Santa Teresinha no município de Santa Maria/RS, estudo de caso”*, (PPGE, UFSM, RS, 2004), de autoria de Cláudia Medianeira Gomes dos Santos, onde ela analisa por meio da história oral e imagens da História da Educação, a Escola de Artes e Ofícios Feminina, entre 1921 a 1930, dentro de uma proposta de ação social da cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (COOPFER).

e Ofícios, secção feminina, aberta em 1922 e transferida para o prédio próprio, especialmente construída para abrigar as meninas em 1930.

Da mesma forma, inaugura-se em Curitiba, em 1933, a Escola de Artes e Ofícios da Cooperativa USCF, com formação primária e profissional, com secção feminina. Para melhor compreendermos a escolarização das meninas na Escola de Artes e Ofícios Ferroviária e sua formação pelas irmãs São José, destaca-se a construção do pensamento social, a partir do século XIX, e o que caberia às mulheres em seu aprendizado diário:

O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seus lugares quase predeterminados, até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. 'Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos', declara um delegado operário da exposição mundial de 1867. (PERROT, 2018, p. 187, grifos no original).

Deve-se notar, porém, que essa construção permaneceu no processo de escolarização feminina, anos 30/40 do século XX, reforçando o papel social da mulher, que consistia nos cuidados com a família e na formação para prendas domésticas, por meio dos trabalhos manuais, principalmente com uso de agulhas, tecidos e bordados.

3.5.1 A infância ferroviária entre agulhas, tecidos e bordados

Desse modo, sobre a escolarização dada à infância feminina ferroviária, vale destacar o trabalho desenvolvido pelas irmãs da Ordem de São José do Colégio N.S.de Lourdes, Cajuru, que, além do curso primário, educam as alunas dentro de uma formação profissional por meio do ensino de trabalhos manuais: corte e costura, flores e bordado. As respectivas irmãs atendiam pelo nome de Maria Adolfinia e Maria da Cruz.

A introdução da mulher nos trabalhos manuais é, portanto, tão presente nas instituições religiosas quanto nas simples salas dos estabelecimentos públicos ou nos ambientes da Escola Profissional Feminina. Cumpre a todas elas prepará-la, não somente para a perfeita execução dos trabalhos manuais como para a administração e o controle do bom andamento doméstico. (TRINDADE, 1996, p. 57).

Pedro (2010), em seu trabalho sobre mulheres do sul, ressalta que, a partir da Proclamação da República houve uma divulgação da nova imagem feminina nos jornais da época.

Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de mulher como boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais. (PEDRO, 2010, p. 281).

As considerações feitas por Francisco Negrão²⁵ (1935, p. 121), em comemoração ao cinquentenário da Estrada de Ferro do Paraná, referindo-se à Educação da Mulher no Paraná, destaca os acontecimentos que interferiram nessa formação, afirmando que:

As reformas sociais operadas na velha Europa, após a grande guerra, vieram perturbar a organização social anterior, em que a mulher era a rainha e senhora do lar, para atira-la na luta de competição com o homem; situação em que ella só sahiu perdendo. Não podemos nos alongar, nesta Memoria, como desejamos, sobre os inconvenientes desse estado de cousas. O leitor já se acha convenientemente inteirado delle, pela visão nítida das cousas. A mulher precisa ser solidamente amparada e encaminhada a fim de que possa voltar ao pedestal donde nunca devêra ter sahido. Crie-se para ellas escolas de prendas domésticas, atelieres de costuras, de objetos de moda, chapéus; ensine-se lhes a arte culinária etc. Prepara-lhe para enfrentar com firmeza e competência, os embates da vida tornando-as esposas e mais carinhosas e dignas. Só assim poderemos nobremente triumphar da voragem da actualidade. (NEGRÃO, 1935. p. 121).

Nesse sentido, as considerações elaboradas pelo autor, dentro do contexto da época, anos 1930/1940, apontam que, diante dos efeitos sociais produzidos pela crise mundial, pós-Primeira Guerra na Europa, tais acontecimentos refletiram na condição da mulher na sociedade brasileira, demonstrando um certo tensionamento dessa condição, em que a mulher deixa o recinto do lar e da família para o mundo do trabalho, dentro de uma escolarização de cunho profissionalizante

²⁵ O capitão Francisco de Paula Dias Negrão é filho do capitão João de Souza Dias Negrão e de sua consorte Maria Francisca da Luz Negrão, ambos pertencentes a velhas famílias paranaenses. É consorciado com d. Astrogilda Negrão. É capital honorário do exército por serviços prestados a República em 1893 durante a revolta da Armada. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, do Centro de Letras do Paraná e do Círculo dos Estudos Bandeirantes de Curitiba. Publicou numerosas e valiosas obras como: **GENEALOGIA PARANAENSE**, da qual falta editar o 5º volume. É um trabalho colossal, abrangendo estudos minuciosos de genealogia das mais notáveis famílias do Paraná; **AS MINAS DE OURO DA CAPITANIA DE PARANAGUÁ**; **A CONJURA SEPARATISTA DE 1821** etc. Redigiu o Boletim do Arquivo da Câmara Municipal de Curitiba, editando nada menos de 60 e tantos volumes de mais de 100 páginas cada um com preciosos documentos históricos dos arquivos da edilidade curitibana. É funcionário aposentado da Receita Federal. Concoentenário da Estrada de Ferro do Paraná publicado pela RVPSC, Imprensa Paranaense, Curitiba, 1935, p. 93, grifos no original.

Ademais, no que se refere às mulheres em Curitiba:

[...] no momento imediatamente posterior à Proclamação da República, travou-se uma intensa batalha entre os jornais, na qual os positivistas-aliados aos maçons-disputavam com os católicos conservadores o predomínio do pensamento na cidade. Cada um deles tinha uma forma específica de idealizar as mulheres, no entanto, concordavam em que os papéis definidores da feminilidade eram os de esposa, mãe e dona de casa. A esse respeito, portanto, acompanhavam aquilo que os jornais das demais capitais dos estados do Sul estavam divulgando. (PEDRO, 2010, p. 293, grifo meu).

Conforme Freitas²⁶ (2011), percebe-se, portanto, que uma concessão de espaço ao público feminino, visando prioritariamente seu preparo para atuação junto ao meio social, nesse caso, provavelmente como boas esposas, passa a ser difundido em alguns veículos e informações como forma de tornar visível esse incentivo. Nesse sentido, mesmo que esse discurso esteja imbuído de interesses políticos em suas entrelinhas, observa-se que sua circulação se reserva a uma educação que não oferecerá riscos de se entrelaçar às funções masculinas (FREITAS, 2011, p. 19).

Essa era a representação da mulher como esposa, mãe e dona de casa. Nota-se que esta possibilidade de mudança e mobilidade social da mulher na sociedade causa estranhamento e um constante estado de ameaça aos homens, em ter a mulher fora de casa, exercendo atividades e participação em algo diferente daquilo que supostamente estavam destinadas a exercer, que seriam somente atividades relacionadas às questões domésticas, vinculadas ao lar.

²⁶ Consultar a dissertação de mestrado de Danielle Gross de Freitas. *“Entre Ofícios e Prendas Domésticas: A Escola Profissional Feminina de Curitiba (1917-1974)*, UFPR:Curitiba, 2011, sob a orientação do Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta. A autora aborda o estudo sobre a Escola Profissional Feminina em Curitiba, destacando a educação e escolarização desenvolvidas no período em questão, que caminhavam em consonância com a divisão dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, bem como distinções relacionadas à sua circulação nos espaços públicos e privados, o que acarretou em peculiaridades na organização e sistematização do ensino profissional para ambos os sexos.

IMAGEM 10 - FESTA DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO E NATAL DOS FERROVIÁRIOS - DETALHE NA IMAGEM - A PRESENÇA DAS ALUNAS COM AS IRMÃS DA ORDEM SÃO JOSÉ - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1935



FONTE: Escola de Artes e Ofícios-1935. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba. Foto: Arthur Wischral.

A IMAGEM 10 revela a festa de encerramento do ano letivo de 1935 e Natal dos Ferroviários, detalhe da imagem, as meninas no contexto escolar, feita pelo fotógrafo Arthur Wischral, contratado pela RVPSC.

A partir da imagem, três elementos são representativos: os meninos de um lado com a formação do batalhão escolar, as meninas aparecem em frente a eles, com as irmãs da Ordem São José, professoras do curso primário e profissional feminino na instituição escolar. O destaque da imagem fica por conta das autoridades presentes nas festividades, que nos remetem ao contexto social, político e cultural dos anos 30/40 do século XX em Curitiba, e o significado de uma escola primária e profissional para os ferroviários e suas famílias e o caráter social e cultural representado durante as festividades de encerramento das aulas na instituição escolar.

Diante disso, o momento das festividades escolares era quando a escola ganhava visibilidade diante dos funcionários da RVPSC, por meio da apresentação dos trabalhos escolares da seção profissional, produzidos pela infância ferroviária e o pátio escolar servia como palco dos discursos das autoridades presentes e as apresentações cívicas desportivas dos alunos da Escola de Artes e Ofícios. Os festejos de encerramento das aulas, juntamente com os festejos do Natal, oferecidos pela RVPSC para a “Família Ferroviária”, com a participação de convidados ilustres como autoridades políticas do Estado, eclesiásticas e representantes da própria RVPSC, tais como: o interventor do estado do Paraná na época, o Sr. Manoel Ribas; Sr. Alexandre Gutierrez, superintendente da RVPSC, juntamente com o Sr. Lineu do Amaral, presidente da cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários e demais convidados.

Na revista CF de janeiro de 1934, o editorial sobre a inauguração oficial da EAO descreve o programa organizado pela irmã Maria Adolfina²⁷, com as alunas da escola, obedecendo aos seguintes temas nas apresentações: as flores, a lição, amor materno, a boca, servir à Pátria, na escola, os pais, o meu Brasil, amor ao Brasil, Hino ao Brasil.

O programa organizado pela irmã Maria Adolfina, da Ordem de S. José, profeta educadora que vem prestando o seu valioso concurso a iniciativa da União, como se pode verificar pelo desempenho dado e que constituiu motivo de elogiosos comentários. Todas as meninas cantaram com arte e com sentimento os diversos números lhes confiados, uma, porém nossa comoveu a tal ponto que não podemos deixar de fazer especial menção ao seu nome: Lourdes Miranda -tão pequena, tão galante e como soube dizer! (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jan/1934, p. 115).

²⁷ Irmã Adolfina, era seu nome religioso, seu nome civil Ester Neves Colen. Nasceu na cidade de Diamantina, estado de MG, no dia 10 de outubro de 1890. Era filha de Adolfo Colen e Maria Neves Colen. Ingressou na Congregação Irmãs de São José, cidade de Curitiba, PR, como postulante dia 24 de maio de 1920. Iniciou o noviciado dia 23 de dezembro de 1921 e seu compromisso definitivo com a Ordem São José tornando-se freira, foi no dia 23 de dezembro de 1927. Irmã Adolfina tinha o Curso Primário completo e o Curso Normal. Tinha o domínio dos idiomas: português e do Francês. Sempre atuou como professora. Exerceu sua missão de modo muito especial com dedicação, amor, carinho nas comunidades em que trabalhava. Durante os anos de 1922 a 1928 atuou no Colégio São José, cidade de Paranaguá, PR. De 1929 a 1938 no Lar dos Meninos de São Luiz, Curitiba, PR. De 1939 a 1940 no Colegio São José, Cidade da Lapa, PR. De 1941 a 1949 no Colégio São José, na cidade de Castro, PR. 1950 a 1963 no Colégio São José, cidade de Curitiba. Ela faleceu em 07 de janeiro de 1972, aos 82 anos de idade e 51 anos de vida religiosa. Informações gentilmente cedidas pela irmã Noivil Belusso, responsável pelo Museu do Convento São José, Cajuru, Curitiba, PR.

Na escola, a formação do cidadão implica, pois, numa série de princípios que se colocam em prática em todos os estabelecimentos de ensino, masculinos e femininos, dos mais variados tipos e orientações (TRINDADE, 1996, p. 89). Calcada no sentimento e na moral, na ética e no altruísmo, a transmissão desses princípios utiliza estratégias que facilitam o ajustamento do indivíduo ao modelo pretendido: disciplina e ordem; aprimoramento físico, moral e cívico; festas e cerimônias patrióticas.

O jornal O DIA explicita a dimensão dos festejos do Natal dos Ferroviários e encerramento das aulas no pátio da Escola de Artes e Ofícios:

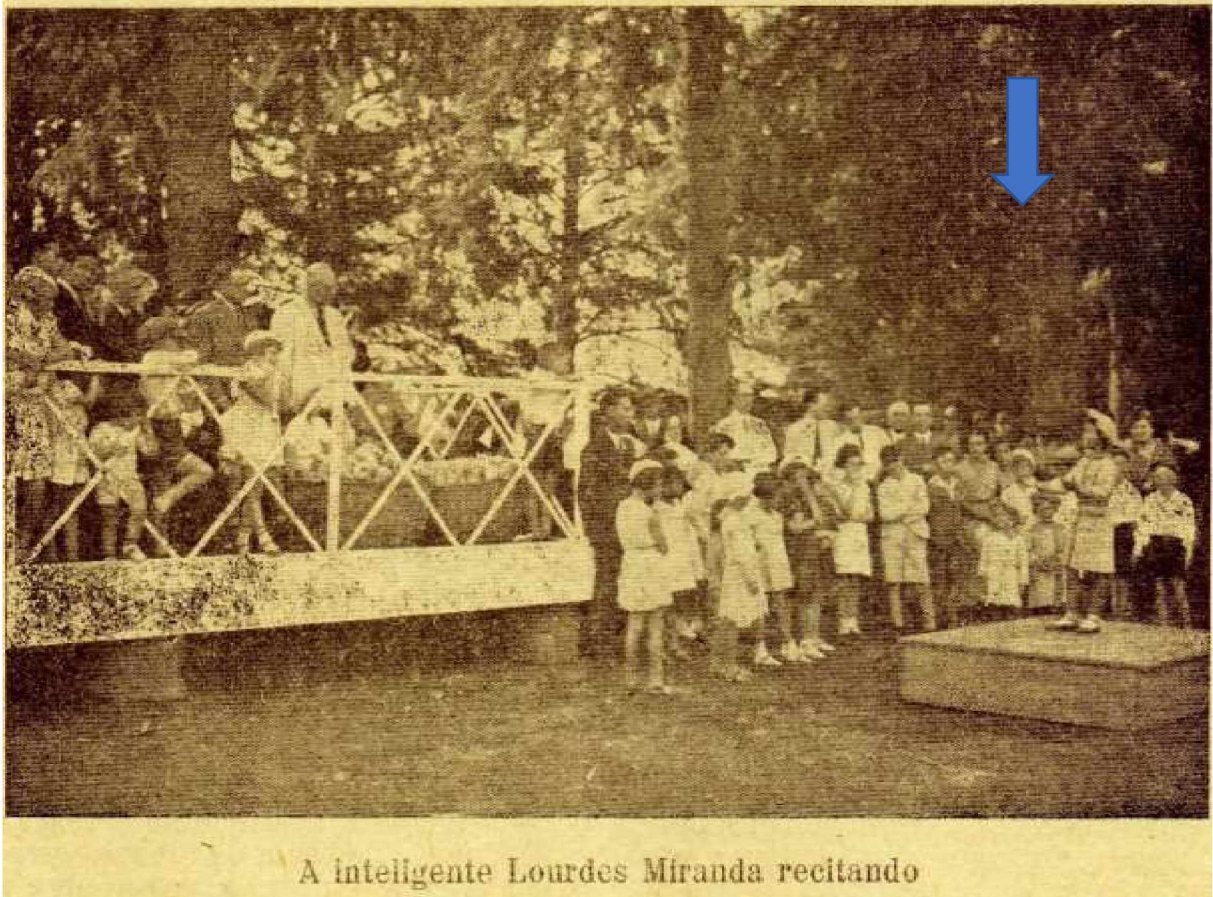
No pátio da Escola que se achava tomada por centenas de trabalhadores da Rede, com suas exímias famílias, formou o batalhão de meninos e meninas que frequentam o estabelecimento do ensino profissional, mantido pela União e que é dirigido pelo professor Nelson Estrella. (O DIA, 27/12/35, p.3).

Dentre os rituais da festa escolar ferroviária estava o de recitar um poema (FIGURA 24), que merece destaque no editorial sobre a festa de encerramento do ano letivo e festejos de Natal dos ferroviários referente ao ano de 1935. A narrativa diz que:

A nota mais atraente da tarde foi dada pelas crianças, as lindas meninas que recitaram e cantaram, são elas: - **Lourdes Miranda**, a inteligente menina que neste, como no ano passado prendeu a atenção da assistência pela dicção, pela graça e pelo encanto: Luci Schultz, Jaci de Paula, duas galantes e vivas creanças que desempenharam com arte, e entusiasmo dois lindos números que comoveram a assistência. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, p.190, grifo meu).

A IMAGEM 11 revela-nos a aluna Lourdes Miranda recitando um poema na festa escolar de encerramento das aulas da Escola de Artes e Ofícios e Natal dos Ferroviários. Nota-se, no canto esquerdo da imagem, um palanque com as autoridades e convidados presentes nos festejos, observam-se também dois cestos com os prêmios a serem distribuídos para as crianças.

IMAGEM 11 - FESTA ESCOLAR - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - ALUNA LOURDES MIRANDA RECITANDO UM POEMA – 1936



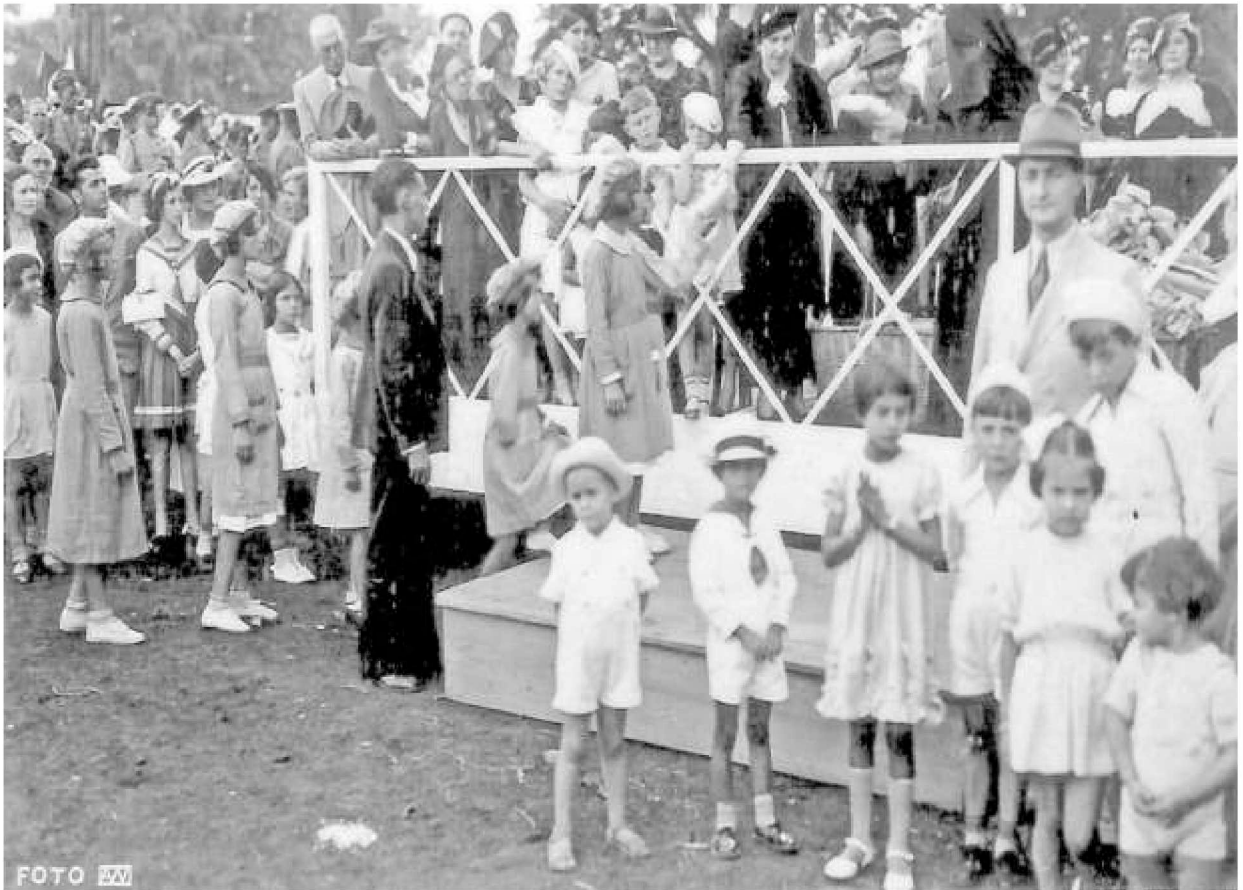
FONTE: Revista "Correio dos Ferroviários", Fev./1936. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

Nesta perspectiva, conforme destaca Riviére (1989),

A força do rito se mede pela emoção que suscita: uma emoção favorecida pela atenção que ele exige de quem faz parte das cerimônias, do auditório, dos participantes engajados nesse tipo de comunicação, uma emoção tocada pelas metáforas veiculadas pelo rito e que fazem o psiquismo vibrar mais ainda porque se referem a situações vitais. (p.186).

Nos registros feitos por Wischral, olhando através da imagem a "fotografia não apenas como documento, mas também como monumento e, como toda a fonte histórica, deve passar pelos trâmites das críticas externa e interna para depois ser organizada em séries fotográficas, obedecendo a certa cronologia" (MAUAD,1996), identificamos códigos de uma representação social dos ferroviários por meio de uma ação concreta realizada pela Cooperativa dos Ferroviários na formação educacional da infância ferroviária.

**IMAGEM 12 - FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS -
DETALHE DA IMAGEM - ALUNAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS RECEBENDO OS PRÊMIOS
DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1936**



FONTE: Correios dos Ferroviários, Fev./1936. Acervo: Casa da Memória de Curitiba, Coleção/Fundo: Coleção Júlio Moreira, Escola de Artes e Ofícios - 1936. Foto: Arthur Wischral.

A IMAGEM 12, feita pelo fotógrafo AW, na festa de encerramento das atividades escolares na Escola de Artes e Ofícios e Natal dos Ferroviários no pátio da instituição escolar, revela as alunas recebendo os prêmios oferecidos pela União de Socorros e Consumo dos Ferroviários. Detalhe da menina com papel na mão, Lourdes Miranda, que declamava poesia. De terno preto, ao lado das meninas, o diretor da escola, Sr. Nelson Estrela. Nota-se ao fundo, a Banda da Força Militar do Estado do Paraná e, no lado direito da imagem, o presidente da cooperativa dos ferroviários, Dr. Lineu do Amaral, de chapéu, junto às crianças.

Diálogos e silêncios permeiam nossa relação com as imagens. O que elas dizem em suas iconografias nos é relativamente inteligível. É por trás da aparência, porém, no ato de sua concepção e ao longo de sua trajetória, naquilo que ela tem de oculto, em seus silêncios, que residem as histórias secretas dos objetos e dos seres, das paisagens e dos caminhos. São os mistérios que encobrem o significado dos conteúdos gravados nesses pequenos pedaços de papel. O próprio aparente se carrega de sentido na medida em que recuperamos o ausente da imagem. (KOSSOY, 2014, p. 156)

IMAGEM 13 - FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS -
DETALHE DAS ALUNAS AO FUNDO NA APRESENTAÇÃO DE GINÁSTICA SUECA - ESCOLA DE
ARTES E OFÍCIOS - 1936



FONTE: Revista Correio dos Ferroviários, Fev./1936. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

A IMAGEM 13 nos revela os alunos da Escola de Artes e Ofícios realizando uma demonstração de exercício da ginástica sueca. Mostra os meninos à frente e as meninas atrás, com a irmã Maria Adolfina ao lado delas. Percebe-se a árvore de Natal ao fundo do pátio escolar, representando o Natal da Família Ferroviária.

No Brasil, a ginástica sueca ganha destaque com o “famoso parecer intitulado *Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da instrução pública*²⁸, publicado em 1883, em que Rui Barbosa sugere a inclusão da ginástica sueca nas escolas, em virtude de suas características pedagógicas” (BARBOSA, apud MORENO, 2003, p. 57).

²⁸ Consultar BARBOSA, R. Obras completas de Rui Barbosa, v. X — 1883, t. II --- Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; 1947.

Ainda em Moreno (2003, p. 57), Rui Barbosa era defensor do método de Ling²⁹ também porque nele estavam inseridas a formação moral, higiênica e disciplinadora, além de ser uma prática científica, já que era constituída de pesquisas nas áreas de fisiologia, anatomia e biologia. O papel da ginástica tocava em quatro importantíssimos pontos sociais: o higiênico, o moral, o estético e o econômico. Respeitados como leis, esses pontos deviam estar em equilíbrio numa sessão de ginástica, pois favoreciam a harmonia do corpo humano. Para tanto, convém salientar que, a partir do Estado Novo, “o tratamento especial que Capanema reserva às mulheres se desdobraria em dois planos. Por um lado, haveria que proteger a família, por outro, haveria que dar à mulher uma educação adequada ao seu papel familiar”. SCHWRTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 123).

Conforme o Plano Nacional de Educação de 1937:

O Projeto de Capanema previa a existência de um ensino nada mais que doméstico. Específico para meninas entre 12 e 18 anos, equivaleria ao ensino secundário feminino e seu conteúdo era predominantemente prático e profissionalizante, no sentido da educação para o lar. Segundo as projeções do ministro, o ensino feminino básico para as mulheres da classe trabalhadora deveria ser dividido em doméstico geral, doméstico agrícola e doméstico industrial, realizáveis em dois ciclos cada um; o primeiro, formaria donas de casa especializadas, e o segundo, professoras para manter esse sistema. Tal ordenação profissional das mulheres não chegou a ser implantada, mas algumas características acabaram por se fazer presentes nos programas de educação doméstica, tradicionalmente desenvolvidos por instituições religiosas destinadas à educação feminina. (REIS, 1993, p. 94).

²⁹ Em 1805, Per-Henrick-Ling (1776-1839), sueco, professor de esgrima, encontrava-se com uma paralisia no braço direito e com predisposições para a tuberculose. Tentando combater esse mal, resolve fortalecer seus pulmões por intermédio de movimentos de braços, conjugados com inspirações profundas. Começa a nascer assim a ginástica sueca, pensada como um método – racional e prático – para o desenvolvimento e robustecimento dos diversos órgãos do corpo humano. Baseado nas ciências naturais, alastra-se pelo país como solução para a regeneração do povo escandinavo. Fundamentando-se em múltiplos conhecimentos: na biologia humana, nas ciências naturais, morais e sociais e na pedagogia, ele pretendia que o método fosse mais do que uma receita para viver bem no plano meramente biológico. (Retirado do artigo: Rio de Janeiro e o Corpo do Homem Fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca, produzido pela professora doutora Andrea Moreno e publicado na Revista Brasileira de Ciência e Esporte, Campinas, v.25, n. 1, p. 55-68, set.2003. grifo meu).

IMAGEM 14 - APRESENTAÇÃO DAS ALUNAS DO CURSO PRIMÁRIO E PROFISSIONAL DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1939



FONTE: Relatório da Escola de Artes e Ofícios - 1939. Acervo: Museu Ferroviário Curitiba.

A IMAGEM 14 revela as alunas do curso primário e profissional, vestidas com figurino para a apresentação na sessão litero-musical, juntamente com as professoras Herminia Dallegrave e Alpha Patitucci, que, respectivamente, começam a ocupar os cargos de professoras do curso primário e do curso profissional feminino, antes ocupados pelas irmãs da Ordem de São José, na festa de encerramento das aulas do mês de julho, chamada de férias de inverno.

Na apresentação das alunas, segundo o Relatório Escolar de 1939, constavam as seguintes atividades:

Tardes de Outono- Canto da aluna do 4º ano-Odete Santos
A orfãzinha- Poesia pela aluna do curso profissional Ivone Teixeira
A vovozinha- Monologo musicado pela aluna do curso profissional-Luiza Silveira
Toada- Canto pela aluna do 4º ano- Lourdes Miranda
Canto de Saudade- pela aluna do curso profissional Érica Habitzreuter
Sabe-tudo- monologo pela aluna do 3º ano-Clotilde Campos
Que Sôdade- Canto e dança por várias alunas. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939, p.13, grifo meu).

Faria Filho (2005, p. 245) considera que o processo de escolarização, quanto às culturas escolares, não é pressuposto; elas são o processo e o resultado das experiências dos sujeitos, dos sentidos construídos e compartilhados e/ou disputados pelos atores que fazem a escola. Por isso, ao mesmo tempo em que, do ponto de vista teórico e metodológico – considera-se a existência de outras culturas institucionais que estão em consenso e/ou conflito com a escola - como a cultura familiar, a cultura religiosa etc., é preciso considerar-se que os sujeitos que a constroem guardam, também, diversos pertencimentos e identidades pelos quais as culturas escolares estarão continuamente informadas.

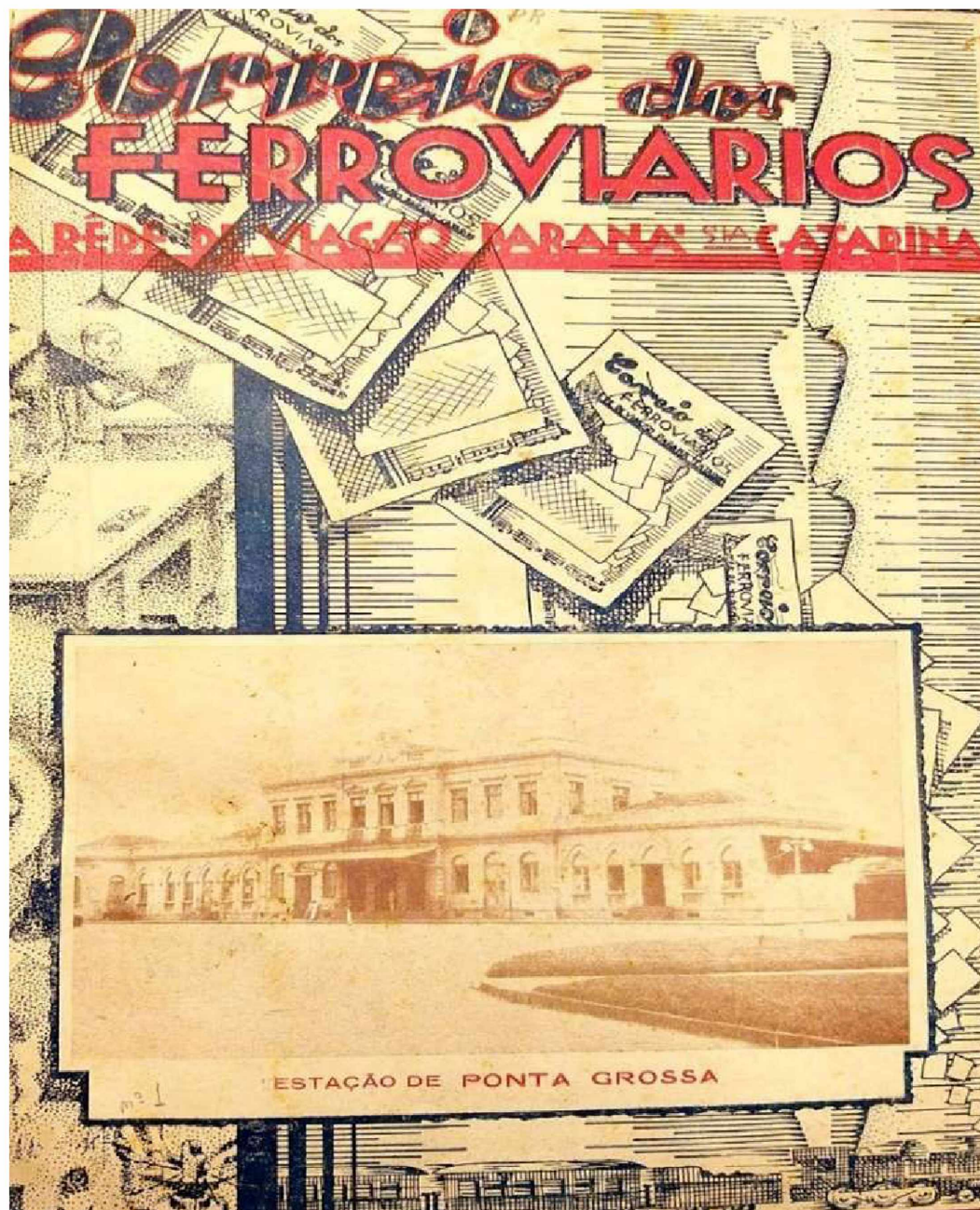
Nesta perspectiva, nota-se que a festa de encerramento do primeiro período das aulas, mês de julho de 1939, possuía um caráter mais leve, no sentido do ritual das apresentações escolares, se compararmos com as festas dos finais do ano letivo, quando era comemorado também no pátio da instituição escolar, o Natal dos ferroviários.

3.6 A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS NA REVISTA “CORREIO DOS FERROVIÁRIOS”

A revista *Correio dos Ferroviários* (FIGURA 9) teve sua 1ª edição publicada em outubro de 1933, com uma tiragem inicial de 2000 exemplares, no mesmo ano da inauguração da Escola de Artes e Ofícios da USCF, em Curitiba. O periódico era uma publicação interna da RVPSC, que circulou no meio ferroviário de 1933 até 1973, portanto, 40 anos. “Era distribuída para todas as ferrovias do país e para a administração da RFFSA, alcançando uma tiragem entre 11,5 e 13 mil exemplares, entre os anos de 1955 e 1973”³⁰

³⁰ Petuba (2011) diz que, em diálogo com uma série de revistas cujos números foram publicados no período de 1955 a 1973, a revista *Correio dos Ferroviários* (RCF) era uma publicação interna da RVPSC, editada em 1933 e distribuída para todas as ferrovias do país e para a administração da RFFSA, alcançando, nesse período, uma tiragem variável entre 11,5 a 13 mil exemplares. (PETUBA, Rosângela Maria Silva, Na trama dos trilhos: Cidade, Ferrovia e Trabalho, Ponta Grossa, PR (1955-1997), Doutorado em História, UFSC, p. 74).

FIGURA 9 - CAPA DA 1ª EDIÇÃO DA REVISTA CORREIO DOS FERROVIÁRIOS - 1933



FONTE: Revista Correio dos Ferroviários, 1ª ed. Out./1933 - RVPSC. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

A revista criada oficialmente pela RVPSC, com o propósito de divulgar questões relacionadas aos ferroviários, tratava em seus editoriais dos mais diferentes temas sobre a ferrovia, tais como: Atos da Diretoria e Caixa de Aposentadorias e Pensão dos Ferroviários, a construção de casas, assim como a publicação dos decretos-leis pertinentes à classe, dentre outros. Tinha como diretor Raul Carvalho, redatores

Francisco Guimarães e Antônio R. Gomes e gerente, Antônio Dantas. Todas as edições eram produzidas em Curitiba, pela Empresa de Publicidade Limitada.

Vale dizer que a edição de agosto de 1934, próximo a completar um ano de existência, lança um editorial chamado Mais Trabalho!, referindo-se à difusão e propaganda da revista, no qual salienta que todos os ferroviários estão moralmente obrigados a defender esse órgão de publicidade ferroviária. O editorial aponta ainda a necessidade do esforço de todos os ferroviários:

Esse esforço é fácil a cada trabalhador, pois bastará que se convença de que é um interessado direto na difusão da revista, pugnando abnegadamente pelo seu progresso cada vez maior, de fôrma que todos a assinem, contribuindo com a modesta importância respectiva, e que estranhos ao meio, mas que têm interesses junto aos ferroviários, se tornem assíduos anunciadores pelas suas colunas. Dess'arte todos demonstrarão perfeito conhecimento das altas finalidades do Correio, e que, trabalhando para ele, trabalham para si próprios, de vez que é o Correio o porta-vóz de sua cultura, o veículo de suas idéas, o intérprete de suas aspirações, a tribuna de suas reivindicações e é, ainda, e muito especialmente, o único meio do intercâmbio cultural de sua classe, dentro da Rêde. A postos, pois, pelo bem comum! (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, ago./1934, p. 399).

No destaque de seus editoriais, estava a questão sobre o cooperativismo no meio ferroviário, descrevendo as ações da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários (USCF), juntamente com a prestação de conta a seus associados, considerando a sua ação prioritária, o atendimento à Escola de Artes e Ofícios, Cajuru, em Curitiba.

3.6.1 As festas escolares na escola de Artes e Ofícios dos ferroviários pela lente de Arthur Wischral

Em 1933, o fotógrafo iniciou uma série de imagens da EAO, publicadas na Revista CF, assim como nos relatórios anuais da cooperativa USCF. Como revela o flagrante de sua inauguração em outubro do mesmo ano. Durante os sete anos que a instituição escolar esteve em funcionamento, *Wischral*³¹ registrou as festas escolares

³¹ Arthur Júlio Wischral (1894-1982). Contratado pela Rede Paraná - Santa Catarina, com a finalidade de documentar obras nas estradas de ferro, sempre foi além do mero registro e desafiava o perigo para representar, por meio da fotografia, a realidade dos ferroviários. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/imagens-historicas-de-arthur-wischral-no-museu-da-fotografia/23039>. Consultar obra o *acervo Arthur Wischral: documentos de um olhar*, editada pela Fundação Cultural de Curitiba, em 2007, p. 17. “Na década de 1920, Wischral assumiu uma das empreitadas mais importantes de sua carreira, ao ser contratado pela Rede Viação Paraná-Santa Catarina, para documentar as obras da estrada de ferro. O homem, o trabalho e a terra passaram a ser seus principais temas. Treinado no olhar jornalístico de repórter fotográfico, registrou o cotidiano das obras, a dificuldade diária sofrida pelos trabalhadores e a fragilidade do homem perante a natureza, principalmente nas obras de manutenção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá”.

de encerramento das aulas, trazendo elementos que passaram a fazer parte de uma cultura escolar específica de uma educação para o trabalho, administrada por uma cooperativa de funcionários da RVPSC.

IMAGEM 15 - INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS -1933



FONTE: Correio dos Ferroviários, out./1933. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

A IMAGEM 15, feita em frente à escola de Artes e Ofícios da USCF, nos revela a imagem da inauguração da instituição escolar, com as famílias dos ferroviários que vieram para os festejos e demais representantes da RVPSC.

Segundo Vidal (1998), refletir sobre a fotografia como fonte, superando a atração exercida pela imagem, tem levado historiadores a recorrer a outros campos disciplinares como a semiótica, a sociologia e a antropologia, na busca de compreender o fato como uma produção de sentido, cuja análise envolve o conhecimento do fotógrafo, da agência contratante, dos recursos tecnológicos disponíveis e das condições sócio-históricas em que foi efetuado o registro do instantâneo.

IMAGEM 16 - INAUGURAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, COM CONVIDADOS EM FRENTE AO PAVILHÃO, DESTINADO ÀS OFICINAS DOS CURSOS PROFISSIONALIZANTES - 1934



FONTE: Correio dos Ferroviários, jan./1934 - Inauguração da Escola Artes e Ofícios - Entre os visitantes - O Sr. Superintendente da RVPSC e Exma. Família. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná. Foto: Arthur Wischral.

Em destaque, entre os visitantes que participaram da inauguração da EAO, estavam o Superintendente da RVPSC, Sr. Alexandre Gutierrez e sua família na cerimônia (IMAGEM 16). A imagem nos revela o pavilhão das oficinas do curso profissional masculino, tendo uma rua ao fundo, dividida por uma cerca e duas casas no alto, no arrabalde do Cajuru, em Curitiba. Assim sendo, a Revista CF declara:

Gentilmente cedido pelo Snr. Dr. Superintendente da Rêde, às 2 ½ da tarde, seguiu um trem rumo ao Cajurú, completamente lotado de ferroviários e respectivas famílias, a fim de assistirem o ato inaugural da Escola. A essa hora já era grande o número de ferroviários e convidados que aguardavam a chegada dos visitantes os quais foram recebidos sob as mais entusiásticas manifestações, tendo se feito ouvir a banda do 15º Batalhão de Caçadores. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jan./1934, p. 115).

Bencostta (2010), referindo-se às escolas primárias em Curitiba no início do processo republicano, afirma que,

As festas escolares são compreendidas como emissoras de uma linguagem coletiva que não deixa de lado sua característica primaz: expressar planos simbólicos diversos, apreendidos por aqueles que delas têm algum tipo de participação, como organizadores, personagens ou expectadores! (BENCOSTTA, 2010, p. 248).

Os monumentos e a fotografia revelam-se

entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida à Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado. Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum. O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica (LE GOFF, 2008, p. 460).

O destaque na Revista CF, com a inauguração da instituição escolar e a realização dos exames para os cursos primários e profissionais:

Aos dez dias do mez de dezembro de mil novecentos e trinta e trez, ás dez horas da manhã, no edifício da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, dando cumprimento a missão nos imposta para proceder aos exames dos cursos primários e profissionais de acordo com o programa de ensino ministrado, realizamos as provas que julgamos necessárias para verificar o grau de adiantamento dos alunos, tendo recebido a melhor impressão possível sobre os resultados obtidos, os quais vão adiante mencionados. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jan./1934, p. 114).

Nesta mesma edição de janeiro de 1934, em seu editorial sobre a EAO, destaca entre os alunos aprovados para a 1ª série, com distinção, o menino Napoleão Lazarotto³²,

[...] filho do ferroviário Issac Lazzarotto, que o incentivou desde pequeno em seus primeiros desenhos, e de Julia Tortato Lazzarotto. Apesar de humilde, sua família não descuidou da educação dos filhos e, mesmo que tardiamente, aos nove anos de idade, já em 1933, Poty iniciou seus estudos na Escola de Artes e Ofícios, mantida pela União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários, na qual além do primário frequentou o curso de sapataria. (SANTOS, 2016, p. 58).

³² Um dos restaurantes mais antigos de Curitiba estava imerso na cultura da via férrea. O vagão do Armistício pertencia aos pais do artista curitibano Poty Lazzarotto, Isaac e Dona Júlia, e foi lá que o renomado artista paranaense foi descoberto pelo interventor do Estado, Manoel Ribas. História dos Bares e Restaurantes de Curitiba. Projeto Memória do Gosto/Rafaella Malucelli, Curitiba: Canal de Negócios, 2014. Consultar a dissertação de Amanda Garcia dos Santos. "História, Educação e Pedagogia do Patrimônio: o painel "monumento ao centenário de emancipação política do Paraná" de Poty Lazzarotto (década de 1950). UFPR, Curitiba, 2016.

Sendo o periódico CF um meio de comunicação com abrangência na RVPSC, a revista referente ao mês de março de 1934 utiliza uma propaganda, exaltando a iniciativa da Cooperativa na formação de uma Escola de Artes e Ofícios, com o slogan, representado na FIGURA 10.

FIGURA 10 - DIVULGAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS NA REVISTA "CORREIO DOS FERROVIÁRIOS" – 1934

CORREIO DOS FERROVIÁRIOS

**DA LUZ DO SABER E DO LABOR DAS OFICINAS
DEPENDE A FELICIDADE DA FAMILIA, DA
SOCIEDADE E DA PATRIA.**



Escola de Artes e Ofícios - Cajuru

A UNIÃO DE SOCORROS E DE CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada) tem a satisfação de comunicar a nobre classe ferroviária:

*Que, instalou em sua propriedade situada no Cajuru, arrabalde desta Capital, a sua **ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS.***

*Que, o **Curso Primario** criado para ambos os sexos está funcionando com toda regularidade e grande aproveitamento e o numero de alunos matriculados já ultrapassou de 170.*

*Que, igualmente estão funcionando e em franco desenvolvimento os **Cursos Profissionais de Sapataria, Marcenaria e Mecanica.***

*Que, atualmente está sendo ultimada a instalação do **Curso de Mecanica em geral.***

*Que, brevemente será criado o **CURSO** profissional feminino que constará do ensino de costura em geral, trabalhos de agulha, etc., e tambem do ensino de musica, canto e pintura.*

Que, oportunamente instalará um internato destinado aos filhos dos Srs. ferroviarios residentes fóra desta Capital.

*Que, para obter matricula na sua **Escola de Artes e Ofícios,** basta ser filho ou tutelado de ferroviario que faça parte de seu Quadro Social.*

FERROVIÁRIOS ! Auxillar moral e materialmente a União de Socorros e de Consumo dos Ferroviarios é prestar um inestimavel serviço á vossa classe, a vós mesmos e sobretudo a vossos filhos.

A divulgação e comunicado sobre a instalação da Escola de Artes e Ofícios da USCF, na revista CF, demonstra elementos representativos para os trabalhadores da ferrovia da RVPSC, dentro do contexto dos anos 30/40, do século XX, que tinha na instrução primária e profissional dos seus filhos sua principal ação social, dentro do cooperativismo ferroviário. Nesta perspectiva, a divulgação da instituição escolar na revista CF, editada no mês de março de 1934, demonstrando o slogan *“Da luz do saber e do labor das oficinas, depende a felicidade da família, da sociedade e da pátria”* (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1934, p. 58, grifo meu).

Diante disso, percebe-se que a escolarização e a formação para o trabalho, na prática de um ofício, sendo considerados sinônimos de desenvolvimento e progresso da nação brasileira, juntamente com a preservação do núcleo familiar no cumprimento de seus deveres com a sociedade, cultivando os valores cívicos patrióticos.

O destaque do anúncio da EAO estava nos cursos profissionais masculinos de Sapataria, Marcenaria e ênfase ao curso de Mecânica em geral, com a possibilidade de aproveitamento futuro, como funcionário da RVPSC.

Para tanto, a fim de que a cooperativa USCF pudesse dar continuidade ao projeto de assistência social de uma escolarização da infância ferroviária, a propaganda da instituição escolar, passa um recado, ao final, a todos os ferroviários dizendo que, com o auxílio moral e material, a cooperativa prestando serviço à classe, aos ferroviários e a seus filhos.

IMAGEM 17 - A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS RECEBENDO A VISITA DE AUTORIDADES NOS FESTEJOS DO CINCOENTENÁRIO DA ESTRADA DE FERRO DO PARANÁ -1935



FONTE: Correio dos Ferroviários, Mar./1935. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

O Cinquentenário da Estrada de Ferro do Paraná (1885-1935) foi homenageado pela RVPSC com o lançamento de uma medalha comemorativa, juntamente à programação oficial. A Revista CF, na pessoa do seu diretor Raul Carvalho, participa da comissão organizadora dos festejos, que se deram em fevereiro de 1935. Dentre a programação das festividades, estava a visita à Escola de Artes e Ofícios pelas autoridades presentes ao evento (IMAGEM 17), revelando a presença do Dr. Teixeira Soares Junior, filho do engenheiro Dr. Teixeira Soares, engenheiro chefe da construção da Estrada de Ferro do Paraná e Exma. família, delegações ferroviárias e altas autoridades da rede em visita à EAO.

Em entrevista ao Jornal "O Dia" em janeiro de 1935, em uma reportagem intitulada "As contribuições dos photographos", o fotógrafo Arthur Wischral relata sobre seu trabalho na Rede Ferroviária e as comemorações do cincoentenário da Estrada de Ferro Paraná, em que o jornal se refere a ele como um artista da Kodak, com formação e aperfeiçoamento na Alemanha.

Wischrall, em seu relato sobre suas imagens realizadas na Estrada de Ferro do Paraná, descreve:

Tenho percorrido a Estrada de Ferro do Paraná de todo o jeito –Disse-nos elle. Por lá transitei de vagões de primeira e segunda classe, em carros de luxo, em drezinas, em vagões de carga no tender da machina, em auto de linha a pé. A minha coleção de chapas anda mais de 200 aspectos mais variados. Apanhei-os dias de sol, de chuva, no verão, no outomno, no inverno, na primavera. Pela manhã, ao meio-dia, á noite, ao crepúsculo, com ceo escampo, com ceos carrancudos. Galguei escarpas, desci a profundidade dos vales, estive como mosca no dorso de escantis aprubtos. Fui ao fundo dos valles, ao pé das montanhas, aos mais elevados píncaros. Devassei grotões, venci carreiros, me embrenhei nas mattas. Estive dependurado a borda de abysmos. Treppei em árvores, me grudei á beira de viaductos. Afinal, meu amigo, aquillo é tão rico de magnificências que preciso viver duas ou três existências para pega-las todas na estabilidade das photographias. Si tive meus momentos de perigo? Nem se fala. Qual o artista do meu gênero que não arrisca a vida por uma chapa? As mais belas nos custam caro. O meu minuto mais terrível, o tive quando photographel um aspecto do viaduto Conselheiro Sinumbu. Precisei subir com auxílio de outrem a certo ponto perigosíssimo da montanha. Suei frio para bater a chapa. Os pontos mais belos e empolgantes da formidável obra de engenharia são incontestavelmente o Veo de Noiva, os viaductos, a Garganta do Diabo. Eu sou um apaixonado das maravilhas dessa extraordinária realização de engenharia nacional. E quanto mais a contemplo e perlustro mais o admiro. Por ahi, pode calcular quanto aplaudo as commemorações de fevereiro próximo. Nellas se fará verdadeira consagração aos pioneiros... e realizadores desse empreendimento sem competidor no mundo pelo seu arroj e pela sua perfeita técnica. A minha contribuição consistirá em photographias da Rede que serão aproveitadas oportunamente. Estou certo de que os festejos se revestirão de incomparável brilho, pois o programma foi organizado com muito critério e apurado gosto". Entrevista realizada pelo **Jornal O Dia, 09 de janeiro de 1935, com o fotógrafo Arthur Wischrall.**

Conforme o editorial do CF de março de 1935:

A fim de dar cabal desempenho ao programa traçado, a comissão dos festejos do cincoentenário em companhia da digníssima Patricia Franklim Sampaio, Dr. Teixeira Soares Junior e exma. Família, representantes das diversas estradas de ferro, efetuaram um passeio ao aprazível Cajurú, onde se acham instaladas as oficinas e o externato da Escola de Artes e Ofícios, modelar estabelecimento fundado e mantido pela União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários, benemérita instituição que tem prestado inestimáveis benefícios á classe. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, mar./1935, p. 229).

A oficialização dos festejos referentes ao cincoentenário comemorativo à Estrada de Ferro do Paraná, pelo governador do Estado, sr. Manoel Ribas oficializou a exposição interestadual, considerando que a inauguração da Estrada de Ferro do Paraná abriu para este Estado uma era de extraordinário progresso, fato este que exerceu notável influência econômica, social, política e intelectual na vida do Paraná;

assim, foi decretado feriado estadual, dia 05 de fevereiro de 1935, em comemoração ao cinquentenário da inauguração da Estrada de Ferro do Paraná (Negrão, 1935).

De acordo com Kossoy (2009, p. 20), quando se refere à estética, memória e ideologias fotográficas, uso da imagem como testemunho da verdade:

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação. (KOSSOY, 2009, p. 20).

Na publicação comemorativa ao Cinquentenário da EFP, elaborada pela RVPSC, no capítulo sobre a memória do ensino e da educação no Paraná entre 1690 e 1933, o autor Francisco Negrão, com relação à instrução e o ensino profissional, declara que:

Não se resolverá o ensino educacionista brasileiro, enquanto não se estabelecer por todos os ângulos do paiz, em todas as villas, cidades, uma - escola profissional- para meninos e meninas, onde sejam eficazmente ministrados os conhecimentos rudimentares das profissões mecânicas, agrícolas e industriaes, applicadas ás necessidades e uzos domésticos, afim de que o estudante possa adquirir o hábito de economia, com os recursos ao seu alcance e com seus próprios esforços; nada desperdiçando, pois que nos próprios detritos, muito ha a aproveitar. (NEGRÃO, 1935, p. 120).

3.6.2 Discurso das Autoridades

O ponto alto da festa de encerramento das aulas e Natal dos Ferroviários, na EAO, estava no discurso das autoridades que compareciam ao evento, tais como: o superintendente da RVPSC, o presidente da cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, o diretor-gerente da União e o diretor da escola.

IMAGEM 18 - CHEGADA DAS ALTAS AUTORIDADES NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS (RVPS) - 1936



FONTE: Correio dos Ferroviários- Fev.36. /1936. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

A IMAGEM 18 demonstra o espaço do pátio escolar, durante encerramento das aulas na Escola de Artes e Ofícios e o Natal dos Ferroviários, com a chegada das altas autoridades convidadas para os festejos. Ao fundo, se revelam as pessoas chegando, nota-se que se protegiam do sol com sombrinhas e, no canto direito da imagem, aparecem as alunas da AEO, em frente a elas, os alunos, identificados na imagem pelo uniforme escolar.

De acordo com Freitas (2011),

[...] a introdução das festas escolares nos programas das instituições constava nos regulamentos de ensino. Portanto, atender às solicitações, soava como algo obrigatório, algo que já pertencia à rotina escolar, colaborando para a legitimação da rigorosidade e hierarquização pressupostas pelas solenidades. (p. 103).

IMAGEM 19 - FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS (RVVPS) – DISCURSO DO PRESIDENTE DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS SR. LINEU DO AMARAL -1936



FONTE: Publicada no Correio dos Ferroviários, fev./1936. Acervo: Casa da Memória de Curitiba / Foto Original Coleção/Fundo: Coleção Júlio Estrela Moreira. Foto: Arthur Wischral.

A IMAGEM 19 revela, entre as autoridades presentes na festa comemorativa ao encerramento do ano letivo de 1935 e o Natal dos Ferroviários, o interventor no estado do Paraná, Sr. Manoel Ribas, o superintendente da Rede Viação Paraná Santa Catarina, Sr. Alexandre Gutierrez e o presidente da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, Dr. Lineu do Amaral, fazendo o discurso.

A revista CF registrava que:

O ilustre Presidente da União de Socorros, em palavras entusiásticas, congratulou-se com os ferroviários e com a administração da Rêde, pelo apoio que vêm dando a essa feliz iniciativa da União, dizendo que tudo fará em benefício da Sociedade e muito principalmente, desse importante departamento social, pois considera um dos maiores e mais belos empreendimentos até hoje realizados pelos ferroviários do Paraná em prol da educação moral, cívica e profissional dos seus filhos – os futuros obreiros conscientes d'amanhã. A oração do Presidente da Sociedade foi breve, porém significativa pelos jubilosos conceitos proferidos, sendo muito felicitado ao terminá-la. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, fev./1936, p. 184).

Segundo Kossoy (2009, p.50), “Toda a fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda a fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho”.

O testemunho do fotógrafo Wischral, no registro da Escola de Artes e Ofícios no âmbito da RVPSC, nos deixa um legado histórico, na compreensão da existência entre os estreitos contatos sociopolíticos que permearam a criação e funcionamento da instituição escolar, onde o pátio da escola, servia como palco das aparições políticas das autoridades do período em questão.

Quanto à construção de variantes históricas no espaço escolar, Ermel (2011) afirma:

Os espaços escolares são variantes históricas e convivem, harmonicamente ou não, com discursos políticos, pedagógicos, religiosos, morais, médicos, entre tantos outros. A construção do espaço escolar não compreende apenas o edifício-escola, mas o seu entorno e sua localização na trama de uma cidade, povoado, região. A existência ou inexistência de determinados espaços específicos, assim como a projeção visual do edifício escolar, implicam uma série de significados possíveis de investigação e análise em diferentes tempos e espaços na história. (ERMEL, 2011, p. 16).

Em seguida, a revista de fevereiro de 1936 reproduz o discurso do diretor da escola, Nelson Estrela, em que se declara: competente e esforçado, professor normalista, que vem dirigindo com proficiência a Escola de Artes e Ofícios. Ressaltam-se trechos do discurso, durante o evento do encerramento das aulas e Natal dos Ferroviários, no sentido de compreendermos a relevância do discurso político no espaço escolar:

É grande o meu jubilo ao ver encerrar-se triunfalmente, mais um ano letivo e que é bem verdade significa mais uma esplendida vitória. O desejo de levar a bom termo, o programa que foi traçado para o departamento educacional da União dos Ferroviários, faz com que represente, cada ano que passe, o êxito de um esforço em prol da cultura da família ferroviária de nossa terra. E em momentos excepcionais como este, para quem abraça a espinhosa, árdua e edificante missão de se dedicar a infância, sente é bem verdade, o paraíso dentro d'alma. Assim é enorme a satisfação daqueles que esperam confiantes, com inabalável fé, o desdobramento da grandiosidade da pátria firmado no adiantamento moral e intelectual de seus filhos. E onde está a grandiosidade da Pátria? É ao valor intelectual e moral de seus filhos. É na aliança desses dois valores que se eleva a nacionalidade. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, fev. /1936, p. 185).

Conforme Chartieu (1985, p. 17),

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

3.6.3 O Batalhão Escolar

Ao analisarmos a formação do batalhão escolar na EAO dos ferroviários, deve-se notar o que diferenciava e aproximava essa formação das demais escolas primárias e profissionais do período de 1930/40 em Curitiba. Considera-se o processo de participação dos ferroviários na engenharia militar brasileira, desde o século XIX, por meio dos batalhões ferroviários.

Bach (2008, p. 49) afirma que,

através da Lei nº 2922, de 21 de setembro de 1880, a Engenharia Militar Brasileira deveria ser empregada na construção de estradas de ferro, de linhas telegráficas estratégicas e em outros trabalhos de engenharia pertencentes ao Estado. Assim, a partir de 1909, a Engenharia Militar iniciou no sul do país, a construção ferroviária do Tronco Principal Sul (TPS), possibilitando a ligação de São Paulo, capital, com o porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

Desta forma, a relação dos ideais dos batalhões militares ferroviários e a formação do batalhão escolar, presente na escola de artes e ofícios, reforça o ritual simbólico cívico-militar existente desde o início da organização e formação profissional da Rede Ferroviária, sendo representado durante as festas de encerramento escolar, na presença de autoridades e funcionários da Rede Viação Paraná-Santa Catarina.

O batalhão escolar descrito na CF durante as festividades de final de ano da Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários: “Ao defrontar o batalhão o edifício da Escola, onde se devia realizar a cerimônia de entrega dos diplomas, da bandeira e da espada, uma salva de palmas saudou os cânticos patrióticos dos alunos” (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1935, p. 184).

IMAGEM 20 - DESFILE DO BATALHÃO ESCOLAR NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1936



FONTE: Correio dos Ferroviários fev./1936. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

A IMAGEM 20, retrata o desfile do batalhão escolar no pátio da escola, acompanhado pela Banda da Força Militar do Estado. Ao fundo, aparece a Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, Cajuru, em Curitiba, durante os festejos de encerramento das aulas e Natal dos Ferroviários no final do ano de 1935 e publicado no CF em fevereiro de 1936.

Conforme Souza (2000), as práticas cívicos-militares em voga nas escolas primárias atendiam, assim, a múltiplos propósitos: fosse a perpetuação da memória histórica nacional, a exibição das virtudes morais e cívicas inscritas na obra formativa escolar, a ação educadora da escola para o conjunto da sociedade ou a expressão do imaginário sociopolítico da República. (SOUZA, 2000, p. 116).

Embora o ritual de formatura ocorresse em todas as escolas primárias de Curitiba, no período de 1930/40, o diferencial na Escola de Artes e Ofícios dos ferroviários é que seu ritual tinha uma conotação essencialmente militar, com a realização de concursos para os postos de comando, quando recebiam os diplomas, os alunos elevados a sargentos e comandantes do batalhão escolar.

IMAGEM 21 - ALUNO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS RECEBENDO O DIPLOMA PELO SUPERINTENDENTE DA REDE VIAÇÃO PARANÁ - SANTA CATARINA, SR. ALEXANDRE GUTIERREZ - 1936



Fonte: Correio dos Ferroviários, fev./1936. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

A IMAGEM 21 demonstra Nelson de Oliveira, considerado o melhor aluno da escola, recebendo o diploma do Sr. Alexandre Gutierrez, superintendente da RVPSC, como formando do batalhão escolar. Conforme Bencostta (2010), a celebração também assume contornos de formatura e aquisição de grau semelhantes aos rituais do ensino secundário e superior, visto que, em todos os anos, era esperado o término do curso primário dos alunos das séries finais, assim como do curso primário complementar

De acordo com Riviére (1989), dentro do processo de hierarquização, em correlação direta com sua função legitimadora, o rito político preenche uma função afirmativa das hierarquias de poderes, de valores e de prioridades. Segue dizendo que:

O próprio rito contribui para a valorização social das posições permitindo aos personagens principais manifestarem-se sob o seu melhor aspecto e muitas vezes numa atitude quase hierática, acentuando assim o efeito de sacralização realizado pela mídia e pela difusão de sua efigie. (RIVIÉRE, 1989, p.182).

IMAGEM 22 - GRUPOS DE ALUNOS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS-1935



FONTE: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico- IHGPR.
Foto: Arthur Wischral.

A IMAGEM 22 demonstra grupos de alunos da Escola de Artes e Ofícios em frente ao prédio escolar, uniformizados, segurando as espingardas, confeccionadas por eles próprios, durante a formatura do batalhão escolar. Nota-se ao fundo o Convento São José, no Cajuru. O editorial do CF sobre a festa escolar na EAO ressalta a apresentação do Batalhão Escolar:

[...] ao primeiro apito do Diretor da Escola, correram os pequenos soldados à forma. Num minuto apenas e vimo-los todos alinhados e atentos a voz de rufar dos tambores pôs-se em movimento a garbosa tropa de infantes, espingardas por eles próprios confeccionadas". (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1935, p. 183).

IMAGEM 23 - ALUNOS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS, RECORTE DA FIGURA 35, DETALHE DOS ALUNOS COM AS ESPINGARDAS CONFECCIONADAS POR ELES MESMOS - 1935



FONTE: Acervo da Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR

A IMAGEM 23, recorte da IMAGEM 22, demonstra os alunos da Escola de Artes e Ofícios, com as espingardas confeccionadas por eles, nota-se que, como eram crianças, a espingarda ficava quase na altura dos meninos, detalhe no lado direito da imagem, o último menino arrumando o cinto do uniforme, colocando a espingarda no chão de modo a se arrumar para o ritual dos festejos.

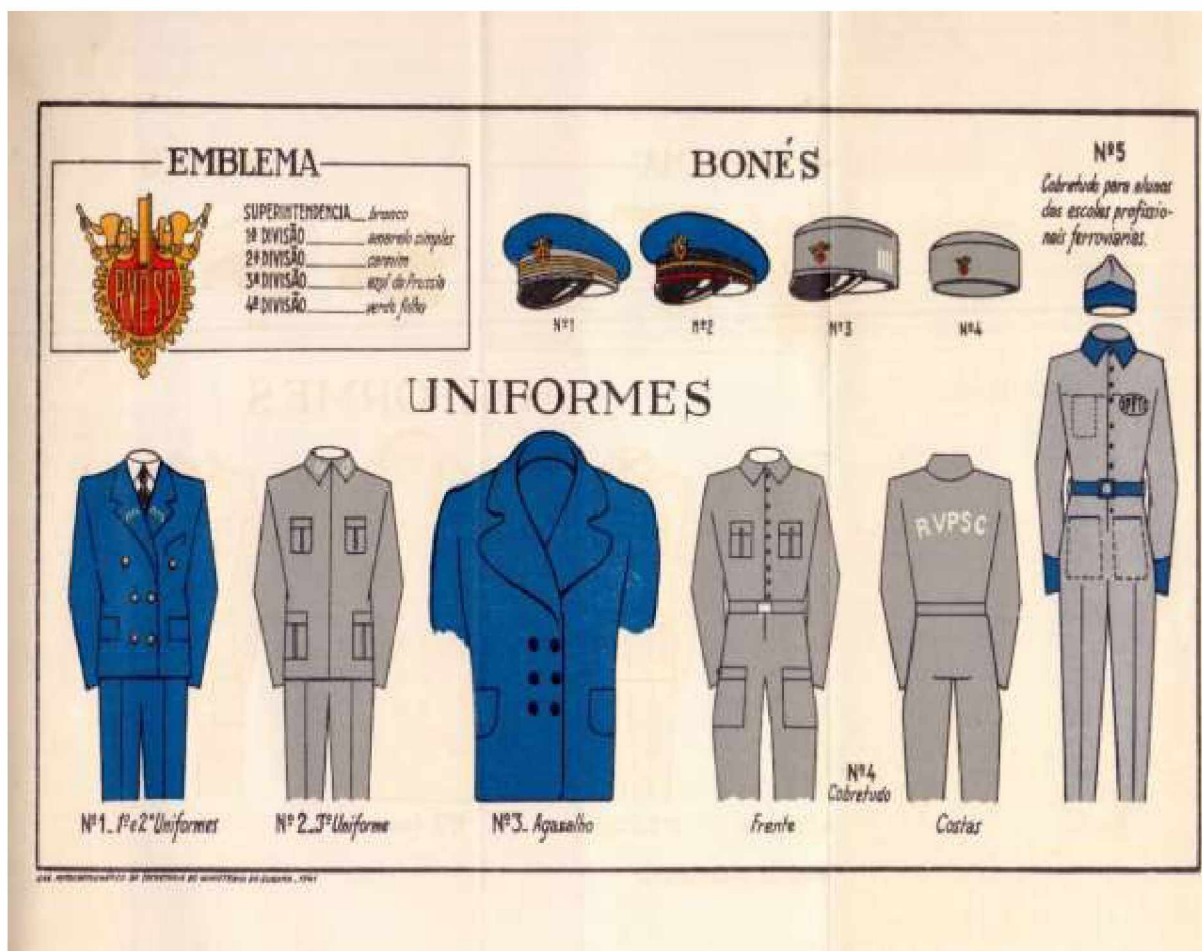
Vale destacar que o uso do uniforme escolar servia como elemento disciplinador, o qual fazia parte do ritual da festa de final de ano da instituição escolar da cooperativa dos ferroviários.

A História dos uniformes escolares no Brasil começa com a República e foi inspirada no modelo dos militares do Exército. A intenção era garantir a identificação, organização e segurança dos alunos, e mantinha estreita ligação com os ideais republicanas de ordem e progresso. (LONZA, 2005, p. 41, grifo meu).

O regulamento do uso de uniformes na RVPSC, assinado pelo superintendente da rede, Cel. Durival Britto e Silva, março de 1941, destaca nas disposições gerais, no item 12, seu uso nas Escolas Ferroviárias:

Aos alunos das Escolas Profissionais Ferroviárias, será obrigatório o uso do cobretudo de tecido mescla azul, com casquete tipo bibi, punhos, gola e cinto de zuarte azul escuro, com as iniciais da escola no lado esquerdo, a altura do peito. (Regulamento do uso de uniformes na RVPSC, 1941, p. 4).

FIGURA 11 - MODELO Nº 05 - UNIFORME EXIGIDO PARA USO DOS ALUNOS NAS ESCOLAS PROFISSIONAIS FERROVIÁRIAS - 1941



FONTE: Regulamento do uso de uniformes na RVPSC, 1941. Acervo: Museu Ferroviário de Curitiba.

A FIGURA 11 demonstra os uniformes que deveriam ser usados por todos da RVPSC, com a especificação e descrição de suas peças, conforme a categoria dos

funcionários dentro da instituição, detalhe do uniforme nº5, do cobretudo para os alunos das escolas profissionais ferroviárias.

Com o advento das instituições escolares no Brasil e no mundo houve a necessidade de caracterizar os alunos de cada estabelecimento através de uniformes que os identificassem com o nome, a tradição, o método e características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas. Essa medida visava, em primeiro lugar, a segurança extramuros do aluno em questão. O colégio, a partir da matrícula, se tornava responsável por ele. A recíproca também era verdadeira: o aluno tinha que honrar as cores, o nome, a tradição e o símbolo da escola onde estivesse, mesmo rua. Em segundo lugar, vinha a disciplina: era condição *sine qua non* que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumassem desde logo a obedecer às regras do convívio da sociedade. (LONZA, 2005, p. 21-22).

Contudo, podemos ressaltar que a formação militar sempre esteve diretamente ligada à Rede Ferroviária, por meio dos Batalhões Ferroviários:

O 1º Batalhão Ferroviário recebeu essa denominação em 11 de dezembro de 1919 e tem origem ligada à Corte Portuguesa, conforme Decreto nº 1336, de 23 de janeiro de 1855, que criou o Batalhão de Engenheiros. Quatro anos depois de ter entrado em vigor a nova lei de Organização dos quadros efetivos do Exército em tempo de paz, é que surgiu a Segunda Unidade Ferroviária, devido à necessidade de uma nova artéria ferroviária, ligando os grandes centros do Brasil ao extremo Sul. (BACH, 2008, p. 53, grifo meu).

Nesse sentido, no dia 29 de julho de 1938, instalou-se na cidade de Rio Negro (PR), **o 2º Batalhão Ferroviário**, denominado Batalhão Mauá, em homenagem a Irineu Evangelista de Sousa- Visconde de Mauá, seu ilustre Patrono. O Batalhão foi fundado com um efetivo de 11 oficiais e 17 praças. Um ano após, já contava com 28 oficiais e 84 praças. O pessoal civil compunha-se de 444 homens, entre técnicos, artífices e trabalhadores, os quais somados aos funcionários sob regime de tarefas perfaziam um total de 1240 civis, efetivo esse que, no final de 1939 chegou a ultrapassar 1850 homens. (BACH, 2008, p. 53, grifo meu).

Horta (1994, p. 54) afirma que, a partir de 1937, a concepção de instrução-pré-militar sofre uma transformação que coincide com as propostas de extensão da influência do Exército até a infância. Esta transformação pode ser considerada como uma reação às proposições de militarização da infância e da juventude, oriundas do

Ministério da Justiça, na mesma ocasião. Nesta nova concepção, não se trata apenas da preparação próxima e imediata dos alunos maiores de 16 anos para o Serviço Militar, por meio do treinamento em Educação Física e tiro. A instrução pré-militar passa a ser considerada uma atividade própria, com objetivos e métodos bem-definidos, visando incluir na infância e na juventude uma mentalidade militar.

3.6.4 Sessões Cívicas e Desportivas

Nas sessões cívicas e desportivas realizadas no pátio da Escola de Artes e Ofícios da USCF, ao longo dos anos de funcionamento da instituição escolar, as imagens realizadas pelo fotógrafo AW, durante a festa de encerramento das aulas, registram a incorporação dos princípios e valores cívicos na formação educacional da infância ferroviária.

Todavia, para que

[...] os conhecimentos e os valores cívicos fossem apropriados pelos alunos, não bastava que os governantes ditassem as normas e muito menos eram suficientes suas falácias. As ações encontravam-se nas mãos de que faziam a educação: os diretores e professores das escolas. (SÁ, 2010, p. 234).

Conforme Dussel (2019)³³,

No século XIX, o pátio era considerado um espaço regulamentado e protegido para o recreio e a formação moral das crianças e foi objeto de regulamentação crescente, quer pela sua localização ao nível da escola, quer pela colocação de árvores, jogos e equipamentos. Exercício físico. Mas funcionava também como regulador da atividade escolar, organizando as transições entre espaços e tempos (estudo, recreação, diversão, exercício físico), e as conexões entre o interior e o exterior da experiência escolar. (DUSSEL, 2019, pág. 28, tradução nossa).

A discussão sobre o uso do pátio como elemento de formação escolar cabe também para as décadas seguintes de 30/40 no Brasil. Em Curitiba, relacionada à Escola de Artes e Ofícios dos ferroviários, que teve no uso do pátio da instituição

³³ Trecho original: Em el siglo XIX, el pátio fue considerado como um espacio regulado y protegido para la recreación y formación moral de la infancia y fue objeto de una regulación creciente, tanto por su ubicación en el plano escolar como por la colocación de árboles, juegos os aparatos para la ejercitación física. Pero también operó como regulador de la actividad escolar, organizando las transiciones entre espacios y tiempos (de estudio, de recreo, de diversión, de ajercicio físico), y las conexiones entre el adentro y el afuera de la experiencia escolar. (DUSSEL, 2019, p. 28).

escolar sua maior experiência de assistência social feita por uma cooperativa de funcionários da rede, produzindo, a partir de então, uma cultura escolar na RVPSC.

IMAGEM 24 - OS ALUNOS EM APRESENTAÇÃO DE GINÁSTICA NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS DA REDE VIAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA - 1936



FONTE: Correio dos Ferroviários, fev./1936 Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.

A IMAGEM 24 revela os alunos e alunas da Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários fazendo uma apresentação de ginástica, durante a festa de encerramento das atividades escolares e o Natal dos ferroviários no final do ano de 1935, publicado em fevereiro de 1936 no Correio dos Ferroviários. No canto da imagem aparece uma árvore de Natal; ao fundo, um professor direcionando a ginástica dos meninos e, ao lado das meninas, a irmã Adolfina. O prédio da instituição escolar bem mais ao fundo com os convidados que participaram dos festejos.

O jornal O DIA, publicado em 24 de dezembro de 1935, referindo-se à confraternização ferroviária e o espaço ocupado pela Escola de Artes e Ofícios, no Cajuru, declara que:

E pensamento dos administradores da União, dada a **magnífica posição topográfica em que se acha instalada a Escola**, organizar na vasta área

que possui, campos de atletismo, para o desenvolvimento físico e recreativo dos alunos, oferecendo assim ensejo para que a velha máxima mais uma vez se realize - Mensano in corpus sano. (O DIA, 24/12/1935, grifo meu).

Na revista CF de junho de 1935 consta o Relatório Anual de 1934 da cooperativa USCF, confirmando no item sobre o demonstrativo dos seus bens imóveis, a existência do terreno da escola, afirmando que:

O prédio construído de alvenaria, situado no Cajuru, onde funciona a Escola de Artes e Ofícios, possui um terreno de 36.300 m² (lotes 35,36 e 37 da planta de Guilherme Schutz Capanema), em que cujo terreno também estão construídos um pavilhão de madeira onde se acham instaladas as oficinas da Escola, e uma casa de madeira para moradia do zelador. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, jun./1935, p. 374, grifo meu).

De acordo com Riviére (1989),

O simbolismo dos movimentos corporais reúne em seu significado o significado das ações simbólicas através do fenômeno agregativo, na medida em que as grandes reuniões de massas, ou desfiles militares, os movimentos conjuntos de ginástica, acompanhados ou não por slogans, cantos, coros falados (nos anos 30) ,têm os mesmos intuítos de aguçamento de um sentimento de vínculo e de coesão, de reanimação dos entusiasmos, de propagação de uma ideologia e de reafirmação do laço estreito entre sociedade civil e sociedade política. (RIVIÉRE, 1989, p. 235-236).

A Constituição do Paraná de 1935, no que se refere à Educação e Cultura, previa no seu art.114: “O Estado criará um Conselho de Educação que a lei ordinária regulará, obedecendo às diretrizes do plano da educação nacional. § Único — será criado um Departamento de Educação Physica, subordinado ao Conselho de Educação”.

Segundo Vago (2010), a inserção da Educação Física (inicialmente tratada como gymnastica) nos programas de ensino primário no Brasil foi objeto de discussão, disputas e de intensa produção, desde, pelo menos, meados do século XIX. A primeira metade do século XX assistiu à paulatina afirmação da Educação Física como disciplina escolar no Brasil, ainda que experimentando diferentes primados orientadores de seu ensino.

Nesta perspectiva, a Revista CF de agosto de 1935 demonstra os efeitos da Educação Física para o corpo e espírito:

Ademais, os efeitos proficientes da Educação Física racional não se delimitam ao corpo. – Vão além. – Refletem-se, sobretudo, no campo espiritual - Estimulam e aperfeiçoam determinadas qualidades morais, indispensáveis a um caráter sólido, como sejam, audácia, sangue frio,

resistência, tenacidade espírito de disciplina e de solidariedade. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, ago./1935, p. 481).

Trindade (1996) afirma que em:

Cultivo do próprio corpo inspirados nesses novos modelos, escola, família e sociedade passam a encorajar o hábito dos exercícios com regularidade e disciplina. No Brasil, como nos Estados europeus, a ginástica converte-se em dever nacional, nas escolas, nos clubes, nas associações, ela é incluída como obrigatoriedade ou lazer, atendendo, não apenas aos preceitos da higiene, mas aos desfiles, às ordens unidas cadenciadas pelo som dos hinos marciais. Por todo o país, adota-se à educação física para ambos os sexos e todas as idades. (TRINDADE, 1996, p. 281).

IMAGEM 25 - GRUPO DE CONVIDADOS E AUTORIDADES PRESENTES NA FESTA DE ENCERRAMENTO DAS AULAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS E NATAL DOS FERROVIÁRIOS DA RVPSC - 1936



FONTE: Correio dos Ferroviários, fev./1936. Acervo: Casa da Memória de Curitiba. Foto Original Coleção/Fundo: Coleção Yvonne Gutierrez Valente. Foto: Arthur Wischral

A IMAGEM 25 mostra os representantes da Rede Viação Paraná Santa Catarina na festa de encerramento do ano escolar e Natal dos Ferroviários, com suas respectivas famílias. Identificamos na imagem, o superintendente da Rede, Sr. Alexandre Gutierrez; o presidente da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, Sr. Lineu do Amaral e o gerente da União, Sr. Manoel Claro Alves e, do lado esquerdo,

com a menina, o Sr. Alceu Albuquerque, que fazia parte do Conselho Representativo da cooperativa USCF.

Segundo Mauad e Cardoso (1997), ao discutirem sobre a relação entre Fotografia e História:

É indiscutível a importância da fotografia como marco cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. (MAUAD; CARDOSO, 1997, p.406).

O registro fotográfico das autoridades da RVPSC, presentes nas festas de encerramento do ano letivo da Escola e Natal dos Ferroviários, cria a legitimidade ao evento escolar, com a celebração, por meio de um cerimonial apresentado, com discursos e entrega de prêmios às crianças.

3.7 A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS NOS RELATÓRIOS DA COOPERATIVA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS

Em todo o período de funcionamento da Escola de Artes e Ofícios, a cooperativa USCF, em seus relatórios anuais, referente à prestação de contas aos seus associados, destaca as imagens produzidas pelo fotógrafo AW sobre as exposições escolares da infância ferroviária, durante as festas de encerramento do ano letivo e Natal dos ferroviários, realizadas nas dependências da instituição escolar.

O relatório da USCF referente ao ano de 1935 descreve que:

Vimos acompanhando, com real interesse e grande carinho, a eficiência dessa organização educativa, que diuturnamente vem preenchendo, de maneira digna de encômios, a sua nobre finalidade. Naquelle ambiente de ensino intelectual e técnico-profissional, cerca de 250 crianças, de ambos os sexos, estão formando sua mentalidade, debaixo dos princípios da mais elevada compreensão do amor ao trabalho e na prática de sã moral, inspirada nos dogmas da religião christã. (RELATÓRIO DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS, 1935, p. 10).

Nesse sentido, a cooperativa, com esse demonstrativo de assistência aos ferroviários, por meio do processo de escolarização de seus filhos, tinha na Escola de Ofícios sua primazia na ação social aos funcionários da RVPSC, dentro dos princípios morais de orientação católica, acompanhado pelas irmãs da Ordem de São José.

3.7.1 As exposições Escolares

Considerando o processo das exposições escolares da EAO da USCF, vale sublinhar que, conforme Castro (2020)³⁴,

[...] as primeiras iniciativas das *exposições escolares no Paraná*, foi no ano de 1891, organizada por Justiniano de Mello e Silva, então diretor da Instrução Pública do Paraná. Com os olhos voltados para a experiência do Pedagogium no Rio de Janeiro, as autoridades educacionais realizam as primeiras Exposições Escolares paranaense, nos anos iniciais da República. A República precisava consolidar-se e a escolarização primária tornou-se um dos elementos fundamentais desse processo. (CASTRO, 2020, p. 170).

Os relatórios anuais apontam a receita da instituição escolar com o valor da produção dos alunos e as despesas com a manutenção da escola, no qual era totalmente administrada e subsidiada pela própria Cooperativa USCF. Nessa direção, o Relatório Anual de 1935 da cooperativa sinaliza com entusiasmo a criação da escola, apontando que:

Esta escola, velha aspiração dos organizadores da Cooperativa, e que há pouco mais de 2 anos passou do terreno das ideias para a realidade dos fatos, vem demonstrar, no momento o êxito que, na realização de seu programa, obteve a nossa sociedade. (RELATÓRIO DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS, 1935, p. 10).

Dessa maneira, as escolas primárias, tanto de caráter público, quanto privado, durante os anos 30/40 do século XX, continuaram utilizando-se dessa prática das exposições escolares, como “forma de se fazer, a escola deveria dar se a ver” (CARVALHO, 1998 *apud* CASTRO, 2020, p. 170). Porém, cabe ressaltar a especificidade da Escola de Artes e Ofícios, administrada pela cooperativa dos ferroviários, que tinha além do curso primário, a formação profissional masculina e feminina dos filhos dos funcionários da RVPSC.

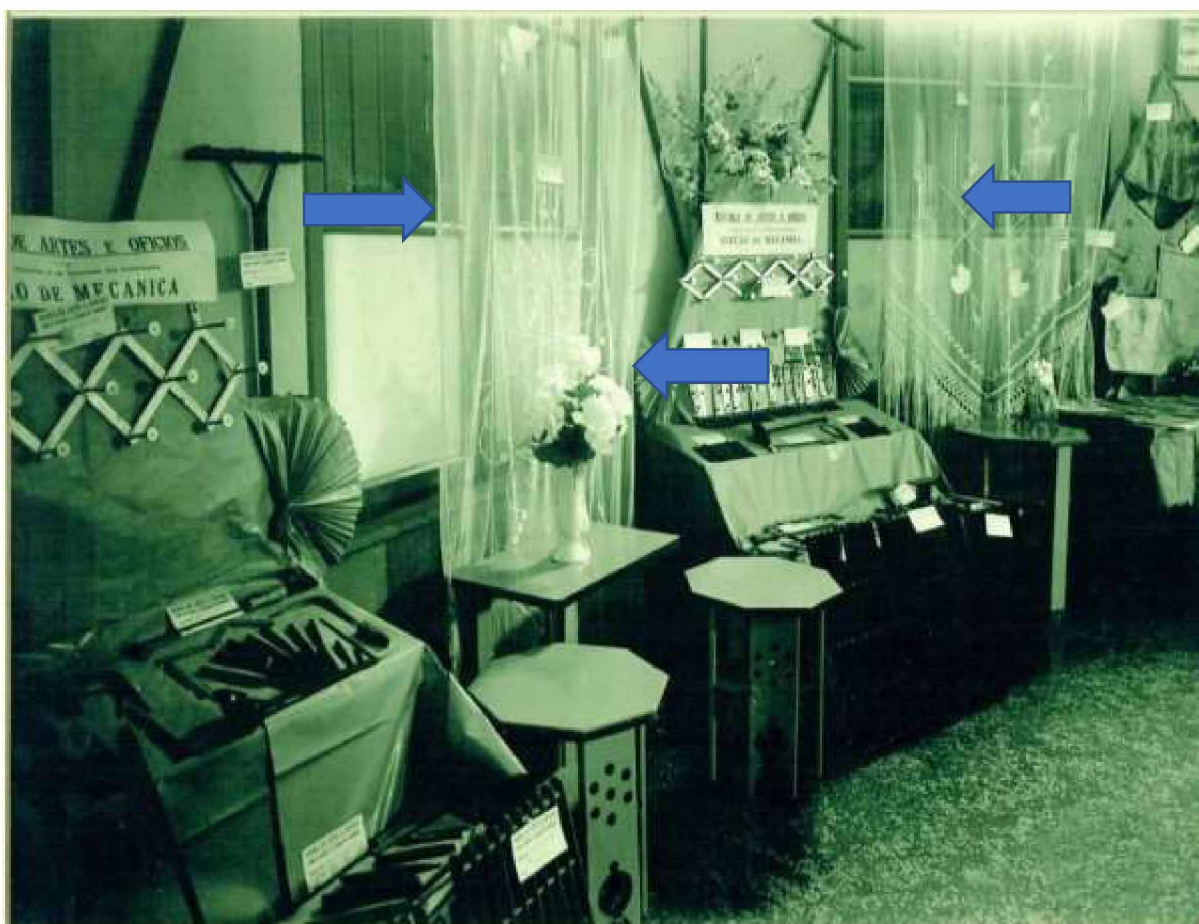
3.7.2 Exposições Escolares da Seção Profissional Feminina

A seção profissional feminina da EAO era dirigida e organizada pelas irmãs do Colégio N. S. de Lourdes. Durante os anos de 1934 a 1938 constava o ensino de: bordados, corte e costura, flores. Nos anos de 1939 e 1940, últimos anos de

³⁴ Consultar a dissertação de Fátima Branco Godinho de Castro, intitulada Ritos e Artefatos Escolares: As exposições das Escolas Primárias do Paraná- 1912 a 1917, em que aborda aspectos sobre as exposições escolares como prática escolar no processo da escolarização primária da infância no Estado do Paraná, entre os anos de 1912 a 1927.

funcionamento da escola, ficou a cargo da professora Alpha Patitucci. Embora a formação profissional das meninas apareça nos relatórios da cooperativa, como coadjuvante, no sentido de que as peças da seção profissional produzidas pelas meninas não tinham valor utilitário, o que significava que todos os trabalhos manuais produzidos não eram revertidos em produto para venda nos armazéns da cooperativa, oferecidos aos próprios sócios a preços menores que do mercado da época, assim como era realizado com o trabalho desenvolvido pelos meninos na seção profissional masculina nos cursos de marcenaria, mecânica e sapataria.

IMAGEM 26 - EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS ESCOLARES - SETOR DE MECÂNICA, DETALHE DOS TRABALHOS DA SECÇÃO FEMININA DE FLORES E BORDADO - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1935

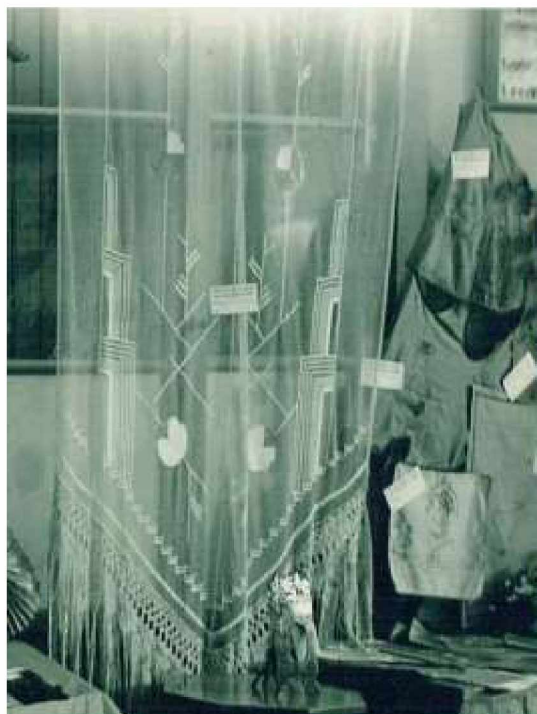


FONTE: Acervo do Museu Ferroviário de Curitiba. Foto: Arthur Wischral.

A exposição escolar (IMAGEM 26) apresenta os trabalhos da seção masculina, referentes ao curso de mecânica, porém entre as peças estavam os trabalhos de bordados de macramê, em exposição nas janelas, e a confecção de flores, em cima de uma mesinha, produzidas pelas alunas da EAO.

A IMAGEM 27 revela o detalhe da exposição na janela, referente ao bordado, feito com a técnica do macramê, produção realizada na seção profissional feminina da EAO.

IMAGEM 27 - EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES - DETALHE DA IMAGEM 26 DO BORDADO DA SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1935



FONTE: Acervo do Museu Ferroviário de Curitiba. Foto: Arthur Wischral.

Para Castro (2020), o macramê é uma técnica para tecer fios em que não se utiliza nenhum tipo de ferramenta ou maquinário. A trama dos fios é tecida com os dedos, os fios vão se cruzando e o artesão vai dando “nó”. A palavra macramê significa nó e não se sabe com precisão a sua origem.

A seção do curso profissional feminino de bordados tinha como proposta o ensinamento de vários pontos, quer de enfeite ou bordado propriamente dito, levando em conta o aproveitamento de cada aluna (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939).

Freitas (1957) aponta que se compreende por bordado a arte que tem a finalidade de ornamentar um tecido, servindo-se da agulha de coser, como se esta fora o mais delicado pincel, formando um determinado motivo com fios de seda, lã, algodão, linho, ouro, prata etc. No mesmo sentido, a autora descreve ainda que a palavra “bordado” é de origem céltica, nome derivado da raiz de uma planta que crescia nessa região (Gália) denominada “Brozd”, ponto. É a operação que tem a

finalidade de produzir sobre um tecido, pontos os mais diversos, os quais por uma combinação prévia formam um determinado motivo (arte aplicada) (FREITAS, 1957, p. 440).

IMAGEM 28 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR - SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA - TRABALHOS DE AGULHA E DE FLORES - ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1935



Trabalhos de agulhas e de flores

SEÇÃO FEMININA

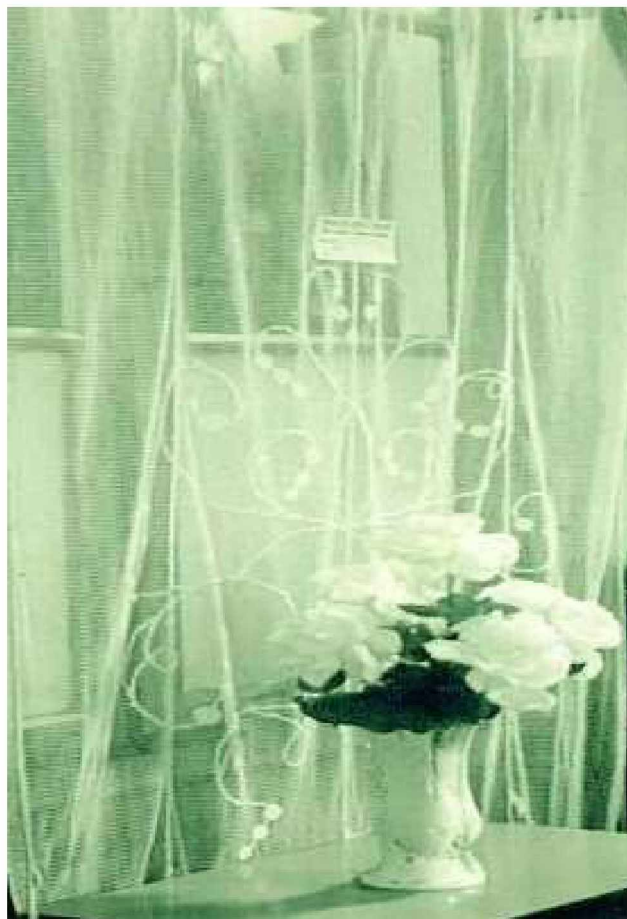
FONTE: Relatório Anual de 1935 - União de Socorros e Consumo dos Ferroviários. Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR.

A IMAGEM 28 demonstrada refere-se à exposição escolar da seção feminina de trabalhos de agulhas e flores, produzidos pelas alunas da EAO, que foram dispostos de maneira organizada, permitindo ao visitante perfeita visualização.

No entanto, no que diz respeito ao curso profissional de Flores e o sentido da sua produção, Freitas (1957) afirma que a denominação geral de flores artificiais é todo o conjunto de folhas, flores e frutos confeccionados com materiais diversos. Todos devem ter características do natural, no que concerne à forma, às partes, à coloração, disposição etc. A autora segue dizendo que, embora simples imitação da natureza, as flores artificiais possuem atrativos bastantes para torná-las apreciadas e procuradas para todo o tipo de ornamentação. Além disso, possuem certas

propriedades que as tornam relativamente econômicas, como: conservação de beleza e frescura por tempo indefinido; flexibilidade permanente de suas partes; durabilidade, predicado muito importante nos adornos em geral, principalmente nos vestuários, salões, altares, grinaldas etc.

IMAGEM 29 - EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES - DETALHE DAS FLORES E BORDADOS - SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1935



FONTE: Acervo do Museu Ferroviário de Curitiba.

A IMAGEM 29 demonstra o bordado na técnica do macramê e as flores produzidas pelas alunas da seção feminina, recorte do detalhe da imagem da IMAGEM 30, referente à exposição do curso de mecânica. De acordo com o relatório da USCF referente ao exercício do ano de 1935, aponta sobre o curso profissional feminino da seguinte maneira:

Também foi notável o resultado alcançado neste curso, que atualmente consta do ensino de bordados, costuras, flores, canto etc. e que é lecionado pelas irmãs do Colégio N.S.de Lourdes, que com carinhosa dedicação, aplicam toda a sua boa vontade e máximo desvelo na tarefa de que se acham incumbidas. (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1935, p. 11).

Assim, as exposições escolares da EAO dos ferroviários eram apresentadas aos visitantes, pela quantidade, variedade e perfeição, que segundo a descrição do mesmo relatório da cooperativa, “surpreenderam agradavelmente a todos que tiverem oportunidade de os apreciar e valeram pela prova mais positiva da eficiência da nossa organização técnica profissional”. (RELATÓRIO DA USCF, 1935, p. 11).

Trindade (1996) afirma que:

O aspecto ritualístico da “Exposição” o julgamento das autoridades competentes e a premiação classificatória, reclamam, em sua expressão pública, a competência e a destreza da educanda na execução das tarefas manuais, prometendo-lhe o reconhecimento final na aprovação de seu entorno. Com tal formação, a mulher adulta terá base duradoura para uma vida participativa, de acordo com os anseios sociais (TRINDADE, 1996, p. 61).

IMAGEM 30 - SEÇÃO PROFISSIONAL FEMININA - TRABALHOS DE CORTE DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1935



Trabalhos de Côte

SEÇÃO FEMININA

FONTE: Acervo da Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGP.

A IMAGEM 30 demonstra os trabalhos de corte, juntamente com o de costura, expostos de forma ordenada, para melhor visibilidade aos visitantes. “As aulas de corte e costura obedeciam a seguinte ordem: corte em papel, no tamanho natural,

desenho de corte em escala e confecção em miniatura com todos os requisitos da costura” (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1939).

Nesse sentido, descrevemos o Plano de Aula utilizado em um curso de corte e costura:

O curso tinha como objetivo ensinar os pontos da costura, tendo como instrumento para o trabalho: agulha, dedal, tesoura, alfinetes, utilizando do material linha e o tecido e sua técnica estava na escolha de agulha segundo a linha, enfiar a linha na agulha com medida até 50 cms, alfinetar as partes e unir ou dobrar. Executar o alinhavo: modalidades simples e frouxo-dimensões dos pontos, direção e remates. Chuleado-dimensões e remates. Pontos-atrás-costuras reforçadas e demonstrações de aplicações dos pontos (FREITAS, 1954, p. 814).

Sobre as exposições dos trabalhos escolares, o relatório da cooperativa referente ao ano de 1936 enfatiza o curso o profissional feminino da seguinte maneira:

Foi notável o grau de aproveitamento, bem como de produção verificada neste curso, no que se refere a trabalhos de costuras, bordados, etc., que revelam pela sua variedade, não somente a capacidade produtiva das menores allí matriculadas, como ainda a aplicação e bom gosto de que é dotada a infância feminina de nossa terra (Relatório USCF, 1936, p. 5).

A obra organizada sobre as escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: Uma História em Imagens (Álbum Fotográfico), em 2002, pelo Centro Paula Souza, demonstra que:

Os cursos femininos preparavam as mulheres para o trabalho ao lar, conforme o pensamento da sociedade da época, mas também acabam por qualificá-la para o mercado de trabalho, formando excelentes costureiras. Nos anos 30, a máquina de costura era um grande avanço tecnológico. Ao final do ano letivo ou do ciclo dos cursos, era costume de a escola realizar uma grande exposição ou um bazar com os trabalhos realizados pelas alunas (ALVES; MORAES, 2002, p. 204).

Nesta mesma perspectiva, a Escola de Artes e Ofícios dos ferroviários, em Curitiba, no relatório de 1936 da USCF, observa a capacidade produtiva das menores, com a valorização das atividades desenvolvidas pelas meninas (FIGURA 47) demonstrando que, “o tempo escolar, assim trabalhado, prevê um mínimo de ociosidade e o máximo de eficiência” (TRINDADE, 1996, p. 58).

**IMAGEM 31 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA SEÇÃO FEMININA NA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS -
CARTONAGEM E MODELAGEM - 1936**



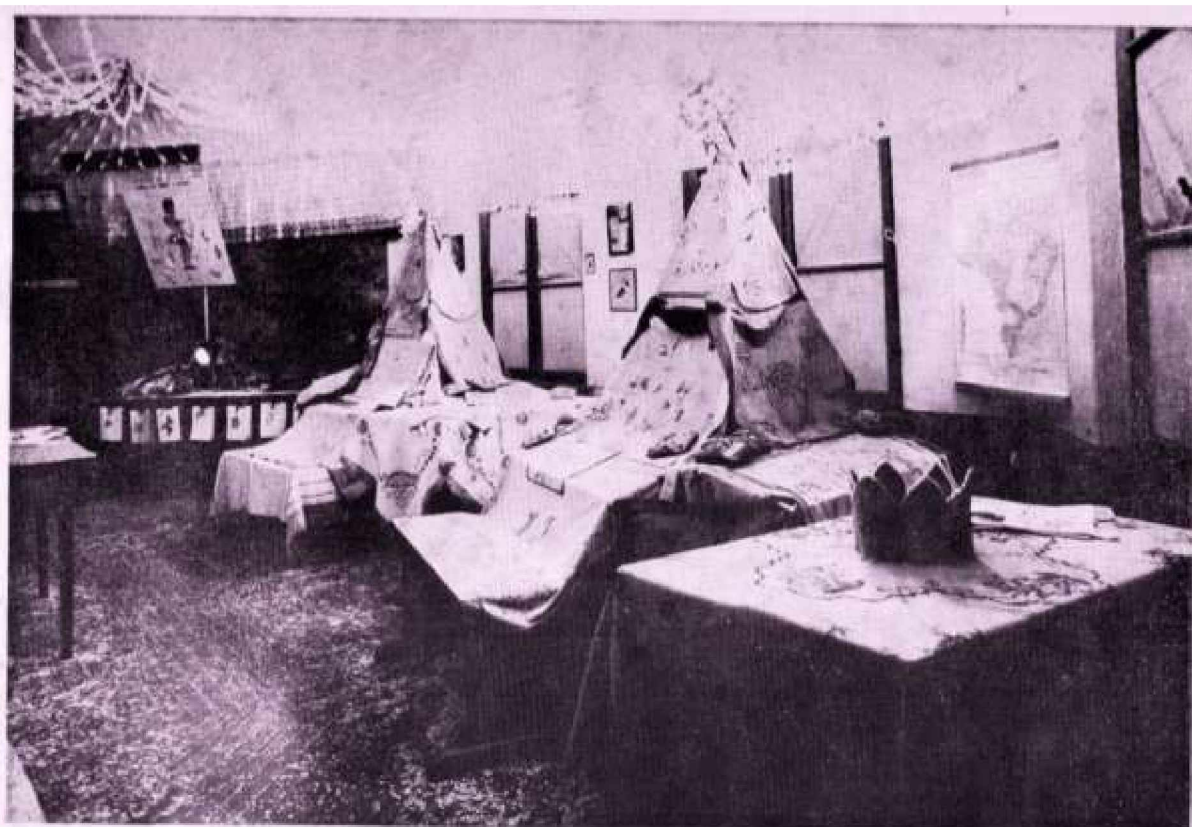
FONTE: Relatório Anual da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1936.
Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR.

A IMAGEM 31 mostra os trabalhos realizados pelas alunas de cartonagem e modelagem da instituição escolar. Nota-se uma maquete do prédio escolar, com pátio amplo em frente à escola; ao fundo, o convento São José no Cajuru, e as casas no alto, retratando a geografia do arrabalde do Cajuru, como era chamado, tendo a escola como destaque.

Bencostta (2010), em pesquisa realizada sobre a última festa escolar do ano, muito esperada pela grande maioria dos alunos, caracteriza-a como aquela que anunciava o término do período letivo e o início das férias estudantis. Nas primeiras décadas do século XX, os exames finais eram aplicados no último dia de aula e, somente depois de concluídos, é que se daria início à festa de encerramento propriamente dita. Além da apresentação de poesias, cânticos de despedidas, discurso de agradecimento, ela contava em seu roteiro com a exposição de trabalhos de agulha, modelagem, pintura, tecelagem, arte culinária, mostra de cadernos de

caligrafia, desenho geométrico, cartazes, que ficaram expostos nas salas e corredores da escola.

IMAGEM 32 - TRABALHOS ESCOLARES E PRENDAS DOMÉSTICAS, SEÇÃO FEMININA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS – 1937



Exposição escolar — Trabalhos escolares e prendas domésticas do curso feminino

FONTE: Relatório Anual de 1937 - Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários.
Acervo: Biblioteca Júlio Moreira - IHGP.

A IMAGEM 32 refere-se aos trabalhos escolares e prendas domésticas do curso profissional feminino, demonstrado nos vários bordados realizados pelas meninas, apresentados de forma organizada e distribuídos em formato de cones, para melhor visualização dos visitantes na exposição escolar.

Conforme Reis (1993), a recorrência da imagem feminina associada aos tecidos, que também povoam romances e contos de fada, não só faz parte das experiências vividas historicamente, como também, por meio de seu uso ideológico, procuram moldar a imagem da mulher dentro das normas e valores proveitosos para o gênero e as classes dominantes.

O Relatório da Cooperativa USCF, referente ao término do exercício social de 1935, aponta dados sobre o ano letivo da Escola de Artes e Ofícios:

Confiamos no brilhante porvir da nossa escola, porque a orientação a ela imprimida tende a incutir no espírito dos educandos, o respeito à ordem instituída, o amor ao trabalho, a fé nos destinos grandiosos da Pátria e o dever inconcusso que cada um tem de concorrer para o bem estar geral. Devemos continuar trabalhando destemerosamente pelo completo triunfo dessa grande obra o que concorrerá, estamos certos, para a felicidade de nossa gente e da sociedade em que vivemos. (RELATÓRIO DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS, 1935, p. 10).

3.7.3 Exposições Escolares da Seção Profissional Masculina

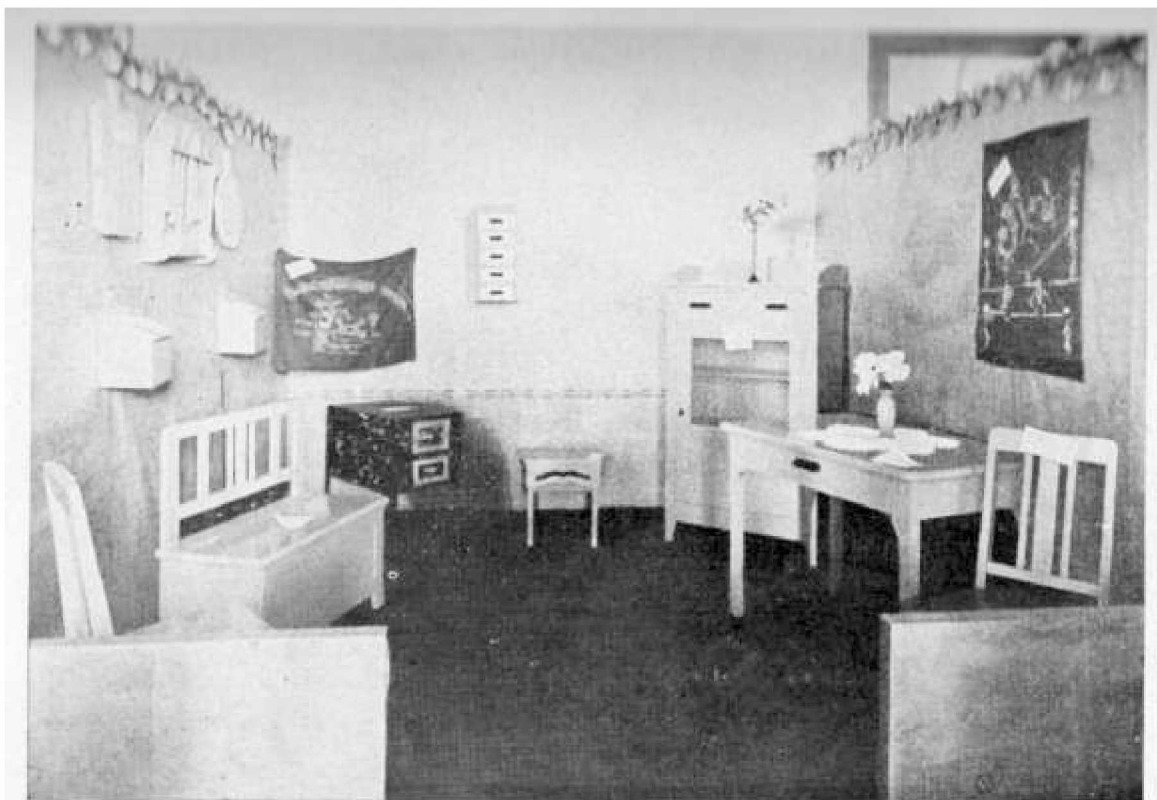
Na seção profissional masculina da Escola de Artes e Ofícios, administrada da USCF, eram ofertados os cursos de marcenaria, mecânica e sapataria e toda a produção realizada pelos meninos, era revertida em venda nos armazéns da cooperativa. Essas exposições foram descritas no Relatório Anual de 1935 da USCF que:

Foi, não há dúvida, francamente animador o desenvolvimento a que atingiram no transcurso do ano passado, os nossos aprendizes artífices. Os cursos de mecânica, ferraria, serralheria, marcenaria e sapataria, demonstraram ótima evolução da aprendizagem com resultados os mais satisfatórios. (Relatório da USCF, 1935, p. 10-11).

O Jornal O DIA destaca, em seu noticiário, a União de Socorros e Consumo dos Ferroviários: Escola de Artes e Ofícios - Festa de Natal - Distribuição de prêmios escolares e confraternização Ferroviária:

A Escola de Artes e Ofícios, fundada há pouco mais de 2 anos, vem produzindo excelentes resultados. A exposição de trabalhos escolares e profissionais a uma revelação de quanto de bom e de bem está fazendo essa instituição. A diretoria da sociedade encara com o máximo interesse essa obra, pretendendo logo que permitam os recursos ampliá-la com a colaboração de um moderno internato onde os filhos dos ferroviários irão encontrar, além de um ótimo acolhimento, completa instrução elementar e profissional. (O DIA, 24/12/1935, p.3).

IMAGEM 33 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA SEÇÃO MASCULINA PROFISSIONAL -CURSOS DE MARCENARIA E MECÂNICA DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1935



Confeção dos alunos Teodorico Furtado, Sabino Bonato, Miguel Michalowski e José Koliaski, respectivamente com 15 - 15 - 14 e 13 anos de idade. :: :: :: :: ::

FONTE: Relatório Anual da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1935.
Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR

Na IMAGEM 33 observa-se, na descrição dos trabalhos confeccionados pelos alunos, nas seções de marcenaria e mecânica, seus respectivos nomes e idades: Teodorico Furtado e Sabino Bonato, ambos com 15 anos, Miguel Michalowski com 14 anos e José Kolinski, com 13 anos de idade.

O relatório da cooperativa se refere à exposição dos trabalhos dos pequenos artífices, devido à idade dos meninos e o desempenho das tarefas executadas, como aponta a reportagem do jornal O DIA, de 1935, que enaltece a União de Socorros e Consumo dos Ferroviários afirmando:

Com a esplendida realidade da Escola de Artes e Ofícios, uma das maiores e mais belas iniciativas da União, os ferroviários devem se regozijar, pois, já está ella produzindo surpreendentes resultados quer no preparo intelectual como no profissional dos pequenos artífices, os quais, num futuro muito próximo, estarão preparados para ingressar em qualquer oficina, como hábeis profisionaes. Reconhecendo a grande utilidade que a Escola representa no meio ferroviário, desde a sua fundação, a alta administração

da Rêde vem apoiando moral e materialmente esse empreendimento. (O DIA, 24/12/1935, p. 3).

Para Lopes (1998), essa utilização sistemática de um aprendizado se transforma rapidamente em um trabalho produtivo para a fábrica, uma ocupação precoce das crianças, uma escolarização prática no trabalho adulto, em contraposição, muitas vezes, à escola formal.

Sobre a instrução e educação das crianças, Negrão (1935) destaca que:

Si é esse o estado da instrução, muito tempos feito e caminhado; mas a educação terá caminhado a par com a instrução? Essa interrogativa deve ser respondida pelos responsáveis pelo ensino. Que temos feito no sentido da educação moral, da educação cívica, da educação política, da educação economia, em plena acepção, do povo brasileiro; no preparo da criança para os embates da vida futura, para a luta de competições commerciaes, industriaes e agrícolas? Nada, quase nada. A criança tudo ignora neste particular. Dahi a imprevidência do Brasileiro, a falta de preocupação pelo futuro, de forma que, não há a economia tão necessária á grandeza nacional, como ao conforto e bem-estar da família após a morte do seu chefe ou um fracasso comercial delle. O mal não é só nosso é nacional. (NEGRÃO, 1935, p. 120).

Nota-se que, durante os anos 30/40, havia uma constante preocupação com a vida futura das crianças, no caso específico, a infância ferroviária, dentre as soluções encontradas estava a formação para o trabalho, no sentido de garantir a preparação para um ofício, na possibilidade de ter uma profissão futura, para que as crianças na vida adulta, pudessem enfrentar as adversidades da vida.

Na IMAGEM 34, embora faça parte da exposição do curso profissional masculino da seção de marcenaria, notam-se os detalhes dos trabalhos manuais realizados pelas meninas da EAO, que aparecem como coadjuvantes, expostos em cima das camas para quarto de criança, por meio do bordado na almofada, na fronha e os panos bordados e as flores, que serviam como enfeite no criado mudo, confeccionados pelas alunas da instituição escolar da seção profissional feminina.

IMAGEM 34 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA SEÇÃO MASCULINA PROFISSIONAL/ CURSO DE MARCENARIA / MOBÍLIA ESMALTADA PARA QUARTO DE CRIANÇA /ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS - 1936



FONTE: Relatório Anual da C. União de Socorros de Consumo dos Ferroviários, 1936 Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR. Foto: original acervo Museu Ferroviário Escola de Artes e Ofícios de Arthur Wischal.

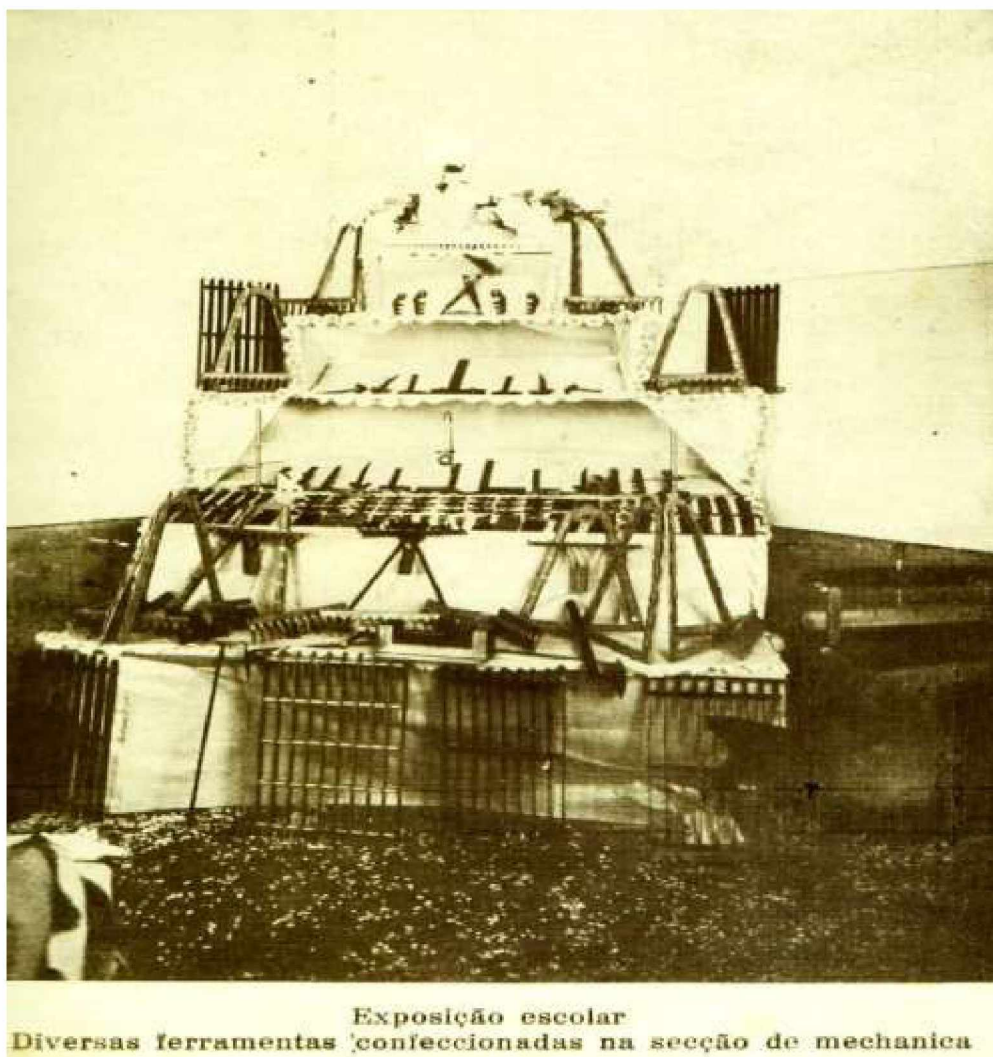
Em referência às exposições escolares da AEO, a revista Correio dos Ferroviários na edição de fevereiro de 1936, diz que:

Os trabalhos expostos relativos ao curso primário e profissional são de grande utilidade, todos os gostos e todas as bolsas. Acham-se em exposição desde o mais simples esquadro ao mais justo e preciso percolix desde a mais singela régua até os móveis mais artísticos, como sejam: mobílias completas para quarto, sala de jantar, copa etc. desde o mais simples chinelo ao calçado mais elegante. Cumpre-nos assinalar que grande número de ferroviários se abastecerem no Armazém da União de objetos confeccionados pelos pequenos artífices, da Escola do Cajurú e que eles são vendidos aos sócios por preços relativamente módicos. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, fev./1936 p. 189).

As alunas das escolas primárias do Paraná bordaram muitas toalhas e almofadas confeccionaram roupas e demais objetos que eram expostos nas escolas, geralmente no final do ano letivo. Toalhas, almofadas, tapetes e roupas delicadamente bordados sob a supervisão das professoras eram colocadas à mostra para o público avaliar a escola primária no início do século XX. Entre agulhas, linhas, tecidos, bordados, cadernos e desenhos foi sendo

'tecido/ tramado' o projeto educacional da Primeira República. (CASTRO, 2020, p. 19).

IMAGEM 35 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO MECÂNICA/ ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS – 1936



FONTE: Relatório Anual da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1936.
Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR

A IMAGEM 35 revela as diversas ferramentas confeccionadas pelos alunos no curso de Mecânica em geral, tais como: braçadeiras, talhadeiras, pinos de varão de freio, riscadores de aço, prensa para flores, ancinhos, armação para serra, martelo de aço e várias outras peças que serviam para o consumo da própria escola, como também revertidos para venda nos armazéns da cooperativa.

Vale dizer que o ramo da mecânica e suas modalidades formou nas Escolas Ferroviárias, posterior à AEO, diversos profissionais, tais como: ajustadores, torneiros, soldadores, eletricitas, ferreiros, caldeireiros, funileiros, serralheiros, que acabaram

por fazer parte do quadro de funcionários da rede. Essas experiências dos Centros Ferroviários de Ensino e Seleção Profissional, serão discutidas mais adiante no terceiro capítulo desta pesquisa.

Cabe, ainda, ressaltar que no Relatório Anual da cooperativa USCF referente ao ano de 1936, a questão da continuidade e manutenção da EAO se fazia presente na pauta de seus dirigentes, demonstrando a necessidade desta ação assistencial do mutualismo e cooperativismo ferroviário:

Muito embora a Escola de Artes e Ofícios desta Cooperativa venha prestando os melhores benefícios á infância ferroviária que alli se acha matriculada, temos a lamentar que esse benefício não seja até agora extensivo aos filhos dos ferroviários residentes ao longo da linha. Entretanto, essa lacuna, não é fruto de uma má compreensão ou falta de interesse, pelos destinos daquelas crianças ferroviárias, que residem fora desta capital. Para que se possa entender, esses benefícios em sentido geral, torna-se indispensável não somente o aumento das atuais instalações, como ainda a construção de um internato para que sejam ali abrigadas as crianças que são domiciliadas fora desta cidade. Para um empreendimento de tal vulto temos necessidade de inverter considerável quantia, que em estudos preliminares está calculada aproximadamente em Rs 500:000\$000. Infelizmente, esta cooperativa não dispõe de recursos tão vultosos, visto como o seu capital atual, embora considerável, acha-se todo invertido em seu próprio patrimônio. Porém, conscientes como nos achamos dessa grande e urgente necessidade, temos em memoriaes com amplas e ilustradas documentações, apelado para os poderes públicos do Paíz, com o intuito de obter auxílio, que nos anime a realizar obra de tal vulto, de cujos memoriaes esperamos confiantes solução favorável. (RELATÓRIO DA UNIÃO DE SOCORROS E CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS, 1936, p. 6-7).

Desta forma, a descrição feita no relatório da cooperativa sobre a instituição escolar, administrada pela USCF, demonstra que a questão financeira da União aparece como empecilho para a construção um internato para os filhos dos ferroviários, questão esta, que estava na proposição inicial da cooperativa, considerada pelos seus dirigentes, como sua principal obra de ação social, dando aos filhos dos ferroviários que residiam ao longo da linha, a possibilidade da escolarização, por meio da instrução primária e profissional, porém, era imprescindível para a realização de tal obra, a ajuda dos poderes públicos, ação essa, que não se concretizou.

IMAGEM 36 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO MARCENARIA/ CONFEÇÃO DE SALA DE JANTAR, DE PINHO, ENVERNIZADA/ ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS – 1937



Sala de jantar, de pinho, envernizada

FONTE: Relatório Anual da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários de 1937.
Acervo: Biblioteca Paranista Júlio Moreira - IHGPR.

A IMAGEM 36 demonstra a exposição de uma sala de jantar feita em madeira de pinho, envernizada, produzida pela seção profissional masculina, curso de marcenaria, demonstrativo da qualidade dos móveis produzidos pelos meninos, que não era somente de cunho decorativo, tinha valor de venda nos armazéns da cooperativa.

O Jornal O DIA, de forma ufanista, declara o que a Escola de Artes e Ofícios representa:

Obra gigantesca resultante do esforço empreendedor de professores bem esclarecidos e dotado da mais ampla compreensão dos complexos problemas educacionais, o educandário dos ferroviários, ofereceu aos apresents, na data de ante- ontem um excelente espetáculo demonstrativo de sua pujança e de sua ação benéfica em pról da infância ferroviária, mais do que nunca necessitada das luzes incandescentes do saber, guia seguro e insuspeito dos alicerces de uma vida futura. (O Dia, 25/12/1937, p. 3).

IMAGEM 37 - SEÇÃO PROFISSIONAL MASCULINA - CURSO SAPATARIA/ ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS - 1937



FONTE: Relatório Anual da Cooperativa União de Socorros e Consumo dos Ferroviários referente ao ano de 1937. ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR.

A IMAGEM 37 demonstra a exposição escolar do curso profissional masculino de sapataria, em que a imagem nos revela a produção exposta com sapatos, bota masculina e sapatos femininos. As flores produzidas pela seção profissional feminina, entre os sapatos. Nota-se, porém, sobre os armários, a existência de flâmulas, taças e distintivos com a sigla TS, em homenagem a “Teixeira Soares”, que seriam oferecidos pelo *Centro Desportivo* para a equipe vencedora do campeonato de futebol e de vôlei durante a festa escolar (RELATÓRIO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS, 1937, p. 5).

O jornal DIÁRIO DA TARDE noticiava o convite recebido pela União de Socorros e Consumo dos Ferroviários: “[...] Recebemos dos diretores dessa União, um gentil convite para assistirmos amanhã às 15 horas na Escola de Artes e Ofícios, no Cajuru, o ato inaugural da Exposição dos trabalhos executados pelos alunos daquela União” (23/12/1938, p.1).

Desse modo, as exposições escolares significavam a manutenção do mutualismo e cooperativismo, enquanto elemento de assistência social aos funcionários da RVPSC, que durante as festas de encerramento das aulas e Natal dos Ferroviários nas dependências da Escola, tornava-se obrigatória a visitação aos trabalhos produzidos pelos filhos dos ferroviários, que estudavam na instituição escolar. Essa produção realizada pela infância ferroviária, no final era revertida para venda na própria Cooperativa.

A Escola de Artes e Ofícios da USCF, fundada em 10 de dezembro de 1933, teve seu funcionamento até 15 de dezembro de 1940, quando foi extinta, por problemas financeiros da União. Porém, a experiência da cooperativa na formação profissional dos filhos dos ferroviários foi registrada 6 anos mais tarde ao seu fechamento, no Relatório de 1946 da Cooperativa dos Ferroviários Ltda:

Entretanto, dentre os benefícios que a nossa cooperativa mais se orgulha, ressalta como obra de alto relevo e especial significação patriótica, a instalação e manutenção durante 7 anos duma Escola de Artes e Ofícios. Nesse período passaram pelos seus bancos escolares, e pelas oficinas de aprendizagem, 1281 alunos, sendo 836 do sexo masculino e 445 do feminino. (RELATÓRIO DA COOPERATIVA DOS FERROVIÁRIOS, 1946, p. 8).

Diante disso, o relatório da Cooperativa de 1946 segue dizendo que, no período de 7 anos completaram o curso primário 433 meninos e 274 meninas. Destaca também a contribuição dos cursos profissionais da EAO, que era a preparação para o desempenho, com técnica, de seus ofícios, e que devido a isso, preparou o seguinte número de alunos:

Mecânica	130
Marcenaria.....	114
Sapataria.....	72
Costura, Bordado, Flores e Música...	437

(Relatório da Cooperativa dos Ferroviários, 1946, p. 8-9).

Aponta ainda que, “durante o funcionamento dos cursos, atendeu-se a sua industrialização, resultando disso, diminuição de despesa, aprimoramento dos trabalhos e interesse dos alunos. A produção realizada nesse período foi a seguinte”:

Mecânica	
Ferramentas etc.	12285 peças com valor de Cr\$. 19.931,30.
Marcenaria	
Móveis etc.	1115 peças com o valor de Cr\$ 9.203,00
Sapataria	
Calçadas e chinelos	1.115 pares com valor de Cr\$ 21.811,00

(RELATÓRIO ANUAL DA COOPERATIVA DOS FERROVIÁRIOS, 1946, p.8-9, grifo meu).

Assim sendo, o relatório da cooperativa declara que:

Fazendo esse ligeiro retrospecto, temos a maior satisfação em observar, que a iniciativa da nossa Cooperativa não foi em vão, pois a Rede de Viação Paraná-Santa Catarina, instituto com um desenvolvimento muito mais amplo, os serviços de Ensino profissional, que há anos assinalam uma das atividades dos setores ferroviários. (RELATÓRIO ANUAL DA COOPERATIVA DOS FERROVIÁRIOS, 1946, p. 8-9).

Considerando o contexto de 1930/1940, as possibilidades de existência e sobrevivência dos trabalhadores da ferroviária e suas famílias, o alicerce de sustentação no caminho dos trilhos estava na formação para o trabalho e para isso a ideia de pertencer à família ferroviária, sempre se fazia presente nesse caráter social e unidade dos trabalhadores.

Vale salientar que as crianças (infância ferroviária) não tinham remuneração pelos trabalhos realizados, isso somente ocorreria na nova concepção de formação para o trabalho, não mais numa conotação assistencialista, mas de formação profissional com remuneração pelo trabalho realizado.

A Escola de Artes e Ofícios, idealizada pela cooperativa dos funcionários da ferrovia, durante os 7 anos de funcionamento, entre os anos de 1933/1940, em que demonstraram com os seus resultados concretos na formação para o trabalho e na produção realizada pelos alunos e alunas por meio dos cursos de: mecânica, sapataria, marcenaria, costura, bordado, flores e música, oferecidos aos filhos dos ferroviários. A divulgação da escola se faz presente nos editoriais da revista CF, juntamente às imagens produzidas pelo fotógrafo A.W., revelando os elementos que compõem a instituição escolar de formação primária e profissional, tais como: a oficina- escola com os cursos ofertados, ritual das festas de final de ano da instituição, discursos, formação do batalhão escolar, apresentações cívicas desportivas e exposições escolares. Devido a questões financeiras da cooperativa, a instituição decretou seu fechamento em 1940.

Os elementos que diferenciava a Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários das demais Escolas de Artes e Ofícios da época em Curitiba, que tinham na sua essência a formação para o trabalho, está no mutualismo ferroviário, assim como a formação profissional de pertencimento a uma categoria de trabalhadores.

No mesmo sentido de formação profissional dos cursos ofertados na Escola de Artes e Ofícios, administrada pela União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, os alunos eram considerados como infância ferroviária, conceito esse, descrito nos

relatórios da própria cooperativa, que a partir dos anos 40, passa para a denominação da nova concepção, com o Estado Novo (1937-1945) de juventude ferroviária, cabendo a essa uma preparação técnica para atuar nas funções e ofícios ligados à própria Rede Ferroviária, agora com remuneração pelo trabalho realizado.

4 A CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ENSINO E SELEÇÃO PROFISSIONAL NO CAMINHO DOS TRILHOS NA REDE VIAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA

Devido à expansão da malha ferroviária nos estados do Paraná e Santa Catarina, a partir dos anos 40 do século XX, acentua-se a necessidade de qualificação e formação dos trabalhadores que suprissem a manutenção dos trilhos, da administração dos quadros de pessoal, assim como uma mão de obra que dessa conta de toda a infraestrutura exigida pela Rede Ferroviária. A partir daí, surge a necessidade de criação de novas escolas ferroviárias de formação profissionalizante, no âmbito da RVPSC.

O caminho dos trilhos passa por uma reorganização em seus tempos e espaços, dentro de uma organização pedagógica moderna que atendesse à formação dos profissionais, seguindo um modelo do “Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional de São Paulo”, na criação das Escolas Profissionais Ferroviárias nas cidades de Curitiba e Ponta Grossa no Paraná e Mafra, em Santa Catarina.

Segundo Boschetti (2020, p.279),

Os centros ferroviários de Ensino e Seleção Profissional eram escolas técnicas criadas por companhias férreas do Estado de São Paulo, para atender a essas necessidades. Exigir mão de obra especializada significou então investir na educação, mas com estruturas definidas pela divisão social entre trabalho manual e o trabalho intelectual.

A partir do Decreto 6537, de 4 de julho de 1934, do governo de São Paulo, instituindo que todos os cursos ferroviários que se acham em organização, serão mantidos parte pelo Governo e parte pela Estrada de Ferro interessada, e serão localizados nos principais centros de população ferroviária de São Paulo, em que o governo fornece a direção e os professores de disciplinas gerais, cabendo à Estrada de Ferro a manutenção da parte técnica profissional, impulsionando a Rede a adotar uma nova organização e formação dos trabalhadores da ferrovia no Paraná e Santa Catarina.

Bologna (1980) descreve alguns princípios fundamentais que caracterizam a organização desses cursos de ferroviários. Assim:

1º A aplicação prévia de um sistema de seleção profissional, abrangendo os conhecimentos gerais que possui o candidato, sua constituição psicofísica e suas aptidões pesquisadas pela psicotécnica. Isso constitui um prognóstico, senão absoluto, de alta probabilidade quanto ao grau de êxito profissional que se pode esperar. E, por consequência um guia na escolha dos candidatos,

permitindo limitar o mais possível os casos de fracassos ou de mediocridade no exercício da profissão, tão prejudiciais não só para a empresa, como para o indivíduo e a sociedade.

2º A formação profissional baseada na íntima ligação com a realidade industrial e no contato permanente com os diversos misteres de oficina ferroviária.

3º A orientação do ensino profissional prático e teórico em moldes racionais, em que a aprendizagem se desenvolve tal como um processo biológico, sem omissão nem repetição desanimadora, por meio de seriação metódica de eficiência experimentada e reconhecida.

4º O desenvolvimento integral das qualidades do profissional, tanto físicas como morais e intelectuais. Para isso contribuem: exercícios físicos gerais e outros, que possam compensar menos solicitações e prevenir deformações profissionais, adaptação dos elementos de trabalho às condições anátomo-fisiológicas dos aprendizes; regimes de disciplina e de formação moral e cívica, principalmente no intuito de criar o senso da responsabilidade e da integridade profissional, de tão alto relevo para o ferroviário. - (BOLOGNA, 1980, p.64).

De acordo com essa prerrogativa, a RVPSC adota, com a criação do Serviço de Ensino e Orientação Profissional, três modalidades de formação profissional ferroviária: cursos de Artífices (CF), o aperfeiçoamento do pessoal das oficinas (CAO) e de especialização do pessoal dos escritórios (CPE). Dentre os concursos oferecidos pelo SEOP, estavam os de Instrutor- Auxiliar, Agente Classe A Telegrafista, Auxiliar de Escritório Classe A e Conductor de Trem Classe A (RVPSC, 1944, p.17).

O SEOP se destaca na qualificação e na formação dos profissionais da rede, favorecendo a manutenção do meio de transporte ferroviário, assim como a classe de trabalhadores da RVPSC.

O mapa apresentado (FIGURA 12) indica as linhas em tráfego e as linhas em construção nos anos 40 na RVPSC, assinado pelo Chefe da III Divisão, Sr. Lineu do Amaral e o superintendente da Rede Ferroviária Cel. Durival Britto e Silva, destacamos os trechos de Curitiba, Ponta Grossa (PR) e Mafra (SC), cidades nas quais foram instaladas Escolas Ferroviárias.

Roberto Mange (1980), idealizador e criador do “Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional de São Paulo” (CFESP), avalia o porquê da necessidade da criação de uma instituição de formação e seleção de profissionais para compor os quadros da Rede Ferroviária,

tendo-se em vista o papel econômico das Estradas de Ferro como empresas de transportes públicos e o interesse fundamental da coletividade no seu funcionamento, seja qualitativo, seja quantitativo, qualquer melhoria que lhe possa advir do melhor aproveitamento humano terá, por consequência, o cunho de benefício geral. (BOLOGNA, 1980, p.62).

4.1 ESCOLA FERROVIÁRIA CEL. TIBÚRCIO CAVALCANTE- PONTA GROSSA - 1940

A Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcante foi inaugurada em 29 de setembro de 1940, quando o superintendente da Rede Viação Paraná-Santa Catarina, era o Sr. Cel. Durival Britto e Silva e o presidente do sindicato unitivo dos ferroviários, o engenheiro civil Walter Scott de Castro Velloso.

Defendemos que a Escola Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti, inaugurada em Ponta Grossa (1940) teria sido a segunda escola de formação profissional na RVPSC, tendo em vista que a Escola de Artes e Ofícios, administrada pela USCF em Curitiba, conforme detectada nas fontes consultadas foi inaugurada em outubro de 1933, destinada aos filhos dos ferroviários, com formação primária e profissional, portanto 7 anos antes, como demonstrado no 3º capítulo desta pesquisa.

A IMAGEM 38 refere-se à Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti em Ponta Grossa-PR (1940), demonstrando a fachada lateral e fundos da instituição, demarcando a proximidade com a linha férrea que atravessava a cidade, com o mastro da Bandeira do Brasil ao fundo, as instalações do prédio que foi adaptada para funcionar como escola ferroviária, que pertencia a uma **antiga fábrica de pregos**.

IMAGEM 38 - PRÉDIO DA ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI - PONTA GROSSA-1940



FONTE: Álbum de inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940-Ponta Grossa
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

A revista “Correio dos Ferroviários”, dedica a página central do periódico à inauguração da escola ferroviária na referida cidade, em 29 de setembro de 1940, tratando-a como excelente estabelecimento de ensino. O periódico declara, de forma ufanista, “inaugurando a Escola Ferroviária “Cel. Tibúrcio Cavalcanti, o Cel. Durival de Britto e Silva, superintendente da rede, pronunciou o seguinte brilhante discurso”:

No cumprimento de árduo dever funcional, vem a Superintendência desenvolvendo o esforço que lhe tem sido possível para solevar a Redê, colocando-a á altura das suas magnas finalidades econômicas e militares. (REVISTA CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, setembro de 1940, p.430).

Segue dizendo:

Essa formação profissional será assegurada por esta Escola que tem a sorte de iniciar sua elevada missão educadora servindo-se da experiencia acumulada e mais de um lustro, pelas instituições congêneres, filiadas ao Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional de São Paulo, benemérita instituição a cuja iniciativa e superior assistência se deve a

profunda e meritória transformação por que passaram e estão passando as oficinas das principais ferrovias nacionais. (REVISTA CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, set. de 1940, p. 430).

Resultante de uma conjugação de esforços em que se sobressaem a valiosa e delicada participação do Sindicato Unitivo e a contribuição da Associação Beneficente 26 de outubro, a cujas diretorias e superintendência tributa nesta oportunidade reais agradecimentos, nossa Escola surge para desempenhar a importante função que lhe toca na obra do **reerguimento da Rede**. (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1940, p.431).

Diante disso, nota-se uma tensão nesta narrativa de reerguimento da Rede, frente às dificuldades econômicas latentes no custo para sua própria manutenção e na qualificação para o trabalho na produção dos materiais necessários na continuidade do meio de transporte ferroviário, na resolução imediata dos problemas financeiros que a rede estava enfrentando.

No Relatório da RVPSC de 1942, seu superintendente, Durival Britto e Silva,

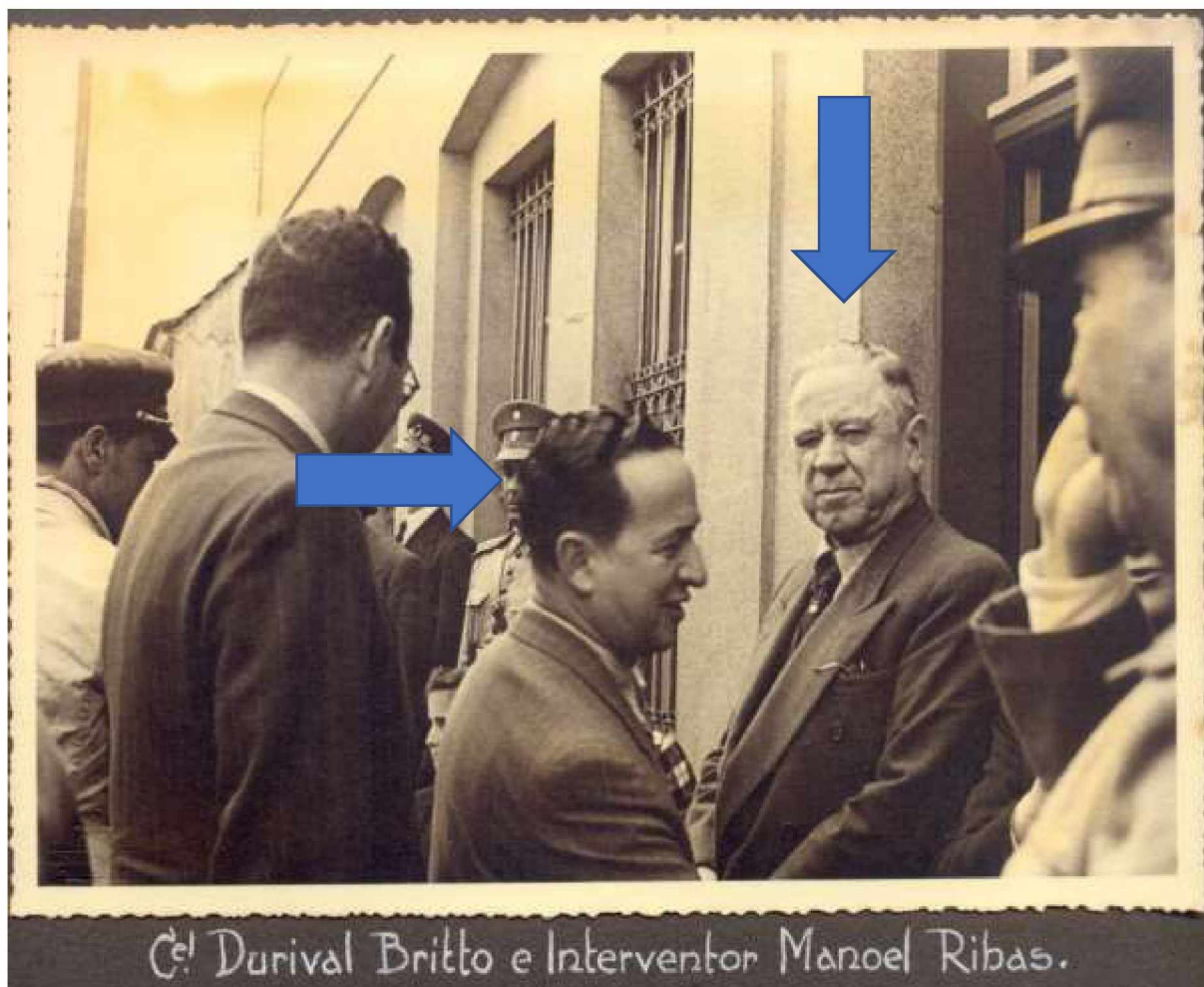
revela a urgência das necessidades de produção do material fixo e rodante dos trens, que o Brasil exportava dos Estados Unidos, que devido aos acontecimentos mundiais com o processo da 2ª Guerra e as dificuldades financeiras e econômicas, houve atraso de 2 anos na entrega, a produção se fazia necessário, a fim de os trens continuassem a operar nos trilhos (p.11).

No relatório, o superintendente descreve que

remediando dificuldades assim momentosas e presentes, a Rede tem obtido, não sem grande trabalho, em oficinas próprias e alheias, a confecção de alguns artigos até há pouco importados. Outros, porém, como trilhos e aros, de tão extrema carência, para substituir os que se acham desgastados em diversos e longos trechos das linhas de tráfego, continuam na dependência do fornecimento encomendado, cuja demora coloca a ferrovia em situação cada mais angustiosa (RVPSC, 1942, p.11).

Diante do exposto, se faz necessária uma formação de mão de obra qualificada, na produção e confecção de peças de uso rodante, onde as escolas de formação profissional tornam-se uma ação prioritária na RVPSC, a fim de que possa atender as demandas e as exigências do caminho dos trilhos.

IMAGEM 39 - INAUGURAÇÃO DA ESCOLA FERROVIÁRIA CEL. TIBÚRCIO CAVALCANTI /CEL. DURIVAL BRITTO É O INTERVENTOR MANOEL RIBAS / PONTA GROSSA -1940



FONTE: Álbum de inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940 /Ponta Grossa
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

A IMAGEM 39 revela a participação do interventor no Estado do Paraná, Sr. Manoel Ribas, natural de Ponta Grossa, que governou o estado durante treze anos (1932-1945), no indicativo que estava olhando para frente da câmera, juntamente com o Cel. Durival Britto e Silva, militar, que exerceu o cargo de Superintendente da Rede Viação Paraná-Santa Catarina (1940- 1947), que está de perfil, com cabelos pretos no indicativo da seta, nos festejos da inauguração da Escola Profissional Ferroviária Tibúrcio Cavalcanti, introduzindo na RVPSC, o **Serviço de Ensino e Seleção Profissional**, que teve seu início, dentro de um ensino e seleção profissional racional, baseado nas experiências consolidadas pelo Centro Ferroviário de ensino e seleção profissional de São Paulo (CFESP), na formação de escolas profissionais ferroviárias, começando com a instituição escolar de Ponta Grossa em setembro de 1940,

estendendo-se para as escolas que surgem posteriormente em Curitiba (PR) e Mafra (SC).

Vale lembrar que Manoel Ribas “fundou em 1913, a Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, que dirigiu até 1931, tornando-se a maior cooperativa de consumo da América do Sul e a maior empresa comercial do Sul do país, com amplo espectro de atividades e um gigantesco progresso educacional para as famílias cooperadas”. (FONTANA, 2015, p.18).

Na obra escrita sobre a biografia de Roberto Mangue, o engenheiro Ítalo Bologna (1980) descreve que, em 1938, as estradas de ferro aderiram à organização do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção de São Paulo, de que foi ele um dos organizadores em 1934, e derivado do Curso Ferroviários criado pelo governo do Estado junto à Escola Profissional Mista de Sorocaba, em 1930, “com feição de órgão técnico incumbido de organizar, orientar e coordenar os empreendimentos especializados de seleção e preparo de pessoal de nossas estradas de ferro”. (BOLOGNA, 1980, p.14). Naquele centro desenvolveu também cursos para engenheiros ferroviários.

4.1.1 O Ensino Remunerado para os filhos dos obreiros da Rede

A Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti em Ponta Grossa no Paraná, idealizada para formação dos filhos dos ferroviários, tendo como finalidade suprir a demanda existente na RVPSC, nos anos 40 do século XX. Nesta perspectiva, seu diferencial enquanto instituição escolar de ensino profissionalizante ferroviária teria sido o fato de ofertar uma qualificação e o ensino remunerado para seus alunos, assim chamados de juventude ferroviária.

É ela, a Escola Profissional “Cel. Tibúrcio Cavalcanti”, uma organização moderna, provida dos meios eficazes, para ministrar solido preparo técnico á juventude ferroviária, aos filhos dos nossos obreiros Ensino remunerado, pois que des do momento em que o aluno produza alguma coisa, passa a vencer salário remunerado (CF, 1940, p.429).

IMAGEM 40 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL. TIBÚRCIO CAVALCANTI - SEÇÃO MECÂNICA/
DETALHE DOS ALUNOS EM FRENTE ÀS MÁQUINAS - PONTA GROSSA - 1940



FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940 Acervo: biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

A IMAGEM 40 demonstra a seção de mecânica da escola profissional ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti, com os alunos uniformizados em frente às mesas de trabalho no dia da sua inauguração, ao fundo, na parede, escrita a seguinte frase: **“Aqui se honra a pátria aprendendo a trabalhar pelo seu engrandecimento”**.

Dentro dos espaços escolares de formação profissionalizante, notam-se os slogans, contendo frases de efeito de valores morais e de civismo, que se revelam nas paredes ao fundo das oficinas de aprendizagem e também no pátio da instituição escolar, sempre sendo demonstrado em locais que ficassem visíveis para todos, dentro de uma educação para o trabalho.

Para Bologna (1980), um dos campos de ação da formação e seleção profissional ferroviária está nas oficinas de reparação e conservação do material rodante, sendo fundamental a formação dos aprendizes de ofício para trabalhos em ferro ou madeira, conforme se destinem à reparação de locomotivas ou de carros e

vagões. O plano completo de formação requer, porém, a seleção prévia de candidatos. Esta seleção deve obedecer a processos racionais de pesquisa das aptidões e condições de adaptabilidade ao ofício. É fator de sucesso, nesses cursos, a possibilidade de os novos aprendizes encontrarem dentro das oficinas gerais da estrada o ambiente moral e técnico adequado à formação que tiverem, especialmente quanto à qualificação de cada um e aos processos de trabalhos adotados.

Segundo Romanelli (1978), as leis orgânicas que estruturam o ensino técnico-profissional no Brasil foram decretadas de forma gradativa, correspondendo à organização do Ensino Técnico Industrial em 1942, Ensino Comercial em 1943 e o Ensino Agrícola em 1946. No que se refere ao Ensino Técnico Industrial, em seu art. 67, diz que:

O ensino Industrial das escolas de aprendizagem será organizado e funcionará, em todo o país, com observância das seguintes prescrições:

O ensino de ofícios, cuja execução exija formação profissional, constitui obrigação dos empregadores para com os aprendizes, seus empregados.

II – Os empregadores deverão, permanentemente, manter aprendizes, a seu serviço, em atividades cujo exercício exija formação profissional.

IV – As escolas de aprendizagem serão localizadas nos estabelecimentos industriais a cujos aprendizes se destinam, ou na sua proximidade.

XII - As escolas de aprendizagem darão cursos extraordinários para trabalhadores que não estejam recebendo aprendizagem. (ROMANELLI, 1978, p.155).

A IMAGEM 41 nos revela um gabinete psicotécnico, utilizado pela Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti, a fim de avaliar nos alunos, dentro de sua aptidão e vocação, o que cada um poderia desempenhar e desenvolver de acordo com suas habilidades exigidas na formação para trabalho na rede ferroviária, em conformidade com os cursos de formação de artífices, ofertadas pela Instituição Escolar.

O exame de psicotécnico passa a fazer parte da nova metodologia racional de formação para o trabalho, o SESP, a atividade abrange dois campos de ação: o do ensino profissional ferroviário e o da seleção profissional, com aplicação da psicotécnica.

IMAGEM 41 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI /GABINETE DE PSICOTÉCNICO / PONTA GROSSA -1940



FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

Conforme Cunha (2005, p.117), a aplicação de testes para a seleção dos candidatos às escolas profissionais, assim como a orientação dos aprendizes na escolha dos ofícios implicaram o descarte da concepção (herdada do Brasil escravocrata) que definia o ensino profissional como intrinsecamente destinado aos órfãos, aos pobres e aos desvalidos. Um novo critério passou a impor, em tudo distinto da miserabilidade - a aptidão e a vocação.

A IMAGEM 42 nos revela o pátio interno da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti, em Ponta Grossa, PR, demonstrativo de uma formação de uma educação para o trabalho, representado por aparelhos de ginástica dentro de uma formação militar. No muro continha o seguinte slogan: **“Luta pela vida com força e energia. Espírito são num corpo são”**.

IMAGEM 42 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI / PÁTIO INTERNO DA ESCOLA / PONTA GROSSA -1940



FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

De acordo com Salvadori (2004), nos Centros Ferroviários de Ensino e Seleção Profissional, a juventude é representada, em geral, a partir de noções de força e potência. Dando a ideia de formação de cidadãos fortes, a eficiência da máquina é, numa síntese carregada de conteúdos simbólicos, o modelo para a sua educação. Por isso, a necessidade de uma estrutura física de profissionais que contribuíssem para a qualidade na formação profissional dos ferroviários.

IMAGEM 43 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI / SALA DE AULA DE DESENHO / PONTA GROSSA -1940



FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

A IMAGEM 43 nos remete a uma sala de desenhos da instituição escolar, com o mobiliário e peças na parede a serem utilizados nas aulas de desenho geométrico e técnico, correspondendo às modalidades no ramo da mecânica, servindo como modelos durante as aulas práticas nas oficinas de aprendizagem.

Traçando um histórico sobre a importância do desenho, corroborando com Medeiros (2011, p. 50). No âmbito nacional, muitos dos professores de desenho provinham da área militar, o que acabou contribuindo para a difusão de um desenho marcadamente técnico-militar. Para se ter um exemplo, desde 1831 e, portanto, antes da organização efetiva deste ramo de ensino, era necessário cursar geometria na escola militar para ingressar na academia imperial de belas-artes, sendo ela também exigida para aceitação nos cursos jurídicos ou no curso de cirurgia (BARBOSA, 1986, p. 72).

Segue,

O ensino de desenho justifica-se e valoriza-se no currículo como meio ou como expressão gráfica das outras disciplinas. Sua presença em um currículo que começava a privilegiar a ciência era considerada um importante auxiliar para sua compreensão, diferentemente da escola primária e das escolas de ofício, que preparavam para o trabalho nas fábricas (MEDEIROS, 2021, p. 116).

A sala de desenho em um espaço de uma instituição escolar de formação profissional ferroviário, demonstra o quanto era relevante na confecção de peças assim como as tarefas a serem executadas dentro de um modelo de uma Escola – Oficina de formação para o trabalho.

A IMAGEM 44 demonstra a seção de mecânica, com sua oficina de aprendizagem, com os maquinários e as ferramentas necessários na formação para o trabalho da instituição escolar.

Segundo Bologna (1980, p.33), para a aprendizagem em profissões ligadas à mecânica, por exemplo, a série metódica é composta toda ela de desenhos, contendo as informações tecnológicas e de serviço, e à mão dos quais são executados os trabalhos. Nenhuma operação de determinada dificuldade será executada sem as que lhe são anteriores apresentem treino, precisão e perfeição aceitáveis, princípio fundamental este que, se não observado, ou traz o desânimo, ou leva à má execução e a vícios que dificilmente se corrigem. Uma série de trabalhos, estabelecida criteriosamente para a aprendizagem de um ofício, constitui o esqueleto do desenvolvimento racional na profissão.

IMAGEM 44 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI – SEÇÃO MECÂNICA PONTA GROSSA -1940



FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

A IMAGEM 45 nos revela uma das salas de aula da escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti, contendo o mobiliário escolar, mapas e quadros de personalidades representativas na parede, assim como os *quadros parietais*³⁵ próximos a uma das janelas, destinados ao ensino da História do Brasil, material didático muito utilizado em sala de aula no início do século XX.

³⁵ Consultar o doutorado de Joana Borges de Faria, intitulada Os quadros Parietais nas Escolas do Sudeste Brasileiro (1890-1970), em que classifica “quadro parietal é um material didático usado para a transmissão de conhecimentos escolares. É uma representação gráfica de determinados conteúdos numa superfície plana são chamados de parietais, pois são pendurados nas paredes ou em outros dispositivos para serem observados por todos os alunos simultaneamente. (PUC/SP, 2017, p.6).

IMAGEM 45 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL. TIBÚRCIO CAVALCANTI /SALA DE AULA / PONTA GROSSA -1940



Sala de aulas.

FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

Na IMAGEM 46, visualizamos os alunos formados em frente ao edifício escolar no dia da sua inauguração, em uma das entradas e janelas da instituição escolar, as famílias dos ferroviários com os filhos menores, durante os festejos da inauguração da escola.

IMAGEM 46 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI /ALUNOS EM FRENTE AO EDÍFICIO DA ESCOLA / PONTA GROSSA -1940



FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

A juventude ferroviária na formação para o trabalho na RVPSC, ocupa vagas inicialmente destinadas aos filhos dos ferroviários, pertencentes à família ferroviária, exercendo uma condição social de destaque para o contexto da época, com um significado de ter uma formação profissional sólida, com ensino remunerado.

A IMAGEM 47 demonstra a inauguração da locomotiva construída pelas oficinas da rede em Ponta Grossa, inaugurada no mesmo dia da escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti, com a presença de autoridades estaduais, locais, das famílias dos ferroviários e do superintendente da RVPSC.

IMAGEM 47 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL.TIBÚRCIO CAVALCANTI/ LOCOMOTIVA
CONSTRUIDA NAS OFICINAS / PONTA GROSSA -1940



FONTE: Álbum de imagens da inauguração da Escola Cel. Tibúrcio Cavalcanti Set/1940
ACERVO: Biblioteca Paranista Júlio Moreira/ IHGPR

Nada mais representativo dentre as ações da RVPSC, demonstrando o seu desenvolvimento e progresso, do que divulgar diante das autoridades e representantes da rede e suas famílias, a construção de uma locomotiva feita em suas próprias oficinas e no mesmo dia da inauguração da escola profissional ferroviária Tiburcio Cavalcanti em Ponta Grossa.

Nesta perspectiva do conceito de representação, corroboramos com Chartier (2015, p.27), quando se refere à força dinâmica das representações, onde afirma que as representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores de que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram.

A FIGURA 13, descrita no relatório da RVPSC referente ao ano de 1941, demonstra a metodologia aplicada pelo Serviço de Ensino e Seleção Profissional (SESP) aos alunos, tendo como referência a sua eficiência no trabalho, utilizando

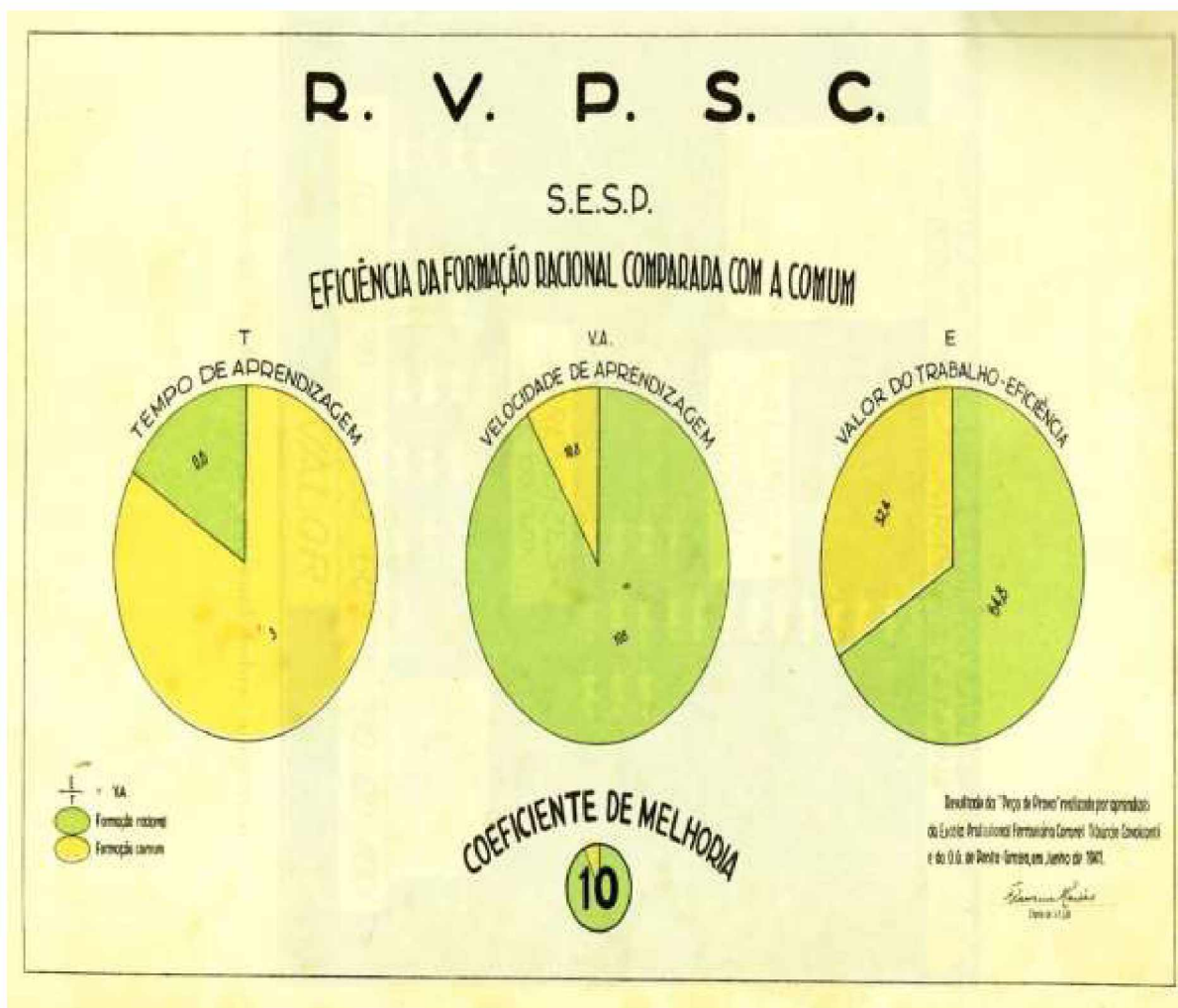
como parâmetro a formação racional, comparada à comum, por meio de um processo avaliativo chamado o resultado da “**peça de prova**”, realizada pelos aprendizes na Escola Profissional Ferroviária Coronel Tibúrcio Cavalcanti em Ponta Grossa.

Bologna (1980) descreve o trabalho desenvolvido pelo engenheiro Roberto Mange na formação do Ensino Profissional no Curso de Ferroviários em São Paulo, nos moldes de cursos já existentes em Sorocaba, desde 1931, que serviu de modelo para todas as ferroviárias do país, na formação de Escolas Profissionais Ferroviárias, que visavam na formação dos aprendizes, a instrução racional do pessoal das oficinas, que era caracterizada por três elementos: rapidez, economia e eficiência.

Desta forma, a “Peça da Prova” definiria:

A verificação do valor profissional de um grupo de indivíduos em aprendizagem, focalizando-se o trabalho propriamente dito, só poderá ser realizada pela execução de uma mesma prova prática que permite classificação objetiva dos principais elementos característicos do trabalho: **precisão, perfeição e rapidez**. Quanto a **peça escolhida para a prova**, ele deverá ser adequado à capacidade média de trabalho do grupo em observação, isto é, deverá permitir uma distribuição tal dos valores finais de classificação que, pela dispersão fiquem claramente diferenciados os trabalhos bons dos médios e estes dos fracos. (p.37)

FIGURA 13 - MODELO DA FORMAÇÃO RACIONAL COMPARADA À COMUM APLICADA AOS APRENDIZES NA ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA TIBURCIO CAVALCANTI- PONTA GROSSA -1941



FONTE: Relatório referente ao ano de 1941 /RVPSC apresentado ao ministro da Viação e Obras Públicas ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba

A valorização do tempo e da velocidade de aprendizagem do aluno assumiam um caráter determinante na produção das peças e na qualidade do trabalho desempenhado.

Considerando a historicidade da cidade de Ponta Grossa e sua relação com a RVPSC nos anos de 1940 a 1973, Petuba destaca que:

(...) além da formação nas escolas RVPSC, os ferroviários e suas famílias criaram e participaram ativamente, ao longo de décadas, de várias formas de convivência e atuação na cidade, como, exemplo, o Clube Recreativo Homens do Trabalho, a Igreja de São Cristóvão (Padroeiro dos Condutores de Transportes), o time de futebol Operário Ferroviário Esporte Clube, inclusive com um estádio próprio (Germano Kruger), assim como a Cooperativa Ferroviária Mista 26 de Outubro (PETUBA, 2011, p.184).

Ainda, a autora narra depoimentos de antigos funcionários da RVPSC e sua relação com a história local, a cidade Ponta Grossa (PETUBA, 2011). Dentre os relatos dos ferroviários, as instituições que mais aparecem em suas memórias são: a Cooperativa Mista 26 de outubro e a Escola Ferroviária Coronel Tibúrcio Cavalcanti, dada à representação do sistema do cooperativismo para classe de trabalhadores da ferrovia e a de um ensino profissionalizante por meio de uma instituição escolar na formação para o trabalho ferroviário.

Segundo Bologna (1980, p.108), o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional são sintetizados pela fórmula “eficiência do homem no trabalho profissional ferroviário”, organização pedagógica aplicada nas Escolas Profissionais de São Paulo, servindo de modelo para a implantação das novas Escolas Ferroviárias existentes no país.

A FIGURA 14 nos remete a um demonstrativo da organização do Serviço de Ensino e Orientação Profissional nos moldes das escolas ferroviárias de São Paulo, com a descrição dos cursos ofertados, com matrículas e frequência, exames de seleção, relatório de estágios, com destaque para os cursos de mecânica e carpintaria, nota-se, ainda, a descrição das oficinas de aprendizagem de Curitiba, Ponta Grossa e Mafra.

FIGURA 14 - DEMONSTRATIVO DO SERVIÇO DE ENSINO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL DAS ESCOLAS FERROVIÁRIAS - RVPSC/ 1942

Serviço de Ensino e Orientação Profissional																										
Quadro Demonstrativo																										
Cursos	Matri- culados		% de fre- quência		Aprovados	Reprovados	Diplomados	% de Aprovação	Exame de seleção		Peça de prova	Trabalhos executados					Média de ho- ras efe- tivas	Estágio na of- geral		Posição dos grupos						
	Início	Fim	Aula teórica	Of. de aprendizagem					Inscritos	Habilitados		Provas de escolaridades	Peças					Relatório de estágio	de Manhã	à Tarde	Mecânica		Carpintaria			
													Torno	Caldreiraria	Ferraria	Carpintaria					Soldagem	Eleticidade	Fundição	Mecânica	Carpintaria	Adiantado
Curitiba																										
C. F.																										
1.º Ano	31	25	95,0	91,0	22	3	88,0	35	31	2	1	1100		288		353	6	20	60	59	45					
C. A. O.																										
1.º Ano	22	9	94,0		7	2	77,8																			
2.º Ano	20	11	96,8			11	100,0																			
C. P. E.																										
1.º Ano	49	39	95,0		26	4	86,6																			
2.º Ano	53	35	97,0			35	100,0																			
Ponta Grossa																										
C. F.																										
1.º Ano	31	29	94,0	95,0	25	4	86,0	67	61	2	2	632	738	323	773		626	618	15	38	90	86	75	90	89	80
2.º Ano	26	24	95,0	96,0	22	2	91,5			2	2	155	450	128	217	248	23	8	585	574	9	30	32	29		
3.º Ano	20	18	92,0	93,0			100,0			2	1	128	67	11	35	58	34	43	358	234	8	27	32			
C. A. O.																										
1.º Ano	30	15	73,0		15		100,0																			
2.º Ano	23	21	87,0			21	100,0																			
C. P. E.																										
1.º Ano	21	8	75,0		5	3	62,5																			
2.º Ano	19	15	81,0			15	100,0																			
Mafra																										
C. A. O.																										
1.º Ano	57	21	79,0		13	8	61,9																			
C. P. E.																										
1.º Ano	56	18	87,0		14	4	77,7																			

FONTE: Relatório da Rede Viação Paraná -Santa Catarina referente ao ano de 1942. ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba.

No relatório da RVPSC, embora refira-se ao ano de 1942, o demonstrativo do Serviço de Ensino e Orientação Profissional nos fornece dados referentes às escolas que não existiam oficialmente, como a de Curitiba, que só foi inaugurada em 1944 e a de Mafra, em Santa Catarina, no ano de 1952. O documento revela que dois anos antes, já estava em funcionamento, as primeiras turmas dos cursos profissionalizantes das duas cidades.

4.2 ESCOLA FERROVIÁRIA “CEL. DURIVAL BRITO E SILVA” – CURITIBA - 1944

A Escola Profissional Ferroviária Coronel Durival Britto e Silva foi inaugurada em 11 de abril de 1944, no bairro Cajuru, Curitiba, no Paraná, anexa às novas oficinas da Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC). O projeto estava em conformidade com a política de Getúlio Vargas, denominada “Estado Novo”³⁶ (1937-1945), que buscava na industrialização e na profissionalização o caminho para o desenvolvimento do país.

A escolha do nome ocorreu quando a sugestão do nome do patrono da escola foi lançada pelo Jornal Diário do Campos, de Ponta Grossa, para prestar uma justa homenagem ao diretor da RVPSC, Cel. Durival Britto e Silva, que idealizou o “Serviço de Ensino e Seleção Profissional”, bem como, foi responsável pela iniciativa da instalação da Escola Ferroviária Cel. Tiburcio Cavalcanti em Ponta Grossa no ano de 1940.

As instituições escolares no Paraná, tanto a de Ponta Grossa quanto a de Curitiba, foram alicerçadas dentro de um modelo educacional ferroviário adotado pelos Centros Ferroviários de Ensino e Seleção Profissional do Estado de São Paulo, tendo como pioneiro o Curso de Ferroviários da Estrada de Ferro de Sorocaba, que funcionava desde 1920.

Mangue (1980, p.61) destaca as medidas necessárias ao melhor aproveitamento do fator humano, tanto nas funções de ordem tecnoindustrial como nas de administração, manutenção e fiscalização de serviços em um Centro

³⁶ O governo do Estado Novo foi centralizador, ou seja, concentrou no governo federal a tomada de decisões antes partilhada com os estados, e autoritário, ou seja, entregou ao Poder Executivo atribuições anteriormente divididas com o Legislativo. Sua ideologia recuperou práticas políticas autoritárias que pertenciam à tradição brasileira, mas também incorporou outras mais modernas, que faziam da propaganda e da educação instrumentos de adaptação do homem à nova realidade social. Era esse o papel do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), destinado não só a doutrinar, mas a controlar as manifestações do pensamento no país. A doutrina estadonovista propunha a concentração do poder no Estado, visto como única instituição capaz de garantir a coesão nacional e de realizar o bem comum. Desenvolvia, também, a crença no homem excepcional, portador de virtú, que seria capaz de expressar e construir a nova ordem. Havia muitas semelhanças com a doutrina fascista, e foi a partir dos aspectos comuns que muitas vezes o Estado Novo foi identificado com o fascismo. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>.

Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, classificando os motivos de uma organização técnica do pessoal em moldes racionais e eficiente.

A Escola Profissional Ferroviária Durival Britto e Silva, em Curitiba, idealizada para exercer o ensino profissionalizante com bases científicas para o aprimoramento dos serviços oferecidos pela Rede Ferroviária, integrava o complexo das novas oficinas da RVPSC, instaladas em 1943, no bairro Cajuru. Destinada aos filhos e parentes dos ferroviários, funcionava sob regime de externato, com base na formação e preparo dos artífices, dentro de uma formação direcionada para o aproveitamento nas oficinas, tais como: ferreiro, torneiro de madeira, fresador mecânico, modelador, serralheiro, eletricitista, torneiro mecânico, marceneiro, ajustador.

Partindo desse pressuposto de formação para o trabalho, a metodologia de ensino adotada prezava pela precisão, eficiência e economia. “Não esquecemos que defeitos e vícios adquiridos na aprendizagem profissional são elementos que retardam o desenvolvimento, restringem o poder de adaptação, impedem trabalho preciso e perfeito, enfim, inibem o progresso.” (BOLOGNA, 1980, p.32).

Desta forma, analisando o contexto da época e considerando a preponderância do meio de transporte ferroviário como fator de desenvolvimento econômico, entende-se a necessidade de formação de profissionais e o constante aperfeiçoamento dos serviços prestados à sociedade. Para a compreensão dos espaços da escola-oficina e sua organização na formação para o trabalho, partiremos do seu projeto arquitetônico original encontrado no acervo do Museu Ferroviária de Curitiba.

4.2.1 Arquitetura Escolar profissional ferroviária nos moldes de uma Escola-Oficina

A arquitetura da Escola Profissional Ferroviária Durival de Britto e Silva projetada, em 1943, para ser uma instituição escolar de formação para o trabalho, nos padrões de uma escola-oficina, tinha seus espaços direcionados para a oficina de aprendizagem, na preparação dos novos profissionais da rede ferroviária.

No caminho dos trilhos, a Educação profissional ferroviária demarcava:

Os espaços escolares profissionalizantes, mais que a formação profissional, configuravam-se por forçar e limitar experiências dos jovens profissionais, definindo as formas e os conteúdos particulares de suas vidas de acordo com as necessidades de reprodução socioeconômico. (BOSCHETTI, 2020, p.288-289).

Nesta perspectiva de análise, utilizaremos como elementos metodológicos na investigação histórica da arquitetura escolar ferroviária, a experiência dessa escola, por meio da verificação das fontes do projeto original de construção de suas plantas arquitetônicas, assim como fotografias anteriores à sua inauguração, revelando os espaços internos e externos da instituição escolar e a intencionalidade desses espaços na formação para o trabalho ferroviário.

A FIGURA 15 revela as fachadas frontal e lateral da Escola Profissional Ferroviária Cel. Durival Britto e Silva, projetada, calculada e desenhada pela seção técnica da IV Divisão da RVPSC e aprovada pelo diretor Durival Britto e Silva, com orçamento federal concedido pelo Decreto-Lei 12.947 de 19/07/43.

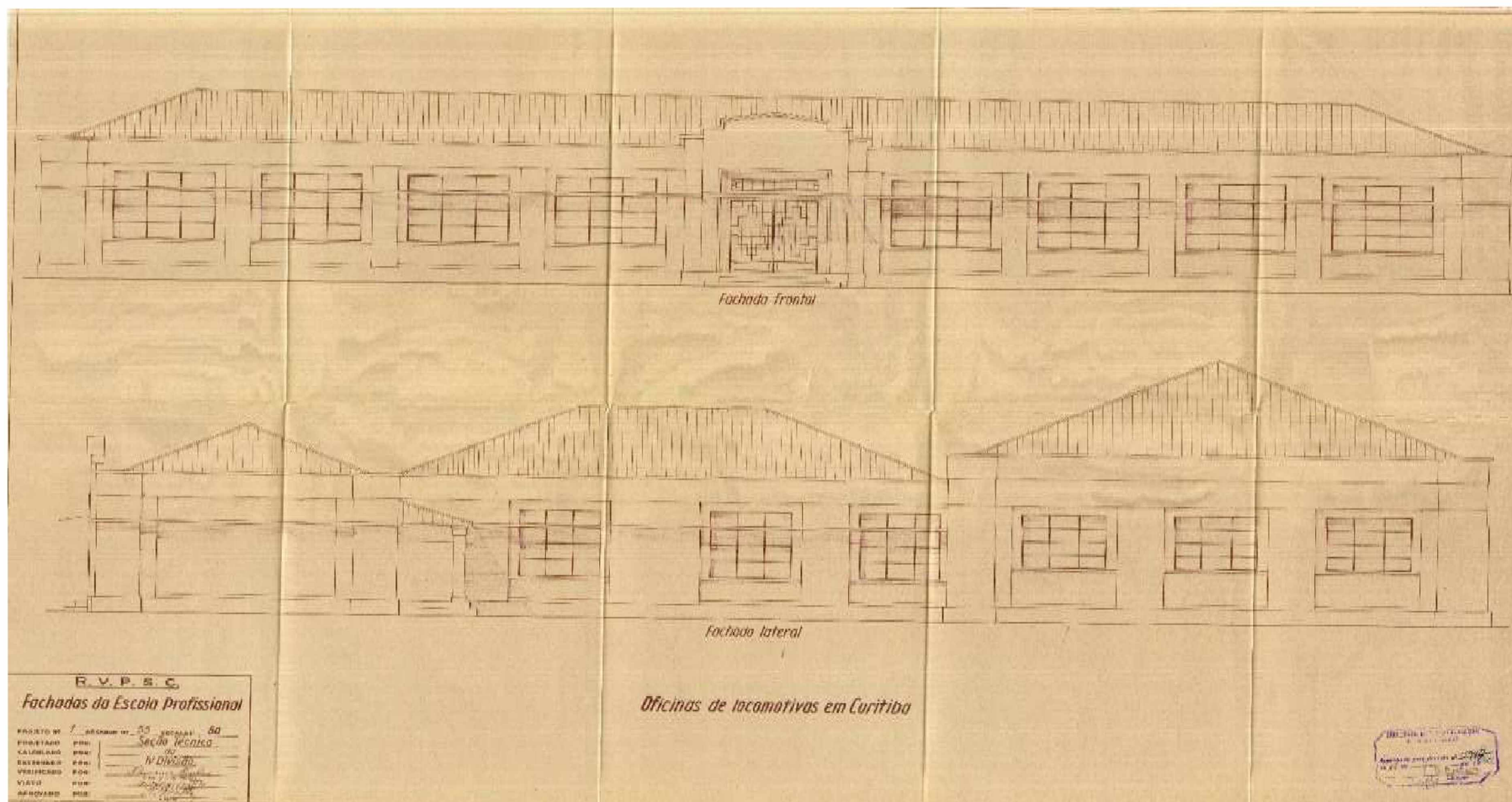
Segundo Escolano (1998, p.45), “A arquitetura pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que se ela, por si mesma, bem explícita ou manifesta”. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana da população, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende.

As elevações da fachada frontal da escola apresentam fortes traços da arquitetura protomodernista, expressão arquitetônica que teve sua expansão no estado do Paraná, por meio dos edifícios dos grupos escolares. Apresenta em sua composição: simplificação estética e estrutural, teve seu início na década de 1930 e se prolongou até os anos de 1960, proporcionando identidade arquitetônica às obras públicas e privadas, tornando-se símbolos arquitetônicos de toda uma época.

Esse tipo de construção teve rápida aceitação popular, devida à sua agilidade de execução e simplicidade estética. Composta de traçado simétrico, suas fachadas, em sua grande maioria, continham acessos centralizados ou valorizando a esquina, suas fachadas ainda apresentam forma tripartida em base, corpos e coroamento escalonado no plano vertical, têm tratamento volumétrico simples e com pouca ou nenhuma ornamentação, predominam os espaços cheios sobre os vazios, ou seja, mais paredes em menos aberturas janelas e portas, com volumes geométricos e linguagem formal, sendo chamada popularmente de Art-decò³⁷.

³⁷ No Brasil, o estilo se fortaleceu com a vinda de artistas emigrantes europeus, a partir do final da I Grande Guerra, e que o estilo não se restringiu às grandes obras projetadas por profissionais, mas estendeu-se ao interior e aos subúrbios, elaboradas por construtores, mestres-de-obras e artistas leigos (CONTE, 1988, p. 72).

FIGURA 15 - ESCOLA FERROVIÁRIA CEL. DURIVAL BRITTO E SILVA- PLANTA DAS FACHADAS FRONTAL E LATERAL DA ESCOLA PROFISSIONAL DURIVAL BRITO E SILVA-CURITIBA/1943



FONTE: RVPSC- Fachadas da Escola Profissional Durival Brito e Silva/ Curitiba-1943 ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba

Segundo Escolano (1998, p.45), “A arquitetura pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que se ela, por si mesma, bem explicita ou manifesta”. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana da população, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende.

As elevações da fachada frontal da Escola Profissional Ferroviária Durival Britto e Silva, em Curitiba, apresentam fortes traços da arquitetura protomodernista, expressão arquitetônica que teve sua expansão no estado do Paraná, por meio dos edifícios dos grupos escolares. Apresenta em sua composição: simplificação estética e estrutural, teve seu início na década de 1930 e se prolongou até os anos de 1960, proporcionando identidade arquitetônica às obras públicas e privadas, tornando-se símbolos arquitetônicos de toda uma época.

Esse tipo de construção teve rápida aceitação popular, devida à sua agilidade de execução e simplicidade estética. Composta de traçado simétrico, suas fachadas, em sua grande maioria, continham acessos centralizados ou valorizando a esquina, suas fachadas ainda apresentam forma tripartida em base, corpos e coroamento escalonado no plano vertical, têm tratamento volumétrico simples e com pouca ou nenhuma ornamentação, predominam os espaços cheios sobre os vazios, ou seja, mais paredes em menos aberturas janelas e portas, com volumes geométricos e linguagem formal, sendo chamada popularmente de Art-decò³⁸.

A Figura 15 indica ainda que a instituição escolar foi projetada dentro de composição que correspondia a três volumes, com aberturas semelhantes à fachada frontal respeitando seu ritmo, proporcionando a edificação, unidade, conjunto e poesia. Nota-se que os blocos seguem uma escalada do menor para o maior, dada possivelmente à necessidade de respeitar o programa de necessidades da edificação: primeiro bloco alunos, segundo bloco administração e último bloco, oficinas de aprendizagem.

Brito e Boschini (2021, p. 74), em seu trabalho denominado Ensaio sobre arquitetura escolar e currículo - uma relação tardia para a educação profissional na

³⁸ No Brasil, o estilo se fortaleceu com a vinda de artistas emigrantes europeus, a partir do final da I Grande Guerra, e que o estilo não se restringiu às grandes obras projetadas por profissionais, mas estendeu-se ao interior e aos subúrbios, elaboradas por construtores, mestres-de-obras e artistas leigos (CONTE, 1988, p. 72).

rede federal em São Paulo, nos servem de apoio para melhor compreendermos a arquitetura das escolas profissionais, dizendo que:

O desenho arquitetônico dos edifícios escolares toma para si o sentido simbólico do lugar social e cultural que é a escola. A percepção arquitetônica que se tem do prédio escolar distingue o que ele pode representar para e na sociedade. O universo escolar, em sua essência, é constituído de múltiplos significados, prescrições, referências, identidades, materialidades, memórias individuais e coletivas. Há uma relação explícita e implícita nesse universo que se caracteriza na estrutura física e nos saberes que ali se desenvolvem mediante um currículo proposto. (BRITO; BOSHCINI, 2021, p.74).

A IMAGEM 48 destaca as obras de acabamento na pintura da fachada frontal da Escola Ferroviária Durival Britto e Silva, datada de abril de 1945, em preparação para a sua inauguração. Na imagem, aparecem dois homens fazendo o acabamento da pintura do prédio, às vésperas da sua inauguração.

IMAGEM 48 - PARTE FRONTAL DA ESCOLA PROFISSIONAL DURIVAL BRITTO E SILVA/ RVPSC / CURITIBA-1945

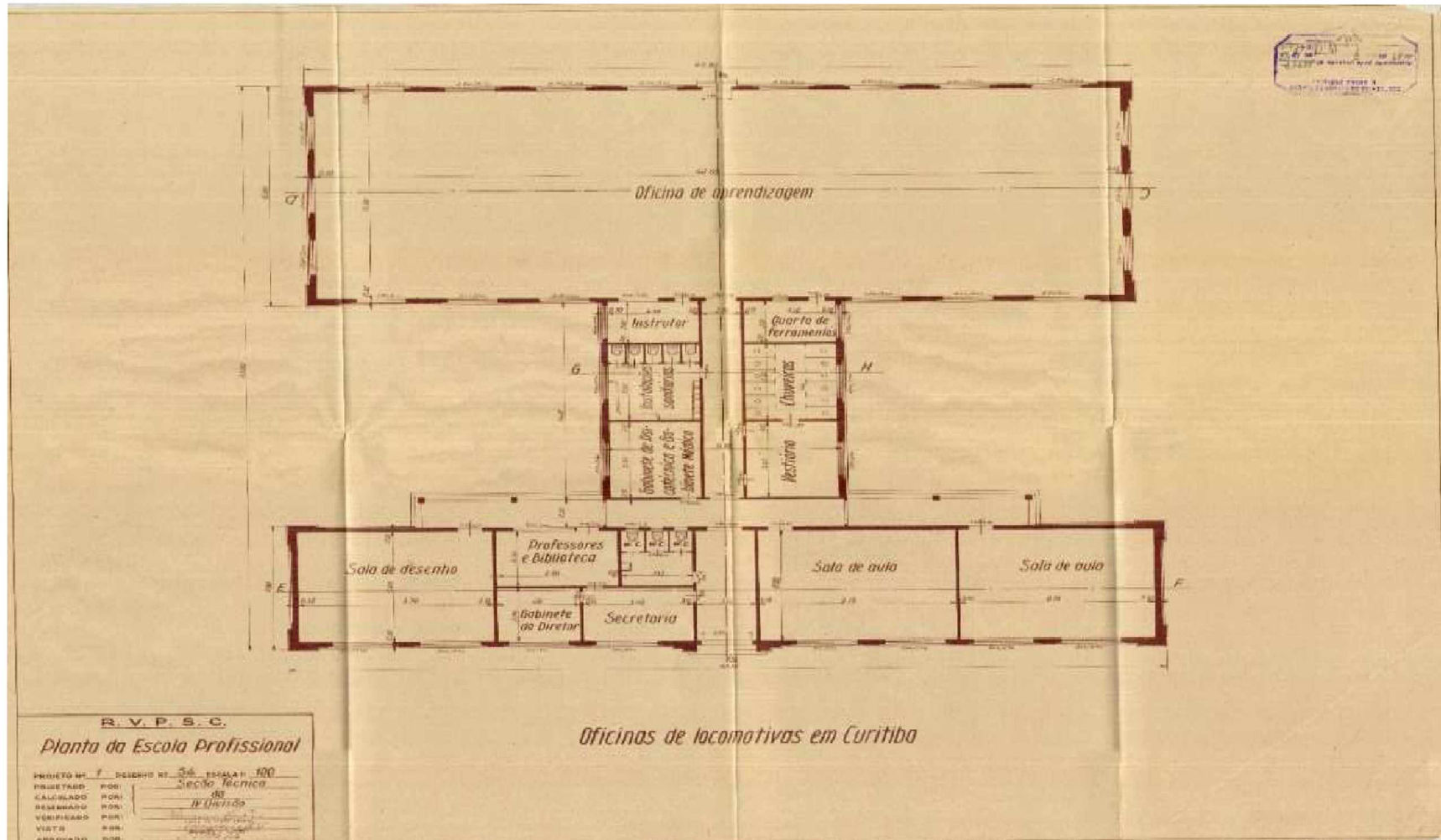


FONTE: Coleção Fotografias /RVPSC Acervo: Associação Paranaense Ferreomodelismo e Memória Ferroviária/ APFMF-1945

A fotografia nos revela, na sua fachada central, que fora feita de acesso centralizado e coroamento³⁹escalonado, se desenvolve de maneira simétrica, com quatro aberturas para ambos os lados, o que dá ao edifício essa composição de vazios sobre o cheio, proporcionando menos rigidez e mais leveza, chamando a atenção para a linha vertical que o cruza em toda sua extensão, uma fina e delicada linha, quase uma marquise, um fio conector que enlaça o edifício, dividindo o prédio em três partes, embasamento, coroamento e telhado; esse último, respeitando as construções da época, executado em telhas francesas, imponentes, tornando o complexo arquitetônico um monumento único para seu entorno. Sua geometrização é resposta à sociedade desse movimento arquitetônico intitulado Art Déco, que conquistava adeptos populares ao ser adotado, em linhas mais simplificadas, nas vilas operárias em singelas moradias conhecidas como “porta-e-janela”, em todos os quadrantes do Brasil (SEGAWA, 1999, p. 72).

³⁹ Remate, ornato que termina o alto de um edifício (FERNANDES, 1997, p. 84).

FIGURA 16 - PLANTA DO INTERIOR DA ESCOLA PROFISSIONAL DA RVPSC /DURIVAL BRITTO E SILVA - CURITIBA -1943



FONTE : Planta da Escola Profissional RVPSC - Curitiba/1943 ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba

A FIGURA 16 demonstra a planta da Escola Profissional com os espaços internos da instituição escolar com duas salas de aula, secretaria, gabinete do diretor, professores e biblioteca, sala de desenho, gabinete de psicotécnica e gabinete médico, com vestiário, chuveiro e instalações sanitárias, sala para instrutor e quarto de ferramentas, nos revelando que o espaço destinado à oficina de aprendizagem está em tamanho maior.

Desta forma, as plantas dos blocos representados na FIGURA 16, junto às informações coletadas para o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional⁴⁰ (IPHAN), nos sugerem que o conjunto foi implantado na face noroeste do complexo ferroviário, na lateral esquerda do terreno, fazendo esquinas com as ruas Emilio Bertolini e Engenheiro Costa Barros, tal situação priorizara em seus espaços o sol da manhã nas salas de aulas, bibliotecas e toda a face norte das oficinas, proporcionando iluminação natural, além de boa ventilação. A importância da ventilação natural vai além da refrigeração do ambiente, traduz-se também na necessidade de salubridade e conforto térmico dos alunos e funcionários em suas atividades escolares.

Nota-se no seu segundo bloco, uma particularidade na configuração espacial, composto para administração e serviços, a utilização do bloco de passagem, e não como um bloco independente. Tal configuração será percebida futuramente em outras configurações da rede escolar do estado do Paraná. O terceiro bloco pertencente às oficinas de aprendizagem respeita a função à qual fora direcionada, constituído de amplitude espacial e pé-direito alto, contendo muitas aberturas, proporciona à edificação o cruzamento da ventilação, melhorando, assim, o condicionamento térmico e acústico do espaço, ajudando na amortização dos ruídos causados pelos equipamentos de aprendizado.

Bologna (1980, p.32), quando se refere ao trabalho em uma oficina ferroviária, no que diz respeito à formação e seleção profissional de pessoal:

A oficina ferroviária - o mais ou menos é fator de perigo e de despesas. Perigo porque uma peça mal ajustada numa locomotiva facilmente pode causar desarranjo mecânico tal, que daí resulte acidente de gravíssimas consequências; despesas, porque a peça mal ajustada se desgasta rapidamente, arrastando na sua desagregação umas tantas outras a ela ligadas e, em progressão geométrica, aproxima-se assim a máquina de nova reparação. É o regime da irresponsabilidade em que as deficiências do

⁴⁰ Planta 16, da ficha M306, item 1.3- Patrimônio Ferroviário- Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

trabalho profissional se aliam à falta de conhecimentos teóricos (BOLOGNA, 1980, p. 32).

A IMAGEM 49 também se refere à Escola Cel. Durival Britto e Silva.

IMAGEM 49 - ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA "CEL.DURIVAL BRITTO E SILVA -1944



FONTE: Relatório referente ao ano de 1944 da RVPSC
ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba

A IMAGEM 49 demonstra o espaço da oficina de aprendizagem da Escola Profissional Ferroviária "Cel..Durival Britto e Silva", em Curitiba, com os referidos maquinários referentes à Escola-Oficina. Ao fundo da oficina aparece um slogan dizendo: **"Nós aprendemos no manejo das ferramentas a construir o futuro industrial do Brasil"**.

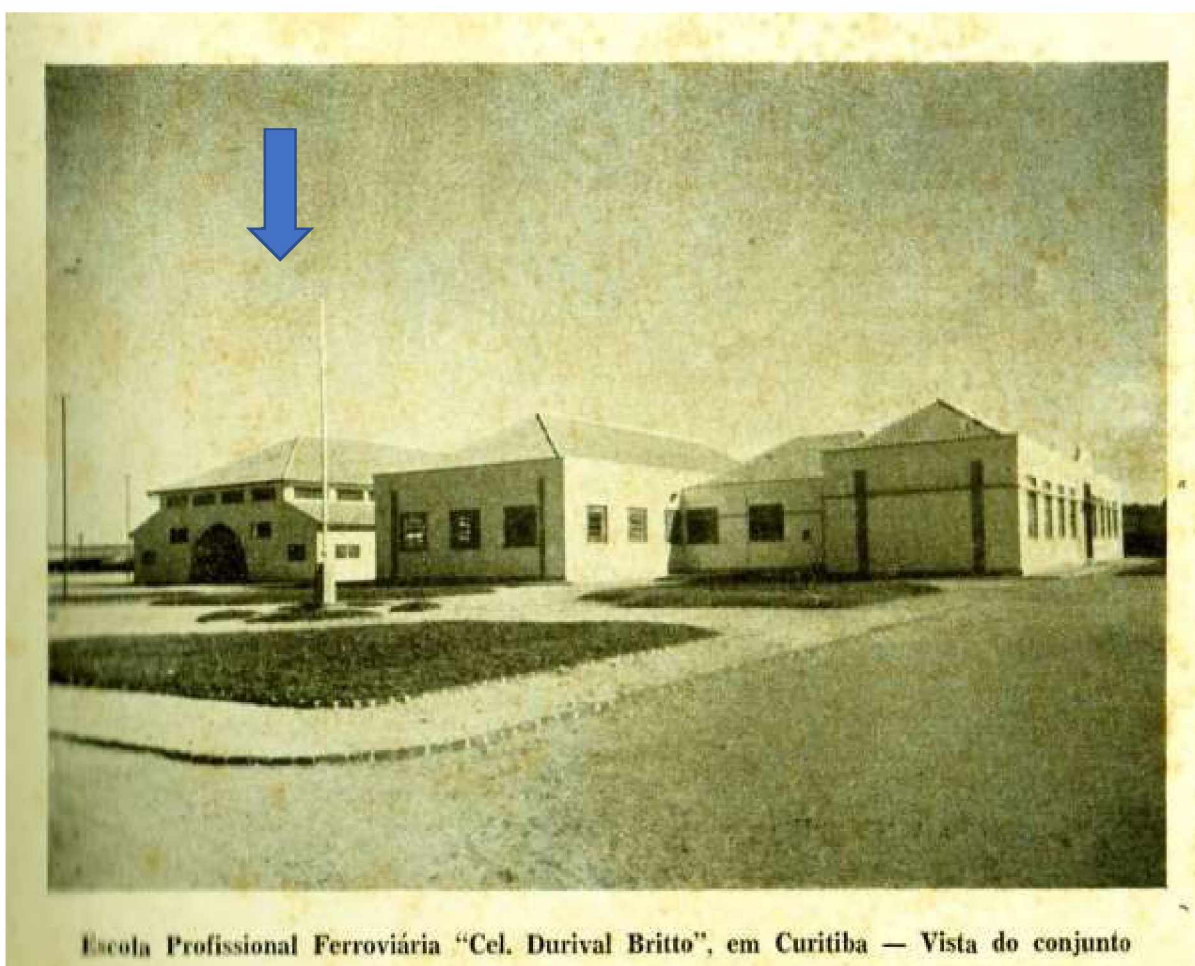
O slogan citado traduz uma formação educacional dentro de um ensino profissionalizante na formação de mão de obra qualificada para compor os quadros de funcionários da Rede Ferroviária, tendo como elemento determinante no projeto econômico industrial brasileiro, que buscava no trabalho dos artífices , a alavanca para o desenvolvimento e progresso.

Eram admitidos, mediante seleção prévia, candidatos, pertencentes à família ferroviária, entre 14 e 16 anos, para os diversos cursos oferecidos pela Escola. A

primeira turma de aprendizes da “Escola Profissional Durival Britto” formou-se em 1946 e era constituída por 15 artífices, sendo: oito ajustadores mecânicos, dois caldeireiros, dois eletricitas instaladores e três torneiros mecânicos.

A Escola Profissional Ferroviária em Curitiba, além de apresentar um espaço escolar com amplas salas de aula, biblioteca, secretaria, sala de professores, gabinete médico e da direção, arquivos, refeitório, com destaque para as oficinas de aprendizagem, as salas de desenho, possuía também um amplo ginásio de esportes.

IMAGEM 50 - ESCOLA PROFISSIONAL FERROVÁRIA “CEL.DURIVAL BRITTO,EM CURITIBA - VISTA DO CONJUNTO-1945



FONTE: Relatório referente ao ano de 1945/RVPSC, apresentado ao Ministro da Viação e Obras Públicas ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba

A IMAGEM 50 demonstra a vista do conjunto arquitetônico da Escola Profissional Ferroviária “Cel. Durival Britto e Silva”, Curitiba, com o pavilhão do ginásio de esportes, que não consta na planta original, que descreve as fachadas frontal e lateral dos prédios do conjunto, porém não se identifica o referido prédio, conforme o indicativo na imagem exposta.

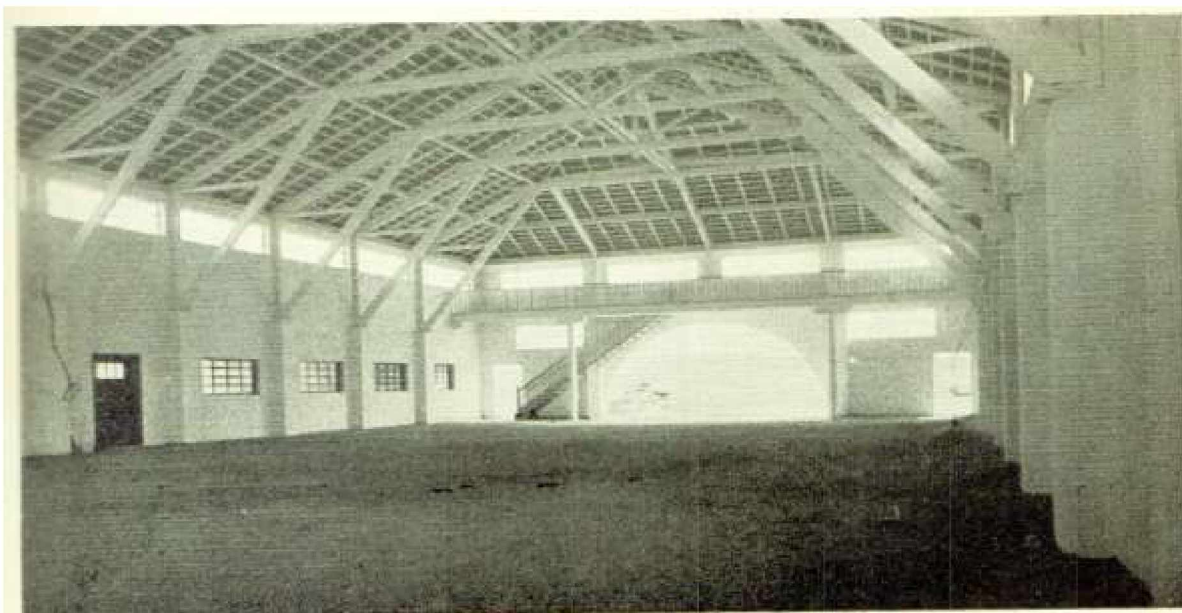
Vale destacar que, nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX, possuir um “ginásio de esportes” dentro de um espaço escolar era representativo para a época dentro das escolas secundárias ou técnicas, para a prática de exercícios físicos e ginástica dos alunos.

A instituição escolar confeccionada com três grandes blocos dedicados ao ensino técnico e à administração escolar, e um último à prática desportiva, no conjunto apresenta-se limpa, com poucos elementos decorativos, como é de se esperar de um edifício escolar de Art Déco, em Curitiba, na década de 1940. O conjunto é simples, mas não desprovido de beleza. O ritmo de suas coberturas e as suas linhas puras criam visualmente um conjunto leve e agradável. O seu pavilhão dedicado aos esportes se destaca no conjunto (FIGURA 72), porém não deixando de conversar plasticamente com os demais blocos, segue a função de ser algo inovador e único, por isso, talvez tenham o projetado de maneira a sobressair dos demais. Sua inovação advinda da função a que ele se propunha, as práticas esportivas.

Segundo Escolano (1998, p. 26),

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

IMAGEM 51 - PARTE INTERNA DO GINÁSIO DA ESCOLA PROFISSIONAL DURIVAL BRITTO E SILVA, CURITIBA, 1945



Ginásio anexo à Escola Profissional Ferroviária “Cel. Durival Britto”, em Curitiba.

FONTE: Relatório referente ao ano de 1945/RVPSC, apresentado ao Ministro da Viação e Obras Públicas ACERVO: Museu Ferroviário de Curitiba

A IMAGEM 51 demonstra a parte interna do ginásio de esportes, anexo à escola, numa imagem tirada em abril de 1945, às vésperas de sua inauguração.

Conforme o arquiteto Louis Sullivan⁴¹, tudo correria muito bem se os arquitetos fossem autorizados a construir edifícios muito simples. Com esse pensamento de Sullivan, podemos exemplificar a construção do ginásio de esportes da instituição escolar, o anexo executado posteriormente à construção dos edifícios, segue na mesma direção volumétrica dos demais blocos, linhas puras, grandes aberturas e simplificação formal, destacam-se o pé-direito da edificação, próprio para as práticas do esporte, e a estrutura em madeira de sua cobertura. Com sua planta retangular e telhado de 4 (quatro) águas, sua estrutura é chamada de “Asna à Mansard”, tipo que surge na França no final do século XVII e introduzido no Brasil no final do século XIX, pelos imigrantes europeus. A construção do ginásio foi feita com aberturas superiores que facilitam a troca de calor de forma rápida e eficiente, proporcionando benefícios aos alunos e aumentando a qualidade dos ambientes, por meio da manutenção do equilíbrio entre a temperatura interna e a externa.

Segundo Brito e Boschini (2021, p.89),

A arquitetura dos prédios escolares em sua materialidade, seja ela voltada para a educação propedêutica ou de educação técnica profissional, de forma explícita e implícita, simboliza a função social da escola e o que ela representa para a sociedade nas apropriações dos saberes, na cultura, dos lugares e na memória individual e coletiva de cada indivíduo que a frequentou. A singularidade do espaço escolar só faz sentido quando as concepções arquitetônicas dos prédios escolares e as concepções pedagógicas propostas são percebidas na relação intrínseca que se dá entre o lugar que se ensina e o que se ensina e quem se ensina. (BRITO; BOSCHINI, 2021, p.89).

Em 1965, a Escola Ferroviária de Curitiba também passou por um processo de mudanças e foi transformada em Ginásio Ferroviário. Seu curso aumentou de três anos para quatro anos, sendo três de aprendizagem e o último de estágio supervisionado.

Com a promulgação da Lei 5692/71, o ensino profissionalizante no país passa por uma nova configuração, preconizando

a ideia de escola única, com a justificativa de profissionalização universal do ensino de 2º grau. Assim sendo, o ensino primário, antes organizado em: 1º

⁴¹ Louis Sullivan, o "Pai dos Arranha-céus" de Chicago, que antecedeu o modernismo com a célebre frase "a forma segue a função". (Stott, Rory)

ao 4º ano primário e 1ª a 4ª série ginasial, se unifica no chamado 1º grau de 1ª a 8ª série; o 2º grau se profissionaliza e o currículo é reorganizado tendo como principal objetivo a formação do cidadão nacionalista, que vive na ordem e que produz para o progresso. Essa reforma trouxe um grande esvaziamento da qualidade de ensino. (CARVALHO, 2006, p.10).

Isto posto, os cursos ofertados pela instituição escolar voltaram a ser apenas profissionalizantes, sendo a escola denominada, a partir de então, de Centro de Formação Profissional Cel. Durival Brito e Silva, passando a admitir jovens entre 14 e 16 anos, com a 6ª série do 1º grau completo. Seus cursos voltaram a ser de três anos, sendo o último de estágio supervisionado, nas oficinas da Rede Ferroviária Federal S/A. A última turma formou-se em 1994, tendo a escola ferroviária formado, em seus 50 anos de história, pouco mais 1.100 (mil e cem) profissionais.

Assim, demonstramos alguns aspectos da arquitetura escolar da Escola Profissional Ferroviária “Durival Britto e Silva, em Curitiba, inaugurada em 1944, idealizada e projetada, calculada e desenhada pela seção técnica da RVPSC, com espaços constituídos de uma escola - oficina, que tinha como proposição a formação profissional dos futuros trabalhadores da rede. A instituição escolar ofertava o curso de artífices, nas especialidades, tais como: soldador, eletricitista, caldeireiro, operador mecânico e ajustador. A preferência pelos alunos era sempre dada aos filhos e parentes dos próprios ferroviários, a fim de que, depois de formados, pudessem ser aproveitados nas oficinas da rede e todas as peças confeccionadas nas oficinas de aprendizagem serviam para consumo na própria rede ferroviária.

A instituição escolar ferroviária, teve sua arquitetura escolar, espacialmente desenhada e projetada para ser uma escola de formação profissional nos moldes das escolas de formação ferroviária que já existiam em São Paulo e nas ferrovias brasileiras. O projeto arquitetônico estava em conformidade com o projeto industrial de desenvolvimento e na formação para o trabalho, no atendimento das demandas e necessidades da ferrovia no caminho dos trilhos, onde a escola Durival Britto e Silva estava incluída no complexo das novas oficinas da RVPSC, próximo à vila dos operários, conhecida como Vila das Oficinas, elemento esse que favoreceu a urbanização no bairro Cajuru em Curitiba, assim como na formação dos trabalhadores da Rede.

4.3 A ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIÁRIA “CEL. JOSÉ MACHADO LOPES” MAFRA /SC -1952

O Ginásio Ferroviário “Cel. José Machado Lopes” sediado na Avenida Cel. José Severiano Maia, 441 na cidade de Mafra, Estado de Santa Catarina (SC). Iniciou suas atividades como Escola Profissional Ferroviária no prédio da Cooperativa dos Ferroviários Catarinense em agosto de 1952, sendo seu primeiro diretor o Professor Luiz Garcia. O nome do estabelecimento de ensino foi escolhido em homenagem ao diretor da RVPSC, o Cel. José Machado Lopes.

De acordo com o Histórico do Ginásio Ferroviário de 1967, elaborado pelo diretor da instituição, Júlio Malluta, em que relata que

“Após a instalação do maquinário e mobiliário nas dependências do prédio, no dia 25 de novembro de 1952, a diretoria da Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), autorizando seu funcionamento normal, que ocorreu sem festividades, dotando a ampla “*Oficina de Aprendizagem*” com os maquinários, materiais e ferramentas necessárias à formação de jovens do sexo masculino, instituindo-os com a valorosa equipe de Professores e Instrutores nas várias modalidades do ramo de mecânica. (HISTÓRICO GINÁSIO JOSÉ MACHADO LOPES, 1967, p.3).

Bologna (1980, p.34) declara que:

O curso de ferroviários é destinado à formação profissional nos principais ofícios de oficina ferroviária. Tem, todavia, nos dois primeiros anos de caráter de curso geral ou básico, em que os trabalhos de ajustagem representam papel preponderante, além da aquisição de noções preliminares em diversos outros serviços. (BOLOGNA, 1980, p.34).

A fachada do edifício escolar (IMAGEM 52) tem formato simples, com arcos, influenciada pela arquitetura moderna. As janelas de parapeito alto, rasgado até o teto. O pavimento térreo abrigava espaços destinados às atividades administrativas, enquanto os andares superiores concentraram os espaços para as atividades de ensino.

IMAGEM 52 - PRÉDIO DO GINÁSIO FERROVIÁRIO "CEL. JOSÉ MACHADO LOPES"



ASPECTO FRONTAL DO ESTABELECIMENTO.

FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes-Mafra-1967
ACERVO: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF /Regional Paraná

Conforme Batista (2002, p.120), a escola possuía um magnífico prédio com 1.378,70m², uma ampla oficina de aprendizagem com capacidade para 120 alunos num mesmo período, campo e quadra para a prática de vários esportes, biblioteca e salas de aula. Proporcionava aos alunos assistência médica e odontológica, e fornecia lanches diários aos alunos.

Na Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF), encontramos o histórico alusivo ao estabelecimento de ensino do "Ginásio Cel. José Machado Lopes" enviado, em outubro de 1967, ao chefe do setor de Desenvolvimento de Pessoal, atendendo a um pedido da administração superior da RFFSA, dados sobre a instituição escolar, em que descreve sobre seu primeiro corpo docente, compreendendo os professores: Luiz Garcia (seu primeiro diretor), João Camargo Monteiro, Severino Cansian e Frederico Eitel Weigert e na Oficina de Aprendizagem, figuram como primeiros Instrutores, os Srs. Frederico Eitel Weigert (instrutor-chefe) e Alfredo Amâncio Ribas (instrutor auxiliar).

Ainda no relatório do “Ginásio José Machado Lopes”(1967) consta que os cursos mantidos pela escola eram denominados de “Cursos de Formação de Artífices e Curso de Formação de Telegrafistas”, com a duração de três (3) anos, sendo que os que compunham o grupo de Telegrafistas possuíam aprendizagem normal do grupo de mecânicos na 1ª série e na 2ª e 3ª séries, confeccionavam o aparelho Morse, especializando-se nos serviços de telegrafia e auxiliar de agência, tendo como instrutor de parte prática, um agente de estação e um radiotelegrafista com mais 20 anos de serviços prestados à ferrovia.

O serviço de telégrafo foi muito utilizado na Rede Ferroviária, o telegrafista era o profissional responsável por transmitir e receber mensagens por meio de um código próprio, conhecido como código Morse, em homenagem a seu inventor, Samuel Morse. O telégrafo foi o primeiro aparelho utilizado para comunicação à distância. Em 1866, o primeiro cabo telegráfico submarino passou a ligar permanentemente a Europa à América. Daí em diante, as tecnologias de comunicação a distância evoluíram com rapidez e a profissão foi extinta.

Vale destacar que a formação profissional no tráfego da rede ferroviária compreende atividades que exigem preparo especializado e metódico, entre elas o profissional de telegrafia, assim como pessoal da estação, pessoal de trem e pessoal do movimento e sinalização.

Em dezembro de 1954, o estabelecimento diplomou a primeira turma composta de 26 alunos, auxiliares de artífices, sendo que vários ex-alunos desempenham funções de: professores, chefes de turma de Mecânica, agentes de estação, artífices, auxiliares de maquinista e auxiliares de agentes na rede.

Em 1965, conforme autorização do Exmo. Sr. diretor da Rede, foi transformada a, então, Escola Profissional em Ginásio, que passou a ser inspecionado pela Inspetoria Seccional de Florianópolis, funcionando normalmente sob o regime federal já com o Regimento Interno, devidamente aprovado por aquele ISES e diretoria da RVPSC. O curso era inteiramente gratuito e a matrícula estendia-se a todos os aprovados pela ordem de classificação.

No início, todos os alunos formados eram aproveitados pela Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. Posteriormente, dada à dificuldade de ingresso atendendo às medidas de compressão de despesas, eram aproveitados pelas indústrias, porém o curso não era reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura. Após concluírem,

os que desejavam continuar estudando tinham de submeter-se a exames de admissão para o ginásial.

Segundo o histórico da escola do ano de 1965, na gestão do Exmo. Coronel Brasília Marques dos Santos Sobrinho, como diretor superintendente da rede, em uma demonstração de carinho para com os alunos e Escolas Profissionais e em esforço conjurado com a chefia do Setor de Ensino, Seleção e Treinamento, este conseguiu transformar as ex-Escolas em Ginásios Profissionais (orientados para o trabalho), estando no 3º ano de funcionamento.

Em seu corpo docente predominavam professores com registro definitivo e os poucos que não o possuíam, estavam autorizados a lecionar pela Inspeção Seccional de Florianópolis, do MEC por terem feito o curso da CEDES.

O primeiro exame de admissão, realizou-se nos dias 23 e 24 de fevereiro de 1965, constando do que segue: 96 candidatos inscritos; 39 candidatos aprovados, 55 candidatos reprovados e 4 candidatos não compareceram. Dos matriculados, 30 alunos, de acordo com as instruções da diretoria da rede que manteve no início, 30 vagas para a 1ª série sendo já no ano seguinte, elevado para 60 vagas em virtude de apelo dos ferroviários pais de alunos por mais vagas para seus filhos, dada a eficiência do ensino ministrado. (HISTÓRICO ALUSIVO AO GINÁSIO CEL. JOSÉ MACHADO LOPES, 1967).

4.3.1 A especialização do ramo da mecânica

No curso de Mecânica, as ferramentas eram instrumentos de trabalho dominantes no processo de transformação da matéria-prima, logo a aprendizagem centrava-se na transmissão dos movimentos que o próprio aprendiz deveria imprimir aos meios de trabalho para a transformação da matéria bruta em um novo produto. O resultado final, a qualidade do produto acabado dependia da habilidade e da precisão do trabalhador. (RIBEIRO, 2011).

IMAGEM 53 - OFICINA DE APRENDIZAGEM -GINÁSIO FERROVIÁRIO " CEL.JOSÉ MACHADO LOPES" - MAFRA SC- 1967



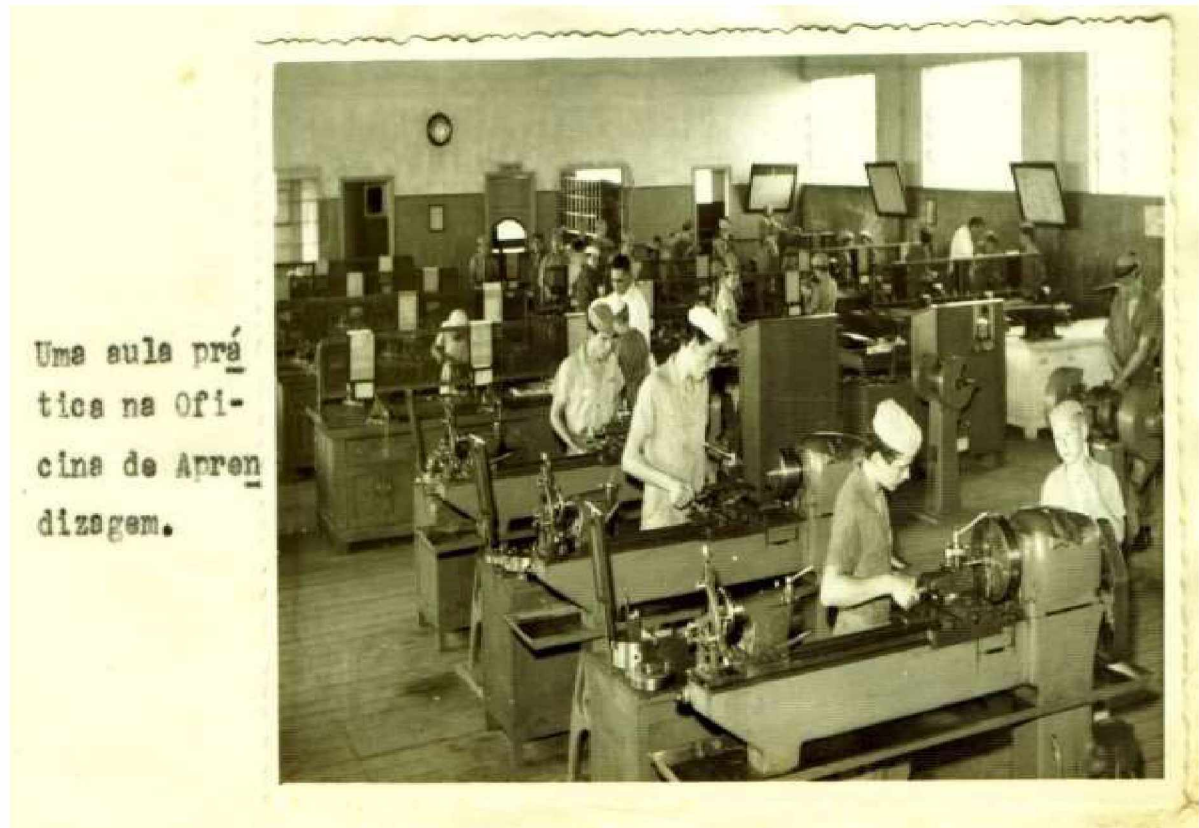
FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes- Mafra-SC -1967
ACERVO: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária –ABPF/ Regional Paraná

A IMAGEM 53 revela uma oficina de aprendizagem no Ginásio Ferroviário “Cel. José Machado Lopes”, Mafra- SC, em um demonstrativo dos alunos no curso de formação de artífices, em aulas práticas, na formação de eletricitistas-mecânicos, testando um motor do aparelho de solda elétrica, ao lado do seu instrutor, em 1967.

Dentre as matérias lecionadas se encontra as disciplinas de: Português, Matemática, Desenho Geométrico e Técnico, Tecnologia, Física Mecânica, Eletricidade, Técnica de Serviço e Educação Física, somadas a 3h de aulas práticas na *oficina de aprendizagem*.

Segundo Bologna (1980, p. 103), dentre os principais serviços das Estradas de Ferro, estava o trabalho nas oficinas de reparação e material rodante dos trens, que devido a sua natureza especial, a formação de aprendizes e artífices para trabalhos em ferro e madeira torna-se cada vez mais necessária, juntamente com outros ofícios (eletricidade, fundição, pintura, etc.).

IMAGEM 54 - OFICINA DE APRENDIZAGEM - " CEL.JOSÉ MACHADO LOPES" - MAFRA SC- 1967



Uma aula prá-
tica na Ofi-
cina de Apren-
dizagem.

FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes- Mafra-SC -1967
ACERVO: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF-Regional Paraná

A IMAGEM 54 remete a uma aula prática na Oficina de Aprendizagem no ramo da mecânica, no curso de formação de artífices no Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes em Mafra-SC, em 1967.

Vale destacar que, segundo a formação e seleção profissional ferroviária, as oficinas de aprendizagem teriam que estar junto às oficinas gerais da estrada, para que a mesma estabeleça uma ligação íntima, assim como a colaboração assídua entre o pessoal técnico especializado das duas oficinas, num esforço comum de adaptação. (BOLOGNA,1980, p.103).

Dentre as atividades do Serviço de Ensino e Orientação Profissional, estava o controle da produção das peças confeccionadas nas escolas profissionais, que seria revertida para uso nos serviços da rede.

IMAGEM 55 - DESFILE DE 7 DE SETEMBRO "CEL. JOSÉ MACHADO LOPES" - MAFRA /SC 1967



FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes- Mafra-SC -1967
 ACERVO: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF/Regional PR

A IMAGEM 55 nos revela a cidade de Mafra (SC), ao fundo, e a ponte de travessia de passagem para a referida cidade, com os alunos da Escola Ferroviária "Cel. Machado Lopes", na preparação para o desfile de 7 de setembro de 1967. Os alunos à frente trazem o mapa de Santa Catarina e Paraná com o esquema da RFFSA- RVPSC e o grupo ao fundo, carregando uma faixa contendo os seguintes dizeres: **"A RVPSC Ferrovia de Integração Nacional transporta o progresso no sul do Brasil. "**

A ferrovia representava um fator de unidade nacional sendo um meio de transporte ferroviário que ligava o país de sul a norte. Porém, na região Sul, esse desenvolvimento significava o progresso e desenvolvimento por meio da RVPSC.

IMAGEM 56 - CINQUENTENÁRIO DA CIDADE DE MAFRA – “CEL. JOSÉ MACHADO LOPES”
MAFRA/SC 1967



FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes- Mafra-SC -1967
ACERVO: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF-Regional Paraná

A IMAGEM 56 demonstra a representatividade do “Ginásio Cel. Machado Lopes”, com os alunos da instituição escolar ferroviária, desfilando nas comemorações do cinquentenário da cidade de Mafra em Santa Catarina, durante o ano de 1967.

Para Kossoy (2009), a fotografia como fonte histórica é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos fornece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro, o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado.

Nesta perspectiva de análise, com relação aos desfiles escolares como festa, estes são uma construção social que manifesta, em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura cívica inerente aos

seus atores, o que nos facilita entender a identidade que é dada pela compreensão que esse grupo possuiu acerca do símbolo que justificou a realização do desfile e que registrou, de modo duradouro, na memória social um sentimento que se propunha ser coletivo pela união dos anseios de seus atores, delimitada em um tempo e espaço histórico (BENCOSTTA, 2015, p. 2).

IMAGEM 57 - VISITAÇÃO A STAND COM TRABALHOS FEITOS PELOS ALUNOS DO "GINÁSIO JOSÉ MACHADO LOPES " HOMENAGEM AO CINQUENTENÁRIO DE MAFRA /1967



Na foto o Sr. Governador e Exma. esposa, Prof. deste Ginásio Oswaldo Pelizzari, autoridades e visitantes.

FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes - Mafra-SC -1967
Acervo: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária - ABPF- Regional Paraná

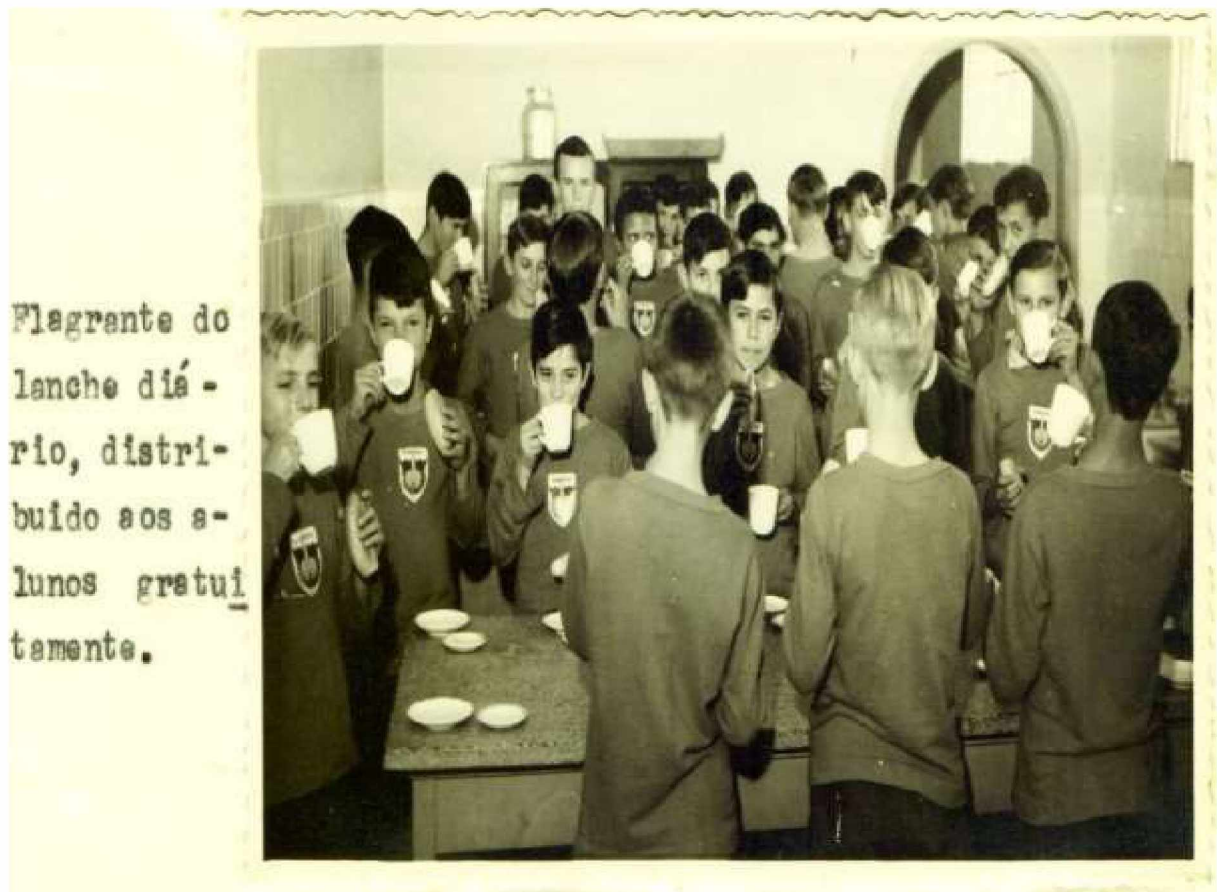
A IMAGEM 57 demonstra a presença do Governador do Estado de Santa Catarina, Sr. Ivo Silveira⁴² e Exma. Esposa, juntamente com autoridades federais e

⁴² Ivo Silveira - Ivo Silveira nasceu em Palhoça (SC) no dia 26 de março de 1918, filho de Vicente Silveira e de Lídia Sanseverino Silveira. Em outubro de 1965 elegeu-se governador de Santa Catarina, na legenda de coligação que incluía o PSD, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) — que indicou o candidato a vice-governador, Francisco Roberto de Ligna —, o Partido Democrata Cristão (PDC) e o Partido da Representação Popular (PRP). Poucos dias após as eleições, o Ato Institucional nº 2 (27/10/65) extinguiu os partidos políticos e instaurou o bipartidarismo no país. Ivo Silveira filiou-se, então, à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de apoio ao regime militar instalado no país em março de 1964. Em janeiro de 1966 deixou a Assembléia Legislativa e assumiu, no dia 31, seu mandato de governador, procurando prosseguir com o programa de seu antecessor, Celso Ramos, ao sustentar e aprovar a instituição do Plano de Metas do Governo (Plameg).

estaduais em visita ao stand com os trabalhos realizados pelos alunos do Ginásio Cel. José Machado Lopes, em homenagem ao cinquentenário de Mafra. O destaque da imagem está na estrada de ferro feita em miniatura e a locomotiva elétrica feita pelos alunos, a qual funciona com corrente alternada de 220 volts.

Com efeito, dentre as atividades extraclasse realizadas no “Ginásio José Machado Lopes”, estão os festejos em homenagem ao aniversário da cidade Mafra, momento esse em que a instituição escolar ganha visibilidade, apresentando as peças feitas nas aulas práticas de artes industriais, como também vários trabalhos de História, Geografia, Desenho confeccionados pelos alunos. O livro de visitas da escola, registrou durante as atividades a presença de mais de cinco mil pessoas. Dada a importância do Ginásio para a Rede Ferroviária Federal e a formação profissional de seus trabalhadores (RELATÓRIO- ESCOLA “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES”, 1967, p.18).

IMAGEM 58 - ALUNOS NO HORÁRIO DO LANCHE- GINÁSIO – “CEL.JOSÉ MACHADO LOPES” - MAFRA /SC 1967



Flagrante do
lanche diário,
distribuído aos
alunos gratuitamente.

FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes- Mafra-SC -1967
Acervo: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF-Regional Paraná

A IMAGEM 58 nos remete ao horário do lanche diário distribuído, gratuitamente, aos alunos, em que eles aparecem com uma caneca e um pão na mão.

Nota-se que o espaço destinado para refeitório era pequeno diante da quantidade de alunos que estudavam na instituição escolar, devido às condições e necessidades de adaptação dos espaços do antigo prédio da cooperativa dos ferroviários de Santa Catarina, agora sendo utilizado como instituição escolar, a fim de que cumprisse a demanda de formação profissional no caminho dos trilhos e a continuidade da própria Rede.

IMAGEM 59 - GINÁSIO JOSÉ MACHADO LOPES/ MAFRA/SC -TRATAMENTO DENTÁRIO DE UM ALUNO/ 1967



FONTE: Histórico Ginásio José Machado Lopes-1967 ACERVO: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF/ Regional Paraná

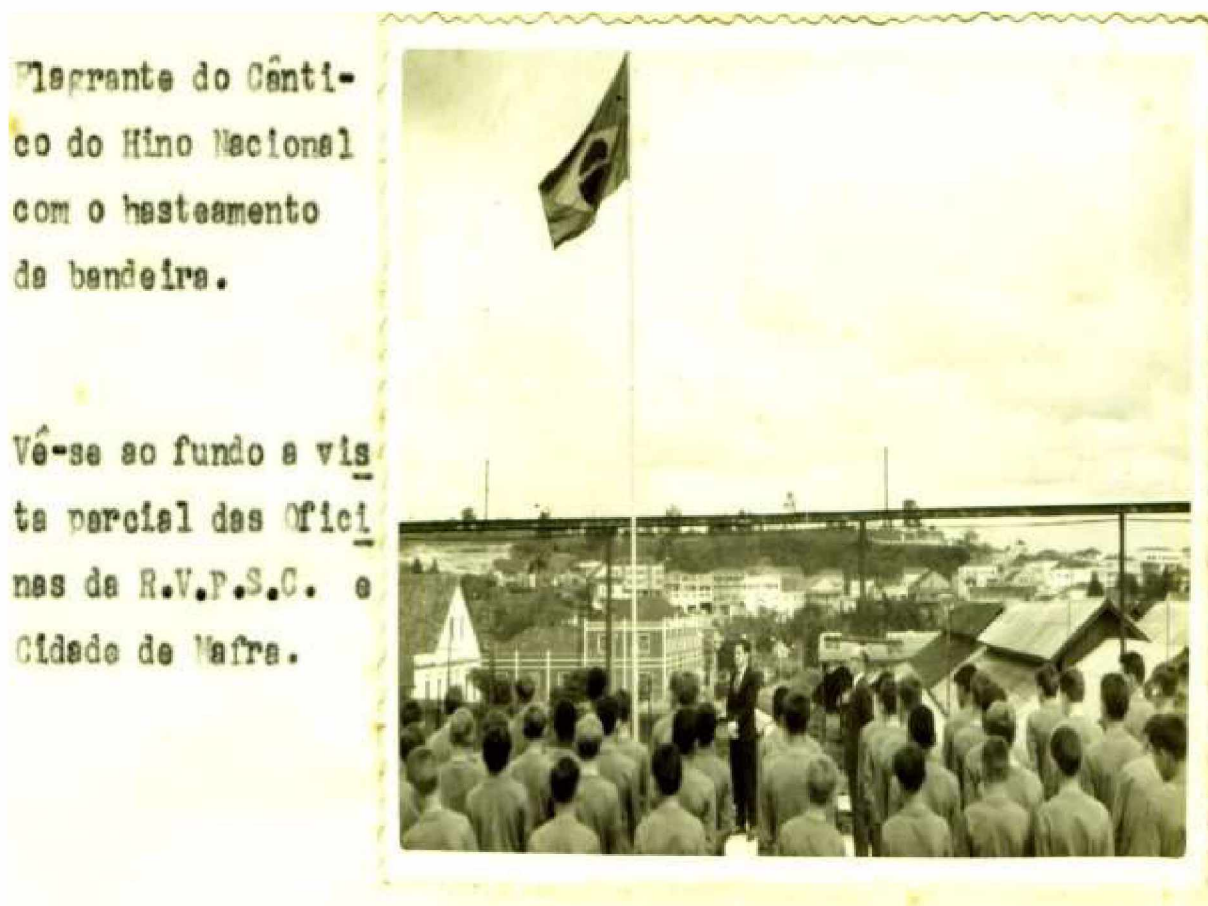
A IMAGEM 59 demonstra o aspecto do tratamento dentário em um aluno do “Ginásio José Machado Lopes” Mafra- SC, em 1967.

A partir de um programa de serviços de assistência social, a administração da Rede, com o objetivo de melhorar o padrão de vida e o bem-estar material e moral dos empregados, pela solução de seus problemas fundamentais, estabelecer a união entre todos desenvolvendo os laços sinceros de camaradagem, sem contudo enfraquecer os princípios básicos da hierarquia funcional- e estimular o espírito de Empresa, de modo que todos sintam

realmente orgulho de pertencer à Rede e se sintam felizes na execução de suas atribuições funcionais, tais como: Habitações, assistência dentária, assistência a maternidade, assistência jurídica, assistência escolar, assistência religiosa, recuperação física, refeições, granjas e hortas, diversões sociais, esportes, revista, natal dos filhos dos ferroviários. (RELATÓRIO ANUAL DA RVPSC, 1951).

Vale sublinhar que, dentre os serviços oferecidos estava a assistência odontológica aos alunos das escolas profissionais ferroviárias mediante a instalação de gabinetes nas instituições escolares em Curitiba, Ponta Grossa e Mafra, assim como era estendida ao longo das linhas da rede, com gabinete ambulante, instalado em um carro adaptado para essa finalidade, em atendimento aos empregados e suas famílias.

IMAGEM 60 - PALESTRA ALUSIVA AO 10º ANIVERSÁRIO DA RFFSA NO PÁTIO DO GINÁSIO – “CEL. JOSÉ MACHADO LOPES” - MAFRA /SC 1967



Flagrante do Cântico do Hino Nacional com o hasteamento da bandeira.

Vê-se ao fundo a vista parcial das Oficinas da R.V.P.S.C. e Cidade de Mafra.

FONTE: Histórico do Ginásio Ferroviário Cel. Machado Lopes- Mafra-SC -1967
Acervo: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF-Regional Paraná

A IMAGEM 60 mostra flagrante dos alunos no cântico do Hino Nacional com hasteamento da bandeira, durante uma palestra alusiva ao 10º aniversário da RFFSA no pátio do Ginásio Cel. José Machado Lopes, Mafra-SC, no dia 30-9-67, proferida

pelo professor Aroldo Greschechen, com a presença do diretor da instituição escolar. Ao fundo, a vista parcial das oficinas da RVPSC e a cidade de Mafra.

Conforme o histórico alusivo ao ano de 1967,

a instituição de ensino durante os 15 anos que funcionou como Escola Profissional Ferroviária, obteve a formação dos seguintes profissionais: 88 ajustadores mecânicos; 71 torneiros mecânicos; 25 soldados mecânicos; 42 auxiliares da estação com prática de telegrafia; 21 eletricitas mecânicos; 15 ferreiros mecânicos; 9 caldeiros mecânicos; 3 funileiros mecânicos; 1 seralheiro -mecânico, perfazendo um total de 265 formandos. Dessa mão de obra especializada, recém-formada, muitos deles acabavam por ocupar na rede ferroviária, as funções de: professores, chefes de turma de Mecânica; agentes de estação, artífices, auxiliares de maquinista e auxiliares de agente.

A instituição escolar Cel. José Machado Lopes, Mafra-SC, merece destaque na formação profissional ferroviária no ramo da mecânica, auxiliando de forma decisiva no desenvolvimento da cidade, contribuindo com crescimento urbano e na formação educacional do município.

A Escola de Mafra funcionou até 1995, quando se formou a última turma, tendo interrompido o ingresso de aprendizes entre 1973 e 1980. O estabelecimento era mantido pela RVPSC, integrante da Rede Ferroviária Federal S/A e subordinado ao Serviço de Ensino e Seleção Profissional da própria Rede.

Nesse sentido, as escolas de formação ferroviária, tinham por finalidade atender a demanda de trabalho e o funcionamento das malhas ferroviárias, no caso específico, a RVPSC cumpria, assim, um papel importante nesse caminho de formação e manutenção do transporte ferroviário nos estados do Paraná e Santa Catarina, no período de 1940 a 1970.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo sobre as instituições escolares ferroviárias no âmbito da Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC), entre os anos de 1933 e 1973, detectamos nos órgãos de pesquisa em Curitiba, fontes, que nos deram pistas para melhor compreendermos, nosso objeto de estudo. Nesse garimpo encontramos a revista “Correio dos Ferroviários”(1933-1973), os relatórios da cooperativa USCF entre 1933-1940, relatórios das escolas profissionais ferroviárias (1940-1973), fotografias escolares, plantas de arquitetura escolar, assim como relatórios da própria Rede Ferroviária, além das narrativas produzidas pelos próprios ferroviários na documentação encontrada, sempre de forma ufanista, no sentido de uma representação social e política na afirmação dos trabalhadores da rede ferroviária, na luta pela continuidade e preservação da sua condição de existência , por meio da formação para o trabalho. As instituições escolares ferroviárias no Paraná e Santa Catarina nascem, tardiamente, se compararmos às demais escolas ferroviárias existentes no Brasil no período em questão, os ferroviários , apostavam seus esforços na instrução e formação profissional de seus filhos, apoiando e contribuindo na formação das escolas ferroviárias de formação profissional, gerando com isso, um mecanismo de continuidade e manutenção de sua condição social e unidade de pertencer a rede ferroviária, que para o contexto da época significava ter uma carreira profissional sólida e com estabilidade no emprego e fazer parte da “família ferroviária”, designação criada pelos próprios ferroviários, dava um sentido de pertencimento social, a classe de trabalhadores da ferrovia.

A primeira instituição escolar ferroviária chamada de “Escola de Artes e Ofícios” criada para os filhos dos ferroviários, se deu em 1933, Curitiba, bairro Cajuru, sendo administrada pela cooperativa dos ferroviários, denominada União de Socorros e Consumo dos Ferroviários. Nota-se, pelas considerações feitas nos relatórios da instituição escolar por seus idealizadores, que esperavam apoio do Estado, a fim de que o projeto da Escola de Artes e Ofícios tivesse continuidade, mas esse apoio não veio, com isso teve suas atividades encerradas em 1940, devido a problemas financeiros da instituição.

A escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários ofertava instrução primária e profissional à infância ferroviária, designação dada pelos próprios ferroviários ao se

referir a seus filhos que estudavam na escola, dentro de uma concepção assistencialista, sendo a educação considerada uma ação social de relevância dentro do sistema do mutualismo ferroviário. Esta instituição escolar apresenta um diferencial com relação às escolas que foram criadas posteriormente, onde a formação para o trabalho denotava somente a presença masculina, a escola de artes e ofícios teria sido a única escola ferroviária na RVPSC que teve a presença feminina, demonstrada nas exposições escolares com os seus trabalhos realizados pelas meninas, entre 1933 a 1940.

As instituições escolares ferroviárias que surgiram no âmbito da RVPSC em 1940 em Ponta Grossa, Curitiba em 1944 e Mafra, em Santa Catarina, em 1952, obedeciam a uma nova configuração na administração da própria Rede, com a criação do “Serviço de Ensino e Orientação Profissional”, pelo diretor, Coronel Durival Britto e Silva, que tinha como objetivo a formação dos futuros profissionais da rede, ofertando os cursos de artífices, aperfeiçoamento do pessoal das oficinas e de especialização do pessoal dos escritórios, as escolas estavam em espaços estratégicos que correspondiam às proximidades das oficinas de manutenção dos trens, foram construídas próximas às vilas operárias, dando origem a novos núcleos urbanos e trouxeram desenvolvimento às cidades onde foram estrategicamente construídas.

O espaço da cidade de Curitiba, onde a Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários foi instalada em 1933, era de propriedade da cooperativa dos ferroviários, uma casa junto ao Hospital Cajuru, que foi readaptada pela União de Socorros Consumo dos Ferroviários, a fim de que fosse utilizada como instituição escolar. Embora revelando-se tardiamente, se compararmos às demais escolas ferroviárias no Brasil, seguiu a mesma linha de outros estados do Brasil, no sentido de uma instrução primária e na formação profissional para seus filhos.

Sendo uma escola mista, as meninas ficavam na parte da casa escolar tendo aulas no curso primário e na formação profissional dos trabalhos manuais de bordado, flores, costura, com as irmãs da ordem São José; quanto aos meninos, as tarefas eram desenvolvidas em uma construção em anexo a um galpão, na confecção dos trabalhos em madeira e ferro, tais como, marcenaria e mecânica.

Na sequência, a Escola Profissional Ferroviária “Cel. Tibúrcio Cavalcanti”, em Ponta Grossa, inaugurada em 1940, no prédio de uma antiga fábrica de pregos da cidade imóvel adquirido pelo sindicato unitivo para uso exclusivo da Escola de formação profissional, localizado nas proximidades da linha do trem. A escola se

destacou por ser a primeira escola profissional a instituir o ensino remunerado aos filhos dos obreiros da rede.

No que se refere à questão da arquitetura escolar, dentre todas escolas de formação profissional ferroviária na RVPSC, somente a Escola Profissional Ferroviária “Coronel Durival Britto e Silva”, em Curitiba, teve um projeto de construção arquitetônica de uma escola-oficina nos moldes de uma instituição escolar de formação ferroviária, as demais eram prédios já existentes que foram aproveitados e readaptados para funcionar como Escola.

A Escola “Cel.Machado Lopes”, em Mafra, era um espaço que pertencia à cooperativa dos ferroviários de Santa Catarina que também foi adaptada para ser uma escola-oficina. A instituição se destacava pela especialização no ramo da mecânica.

A formação educacional no caminho dos trilhos ao som do apito do trem, por meio da criação de instituições profissionais ferroviárias na Rede Viação Paraná-Santa Catarina na formação para o trabalho, se fazia necessária na preparação de uma mão de obra qualificada e especializada para os serviços da rede e pela continuidade do transporte de passageiros e de cargas nos estados do Paraná e Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

ESTATUTO

Estatuto da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada), Typ. Max Roesner & Filhos Ltda. 1928. Curitiba.

FOLHETO

RVPSC: Formação Profissional, Acordo RFFSA&SENAI, 1970.

LEGISLAÇÕES

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 5605, de 25 de abril de 1874**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-5605-25-abril-1874-550212-publicacaooriginal-65874-pe.html> consulta 04/09/2020. Acesso em: 21 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Obras Completas de Rio Barbosa: reforma no Ensino Primário e várias instituições complementares da instrução pública, 1883**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168784>. Acesso em: 2 jan. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição Brasileira de 1937**. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137571/Constituicoes_Brasileiras_v4_1937 15/11/2020. Acesso em: 21 jan. 2021.

MINISTÉRIO DA AVIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS- RVPSC. Regulamento do uso de uniformes. Imprensa Militar, RJ, 1941.

MINISTÉRIO DA AVIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS- RVPSC. Regulamento dos Machinistas e Foguistas Compagne Generale de Chemins de Fer Brésiliens, 1893, Curitiba.

PARANA. Constituição política do Estado do Paraná: publicação oficial, de 16 de maio de 1935. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, n. 1164, maio 1935. p. 1-7. Disponível em: https://www.administracao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-10/doe_1164_04_06_1935_constituicao.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.

PARANÁ. **Decreto nº 6149, de 10 janeiro de 1938**. Interventor Federal do Estado do Paraná, Palácio do Governo do Estado do Paraná. DEAP-PR

FOTOGRAFIAS

Acervo Museu Ferroviário de Curitiba: Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, Diversas, Curitiba, 1935.

Acervo Instituto Histórico e Geográfico do Paraná: Inauguração da Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti em Ponta Grossa, 1940, Paraná.

Casa da Memória de Curitiba: Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e Consumo dos Ferroviários, Diversas, Curitiba, 1936.

HISTÓRICO

Histórico do ano de 1967 do Ginásio Ferroviário Cel. José Machado Lopes, Mafra-Santa Catarina, RVPSC, Rede Ferroviária Federal S.A. ABPF-PR.

RELATÓRIOS

Relatório de 1928 da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários-Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda. (Rede de Viação Paraná-Santa Catarina) Typ. Max Rossner & Filhos, Ltda. Curitiba. 1929

Relatório de 1935 da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários-Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda. (Rede de Viação Paraná-Santa Catarina) Typ. Max Rossner & Filhos, Ltda. Curitiba. 1936.

Relatório de 1936 da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários-Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda. (Rede de Viação Paraná-Santa Catarina) Typ. Max Rossner & Filhos, Ltda. Curitiba. 1937.

Relatório de 1937 da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários-Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda. (Rede de Viação Paraná-Santa Catarina) Typ. Max Rossner & Filhos, Ltda. Curitiba. 1938.

Relatório de 1938 da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários-Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda. (Rede de Viação Paraná-Santa Catarina) Typ. Max Rossner & Filhos, Ltda. Curitiba. 1939.

Relatório de 1946 da Cooperativa dos Ferroviários Ltda (REDE VIAÇÃO PARANÁ-SANTA CATARINA), Curitiba, Gráfica Mundial Ltda. 1947.

Relatório da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários - 1935, Curitiba, Paraná.

Relatório da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários - 1936, Curitiba, Paraná.

Relatório da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários - 1937, Curitiba, Paraná.

Relatório da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários - 1938, Curitiba, Paraná.

Relatório da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários - 1939, Curitiba, Paraná.

Relatório de 1940, apresentado ao exmo. eng. MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pelo Ten. Coronel Durival Britto e Silva - RVPSC.

Relatório IV Divisão de 1940, apresentado ao exmo. eng. MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pelo Ten. Coronel Durival Britto e Silva - RVPSC.

Relatório de 1942, apresentado ao exmo. eng. MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pelo Ten. Coronel Durival Britto e Silva -RVPSC.

Relatório de 1944, apresentado ao exmo. eng. MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pelo Ten. Coronel Durival Britto e Silva -RVPSC.

Relatório de 1945, apresentado ao exmo. eng. MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pelo Ten. Coronel Durival Britto e Silva -RVPSC.

Relatório de 1949, apresentado ao exmo. eng. MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pelo Ten. Coronel José Machado Lopes - RVPSC.

REVISTAS

BENCOSTTA, Marcus Levy. **Desfile Patrióticos**: Cultura Cívica nos Grupos Escolares de Curitiba (1903-1971). Disponível em: CORREIO DOS FERROVIÁRIOS - Edições publicadas de 1933 a 1973. Curitiba. RVPSC.

FGV. CPDOC. **Gaspar Duarte Veloso**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gaspar-duarte-veloso> (acesso dia 01 de setembro de 2020).

ITAU CULTURAL. **Carlos Gomes**. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa15076/carlos-gomes>. Acesso em: 7 dez. 2020.

MORENO, André. O Rio de Janeiro e o Corpo do Homem Fluminense: o “não lugar” da ginástica sueca. **Rev. HISTEDBR On-line**, Campinas (SP), n.55, p. 54-72, mar 2014 - ISSN 1676-2584. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/173/182>. Acesso em: 2 jan. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Imagens históricas de Arthur Wischral no Museu da Fotografia. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/imagens-historicas-de-arthur-wischral-no-museu-da-fotografia/23039>. Acesso em: 2 jan. 2021.

JORNAIS

Jornal O DIA, 15/08/1932. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal O DIA 09/01/1935 Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Jornal O DIA, 24/12/1935. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal O DIA, 27/12/1935. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal O DIA, 25/12/1937. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal DIÁRIO DA TARDE, 23/12/1938. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal "O DIA", 1937. <http://memoria.bn.br/DocReader/092932/41636> Acesso em: 10 out. 2021.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-da-defesa-nacional-ldn> Acesso em: 10 out. 2021.

<https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia> 09/01/2020.

<http://www.curitiba-parana.net/mapas/cajuru.htm> Acesso em: 10 out. 2021.

Consulta sobre a Irmã Adolfinha, da Ordem São José:

Informações gentilmente cedidas pela irmã Noivil Belusso, responsável pelo Museu do Convento São José, Cajuru, Curitiba, PR em maio de 2019.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Rachel Duarte, **Fotografias escolares**: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2020.

A Congregação das Irmãs de São José no Cincoentenário do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes. Curitiba: Papelaria Requião, 1956.

ALVES, Júlia Falivene; MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo**: Uma História em Imagens (Álbum Fotográfico). Centro Paula Souza. São PAULO, 2002.

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1990.

AZEVEDO, Fernando de. Um trem corre para o oeste-Estudo sobre o Noroeste do Brasil e seu papel no sistema viação nacional. Obras completas. 2ª edição, Melhoramentos, São Paulo, 1959.

BACH, Arnaldo Monteiro. **Trens**. Ponta Grossa, Ed.do autor, 2008.

BARBOSA, Rui. **Obras completas de Rui Barbosa**, v. X --- 1883, t. II --- Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

BATISTA, Maristela Iurk. **Mãos e Mentes na arte de aprender: a memória da Escola Profissional Ferroviária Cel. Tibúrcio Cavalcanti, de Ponta Grossa (1940-1973)**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2002.

BENCOSTTA, Marcus Levy. História da Educação e Cultura Escolar: Representações e Imagens das Festas Escolares. *In*: VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (org.). **História das Culturas Escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010, p.247-268.

BENEVIDES, Cesar Augusto Carneiro. Infância e Civismo. **Anais do XVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH**, 1991, Rio de Janeiro: UERJ/Anpuh, 1991. Volume Especial, p. 65-72.

BIOGRAFIA. Dr. João Teixeira Soares. *In*: **Cincoentenario da Estrada de Ferro do Paraná, RVPSC**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1935, p.181-186.

BOLOGNA, Ítalo. **Roberto Mange e sua Obra**. SENAI. Goiânia - Goiás: Unigraf, 1980.

BOSCHILIA, Roseli. **Modelando Condutas. Educação católica em escolas masculinas**. Coleção Histórias do Paraná- Coleção Museu Paranaense, 1ª edição, Curitiba, 2018.

CAIRES, Vanessa Guerra; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Educação profissional brasileira: da colônia ao PNE 2014-2024**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CALISKEVSTZ, Viviane Regina. **A participação do trabalhador ferroviário na composição do patrimônio cultural intangível da ferrovia paranaense**. 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.

CASTELLUCCI. Aldrin A.S. **A luta contra a Adversidade**. Revista Mundos do Trabalho, v.2.nº 4. Ag.-Dez, 2010.

CASTRO, Fátima Branco Godinho de; MACHADO, Vânia Mara Pereira. As exposições dos trabalhos escolares e profissionais da Escola de Artes e Ofícios da União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários em Curitiba, do ano de 1935. X CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2019, Belém. **Revista Congresso de História da Educação**, 2019.

CASTRO, Fátima Branco Godinho de. **Ritos e Artefatos. Escolares: As exposições das Escolas Primárias do Paraná -1912 a 1927**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção**. João Cezar de Castro Rocha (org.) Chapecó (SC): Argos, 2015.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP; 2005.

DUSSEL, Inés. El patio escolar, de claustro a aula al aire libre. Historia de la transformación de los espacios escolares (Argentina, 1850 -1920). **Anuario de História de La Educacion**, v. 20, n. 1, p. 28-63, 2019.

ERMEL, Tatiane de Freitas. **O “Gigante do Alto do Bronze”**: um estudo sobre o espaço e arquitetura escolar do Colégio Elementar Fernando Gomes em Porto Alegre/RS (1913- 1930). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUC /RS, Porto Alegre, 2011.

ERMEL, Tatiane de Freitas. A Escola Primária no Rio Grande do Sul através das fotografias: espaços, sujeitos e cultura material (1924). **Revista Linhas**. Florianópolis, v.19, n. 40, p.331-359, maio/ago. 2018.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço- escola e currículo. *In*: VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FERNÁNDES, Maria Dolores Arroyo. **Dicionário de términos artísticos**. Aldebram Ediciones, S. L., 1997.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Pensadores Sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FILHO, José Maurício Ismael Madi. **Animais taxidermizados como matérias de ensino em fins do século XIX e começo do século XX**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

FLORES, João Rodolpho Amaral. **Fragments da História Ferroviária Brasileira**. Série Estudos Ferroviários 1, Santa Maria, Câmara de Vereadores de Santa Maria/RS, 2007.

FLORES, João Rodolpho Amaral. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S - Profissão, mutualismo, cooperativismo.** Santa Maria: Palloti, 2008.

FONTANA, Fernando F. **Desvendando Manoel Ribas: O Homem, A Obra, O Mito.** Curitiba: SESC-PR, 2015.

FREITAS, Danielle Gross de. **Entre Ofícios e prendas domésticas: a Escola Profissional Feminina de Curitiba (1917-1974).** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

FREITAS, Maria Vitorina de. **Tecnologia: artes e ofícios femininos.** 2ª. São Paulo, 1954.

GITAHY, Maria Lucia Caira; RIBEIRO, Maria Alice Rosa; CAETANO, Coraly Gará. **Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional.** Campinas: Ed. Unicamp, 1986.

GULLAR, Ferreira. **Melhores poemas.** Sel. Alfredo Bosi. 6. ed. São Paulo: Global, 2000.

HORTA, José Silvério Baía. **O Hino, o Sermão e a Ordem do Dia: A educação no Brasil (1930-1945).** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1994.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação,** Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 3ª ed., revista e ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** 4ª ed., revista. São Paulo: Ateliê Editorial 2009.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da Fotografia.** O Efêmero e o Perpétuo. 3ª ed., revista e ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial 2014.

KROETZ, Lando Rogério. **As Estradas de Ferro do Paraná 1880-1940.** 1985. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil.** Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2005.

LOPES, Moacir Araújo. **Olavo Bilac: O Homem Cívico.** Liga da Defesa Nacional, 1918 a 1968, Departamento Imprensa Nacional, 1968.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Contemporâneo.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

MACEDO, Annette C. P. **Felicidade pela educação: ensaios pedagógicos da Professora Annette Clotilde Macedo.** Curitiba: Gerpa, 1952.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Paraná: Política e Governo**. Coleção História do Paraná. Secretaria de Educação do Estado do Paraná e UFPR, intitulada Coleção História do Paraná, Reedição Eletrônica, Museu Paranaense, Curitiba: 2017.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: EDUSF, 2004.

MALUCELLI, Rafaela. **História dos bares e restaurantes de Curitiba: projeto memória do gosto**. Curitiba: Canal de Negócios, 2014, p.16-21.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e História Interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, p. 73-98, 1996. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf. Acesso em: 1 maio 2023.

MEDEIROS, Ceres Luehring. **A Disciplina de Desenho nas relações entre a materialidade, o currículo prescrito e as formas de ensinar: Do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná (1929- 1960)**. Tese de Doutorado, Curitiba: UFPR, 2021.

MENESES, T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História Visual, Balanço Provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n. 45, pp.11-36, 2003.

MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. História e experiência: contribuições de E.P. Thompson à pesquisa em educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 329-349, jul./dez. 2003

MOTA, Kleiton Nazareno Santiago. **Mutualismo Ferroviário: Prover e Proteger na Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité de 1891 aos anos 1930**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2009.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEGRÃO, Francisco. Memória sobre o ensino e a educação no Paraná de 1690 a 1933. *In: Cincoentenario da Estrada de Ferro do Paraná, RVPSC*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1935, p. 93-126.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e Industrialização no Paraná**. Secretaria de Educação do Estado do Paraná e UFPR, intitulada Coleção História do Paraná, Reedição Eletrônica, Museu Paranaense, Curitiba: 2017.

OLIVEIRA, Sueli Teresa de Oliveira. **Uma Colmeia Gigantesca: Escola Profissional Feminina de São Paulo-1910/20/30**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

PANDINI, Silvia. **A escola de aprendizes artífices do Paraná: "Viveiro de Homens Aptos e Úteis" (1910 -1928)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História (Operários, mulheres e prisioneiros)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

PETERS, Grasiéle Aparecida da Costa Ferreira. **A memória ferroviária e as narrativas do trabalhador em Mafra-SC: Entre o orgulho, a graxa e a dor**. 2018. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville-Univille, 2018.

PETUBA, Rosangela Maria Silva. **Na trama dos trilhos: Cidade, Ferrovia e Trabalho, Ponta Grossa, PR (1955-1997)**. 2011. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

REDAÇÃO. **Comemorações do Cincoentenário da Estrada de Ferro do Paraná. In: Cincoentenário da Estrada de Ferro do Paraná, RVPSC**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1935, p.251-270.

REIS, Maria Cândida Delgado. **Tessitura de Destinos: Mulher e educação, São Paulo 1910/20/30**. São Paulo: EDUC, 1993.

RIVIÉRE, Claude. **As Liturgias Políticas**. Coleção Tempo e Saber. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de. **A construção da Identidade Nacionalista da Criança Mato-grossense. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (org.). História das Culturas Escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010, p.223/246.

SANTOS, Amanda Garcia dos. **História, Educação e Pedagogia do Patrimônio: o painel "monumento ao centenário de emancipação política do Paraná" de Poty Lazzarotto (década de 1950)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SANTOS, Cláudia Medianeira Gomes dos. **A Educação Feminina: Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha no Município de Santa Maria. RS - Estudo de Caso**. Monografia (Curso de Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo. Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEGAWA, Hugo. **Arquitetura no Brasil (1900-1990)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

STOTT, Rory. "Em foco: Louis Sullivan" [Spotlight: Louis Sullivan] 03 Set 2015. **Arch Daily Brasil**. (Trad. Baratto, Romullo). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626678/em-foco-louis-sullivan>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. **Ferrovia e Ferroviários**: uma contribuição para a análise do poder disciplinar na empresa, São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1982.

SILVA, Silvana Cristina Hohmann Prestes da. **De Órfãos da Gripe a Trabalhadores. Asilo São Luiz de Curitiba (1918-1937)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SILVA, Júlia. F., OLIVEIRA, Rubia Machado. **A ferrovia como espaço de sociabilidade na sociedade riograndense**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em: http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401716177_ARQUIVO_RBAGT064Julianaerubia.pdf. Acesso em: 7 maio 2023.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Caderno do Cedes (UNICAMP)**, Campinas, v. 52, p. 14-24, 2000.

STRUMISKI, Edson. **Parque Estadual Pico do Marumbi, Caracterização Ambiental e Delimitação de Áreas de Risco**. 1996. Dissertação (Mestrado Setor de Ciências Agrárias) - Universidade Federal do Paraná, 1996.

SUPLICY, Maria de Lourdes Lacerda. O dia a dia do Cajuru. *In*: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, ano IX, n.69, dez. 1982.

SUTIL, Marcelo Saldanha. O Acervo Arthur Wischral: documentos de um olhar. *In*: **Boletim Informativa da Casa Romário Martins**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.31, ed.134, 2007.

TOLLER, Fernando de Moraes. A progressão continuada no ensino público do Estado de São Paulo como modelo neoliberal de exclusão pautada nos sistemas de avaliação escolar: uma análise crítica da produção teórica e científica do tema. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, São Paulo, 2018.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1996.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA Maria Luiza. **Educação e Cultura no Paraná**. Secretaria de Educação do Estado do Paraná e UFPR, Coleção História do Paraná, Reedição Eletrônica, Museu Paranaense, Curitiba: 2017.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Sobre a produção da Educação Física como disciplina escolar: Apontamentos.** *In:* VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (org.). **História das Culturas Escolares no Brasil.** Vitória: EDUFES, 2010, p.357/385.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (org) MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema.** Domínios da História (Ensaio de teoria e metodologia). *In:* Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p.401/417.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XIX: uma primeira aproximação. *In:* FARIA FILHO. Luciano Mendes (org.). **Educação, Modernidade e Civilização.** Belo Horizonte, Autêntica, 1998, p. 73 - 87.

ANEXO 1 - QUADRO DO CURRÍCULO DO CURSO GINASIAL DO GINÁSIO FERROVIÁRIO "CEL. JOSÉ MACHADO LOPES" /1967

QUADRO ANEXO

CURRÍCULO DO CURSO: Ginasial

ESTABELECIMENTO: Ginásio Ferroviário "Cel. José Machado Lopes".

CIDADE: Mafre.

Séries:	I	II	III	IV
<u>DISCIPLINAS OBRIGATORIAS</u>				
1)- Português	5	5	5	5
2)- Matemática	5	5	5	5
3)- História	2	2	2	2
4)- Geografia	2	2	2	-
5)- Iniciação à Ciência	2	2	-	-
Ciências Físicas e Biológicas	-	-	-	2
<u>DISCIPLINAS COMPLEMENTARES</u>				
6)- Inglês	-	-	2	2
7)- Organização Social e Política do Brasil	-	-	2	2
<u>DISCIPLINAS OPTATIVAS</u>				
8)- Desenho	2	2	-	-
9)- Tecnologia	-	-	2	2
<u>PRÁTICAS EDUCATIVAS</u>				
a) Educação Física	2	2	2	2
b) Tecnologia	2	2	-	-
c) Desenho Técnico	-	-	2	2
d) Clube de Língua	2	2	-	-
e) Artes Industriais	10	10	10	10
Total:	34	34	34	34

FONTE: Currículo do Ginásio Ferroviário "Cel. José Machado Lopes-Mafra/SC 1967 Acervo : Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF

ANEXO 2 - FOLHETO SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA REDE VIAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA (1970)

APRIMORAMENTO CONSTANTE

ESCOLA O N T E M —
(1941 a 1963)



As Escolas Profissionais, criadas para atender à mão de obra especializada,

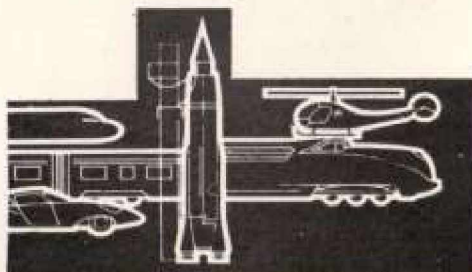


GINÁSIO H O J E —
(1964 a 1969)



foram transformadas em Ginásios Profissionais, permitindo assim o reconhecimento de seus cursos pelo Ministério de Educação, possibilitando aos seus alunos o prosseguimento de seus estudos.

COLÉGIO A M A N H Ã —
(1970)



A RVPSC, sem descuidar da função social de seus educandários e cônica do hiato existente entre o operário e o engenheiro, no nível técnico, está com o firme propósito de iniciar, no próximo ano, o funcionamento de colégios técnicos.

FONTE: Associação Brasileira de Preservação Ferroviária -ABPF-Regional Paraná/
1970